

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

WALLACE SANTOS VIEIRA

**NARRATIVAS COLORIDAS: UMA PI(N)TADA DE TEORIA *QUEER* NO
CURRÍCULO**

CÁCERES-MT

2018

WALLACE SANTOS VIEIRA

**NARRATIVAS COLORIDAS: UMA PI(N)TADA DE TEORIA *QUEER* NO
CURRÍCULO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora professora Dra. Maritza Maciel Castrillon Maldonado.

CÁCERES-MT

2018

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

VIEIRA, Wallace Santos.

V657n Narrativas Coloridas: Uma Pi(N)Tada de Teoria Queer no Currículo /
Wallace Santos Vieira – Cáceres, 2018.
156 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso

(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Educação , Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018.

Orientador: Maritza Maciel Castrillon Maldonado

1. Heteronormatividade. 2. Homofobia. 3. Diferença. 4. Cinema. 5. Currículo. I. Wallace Santos Vieira. II. Narrativas Coloridas: Uma Pi(N)Tada de Teoria Queer no Currículo: .

CDU 316.647.82

WALLACE SANTOS VIEIRA

**NARRATIVAS COLORIDAS: UMA PI(N)TADA DE TEORIA *QUEER* NO
CURRÍCULO**

Dissertação de Mestrado aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do estado de Mato Grosso, para obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Maritza Maciel Castrillon Maldonado (Orientadora – PPGedu/UNEMAT)

Dr. Carlos Eduardo Ferração (Membro Externo – PPGedu/UFES)

Dr. Alceu Zoia (Membro Interno – PPGedu/UNEMAT)

APROVADA EM: 02/02/2018.

Dedico esta dissertação

*ao meu pai, seu Juarez,
e a minha mãe, dona Francisca,
pelo amor, apoio e incentivo!*

Agradeco

A Deus pelo colorido da vida e por ter colocado em meu caminho pessoas especialmente coloridas que merecem os meus agradecimentos;

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação PPGEDU/UNEMAT por ter proporcionado que o sonho da qualificação se tornasse possível;

À minha orientadora Maritza Maldonado que possui o colorido da alegria e da felicidade, pela acolhida, pelos encontros felizes, pelas boas conversas regadas a doses de bom humor, vinho e risadas, pela paciência, pelos e-mails que, em sua singeleza, sempre foram incentivo, pelas inferências e contribuições a esta dissertação sempre muito bem-vindas. Obrigado por me mostrar que é possível pôr cor para além do que eu havia pensando.

Aos/às professores/as Alceu Zoia, Carlos Eduardo Ferraço e Fabio Zoboli pelas valiosas e coloridas contribuições a esta dissertação;

Aos/às professores/as do Programa de Pós-Graduação PPGEDU/UNEMAT, Paulo Alberto dos Santos Vieira, Loriége Pessoa Bitencourt, Heloisa Salles Gentil, Alceu Zoia, Kleber Tuxen Carneiro, Odimar José Peripolli e Maria do Horto Sales Tiellet, por me permitirem lançar novos olhares sobre a Educação que ainda não havia ousado;

Aos vinte e um amigos e amigas que fiz no mestrado, Ana Paula, Claudia, Daiane, Edileuza, Elina, Emanuel, Ester, Eva, Everaldo, Helen, Kássia, Karina, Kryz, Laécio, Lucinalda, Marcia, Nilson, Raffaello, Samara, Tatiane e Waldemir. Vocês são MARA!

À minha amiga cangaceira Samara pelas boas conversas, risadas e companhia nas idasevindas do nosso Nortão até Cáceres;

À amigairmã que o mestrado me presenteou, Kássia Filiagi, sem palavras pra dizer o quanto sou grato por você fazer parte disso e da minha vida. Amo!

À amiga Ana Paula Barbosa, sua extraOrdinária, também tens parte nisso. Obrigado por me permitir em sua vida!

Ao meu amigo Edivagner por me receber em sua casa, pelas boas conversas regadas a uma boa cerveja para descontraír.

À amiga Andréia Melo pela acolhida inicial em sua casa, por me tranquilizar quanto à entrevista durante a seleção do mestrado, pelas excelentes conversas e por ser também uma pessoa especial em minha vida.

Aos amigos de todas as horas, Adriano e Elaine que sempre ofereceram um ombro, companhia, disponibilidade para me ouvir (e olha que eu nem falo) e para dar risadas. À Elaine agradeço especialmente pela ajuda na revisão do projeto de seleção.

À amiga Nilséia que sempre me incentivou e torceu e torce por mim.

Aos/às amigos/as da EE José Domingos Fraga, Cláudia, Ana Paula, Leny, Argilei, Odair, Sandra, Rosana, Elisangela Marques, Sonia e Ivonete – Vocês são especiais!

À SEDUC/MT pela concessão do afastamento para qualificação sem a qual seria necessário um esforço mais que hercúleo para que a qualificação se concretizasse;

Aos/às amigos/as e colegas do Grupo de Pesquisa GEPecsc e do Ateliê de Imagem e Educação pelos encontros formativos, valorosas conversas que muito contribuíram para colocar outra cor a esta dissertação – abro um parênteses para agradecer especialmente à Luana e Gabriela pelas transcrições – vocês são demais!;

Ao Diego pelos momentos de convívio onde o riso frouxo esteve presente dando o tom feliz ao encontro;

Ao David Taffarel pela companhia agradável, pelo riso fácil, pelo incentivo e apoio nos momentos finais e importantes da escrita desta dissertação;

Aos/às professores/as da rede pública de educação de Cáceres por suas narrativas cheias de brilho, luz e vida.

O amor é essencial.

*O sexo, um acidente, pode
ser igual, pode ser
diferente.*

Fernando Pessoa

RESUMO

Nesta dissertação problematiza-se a heteronormatividade e a homofobia, tão presentes nos cotidianos escolares, mediante narrativas dos/as *praticantespensantes* (professores e professoras) da educação pública do município de Cáceres/MT. Assim, esta pesquisa resulta da segunda etapa do projeto “Cinema, infâncias e diferença: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo”, a partir de imagens e sons produzidos pelo cinema. Para tanto, foram exibidos cinco filmes que abordavam o tema gênero e sexualidade. A proposta do projeto configura-se em uma formação continuada de professores/as que acontece em sessões do Cineclube (Re)Existência, realizadas em noites alternadas de terças-feiras, momentos em que os filmes são apresentados e, ao final, abrem-se rodas de conversas, que são filmadas, gravadas e transcritas. Essas narrativas são concebidas, pela equipe do projeto, como personagens conceituais. Busco, nas narrativas, potencializar as cores que borram, pintam e colorem os currículos e os cotidianos escolares. Valendo-me das inspirações deleuzianas que percebem o cinema como potencializador do pensamento que “força a pensar”, problematizo, também, nesta pesquisa, a diferença. A teorização foucaultiana conversa, nesta dissertação, com os Estudos de Gênero e Sexualidade, especialmente com os trabalhos que fazem a relação desse campo com a educação, e também com os aportes conceituais da Teoria *Queer*, para que se possa pensar a possibilidade de um currículo colorido.

Palavras-Chave: Heteronormatividade, Homofobia, Diferença, Cinema, Currículo.

ABSTRACT

Goal, with this dissertation, to problematize the heteronormativity and homophobia so present in school everyday through the narratives of *practitioners/thinking* (teachers and teachers) of public education in the city of Cáceres / MT. Thus, this dissertation results from the second stage of the project "Cinema, childhood and difference: problematizing education, school daily life and curriculum", from images and sounds produced by the cinema, where were shown five films that addressed the theme gender and sexuality. The proposal of the project is a continuous training of teachers that takes place in sessions of film, performed on alternate nights of Tuesdays, moments in which the films are presented and, at the end, a round of conversations is opened, which are filmed, recorded and transcribed. These narratives are conceived by the project team as conceptual characters. I seek in the narratives to potencialize the color that blur, paint and color the school curricula and everyday. Using Deleuze's inspirations that perceive cinema as a potentiator of thought that "forces thinking", and thus, problematizing and also thinking the difference. Foucauldian theorization will talk with Gender and Sexuality Studies, especially with the works that make the relationship of this field with education, as well as with the conceptual contributions of Queer Theory so that we can think about the possibility of a colorful curriculum.

Keywords: Heteronormativity, Homophobia, Difference, Cinema, Curriculum.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIE – Ateliê de Imagem e Educação

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

MEC – Ministério da Educação

MESP – Movimento Escola Sem Partido

PCIS – Programa de Combate à Intimidação Sistemática

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais

SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Banner com o logo do AIE utilizado para divulgação nas redes sociais.....	56
Fotografia 2- Roda de conversa iniciada após a exibição de um filme.....	57
Fotografia 3- Cena do filme Tomboy.....	63
Fotografia 4- Cena do filme Tomboy.....	64
Fotografia 5- Cena do filme XXY.....	67
Fotografia 6- Cena do filme XXY.....	68
Fotografia 7- Cena do filme Billy Elliot.....	70
Fotografia 8- Cena do filme Billy Elliot.....	72
Fotografia 9- Cena do filme Orações para Bobby.....	74
Fotografia 10- Cena do filme Orações para Bobby.....	76
Fotografia 11- Cena do filme Minha vida em cor-de-rosa.....	77
Fotografia 12- Cena do filme Minha vida em cor-de-rosa.....	78

SUMÁRIO

1 UM INÍCIO DE CONVERSA.....	14
2 DOS DISPOSITIVOS DE SEXUALIDADE AO SURGIMENTO DOS ANORMAIS.....	33
2.1 Dos anormais e aberrações ao sujeito homossexual.....	35
2.2 Heteronormatividade e homofobia.....	38
2.3 Homofobia e o espaço escolar.....	41
2.4 O que o chão da escola vem (re)produzindo.....	47
3 O CINECLUBE (RE)EXISTÊNCIA: OS FILMES FORÇAM A PENSAR.....	54
3.1 Luz, câmera, ação: surge o Cineclube (Re)Existência.....	56
3.2 E de repente fez-se cor, e viu ele que o colorido era bom.....	58
3.3 Pintores/as de currículos, <i>praticantespensantes</i> de cotidianos.....	59
3.4 Os intercessores: os filmes.....	61
3.4.1 Não consegui parar de pensar dele se olhar e não se vê.....	61
3.4.2 Eu assustei com a criança, achei a vagina da menina muito pequenininha.....	66
3.4.3 Ele queria dançar, fazer a apresentação vestido de mulher.....	69
3.4.4 Aquele medo de escutar da boca dele e o ouvir falar que era... Gay!.....	73
3.4.5 A vizinhança percebeu que tinha alguma “coisa” de errado com o menino	77
4 O COLORIDO DAS/NAS NARRATIVAS.....	80
4.1 É preciso colorir o currículo?.....	81
4.2 Como colorir o currículo oficial?.....	86
4.3 Os cotidianos que pintam e borram o currículo.....	90
4.4 <i>Queer</i> : a pi(n)tada que falta no currículo.....	93
5 E PARA NÃO CONCLUIR.....	98

REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DO FILME TOMBOY.....	109
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DO FILME XXY.....	119
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DO FILME BILLY ELLIOT.....	130
APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DO FILME ORAÇÕES PARA BOBBY.....	138
APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DO FILME MINHA VIDA EM COR-DE-ROSA.....	146

1 UM INÍCIO DE CONVERSA ...

La iglesia dice: El cuerpo es una culpa.
La ciencia dice: El cuerpo es una máquina.
La publicidad dice: El cuerpo es un negocio.
El cuerpo dice: Yo soy una fiesta.
GALEANO (1993, p.138)

Começo este texto narrando minhas experiências e concebo esta narrativa como um convite à leitura desta dissertação enquanto efeito da diferença. Diferença de como fui constituído em meus encontros com o mundo e com os outros de mim. Diferença que, a partir do aceite ao convite para esta leitura, possa constituir um devir-leitor, outro enquanto tal, que poderá tornar-se outro na experiência do encontro com este texto. Assim, abro este texto tornando-o público, abrindo a minha história, a minha vida, os meus encontros, iniciando assim um diálogo, uma conversa.

Espero que, ao ter contato com os meus ditos e com aquilo que aqui venho dizendo, estes possam encontrar abrigo em você, e, então, que o dito o habite também e continue sendo dito mais e mais vezes, incansavelmente, repetindo-se e se tornando diferença. Os meus ditos, ao serem ditos por você, o serão, talvez, de uma forma que nunca tenha eu pensado em dizê-los, “numa repetição que é diferença e numa diferença que é repetição” (LARROSA, 2015, p.141).

Desejo que este texto encontre em você morada tranquila ou não; que o acomode ou o incomode; que você possa fazer suas, as minhas palavras, ou simplesmente discorde de mim e lance outras palavras. Enfim, abro este texto, esta narrativa, aspirando que esta conversa que, por vezes, pode ser acalorada, apimentada e causar incômodos, possa nos incitar o que nos sugere Larrosa (2015, p. 142), que “sejamos capazes de pensar”.

Eu, um jovem nascido em meio à pobreza, em uma cidade do interior do estado do Maranhão, como outros tantos jovens. Primogênito de um casal que, na tentativa de melhorar sua condição de vida, viajou pelo Brasil com a recém-formada família. Assim, meu pai e minha mãe deixaram o estado do Maranhão e foram-se sem destino e sem paradas fixas, pois o destino era onde estivesse o ganha-pão. Pará, Rondônia e Mato Grosso. Neste último, estabeleceram moradia em um município do interior do Estado, que, na década de 1980, era manchete de jornais¹ devido ao grande inchaço populacional proporcionado pelo garimpo que atraía milhares de pessoas.

¹ Na edição 122, de maio de 2001, a Revista Marie Claire traz uma reportagem sobre o município de Alta Floresta, de autoria de Eduardo Petta, intitulada “Uma saga amazônica”.

Foram anos de prosperidade para minha família e para muitas outras que saíram de várias regiões² do país e “desbravaram” outras terras – exploradores anônimos. As aventuras de meu pai e de minha mãe não se encerraram no momento em que estabeleceram moradia, pelo contrário, os dois continuaram a embrenhar-se por outras terras na busca incessante pelo metal dourado.

Durante meus primeiros seis anos, cresci e vivi entre barrancos e beiras de rio, entre remansos e flutuantes³, entre picadas de muitos insetos e “passeios” de voadeira⁴. As noites eram iluminadas pela lua e, nos barracos, pelas luzes de lampião a gás. O conforto que têm aqueles/as que moram em cidades atendidas com rede elétrica, água e esgoto não fazia parte de meu cotidiano, pois, a energia elétrica era obtida através de geradores, em breves espaços de tempo, para garantir que a comida permanecesse congelada. Em minhas lembranças, esse período de minha infância foi vivido em meio à natureza e às viagens de teco-teco⁵. Até aqui partilho da experiência de uma infância possível, comum a muitas outras crianças cujos pais e mães trabalharam com a extração de ouro ou outro minério, que viviam em garimpos, corrutelas⁶, cantinas, rios, barrancos.

Ao ingressar na escola, frequentando o Jardim de Infância, com seis anos, já não contava com a presença constante de meu pai, que intercalava períodos de quinze, vinte dias com a família, seguidos de um a dois meses em um garimpo no estado do Pará. Já nessa tenra idade me percebi diferente⁷. Porém essa minha percepção, de modo algum, poderia ser explicitada, sob pena de uma boa surra de cinturão. Essa imagem em mim, da diferença, me fez procurar um modo de equiparar esse “defeito” e, de alguma forma, encontrar a compensação para ser motivo de orgulho para o meu pai e minha mãe. Encontrei a saída na escola, obtendo sempre boas notas.

A escola se tornou, para mim, um *espaçotempo* de superação de mim mesmo, constituindo-me um outro capaz de dar alegria aos meus pais. Constituiu-se, assim, em um *espaçotempo* de refúgio de um “eu” e que não era o “eu” esperado pelos outros. Embora o

² Os relatos de meu pai dão conta de que a maioria dos garimpeiros era proveniente dos Estados das regiões Norte e Nordeste.

³ Moradia utilizada no garimpo, sobre ela também pode ser instalada a draga escariante para retirada das rochas no fundo do rio com o objetivo de encontrar ouro.

⁴ Embarcação de alumínio utilizada para locomoção no rio, movida a motor de popa.

⁵ Maneira pela qual é conhecido, principalmente em regiões de garimpo, o avião monomotor que faz o transporte de passageiros e mercadorias.

⁶ Vila central do garimpo; pequeno vilarejo localizado ao lado de uma rua (geralmente única) no garimpo; conjunto de barracos do que pode ser nomeado de “centro comercial” do garimpo.

⁷ Aqui menciono minha condição de homossexual que será relatada adiante.

processo de escolarização tenha me proporcionado uma forma de compensação daquilo que eu achava que tinha de diferente em relação aos outros jovens, ele não foi somente flores. Semelhante a qualquer jovem em minha condição de homossexual, sofri *bullying* por parte dos/as colegas maiores e mais fortes, através de provocações, ameaças de briga, xingamentos, palavrões e apelidos depreciativos.

A diferença que seria causa de insultos à minha pessoa estava/está em minha sexualidade, e a maneira que eu havia encontrado para não sofrer injúrias dos/as outros/as jovens era não manifestá-la, não “dar bola fora” de modo algum, ocultar os meus desejos, me policiar nos gestuais e falas, tentar ser o mais masculino e heterossexual possível. Mesmo com todas as aflições que isso me causava, ainda assim me sentia aliviado, pois era algo que eu podia esconder, diferentemente do/a colega negro/a que não podia esconder ou camuflar a cor da pele e era alvo de preconceito; do/a colega magro/a demais entre outros/as que se destacavam pelas suas singularidades, que não teriam como esconder, disfarçar o que são, sendo alvo de piadas. O tratamento de forma “diferenciada” também foi por mim percebido na fala, nos gestos e olhares de poucos/as professores/as ao se referirem ao jovem que estava sempre em busca de boas notas, mas que era “meio diferente”. O encontro com o novo, com o que não faz parte de seus cotidianos, deixa os/as professores/as sem ação, sem saber como agir com a diferença que se apresenta, que se materializa em sala de aula, que toma forma. Assim, não sabendo lidar, acabam por lançar seus olhares sob a lente da heteronormatividade. Miskolci (2015), ao analisar o comportamento da escola diz:

A maioria das crianças e adolescentes - em busca compreensível de aceitação e sobrevivência - aceita ou se deixa moldar pelas demandas educacionais cujo conteúdo normativo violento - mais frequentemente do que gostaríamos de constatar não é reconhecido nem mesmo pelos educadores/as como algo a ser discutido e questionado (MISKOLCI, 2015, p.12).

Trata-se de uma batalha diária para um jovem gay esconder quem ele é. Trava-se uma luta titânica para dissimular o desejo que se sente pelo mesmo sexo e que não pode ser manifesto de forma alguma. A batalha é ainda maior em se tratando de gay com expressões e atitudes corporais construídos historicamente para identificar o gênero feminino. Sua vida passa a ser um constante estado de vigília, caso queira manter sua sexualidade em total sigilo. Quando menciono que um jovem gay não pode manifestar trejeitos atrelados, culturalmente, ao gênero feminino, estou chamando a atenção para a engrenagem heteronormativa que institui que o sujeito que possui como genitália um pênis deverá ser um “homem masculino”

com atitude viril. É válido notar a existência de homens héteros que se comportam com movimentos e atitudes delicados, nem por isso se sentem atraídos sexualmente por outros homens. No entanto, esses muitas vezes também sofrem os efeitos de verdades discursivas que instituem o modo de ser homem ou mulher na sociedade. Hoje, entendo que eu não era “meio diferente”; eu sou diferente inteiro. Somos todos inteiramente diferentes.

Face a esses efeitos dos discursos normativos, o policiamento do corpo e dos movimentos passa a ser constante. Vigia-se e puni-se os corpos sem cessar, em casa, na escola, na rua, mas isso acontece porque não se quer ser apontado/a, xingado/a, maltratado/a ou até, quem sabe, torturado/a e morto/a⁸. Cresci sabendo o que eu era/sou desde muito pequeno, mas entrei na “regra do jogo” heteronormativo. Em casa, para não decepcionar mãe e pai, mais especificamente meu pai, que me cobrava, na adolescência, “as namoradas”; na escola, para não ser motivo de piada e chacota e apontado com o viadinho, boiola, gayzinho.

Assim, esses encontros que me foram proporcionados na família e na escola me constituíram um sujeito que, como mencionei, desde pequeno, já se percebia em sua condição, mas estava em busca de constante reparação. Algo em mim não estava “certo”, e uma atitude precisava ser tomada, urgentemente, para regularizar essa situação. Uma das saídas, que muitos/as jovens assim como eu encontram, é se esconderem atrás de uma máscara e fingir, a vida inteira (às vezes), ser o que verdadeiramente não são. Evitar as marcas, os dedos apontados, os xingamentos, faz com que tomem essa atitude, porém nem sempre os/as fazem sentirem-se plenos/as. Eu não me sentia.

Cresci atuando. Fazendo o papel do “homem” que eu acreditava que as pessoas esperavam que eu fosse, e dessa experiência tenho a dizer que não é nada fácil. Cresci assim, esquivando-me de perguntas íntimas, demonstrando um estilo de vida condizente com o que se espera de um homem jovem, reprimindo meus desejos sexuais e minhas vontades, pois tais manifestações denunciariam o que, com tanto esforço, eu escondia, manifestações que poderiam trazer à tona o meu pecado.

A todo o momento, a cada instante, meu corpo em contato com o mundo e o mundo em contato comigo, com meu corpo, me modificando, mudando, me transformando em *outro*⁹

⁸ Segundo informação dada ao jornal Correio Braziliense em 17/05/2017 pelo Grupo Gay da Bahia (ONG que nasceu como associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais fundada em 1980), a cada 25 horas uma pessoa LGBT é assassinada. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2017/05/17/internas_polbraeco,595532/a-cada-25-horas-uma-pessoa-lgbt-e-assassinada-no-brasil.shtml> Acesso em: 19 out 2017.

⁹ Dissolvendo a noção de um eu monolítico, o outro é aquilo que me constitui, neste sentido, eu sou o outro e o outro sou eu (GALLO, 2008).

nos encontros com a família, com a escola, com o trabalho, enfim, com o mundo. Deleuze, estudando Espinoza, diz que “a estrutura de um corpo é a composição da sua relação. O que pode um corpo é a natureza e os limites de seu poder de ser afetado” (DELEUZE, 2017, p. 147).

Assim, afecções são, para Espinoza, o mundo afetando o corpo e este sendo afetado pelo mundo. O encontro pontual de corpos. Corpos que se relacionam e que sofrem suas afecções. O filósofo francês prossegue sua análise acerca do que pode um corpo, dizendo que quando se é afetado pelos outros corpos sofre-se alteração que pode aumentar ou diminuir a própria potência. Das afecções ocorrem os afetos – felizes ou tristes.

Em boa parte de meus encontros com o mundo e com os corpos experimentei afecções de tristeza. Para Deleuze (2017, p. 166), “se encadeiam, portanto, umas nas outras e preenchem nosso poder de ser afetado. Elas o fazem, porém, de tal maneira que nossa potência de agir diminui cada vez mais e tende para seu mais baixo grau”.

No entanto, nem todos os encontros desmotivam, despotencializam o indivíduo. Quando se é afetado pelo mundo e pelos corpos, os encontros podem ser, também, capazes de produzir afecções de alegria, proporcionar encontros felizes.

Na existência, devemos conquistar aquilo que pertence à nossa essência. Justamente, só podemos formar noções comuns, mesmo as mais gerais, se encontrarmos um ponto de partida nas paixões alegres que aumentam primeiramente nossa potência de agir (DELEUZE, 2017, p.214).

A educação e o exercício do magistério me proporcionaram esse encontro feliz. Comecei a lecionar logo que concluí o Ensino Médio. As disciplinas Matemática, Física e Química careciam de professores/as e eu, mesmo sem formação acadêmica, fui contratado para ministrá-las em turmas de sétima e oitava séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio de educação de jovens e adultos. Tive um encontro feliz com o ofício de professor. Ainda sinto frio na barriga e espinha todo início de ano letivo. Entro em sala com a satisfação e a certeza de estar fazendo o que gosto.

Trabalhar com pessoas, principalmente jovens adolescentes, tem seus desafios, suas agruras. A curiosidade é algo muito peculiar nessa idade, principalmente se percebem ou desconfiam que algo não “anda como manda o figurino”. Se algo não está no *script*, vira pergunta na certa. *Professor, o senhor tem namorada? Professor, o senhor é gay?* Sem falar nas conversinhas paralelas, olhares de soslaio, insinuações e outras inúmeras formas que adolescentes sabem fazer muito bem. Para todas essas perguntas e insinuações que versavam

a meu respeito, eu criava as mais “aceitáveis respostas” para continuar fingindo e camuflando a minha sexualidade.

Cadê sua namorada? Quando você vai trazê-la aqui? A cobrança de minha família para que eu iniciasse um relacionamento com alguém, do sexo oposto, claro, era algo frequente, porém, como já sabia para aonde declinavam meus desejos, teria que me empenhar mais se quisesse fingí-los. Comecei a namorar garotas. Geralmente amigas (ou nem tão amigas assim) que faziam parte do círculo de amizade. Saíamos todos juntos, amigos, amigas e a namorada. Raramente os relacionamentos duravam mais que dois ou três meses. Era como se fosse algo necessário até a “poeira baixar”, e quando surgiam novos questionamentos, um novo relacionamento era providenciado.

Embora houvesse o carinho e a amizade, o relacionamento com uma garota não era algo que me fazia sentir bem. Na maior parte do tempo, eu me sentia como se estivesse amordaçado, em uma camisa de força, e todas as minhas atitudes e ações deveriam ser bem pensadas para não deixar suspeitas na jovem. Continuava a atuar. Continuava jogando o jogo da heteronormatividade, desempenhando o papel de homem que a sociedade esperava de mim.

O sentimento de prisão, de estar em uma camisa de força, em parte vinha pelo simples motivo de que, por mais que eu quisesse entrar no jogo, seguir todas as suas regras, os meus desejos apontavam para outra direção e isso me causava desespero. Por que comigo? Por que eu? Eu queria me sentir atraído por mulheres, mas não conseguia. Eu gostaria de ter meu desejo inclinado ao sexo oposto. Eu gostaria de poder “escolher” por quem sentir desejo e atração física. Eu, um indivíduo masculino, me sentia atraído pelos corpos masculinos. Isso não é normal e eu deveria ser normal, porque isso seria cobrado de mim. Ser normal é cobrado de todos, até porque, como diz Foucault (2009), o sistema de igualdade formal precisa funcionar e a norma é indispensável a essa maquinaria que produz, entre tantas outras coisas, o corpo hétero como sendo a norma, o normal.

Compreende-se que o poder da norma funcione facilmente dentro de um sistema de igualdade formal, pois dentro de uma homogeneidade, que é a regra, ele introduz, como um imperativo útil e resultado de uma medida, toda a gradação das diferenças individuais (FOUCAULT, 2009, p. 177).

Em busca de entender o que se passava comigo e tentar encontrar uma cura, uma redenção para esse meu pecado (como se isso fosse realmente um pecado que necessitasse de redenção) ingressei na igreja. A ideia era simples: negar minha identidade de homossexual, fazê-la desaparecer, curar-me ou então estaria predestinado a padecer eternamente no fogo

infernais. Ora, o inferno já era algo que eu vivi/vivia durante toda a vida, e estar predestinado a ele pouco mudava a não ser o fato de viver um inferno pela eternidade (caso haja).

Ser membro de uma igreja propiciou que minha farsa “heterossexual” fosse mais bem aceita. Assim, as respostas às indagações de alunos/as, professores/as, amigos/as sobre minha sexualidade, por mais que pudessem levantar suspeitas, tinham o respaldo do – “ele é crente¹⁰”. Como se um/a crente não pudesse ser homossexual. As pessoas podiam desconfiar de minha orientação, mas não podiam ter a certeza. As minhas respostas podiam desviar e despistar suas curiosidades, mas eu não podia enganar a mim mesmo, então eu sofria e sofri muito com isso.

Os meus desejos por pessoas do mesmo sexo não foram extintos, de modo que não logrei êxito em minha cura (e será que era preciso cura?), em minha redenção (pergunto-me por qual pecado?). Em todo o período que fui assíduo à igreja, fiz um exercício doloroso de negar o que eu era. Fingir que meus sentimentos estavam seguindo em outra direção quando, na verdade, eles sempre me atormentavam. Utilizando as figuras bíblicas do lobo e do carneiro, eu seria um lobo e comer carne, neste caso, o carneiro, seria o óbvio, o esperado. Esse seria meu pecado, e para conseguir minha salvação, minha redenção, eu deveria observar os carneiros e com eles aprender a gostar de grama. Para mim, essa tarefa foi impossível.

Naquele período em que eu fazia um esforço hercúleo para não denotar minha sexualidade, frequentando igreja, policiando e controlando minhas ações e atitudes, ingressei na universidade, no curso de licenciatura plena em ciências biológicas pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, no *Campus* Universitário de Alta Floresta. No primeiro semestre, aos 23 anos, conheci aquele que foi o meu primeiro namorado. Ao mesmo tempo deixei de frequentar a igreja e passei a acreditar que podia vivenciar, experenciar, experimentar aquele/s sentimento/s que eu nutria por uma pessoa do mesmo sexo. Porém ninguém poderia saber. Encontrávamo-nos às escondidas para não levantar nenhuma suspeita e eu continuava a levar a minha vida de fingimentos e simulações, mas, agora, na condição de estar feliz.

Semelhante a tantos/as jovens homossexuais não “assumidos/as”, eu vivia entre uma relação e outra, sempre seguindo o padrão heteronormativo. Fingia ser hétero, mas namorava rapazes às escondidas. Aos 27 anos, em uma conversa com minha mãe, falei sobre minha sexualidade. Choramos, ela e eu. E ao fim da conversa, ela me fez um pedido: “Continue

¹⁰ Embora a palavra crente defina aquele que crê, o sentido dela aqui neste texto é fazer referência à condição de evangélico.

assim, não mude sua forma e seu jeito de ser só porque eu sei”. Minha mãe pediu para que eu continuasse seguindo o padrão heteronormativo, não assumindo posturas vinculadas culturalmente ao gênero feminino. Entendo que foi um conselho com ares de proteção em virtude do peso que ser homossexual assumido/a tem em nossa sociedade preconceituosa, mas também entendo que certa influência do pensamento hegemônico sobre as sexualidades havia capturado minha mãe. Cresci vivendo sob a égide da heterossexualidade e, assim, continuar atuando não foi para mim nenhum desafio com qual eu já não estivesse acostumado. Ao menos, a partir de então, qualquer deslize que porventura eu viesse cometer não seria surpresa para minha mãe.

Ao concluir a Graduação, em 2011 ingressei no concurso do Estado na condição de professor da educação básica, e após 28 anos deixei a casa de minha família e o convívio de mãe e pai. Mudei-me de Alta Floresta/MT ao tomar posse no município de Cotriguaçu/MT, no extremo Norte do Estado. Meu companheiro, à época, também fez o concurso para o mesmo município, e, classificado, estava à espera para tomar posse. Fomos morar juntos no pequeno município de cerca de 10 mil habitantes. Aos que perguntavam sobre nós dois, a resposta era sempre a mesma – “somos primos”. Essa era a forma recorrente de evitar perguntas mais íntimas, de espantar piadas, de nos proteger do preconceito. Em julho do mesmo ano pedi remoção para a cidade de Sorriso, e o meu namorado permaneceu em Cotriguaçu. Terminamos.

Em todas as escolas pelas quais passei deparei-me com jovens homossexuais que utilizavam os mesmos artifícios que eu quando adolescente. Também percebi colegas professores/as que brincavam e faziam piadas sobre a sexualidade desses/as jovens, agindo com deboche e preconceito. Durante muito tempo reprimi minha voz, calei-me diante de tais situações, quem sabe pelo medo de transferir o alvo dos/as jovens para mim. E isso passou a me angustiar, a me incomodar. Fiz-me mais próximo dos/as jovens e eles/as encontraram em mim um confidente. Contei-lhes minha experiência e os/as encorajei a conversar com suas mães e pais.

Quando assumi a coordenação pedagógica da unidade escolar, e, posteriormente, a gestão escolar, onde atualmente sou lotado, minha orientação sexual já não era segredo para todo o corpo docente e funcionários/as da unidade escolar. Contudo presenciei e vivenciei situações, no mínimo, inusitadas pela forma como o preconceito estava tão camuflado e tido como natural que professores/as e funcionários/as não o percebiam. Presenciei situações em que se justificava o comportamento (bom ou mau) de determinado/a aluno/a pela sua

orientação sexual. Relatos eram feitos a mim e, posteriormente, aos/às coordenadores/as com naturalidade, como se erros e acertos dos/as alunos/as estivessem intrinsecamente ligados a sua sexualidade.

Já relatei que, como vivi e cresci seguindo a regra e jogando o jogo da heteronormatividade, eu era um homossexual aceitável, sem muitos trejeitos, sem características muito femininas, ou como dizem no coloquial, “sem dar pinta”. Assim, como gestor escolar, eu era uma pessoa “respeitável”. Porém os/as alunos/as da unidade escolar que não obedeciam ao joguinho de regras e normas recebiam um tratamento diferenciado daquele que me era dispensado. Por quê? Por que eu era gestor, e na escola, hierarquicamente, superior? Eu era/sou um homossexual assim como os/as alunos/as que não se encaixavam nas regras também eram/são, mas eu recebia um tratamento “privilegiado¹¹”, entre muitas aspas, pela condição de gestor que desempenhava.

Era preciso qualificação. Por ter escolhido o exercício do magistério para a minha vida, tentei ingresso no mestrado em educação ofertado pela Unemat – Campus de Cáceres/MT. Era necessário escrever um projeto, eu tinha algumas ideias em mente, mas também havia o viável e o aceitável. Entre meus rascunhos de questões-problema estava a minha necessidade de compreender o porquê de as situações relatadas no parágrafo anterior acontecerem. Por que o tratamento desigual? O que pensam os/as professores/as a respeito? E os/as alunos/as? O preconceito acontecia no “modo automático”? Quais as implicações de situações como essa na vida dos/as estudantes? Esse era meu desejo – submeter um projeto que procurasse compreender essas relações, as relações homoafetivas acontecendo no ambiente escolar e movimentando o currículo. Achei ousado, senti receio e novamente me escondi, submetendo outro projeto. Um projeto “mais pedagógico”, mais ligado à minha disciplina, um projeto que não fosse tão íntimo e, às vezes, tão invasivo quanto este. Digo invasivo, pois desde o início deste texto exponho minha vida justamente para justificar o porquê de estar aqui.

Assim, após algumas reuniões com minha orientadora, professora Maritza, decidi, com a anuência dela, que minha pesquisa deveria abordar as questões que me incomodavam e ainda incomodam. Foram muitas ideias, muitos enfoques pensados por mim. As ideias sempre passavam pelas sugestões de minha orientadora, por sua frase motivante: “a pesquisa deve

¹¹ Talvez o tratamento diferenciado possa ter se dado pelo silenciamento do preconceito, pois se havia atitudes preconceituosas em relação a homossexualidades dos/das alunos/as, é de se supor um comportamento, no mínimo, semelhante em relação a homossexualidade do gestor escolar, que não era manifesto por receio quicá, das consequências.

passar pelo seu corpo”. Sobre o tema de pesquisa, Umberto Eco (2002) afirma algo semelhante, ao dizer que é imprescindível que “o tema responda aos interesses do candidato (ligado tanto ao tipo de exame quanto às suas leituras, sua atitude política, cultural ou religiosa)” (ECO, 2002, p. 06).

Pulsava em mim a necessidade de entender, de saber, para poder dialogar, conversar sobre gênero e sexualidade, porém com a autoridade discursiva da academia. E também através de minha história, espelhar a história de muitos/as outros/as jovens que sofrem e vivem as mesmas agruras que vivi.

A busca por razões que justificassem os comportamentos e atitudes dos/as professores/as e funcionários/as de forma diferenciada foi um dos vários motivos que me fizeram ingressar no mestrado em educação.

Não é de hoje que as conversas que têm como tema central sexo, gênero e sexualidade causam certo desconforto nos interlocutores, ainda que este assunto, quiçá, seja um dos mais tratados na história da humanidade. Na escola não é diferente. O ambiente de fabricação de corpos dóceis e disciplinamento (FOUCAULT, 2009) faz com que o tema seja abordado de forma muito “tateada” ou, dependendo da unidade escolar (se for religiosa), nem o seja. É importante frisar que, mesmo sob a salvaguarda dos muros escolares, sexo, gênero e sexualidade fazem parte das narrativas, de discursos, do imaginário de alunos/as e professores/as, portanto, estão presentes nos cotidianos escolares.

No entanto, é no cotidiano dessa mesma instituição disciplinar, a escola, que estão presentes crianças, adolescentes, professores/as, coordenadores/as, diretores/as e funcionários/as, todos/as singulares em seu modo de viver, de experienciar a vida; todos/as carregados/as de bagagem cultural, de valores morais que adentram nos portões da escola e ressoam nas salas de aula mediante discursos, atitudes e hábitos que, muitas vezes, podem disseminar o preconceito e a discriminação. Em contrapartida também podem ocupar o papel oposto, sendo alvo desse mesmo preconceito e da discriminação justamente por serem singulares e destoar de um padrão normalizador que define o maior e menor grau de prestígio e respeito.

Assim, aqueles/as que não atendem ao perfil homem, branco, cristão, heterossexual, já possuem prerrogativas, segundo a norma, que lhes imputem ser alvo de desprezo (LOURO, 2016).

A escola se assemelha a uma linha de montagem fabril, utilizando todo seu aparato e seus artificios pedagógicos para fabricar “meninos masculinos e meninas femininas”.

Seguindo o padrão heteronormativo, ocupa-se em fabricar “pessoas normais” (MISKOLCI, 2015, p.18-19). Nesse ambiente, desventurados/as são aqueles/as que ousam agredir, transgredir, subverter a norma, sendo ou fazendo-se diferente. Serão apontados/as, marcados/as, rechaçados/as, humilhados/as por serem, simplesmente, singulares, únicos/as, por serem quem são, e por não serem como outros desejam que eles/as sejam.

O diferente¹² é entendido, aqui, como aquela e aquele que, por ousadia, livre escolha ou não, por imposição ou não, rompe com as amarras da regra normativa. Não me refiro apenas ao campo da sexualidade, mas também aos/às deficientes, aos/às negros/as, obesos/as, ao gay, à lésbica, ao/à travesti, à drag-queen, ao drag-king, à mulher transex, ao homem transex. Todos/as que se desviam do padrão de normatividade são marcados/as, estigmatizados/as, concebidos/as como “outros” sociais que carregam o peso de “ser”. A escola é um ambiente que visa homogeneizar, nela, todos/as os/as desviantes da norma, do padrão hegemônico identitário já imposto e deduzido “natural”, e pelo simples fato de serem desviantes da norma “tornam-se” merecedores/as de toda carga de abjeção.

A homogeneidade está presente na prática da grande maioria de professores/as que acabam por não dar visibilidade a muitas outras possibilidades de identificação. Ao reproduzir o conteúdo contido em livro didático, e/ou nas diretrizes contidas na Base Nacional Comum Curricular - BNCC, fatalmente estes/as professores/as fazem girar a engrenagem da normatividade. As histórias contadas no ambiente escolar e que possuem como personagem principal a princesinha loira e branca; o exemplo de família adotado, que é formado por pai, homem, e mãe, mulher; as histórias de heróis, másculos, fortes e malhados; todos esses estereótipos¹³ são padrões ditados pela norma que invisibiliza outras possibilidades de “estar no mundo”; outros modos de existir.

As discussões sobre sexualidade passaram a ter um caráter formal no campo escolar com a edição dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998), com o lançamento de sua primeira parte em 15 de outubro de 1997. No documento, o item “Orientação Sexual” aparece como tema transversal, podendo ser trabalhado em todas as

¹² É válido destacar aqui que esta pesquisa se atém ao conceito de diferença enquanto processo de efetuação do si, que acontece a partir dos encontros com o fora. Assim, “a diferença não tem nada a ver com o diferente. A redução da diferença ao diferente equivale a uma redução da diferença à identidade. E assim reduzir a diferença ao individualismo, negando, como afirmamos antes, sua historicidade” (SILVA, 2014, p. 66). No entanto, necessário se fez, neste momento, caracterizar a multiplicidade, a diversidade a partir do referencial de diferença (diferente) – Identidade, preconizado pelos Estudos Culturais.

¹³ Segundo Fleuri (2006, p. 498), o estereótipo representa uma imagem mental simplificadora de determinadas categorias sociais. Funciona como um padrão de significados utilizado por um grupo na qualificação do outro. Constitui imagens que cumprem o papel de criar ou acentuar a diversidade.

áreas do conhecimento, pois a sexualidade faz parte da vida das pessoas e perpassa disciplinas e currículo.

No intuito de diminuir os casos de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência, como consta no próprio documento, o tema é inserido na ordem, pois, segundo Altmann (2001, p. 575), a escola é considerada

[...] um importante instrumento para veicular informações sobre formas de evitar a gravidez e de se proteger de doenças sexualmente transmissíveis, chegando-se a ponto de afirmar que quanto mais baixa a escolaridade, maior o índice de gravidez entre adolescentes.

A sexualidade é concebida nos PCNs, segundo Altmann (2001, p. 580), “como um dado da natureza”. A autora aponta, no documento, as passagens que deixam clara essa visão que se pretende dar à sexualidade, por exemplo quando a sexualidade é considerada “algo inerente, necessário e fonte de prazer na vida” (BRASIL, 1998, p.317), ou “necessidade básica” (BRASIL, 1998, p. 295), e ainda “em potencialidade erótica do corpo” (BRASIL, 1998, p. 319). Para a autora, fica evidente o caráter normalizador que é dado à sexualidade, denotando o ponto de vista biológico (ALTMANN, 2001, p. 581).

Com isso, o tema transversal “Orientação Sexual” acaba por ficar atrelado às disciplinas de ciências e biologia, pois é nelas que a pertinência de tais temas é trabalhada com a devida “cientificidade”.

A potencialidade erótica do corpo a partir da puberdade é concebida como centrada na região genital, enquanto que, à infância, só é admitido um caráter exploratório pré-genital. Os conteúdos devem favorecer a compreensão de que o ato sexual, bem como as carícias genitais, só têm pertinência quando manifestados entre jovens e adultos (ALTMANN, 2001, p. 581).

O respeito às diversas formas de manifestação de identidade sexual aparecem no documento de forma discreta, sempre no sentido de respeito à pluralidade. Assim, fica evidente nos PCNs que o significado que se pretende dar ao termo “orientação sexual” tem mais a ver com o que se costuma denominar “educação sexual” (MISKOLCI, 2015).

Ainda sobre os documentos oficiais que “interferem” diretamente nos currículos escolares, em dezembro de 2017 o Ministério da Educação – MEC – homologou o texto da BNCC que, após a contribuição de diversos setores da sociedade civil organizada, em fóruns e conferências, servirá de balizador dos currículos no País.

Todavia, no texto apresentado pelo MEC, em abril do mesmo ano¹⁴ e, que posteriormente foi homologado, houve a supressão do termo “orientação sexual” e também do conceito de “gênero” que estavam presentes nas versões anteriores do documento. Retrocesso?¹⁵ Conservadorismo? É bem possível. No entanto a vontade, aqui, é a de marcar o tom de certeza e dizer “foi isso, sim”.

Durante a elaboração da BNCC entrou em cena outro agente, o Movimento Escola Sem Partido – MESP, que se fez presente nas discussões, fóruns e conferências, deixando claras as suas posições conservadoras que primam por princípios religiosos, defesa da família tradicional e a oposição a partidos políticos de origem popular (MACEDO, 2017, p. 509).

O MESP articulou-se com deputados da bancada evangélica e conservadora, pleiteando, assim, que suas reivindicações e alterações no documento fossem aceitas. Não quero aqui creditar ao MESP as alterações na BNCC, mas, sim, conforme diz Macedo (2017), as lutas, os embates, as tensões criadas a partir dessas manifestações encontraram solo fértil (bancada evangélica) dentro do Congresso Nacional. Isso sim pode, e muito, ter contribuído para a efetividade de tais mudanças.

O universo escolar vivencia todas as situações já citadas, às vezes em maior ou menor grau de intensidade, porém, de alguma maneira, professores/as e alunos/as já tiveram contato com o preconceito, a homofobia dentro dos muros da escola. Conceitos e (pré)conceitos, valores morais e culturais que seguem uma normativa, visando homogeneizar os sujeitos, são (re)produzidos na escola.

Novamente é chegado o momento em que o/a leitor/a poderá indagar: do que trata esta pesquisa, então? Antes de responder a pergunta é necessário falar sobre o projeto de pesquisa “Cinema, infâncias e diferença: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo”, pois este texto foi produzido com/para/e a partir dele.

O referido projeto tem como objetivo pensar, a partir de filmes, imagens e sons, as infâncias e a diferença. Problematiza as inquietações que afetam a educação, o cotidiano da escola e o currículo. O projeto teve como uma de suas ações principais a criação do Ateliê de Imagem e Educação na Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Cáceres. Através do Ateliê de Imagem e Educação (AIE) foi criado o cineclubes (Re)Existência, concebido

¹⁴ Reportagem do Jornal O Globo – MEC divulga última versão da Base Curricular para ensino infantil e fundamental de 06 de abril de 2017.

¹⁵ Reportagem do Jornal da Unicamp - Especialistas veem retrocesso em supressão do termo ‘orientação sexual’ da base curricular de 07 de abril de 2017.

como *espaçotempos* destinados à exibição, discussão e para pensar a partir das imagens fílmicas.

O cineclube tem o intuito de potencializar as conversas entre os praticantespensantes, percebendo, por meio delas, como os filmes desestabilizam concepções de diferença, educação, currículo, cotidiano escolar, infâncias. Assim, tomamos as sessões do cineclube para coletar os dados necessários à realização dessa pesquisa (MALDONADO, 2015, p. 1).

O projeto parte do princípio de que o cinema pode forçar¹⁶ o pensamento a pensar questões que transitam pelos mais distintos cotidianos – bem distante de utilizá-lo como instrumento de alguma disciplina para “reforçar” conteúdos – é concebido, nesta pesquisa, com base nas inspirações deleuzianas, como potencializador do pensamento que força a pensar. Assim, o cinema pode, e muito, contribuir para pensar, problematizar e desconstruir. Sobre forçar a pensar, Deleuze (1990, p. 189-190) diz:

[...] é somente quando o movimento se torna automático que a essência artística das imagens se efetua: produzir um choque no pensamento, comunicar vibrações ao córtex, tocar diretamente o sistema nervoso e cerebral. Por que a própria imagem cinematográfica “faz” o movimento, porque ela faz o que as outras artes se contentam em exigir (ou em dizer), ela recolhe o essencial das outras artes, herda o essencial, é como o manual de uso das outras imagens, converte em potência o que ainda só era possibilidade. O movimento automático faz surgir em nós um autômato espiritual, que, por sua vez, reage sobre ele. O autômato espiritual já não designa, como na filosofia clássica, a possibilidade lógica ou abstrata de deduzir formalmente os pensamentos dos outros, mas o circuito no qual eles entram com a imagem-movimento a potência comum do que força a pensar e do que pensa sob o choque: um noochoque Heidegger dirá: “o homem sabe pensar na medida em que tem a possibilidade de pensar, mas esse possível ainda não garante que sejamos capazes de pensar”. É essa capacidade, essa potência, e não a mera possibilidade lógica que o cinema pretende nos dar comunicando-nos o choque. Tudo se passa como se o cinema nos dissesse: comigo, com a imagem-movimento, vocês não podem escapar do choque que desperta o pensador em vocês. Um autômato subjetivo e coletivo para um movimento automático: a arte das “massas”.

Para Deleuze (1999), o pensamento é um ato criativo. Desse modo, diz Maldonado (2015) quando “fazemos uso do cinema¹⁷” para “forçar a pensar”, se está almejando que as imagens fílmicas permitam que se pense para além daquilo que já foi pensado, propiciando outras possibilidades de pensamento, criação, invenção, produção de algo novo. Pensamento novo.

¹⁶ É válido esclarecer aos leitores/as que o termo “forçar o pensamento a pensar” é utilizado a partir do conceito de Gilles Deleuze (Diferença e repetição, p. 230), que diz que “o que é primeiro no pensamento é o arrombamento, a violência, é o inimigo, e nada supõe a filosofia”. Assim, forçar o pensamento significa, para o filósofo francês, arrombamento, que leva a criação.

¹⁷ Os filmes utilizamos ao “fazer uso do cinema” para “forçar a pensar” são aqueles classificados por Deleuze como imagem-tempo, “que constrói uma imagem do pensamento em sua complexidade e violência” (FARINA; FONSECA, 2015, p. 118), são filmes que forcem o pensamento, pois segundo Deleuze (2009) se torna indiscernível o real e o imaginário, presente e passado, atual e virtual, sujeito e objeto.

Nesse sentido, o projeto compreende o cinema e os filmes como intercessores, como Deleuze e Guattari (2010, p. 79) propõem quando nos falamos dos personagens conceituais. Os filósofos dizem que o primordial para que o pensamento seja “forçado” a pensar são os intercessores.

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estaremos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é visível: Félix Guattari e eu somos intercessores um do outro. (DELEUZE, 1992, p 156).

Assim, o AIE desenvolve a pesquisa através da formação continuada de professores/as, *praticantes-pensantes* da educação da rede pública de ensino do município de Cáceres-MT”, que acontece em sessões do Cineclube (Re)Existência, realizadas em noites alternadas de terças-feiras, momentos em que os filmes são apresentados e, ao final, abrem-se rodas de conversas, as quais são filmadas, gravadas e transcritas. Essas narrativas¹⁸ são concebidas, pela equipe do projeto, como personagens conceituais.

Segundo Alves (2010), imagens e narrativas tornaram-se importantes intercessores para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos.

É nessa direção que afirmo que para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, as narrativas e as imagens de professoras e de outros praticantes dos *espaçotemposcotidianos* não podem ser somente entendidas, exclusivamente, como “fontes” ou como “recursos metodológicos”. Elas ganham o estatuto, e nisso está sua necessidade, de personagens conceituais. Sem narrativas (sons de todo tipo) e imagens não existe a possibilidade dessas pesquisas. Assim, ao contrário de vê-las como um resto rejeitável, dispensável do que buscamos, é preciso tê-las, respectivamente, como personagens conceituais necessários aos processos que realizamos. (ALVES, 2010 p. 1203).

Os filmes são os disparadores necessários para, após sua exibição, iniciar uma conversa com os/as professores/as, “sobre como nossas práticas e conhecimentos são/foram construídos para, a partir do reconhecimento das mesmas como produções *praticoteóricas* cotidianas, repensá-las” (MALDONADO, 2015, p. 12).

¹⁸ Serão as narrativas dos *praticantes-pensantes* da Educação, nossos personagens conceituais, que irão compor o texto desta dissertação.

Alves (2012) também me inspira na escolha de filmes como intercessores. Segundo a autora,

[...] esse meio, que assumimos como arte – articula múltiplas possibilidades: é junção de imagens e sons; faz aparecer *espaçotempos* do viver humano em uma gama incomensurável, caracterizando inúmeras possibilidades, problematizações ou tensões às relações humanas; é entre as artes, a que se coloca a meio caminho entre aquelas mais herméticas – e para as quais é preciso “chaves” especiais de conhecimento – e as mais populares, como as músicas características de cada região, por exemplo; o acesso a filmes se dá através de inúmeros meios (televisão, vídeo, internet, templos religiosos, escolas, etc), cujas redes de troca são ainda muito pouco conhecidas e que é preciso conhecer. (ALVES, 2012, s/p).

Esta dissertação é efeito das sessões do Cineclube (Re)Existência; é efeito das conversas filmadas e gravadas com prévia autorização dos/as participantes. E também é efeito das conversas de corredores que chegaram até mim em formato de segredo nos intervalos das sessões. As narrativas advindas das conversas autorizadas fizeram-me *pensarescrever* esta dissertação, tomando-as por personagens conceituais para tentar compreender os “mundos culturais” dos/as *praticantespensantes* dos cotidianos e pensar outras possibilidades propiciadas a partir das novas intercessões.

Conforme já mencionei, ingressei no mestrado apresentando outro projeto de pesquisa, pois não era meu objetivo inicial desenvolver minha pesquisa a partir do projeto “Cinema, Infâncias e Diferença: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo”. Porém, após a exibição do primeiro filme da segunda¹⁹ etapa do Cineclube (Re)Existência, que tinha como tema Gênero, Sexualidade e Deficiências, e já no início das conversas com os/as *praticantespensantes*, ouvi a seguinte narrativa:

Um dos lados bons que eu pude observar, mesmo ele tendo nascido com aquele problema, foi o lado da família ter aceitado. Porque um dos maiores problemas da família ou do jovem ou da criança que nasce dessa forma, os primeiros a rejeitarem são os pais porque dificilmente o pai iria aceitar [...]”²⁰ (Professor Nina Flowers²¹, 2016).

Essa narrativa me impactou. Senti-me abalado por ela. Alguém pode perguntar por quê? Porque não me enxergo como um problema. Porque pessoas, assim como eu, que possuem uma condição sexual que não condiz com a heteronormatividade não devem ser

¹⁹ Na primeira etapa, que aconteceu no primeiro semestre do ano de 2016, abordou-se o tema Infâncias.

²⁰ Nesta dissertação optei por destacar as narrativas dos/as *praticantespensantes* da Educação que serão configuradas sempre com recuo de 4cm e o texto em negrito, independentemente do número de linhas presentes na narrativa.

²¹ Mesmo com a assinatura do Termo de Consentimento e Livre Esclarecido preservei as identidades dos/as *praticantespensantes*, pois o que importa na pesquisa são suas narrativas, personagens conceituais. Nesse sentido, nomeei os/as participantes desta pesquisa com os nomes das *Drag-Queens* do reality show *Rupaul’s Drag Race*, pois a proposta deste texto é colorir e, a meu ver, o colorido de uma *drag-queen* é algo que encanta.

consideradas problema. Não quero, de forma alguma, crucificar a fala do professor. Ele pode, pelas condições que possibilitaram a sua existência e sua prática discursiva, talvez por desconhecimento, talvez por falta de tato, não ter encontrado a melhor forma de se expressar. Mas acontece que, pelo fato de o professor ter se expressado dessa forma e utilizando a palavra “problema”, algo me incomodou e me impeliu a utilizar as narrativas produzidas pelo projeto “Cinema, Infâncias e Diferença: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo” em minha dissertação. Essa primeira narrativa me levou a pensar sobre como são constituídos/as os/as professores/as? Como os currículos das escolas são movimentados por esses discursos? Que práticas discursivas e não discursivas são constituídas a partir de posicionamentos como esses?

Através das narrativas dos/as *praticantepensantes*, busco problematizar a heteronormatividade, percebendo nas narrativas dos/as *praticantepensantes* seus efeitos no exercício de suas *prácticasteóricopedagógicas*. O preconceito está presente nas narrativas? Homofobia? Que sexualidades habitam o imaginário dos/as *praticantepensantes*? Importa também, nesta pesquisa, perceber, nas conversas ocorridas nas sessões do Cineclub (Re)Existência, o modo com que o discurso da heteronormatividade constitui o cotidiano e o currículo escolar.

A teorização foucaultiana e o pensamento deleuziano²² estão presentes nesta dissertação que também conversa com os Estudos de Gênero e Sexualidade, especialmente com os trabalhos que fazem a relação desse campo com a educação e com os aportes conceituais da Teoria *Queer*²³.

Assim, esta dissertação é resultado dos encontros realizados no Cineclub (Re)Existência, no segundo semestre do ano de 2016, quando o tema dos filmes exibidos foi “Diferença: gênero, sexualidade e deficiências”, sendo que as primeiras cinco sessões abordaram questões de gênero e sexualidade. Os agenciamentos oportunizados a partir desses encontros fizeram-me *pensarescrever*.

²² Os estudos sobre Foucault e Deleuze se realizaram durante as reuniões do Grupo de estudos e pesquisas em escola, currículo, sociedade e cultura contemporâneos (GEPecsc) coordenado pela professora Maritza Maldonado.

²³ Os/as teóricos/as *queer* constituem um agrupamento diverso que mostra importantes desacordos e divergências. Não obstante, eles/elas compartilham alguns compromissos amplos – em particular, apoiam-se fortemente na teoria pós-estruturalista francesa e na desconstrução como um método de crítica literária e social; põem em ação, de forma decisiva, categorias e perspectivas psicanalíticas; são favoráveis a uma estratégia descentrada ou desconstrutiva que escapa das proposições sociais e políticas programáticas positivas; imaginam o social como um texto a ser interpretado e criticado com o propósito de contestar os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes (SEIDMAN, 1995, p. 125).

Os filmes foram escolhidos em reuniões promovidas pelo AIE, nas quais os/as integrantes do grupo apresentavam temas a serem trabalhados/abordados: homossexualidade, intersexualidade, suicídios, entre outros. Nas reuniões eram realizadas as escolhas e sugestões de filmes, analisando-se as sinopses e, posteriormente, o filme escolhido era assistido com a finalidade de disparar o pensamento.

É válido notar que a importância de uma coisa não se mede, como nos ensina Manoel de Barros, nem com fitas métricas, nem balanças, nem com barômetros. A importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que ela produz em nós. Assim, a importância do trabalho desenvolvido pela equipe do AIE estava em perceber que as impressões e aquilo que se pensava ou o que nos levou a pensar com os filmes nas reuniões foi acrescido de outros olhares, outras formas de pensar, outro pensamento que não se considerava possível ao exibir os filmes nas sessões com participação dos/as *praticantespensantes* da educação.

Assim, esta dissertação foi tecida a partir dos encontros que tive com as narrativas dos professores nas cinco sessões do cineclube (Re)Existência que abordaram o tema Gênero e sexualidade. Esta dissertação apresenta a seguinte estrutura:

Na Seção 2 abordo o funcionamento dos dispositivos de sexualidade, seu uso pelas várias instituições dentre as quais, família, igreja e escola, ao surgimento do homossexual como categoria a partir século XIX. Abordo, também nessa seção, o conceito de heteronormatividade e, por consequência, a questão da homofobia que se apresenta no ambiente escolar. A seção problematiza, também, como a escola se constitui em um ambiente de (re)produção de (hetero)normas.

Na Seção 3 apresento o Cineclube (Re)Existência e como é possível problematizar através de imagens fílmicas com os/as *praticantespensantes* da educação. Cito, essa seção, quem são os/as *praticantespensantes* da educação que me ajudaram a *pensarescrever* esta dissertação e possibilitaram, com suas narrativas coloridas, pensar uma possibilidade para o currículo. Apresento os filmes, considerados intercessores, que suscitaram as narrativas durante os encontros e algumas problematizações possíveis.

Na Seção 4 abordo as concepções de currículo presentes nas narrativas dos/as *praticantespensantes* da educação. Questiono se há espaço para colorir o currículo oficial, e apresento os currículos cotidianos como forma de escape às normas engessadas presentes no currículo oficial. A teoria *queer* presente nessa seção, com sua irreverência e ousadia, é apresentada como mais uma possibilidade de borrar com multicores o currículo.

Para encerrar não trago as ditas “Considerações Finais” e sim um “E para não concluir”, pois trato este texto de dissertação com uma conversa e, assim, não pretendo encerrá-la com uma última palavra. Nesse sentido, como alternativa de, ainda e sempre, multicolorir o currículo, trago o exemplo da *drag-queen* que, em sua performatividade, constrói e fabrica o seu corpo com tintas, brilhos, plumas e cores, ensejando que se possa também fabricar – por que não? – currículos coloridos.

2 DOS DISPOSITIVOS DE SEXUALIDADE AO SURGIMENTO DOS ANORMAIS

O título desta dissertação “Narrativas coloridas: uma pi(n)tada de teoria queer no currículo”, aponta para o fato de que se faz emergente e necessário pintar o currículo nacional com as cores trazidas pelas questões de gênero e sexualidade. Essas multicores, alegres e prazerosas, foram tiradas de circulação em determinado tempo e espaço e precisam ser analisadas para que se entenda comportamentos, atitudes, valores, enfim, práticas discursivas e não discursivas que rondam as questões de gênero e sexualidade. Questiono, inspirado em Foucault (1988), *por que nos culpamos pelo sexo?* Para melhor compreender essa questão recorri ao estudo da história não linear da sexualidade, apresentado por Foucault.

Para o filósofo francês, a ideologia vitoriana inglesa do século XIX encerrou a sexualidade, transferindo para os interiores dos lares práticas discursivas e não discursivas que antes figuravam sem muito pudor e cerimônia em todos os meios e espaços. Até o início do século XVII os códigos morais eram frouxos, brandos e permitiam certa obscenidade, anatomias à mostra, corpos sedentos de desejo e crianças que perambulavam em meio às conversas dos adultos. Como diria Foucault, os corpos “pavoneavam”. Tudo isso era tratado com certa naturalidade. A ideologia vitoriana iniciou o confisco do discurso sobre a sexualidade, encarcerando-a e conduzindo-a a uma única função permitida: a reprodutiva (FOUCAULT, 1988, p. 9).

Ora, se o discurso sobre o sexo estava fadado à interdição, à condenação ao desaparecimento e ao mutismo, por que as formas de regulação e controle não obtiveram o sucesso almejado? Acompanhando a análise realizada por Foucault, é possível perceber que o efeito provocado pela repressão sobre a sexualidade presente na pauta vitoriana fez com que esta tomasse lugar central no cotidiano das famílias, promovendo uma ampla ebulição de discursos produzidos e veiculados sobre a sexualidade, fazendo lembrar a máxima “se é proibido é mais gostoso”.

Porém não é a busca simples pelo proibido, como forma de saciar os desejos da carne, o que se vê, na história da humanidade, em relação aos discursos sobre a sexualidade. O que se nota é toda uma artimanha criada na e pela Modernidade para imprimir um regime de poder-saber-prazer que tem na sexualidade sua maneira mais eficaz de alcançar as vidas e definir as condutas dos sujeitos.

Assim, ao contrário de algumas teorias que acreditam que o sexo sofreu um período repressivo, Foucault (1988) diz que foi justamente nesse período que nunca se falou tão

prolixamente sobre ele. Nesse período, produziu-se uma mecânica de saber-poder que colocou sexo e poder em uma maquinaria de produção de corpos e mentes, suprimindo o sexo e atribuindo-lhe uma realidade analítica, visível e permanente.

E, continua Foucault,

[...] dizer que o sexo não é reprimido, ou melhor, dizer que entre o sexo e o poder a relação não é de repressão, corre o risco de ser apenas um paradoxo estéril. Não seria somente contrariar uma tese bem aceita. Seria ir de encontro a toda a economia, a todos os “interesses” discursivos que a sustentam (FOUCAULT, 1988, p. 13-14).

Assim, importa que se compreenda que a sexualidade foi discursivamente produzida funcionando como um dispositivo político utilizado por várias instituições que se apoderaram do discurso sobre o sexo, controlando, regulando o visível e o dizível sobre ele.

O dispositivo de sexualidade foi, através do exame e da confissão, utilizado como uma arma poderosa para produzir/extrair a verdade sobre os corpos, e, desse modo, exercer controle sobre os mesmos.

O essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado (FOUCAULT, 1988, p. 22).

A partir do Concílio de Trento, quando foi instituído o sacramento da confissão, tem-se, de um lado, aquele que escuta, interroga e busca, de todas as formas, extrair o máximo de informação. O confessor que possui sobre seu poder a instância de dominação e, de outro lado, o confessando, que tem de si extraída toda a informação que será transformada em verdade, porém não por suas mãos e sim por quem o interrogou (FOUCAULT, 1988).

A “encenação” da confissão foi uma forma tão eficaz de se produzir “verdades” sobre os sujeitos, sendo extremamente importante para o que Foucault (1988) chamou de *scientia sexualis*.

A *scientia sexualis*, devolvida a partir do século XIX, paradoxalmente, guarda como núcleo o singular rito da confissão obrigatória e exaustiva, que constitui no Ocidente cristão, a primeira técnica para produzir a verdade do sexo desde o século XVI, esse rito fora pouco a pouco desvinculado do sacramento da penitência e, intermédio da condução das almas e da direção espiritual – *ars artium* – emigrou para a pedagogia, para as relações entre adultos e crianças, para relações entre familiares, a medicina e a psiquiatria. Em todo caso, há quase cento e cinquenta anos, um complexo dispositivo foi instaurado para produzir discursos verdadeiros sobre o sexo (FOUCAULT, 1988, p. 66-67).

Foucault (1988) ainda chama a atenção para o fato de que não se deve creditar somente ao cristianismo a responsabilidade da repressão sexual. O cristianismo tão somente

introduziu novas e eficazes técnicas que possibilitaram impor uma moral sexual. Sobre as técnicas eficazes, diz Vainfas (1989),

[...] a arguição dos penitentes e o atizar de memórias individuais no rastreamento das culpas basear-se-iam, desde então, nos dez mandamentos da Lei divina, nos cinco da Igreja e, campo privilegiado do confessor, nos sete pecados capitais. E, entre estes, a luxúria assumia o lugar de maior destaque, assimilada em certos casos, ao crime de heresia, ofensa ao primeiro e fundamental mandamento da lei de Deus. Adulterios, fornicções, incestos, violações, bestialidades, sodomia, masturbações, sonhos eróticos, toques íntimos, poluções noturnas: nenhum ato, parceiro ou circunstância deveria escapar da fala do penitente, ao ouvido do confessor (VAINFAS, 1989, p. 12).

Não é de se admirar que todo esse poderio existente no ato confessional se tornou um “meio de monitoração dos valores morais impostos pelo poder pastoral” (PRETES; VIANNA, 2008).

O advento do Iluminismo e a valorização do conhecimento científico fez com que a medicina e a psiquiatria se apropriassem dos discursos sobre o sexo que antes ficavam prioritariamente sob a responsabilidade de teólogos e juristas, para, enfim, determinar o normal e o anormal, o sadio e o patológico, com a alcunha de imparcialidade, cientificidade e laicidade.

Porém o que se viu foi a reprodução dos discursos religiosos e da moral vigente nas sociedades burguesas do século XIX pela medicina. A finalidade das relações sexuais também para a medicina era a reprodução, logo o receituário médico iria prescrever que a junção de duas genitálias iguais não atenderia a finalidade proposta, e o sujeito que praticava relações sexuais com pessoas do mesmo sexo biológico ficou conhecido como doente mental, anormal, um sujeito incapaz de controlar seus impulsos.

2.1 Dos anormais e aberrações ao sujeito homossexual

A partir do surgimento da homossexualidade como categoria social foi possível fazer a divisão entre heterossexuais e homossexuais, e estes últimos, então, passaram a ser tratados com inferioridade e preconceito, sendo motivo de escárnio. É imperativo que se perceba que a homossexualidade é uma invenção do século XIX, e também é imperativo que se perceba todas as consequências dessa invenção para os sujeitos, os quais passaram a ser tratados como anormais e desviantes, aberrações, portadores de anomalias, alvos do controle e regulação da psiquiatria e dos sistemas jurídicos.

Foucault (2001) apresenta a definição de monstro como sendo uma transgressão das leis naturais, das normas da natureza. Em sua obra intitulada *Os anormais* o autor relata a existência de três figuras para que se compreender o domínio da anomalia. As figuras descritas são: o monstro humano, o incorrigível e o onanista.

O monstro aparece num domínio jurídico-biológico, no contexto dos poderes político-judiciários, enquanto afronta à lei porque “ele a deixa sem voz” e suscita a “vontade de supressão”, a “violência”, os “cuidados médicos” ou até mesmo “piedade” (FOUCAULT, 2001, p. 70).

A figura do indivíduo a ser corrigido – o incorrigível – aparece nitidamente no século XVIII, personagem bem específico dos séculos XVII e XVIII. Seu contexto é limitado à família, ao exercício de seu poder interno e à gestão da sua economia. É uma figura mais frequente que o monstro, que é considerado exceção (FOUCAULT, 2001, p. 72).

O autor ainda menciona que o indivíduo a ser corrigido, por estar próximo à regra, fica difícil de visualizá-lo. E continua:

[...] quem deve ser corrigido se apresenta como sendo a corrigir na medida em que fracassaram todas as técnicas, todos os procedimentos, todos os investimentos familiares e corriqueiros de educação pelos quais se pode ter tentado corrigi-lo. O que define o indivíduo a ser corrigido, portanto, é que ele é incorrigível (FOUCAULT, 2001, p. 73).

O onanista, a criança masturbadora, é uma figura nova no século XIX. Seu contexto de aparecimento é a família, porém algo mais restrito, mais íntimo – o quarto, a cama, o corpo e toda a microcélula em torno do indivíduo e do seu corpo, representado pelas babás, tomadores de conta, dos pais, dos médicos, dos irmãos e irmãs (FOUCAULT, 2001, p. 74).

A figura do monstro humano se apresentava distinta das figuras do incorrigível e do onanista, porém ainda no século XVIII essas três figuras se sobrepõem. Assim, o anormal, o desviante sexual, aos poucos vai se comunicando com a figura do monstro humano, fazendo surgir a figura do monstro sexual. O autor relata que a masturbação será tomada como causa para todos os desvios de caráter sexual pelos médicos no século XVIII. E continua:

[...] “quase ninguém sabe que quase todo mundo pratica”. Temos, na organização do saber e das técnicas antropológicas do século XIX, algo de absolutamente decisivo. Esse segredo, que ao mesmo tempo todo o mundo compartilha e que ninguém comunica, é colocado em sua quase-universalidade como a raiz possível, ou mesmo a raiz real, de quase todos os males possíveis. Ele é a espécie de causalidade polivalente à qual se pode vincular, e à qual os médicos do século XVIII vão vincular imediatamente, toda a parafernália, todo arsenal das doenças corporais, das doenças nervosas, das doenças psíquicas. No fim das contas, não haverá na patologia de fins do século XVIII praticamente nenhuma doença que, de uma

maneira ou outra, não decorra dessa etiologia, isto é, da etiologia sexual (FOUCAULT, 2001, p. 74-75).

O domínio sobre o monstro troca de mãos. Esse passa do domínio jurídico-biológico para o domínio jurídico-político e sua falta é transferida da transgressão às leis naturais para os desvios de conduta e comportamento. Surge, assim, o monstro moral.

Porém, antes que a figura do monstro se “transformasse” e sofresse a metamorfose que o transformou em monstro moral no transcorrer dos séculos XVIII e XIX, as relações entre pessoas do mesmo sexo já eram conhecidas das sociedades, mas somente com o advento e expansão do cristianismo ganharam o nome de sodomia. Sodomia designava a prática sexual, não natural, entre pessoas do mesmo sexo que não tinham como finalidade a procriação. A palavra tem origem nos textos do Velho Testamento no Livro de Genesis²⁴, no qual é narrada a destruição da cidade de Sodoma pela fúria de Javé. Assim, o termo sodomita definia aqueles/as que assim como os/as habitantes de Sodoma praticavam atos sexuais com pessoas do mesmo sexo (SPENCER, 1995, p. 59-63).

As relações sodomíticas eram consideradas pecado, algo que ia contra a finalidade principal do sexo – a procriação – e, em consequência, contra a natureza, e, na mesma lógica, contra as leis de Deus, porque com tais práticas não seria possível haver uma concepção (PRETES; VIANNA, 2008, p. 322-323).

Em muitos países da Europa, e inclusive no Brasil, a prática da sodomia era considerada crime, passível de punição com a morte, considerando-se que a homossexualidade, no Brasil, havia sido criminalizada pelas Ordenações Portuguesas – principalmente as Ordenações Filipinas (PRETES; VIANNA, 2008).

Foucault (1988) e Spencer (1995) deixam claro que a prática da sodomia designava a relação entre pessoas do mesmo sexo biológico, mas tais relações ainda não eram classificadas ou nomeadas de homossexualidade. O termo homossexual surgiu em 1869, cunhado por Karl-Maria Kertbeny.

Conforme Pretes e Vianna (2008),

²⁴ Em Gênesis é narrada a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, símbolos de injustiça, violência e corrupção. Foram enviados por Javé, dois anjos a cidade de Sodoma para ouvir se os clamores dos justos contra Sodoma eram verdadeiros. Os anjos foram recebidos por Lot, porém os habitantes da cidade rodearam a casa de Lot e pediram que ele entregasse os visitantes para manterem relações com eles. Lot se recusou e ofereceu suas duas filhas virgens. Os habitantes exaltados com a negativa de Lot ameaçaram invadir sua casa, e para que os habitantes de Sodoma não agredissem Lot, os anjos os cegaram e ordenaram a Lot que retirasse sua família da cidade, pois esta seria detruída por Javé. (Bíblia Sagrada, Gênesis, 18, 20-21).

[...] o que antes era entendido como um pecado, um vício moral, um ato criminoso e que tinha suas raízes no desvio social e na moral, agora toma forma de desvio psíquico e/ou biológico. Aquilo que antes era entendido como vício moral e social, e que era de responsabilidade da religião e do direito, encontra-se nos séculos XIX e XX sob responsabilidade da psiquiatria, psicologia e medicina (PRETES; VIANNA, 2008, p. 320).

A ciência toma para si o *status* de reguladora das relações sexuais, do sexo. Suplanta a ideia de ilícito moral das relações entre pessoas do mesmo sexo para demonstrar o caráter patológico dessas relações (TREVISAN, 2000, p. 172). Assim, a ciência inaugura um período em que médicos, psicólogos e psiquiatras irão, a todo custo, tentar descobrir as verdadeiras causas das inversões sexuais. Forçam, dessa forma, uma mudança na legislação, pois os indivíduos invertidos necessitavam “antes de tudo, de tratamento e assistência médico-social” (RIBEIRO, 1957, p. 65).

Nascido o homossexual no século XIX, monta-se todo um aparato discursivo para demonstrar o caráter anormal e patológico desse indivíduo. O caráter anormal e patológico do homossexual tem a ver com sua sexualidade. Conforme diz Foucault,

o homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também, uma morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo, subjacente a todas as suas condutas, já que ele é um princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo, já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pedaço habitual, porém, como natureza singular (FOUCAULT, 1988, p. 43).

Em vários países, inclusive no Brasil, houve a descriminalização das práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo, todavia a vigilância e o controle se sofisticaram. As condutas homossexuais passaram a ser enquadradas como atos obscenos, ou seja, descriminalizar não inseriu o homossexual na sociedade; ele ainda permanecia à margem (PRETES; VIANNA, 2008, p. 350).

A condenação que outrora os homossexuais sofriam pelos efeitos da lei, pagando até com a própria vida, deu lugar à condenação moral, proferida pelos olhares, sussurros e comentários, pelos xingamentos, maus-tratos (em muitas das vezes).

2.2 Heteronormatividade e homofobia

Existe uma sexualidade comum a todos os indivíduos? A resposta é óbvia e fácil de ser dada. Sai com um sonoro não. Existem múltiplas sexualidades. Mas, então, por que nos causa estranhamento ouvir uma narrativa como a seguinte:

E aí ela disse que aos treze anos beijou um menino e que teve nojo, mas aos catorze anos quando beijou uma menina me disse ter amado o beijo. (Professora Pandora Boxx, 2016).

Uma menina beijar outra e gostar não é normal? Ou é? O imaginário, seguindo o padrão heteronormativo, não encontra, não aceita como “par” para uma menina outra menina, da mesma forma não aceita como “par” dois meninos. Portanto, ao ouvir a narrativa da professora Pandora nos sentimos “deslocados/as”. Por quê? Talvez porque essas situações estejam à margem do que se considera “sexualidade”, e, como se parte de um centro, geralmente o que está nas margens está distante demais para ser assimilado.

Fomos ensinados/as a pensar assim. Aprende-se, desde cedo, que existe um modelo de sexualidade padrão e toda a vez que somos confrontados/as com algo que fere esse modelo nos sentimos incomodados/as. Qual é a sexualidade padrão? A heterossexualidade.

Assim, as condutas sexuais que não obedecem ao padrão heterossexual são consideradas destoantes, desviantes e os seus praticantes percebidos como abjetos.

Katz (1996) diz que a heterossexualidade foi “inventada” e “imposta”.

[...] o discurso histórico sobre a heterossexualidade era uma invenção moderna. Nosso termo heterossexualidade, que pretendia descrever um sexo-amor mais velho que Matusalém, era de origem bastante recente e tinha uma história de definições variáveis e contestadas (KATZ, p. 23, 1996).

A heterossexualidade é a sexualidade da norma. É a sexualidade defendida e prescrita pela heteronormatividade. Segundo Borrillo (2009, p. 25),

a heterossexualidade aparece, assim, como o padrão com o qual todas as outras sexualidades devem ser comparadas e medidas. É essa qualidade normativa - e o ideal que ela encarna - que constitui uma forma específica de dominação chamada heterossexismo. Este pode ser definido como uma crença na existência de uma hierarquia das sexualidades, em que a heterossexualidade assume posição superior. Todas as outras formas são qualificadas, na melhor das hipóteses, como incompletas, acidentais e perversas, e na pior, como patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização.

A heteronormatividade não prescreve apenas a heterossexualidade como norma. Ela define condutas aceitáveis tanto para homens quanto para mulheres, ou seja, mesmo que duas pessoas do mesmo sexo se relacionem, o que o regime heteronormativo espera é que elas se “comportem” e ajam segundo as expectativas de seus gêneros, mantendo, assim, um estilo de vida heterossexual.

Aos garotos, na adolescência, lhes é perguntado: “E as namoradas?”; já para as meninas é sugerido o casamento com aquele que será seu príncipe encantado. Ao se partir da ideia de que só existe uma sexualidade e ela é a heterossexual, isso leva a pensar que todos os sujeitos são heterossexuais, e assim se invisibilizam as outras formas e possibilidades de sexualidades. Age-se e pensa-se conforme a regra, a heteronormatividade.

Eu trabalho com uma lésbica, ela é bem feminina, mas o namorado dela é bem masculino. Desde criança ela falou que sempre gostou de meninas (Professora Latrice Royale, 2016).

O pensamento, operando segundo a ótica heteronormativa, faz com que se pense que uma relação saudável é aquela exercida entre um homem e uma mulher. Já, as relações entre pessoas do mesmo sexo, quando ocorrem, devem obedecer aos papéis destinados aos gêneros envolvidos. Assim, se duas mulheres são as envolvidas na relação, comportamentos femininos e docilidade; se dois homens, assertividade e masculinidade.

Quando somos confrontados/as por situações conforme a narrativa da professora Latrice Royale, em que as duas mulheres se relacionam, uma mais feminina e a outra masculinizada, percebe-se uma operação no pensamento que tende a relacionar os indivíduos participantes da relação aos papéis que devem ser atribuídos a um casal *normal* - um indivíduo masculino e um feminino. A tendência heteronormativa é sempre encontrar algo que não encaixe, que não esteja atendendo ao padrão e apontá-lo. Pois, embora um casal tido como normal seja formado por um indivíduo masculino e outro indivíduo feminino, no caso em questão espera-se que as participantes da relação exerçam o papel destinado ao seu gênero.

Seffner (2013, p. 150) fala sobre o regime de atuação da heteronormatividade:

[...] como norma que articula as noções de gênero e sexualidade, estabelecendo como natural certa coerência entre sexo (nasceu macho, nasceu fêmea), gênero (tornou-se homem, tornou-se mulher) e orientação sexual (se é um homem, irá manifestar interesse afetivo e sexual por mulheres, e vice-versa). Esse modelo, binário e dicotômico, é entendido como natural e para muitos parece estar na “ordem das coisas”, o que faz com que indivíduos que não se reconheçam nele sejam percebidos como doentes, desviantes, perturbados, transtornados, pecadores etc.

As condutas desviantes, destoantes da norma, atraem para si a atenção dos/as que estão a sua volta, causam estranheza, espanto, são alvo de zombarias, piadas, motivos de chacota, são apontadas, rechaçadas, humilhadas, hostilizadas e muitas vezes submetidas a situações de extrema violência.

2.3 Homofobia e o espaço escolar

A homofobia está presente nos cotidianos escolares e não é de hoje. A professora Naomi Smalls narrou:

[...] eles são seres humanos como a gente, eles sentem dor até mais do que a gente porque já vem na família esse preconceito, porque todo mundo acha bonito, acha engraçado, mas ninguém quer ter um filho gay. Todo mundo acha o máximo ter um amigo gay, mas ninguém quer que seu filho seja gay. Eu mesma tenho um filho e não vou dizer “ah, será que vai ser gay?” Sou amiga de gays, mas ... A gente é humano, eu me envergonho de falar isso, mas já passou pela minha cabeça de chegar e perguntar para o meu filho “você é gay?” (Professora Naomi Smalls, 2016).

Ações e atitudes de preconceito acontecem no dia-a-dia das escolas, dentro das salas de aula, nos pátios, em aulas recreativas, nos banheiros. Sob a proteção dos muros está a instituição escola, que não é capaz de proteger aqueles/as que estão sob sua tutela.

Mas o que é homofobia? O conceito de homofobia se refere às ações e atitudes discriminatórias, à hostilidade, ao desprezo e à violência empregados nas orientações sexuais que destoam do padrão heterossexual (HEREK, 1991; UNAIDS, 2007; FREIRE e CARDINALI, 2012; REIS, 2015).

A homofobia é entendida por Junqueira (2007) como

um conjunto de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo), que costumam produzir ou vincular-se a preconceitos e mecanismos de discriminação e violência contra pessoas homossexuais, bissexuais e transgêneros (em especial, travestis e transexuais) e, mais genericamente, contra pessoas cuja expressão de gênero não se enquadra nos modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade. A homofobia, portanto, transcende a hostilidade e a violência contra LGBT e associa-se a pensamentos e estruturas hierarquizantes relativas a padrões relacionais e identitários de gênero, a um só tempo sexistas e heteronormativos (JUNQUEIRA, 2007, p. 60-61).

A homofobia não atinge os/as homossexuais da mesma forma. Miskolci (2015) afirma que atos de violência são dirigidos, mais frequentemente, às pessoas que não adotam o padrão de vida heterossexual.

No momento em que eu estava assistindo, eu fui passeando aqui em meu pensamento pela escola onde eu trabalho e o passeio não foi nada agradável. Infelizmente. Os nossos olhares, o nosso olhar causa diferença em relação a esses seres humanos como nós (Professora Tyra Sanchez, 2016).

Eu fiquei imaginando muitas vezes, a violência e até mesmo o suicídio vão acontecendo por conta dessa indiferença que nós transmitimos, às vezes, a nossos alunos. [...] já ouvi professor dizer: “Ih, esse aí não tem jeito mais, não

mesmo”. Era pelo lado da chacota, parece que não, mas entristece (Professora Bianca Del Rio, 2016).

As duas narrativas das professoras levam-me a pensar o quanto a homofobia está impregnada no ambiente escolar, nas atitudes dos/as alunos/as para com os/as outros/as alunos/as e também nas atitudes dos/as professores/as. A escola é para muitos/as homossexuais um ambiente hostil e perigoso. A sexualidade ainda é considerada tabu? Sim. Falta preparo, e, às vezes, conhecimento? É bem possível que sim. Bem por isso que a escola é descrita por Louro (1999) como

[...] um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de haver um tipo de desejo e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como lugar do desconhecimento e da ignorância (LOURO, 1999, p. 30).

Em ambientes disciplinadores como a escola, é comum que ocorra a invisibilidade relativa às homossexualidades, pois estas são censuradas e não estão autorizadas a se manifestarem e a existir, o que faz pensar que a heterossexualidade seja a maneira “correta” e única de expressar a sexualidade (BRITZMAN, 1996, p. 80).

A norma é responsável por esse modelo que preconiza o que pode ser manifesto e é permitido e o que não pode ser manifesto e, por isso, não é permitido e sofre censura. Um sistema de binarismos é criado, inventando com ele a noção de diferença (LOURO, 2009).

Tomaz Tadeu da Silva (2014) diz que a identidade é percebida como os meus “sins”, ou seja, é aquilo que sou e que, em consequência, é considerado algo bom, como minha positividade; já a diferença são os meus “nãos”, logo, o que o outro é possui como peso a negatividade. Sobre a identidade, Silva (2014) diz:

a identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente. Na mesma linha de raciocínio, porém, a diferença é concebida como uma entidade independente. Apenas nesse caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é. [...] Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nessa perspectiva, concebida como autorreferenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe. É fácil compreender, entretanto, que identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. A forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação (SILVA, 2014, p. 74-75).

Identidade e diferença são conceitos complementares e interdependentes. Um não existe sem o outro. Todavia o que se vê é o surgimento de uma hierarquização, que tende a

inferiorizar um em benefício do outro, o que provoca, muitas vezes, o aparecimento de preconceitos (BARREIRA, 2015, p. 48); preconceitos presentes no ambiente escolar, conforme argumenta Junqueira (2012):

ao longo de sua história, a escola brasileira (e por escola refiro-me também a seus currículos, *lato sensu*) estruturou-se a partir de pressupostos fortemente tributários de um conjunto dinâmico de valores, normas e crenças responsável por reduzir à figura do “outro” (considerado estranho, inferior, pecador, doente, pervertido, criminoso ou contagioso) todos aqueles/as que não se sintonizassem com os arsenais cujas referências eram e ainda são centradas no adulto, masculino, branco, heterossexual, burguês, física e mentalmente “normal”. A escola tornou-se, assim, um espaço em que rotineiramente circulam preconceitos que colocam em movimento discriminações de diversas ordens. Com efeito, classismo, racismo, sexismo, heterossexismo, homofobia, entre outros fenômenos discriminatórios, fazem parte da cotidianidade escolar não como elementos inclusos e sorrateiros. Eles, além de terem sua entrada geralmente franqueada, agem como *elementos estruturantes* do espaço escolar, onde são *cotidiana e sistematicamente* consentidos, cultivados e ensinados, produzindo efeitos sobre todos/as (JUNQUEIRA, 2012, p.280-281).

Não muito recente nos cotidianos escolares, o *bullying* tem se tornado recorrente nos debates sobre a educação. Um fenômeno mundial que assola as escolas e tem feito vítimas de todas as faixas etárias, etnias e classes sociais.

No ambiente escolar, o termo *bully*, que traduzido para a Língua Portuguesa significa “valentão” (REIS, 2015, p.33), empreende sua força, sua ira contra aqueles/as que não podem se defender, o que leva os indivíduos que sofrem *bullying* a evitar o confronto por medo, por vergonha, vivendo em estado de pânico e vigilância constante. Nesse sentido, Antunes e Zuin, descrevem *o bullying* como o

[...] conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos, como chutar, empurrar, apalpar, discriminar e excluir, que ocorrem entre colegas sem motivação evidente, e repetidas vezes, sendo que um grupo de alunos ou um aluno com mais força vitimiza um outro que não consegue encontrar um modo eficiente para se defender. Tais comportamentos são usualmente voltados para grupos com características físicas, sócio-econômicas, de etnia e de orientação sexual, específicas (ANTUNES; ZUIN, 2008, p. 34).

Durante o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva (2004) foram editadas a cartilha e as diretrizes do Programa Brasil sem Homofobia, apresentando, assim, um avanço nas reivindicações do Movimento LGBT.

O Programa Brasil sem Homofobia é, segundo Rossi (2010),

composto por um programa de cinquenta e três ações, que vai desde articulação de políticas de promoção da cidadania homossexual, passando por políticas de saúde, educação, cultura, trabalho, justiça e segurança, incluindo também políticas para a juventude, mulheres e negros. [...] Nenhum outro governo até então havia acatado as

reivindicações do movimento de forma a incorporar em seu plano um programa com ações definidas para uma política nacional [...] (ROSSI, 2010, p. 91-92).

O programa visa, em muitas outras ações, o combate à homofobia. Trata-se de um programa de caráter interministerial, mas que teve no Ministério da Educação seu maior coautor (ROSSI, 2010).

Homofobia e *Bullying* têm sido presenças constantes nos cotidianos escolares, por isso o empenho do Ministério da Educação em pôr em prática ações que visem minimizar e mitigar seus efeitos tão danosos à educação. *Bullying* homofóbico é aquele cometido contra um indivíduo em virtude da sua condição sexual ou identidade de gênero.

Novamente, outra ação do Governo Federal para coibir a prática do *bullying* ocorreu no governo da presidenta Dilma Rousseff (2015), com a edição da Lei n. 13.185, de 6 de novembro de 2015. Essa lei institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) – PCIS. A Lei 13.185 define e caracteriza o que se entende por intimidação sistemática:

Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (*bullying*) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

- I - ataques físicos;
- II - insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - ameaças por quaisquer meios;
- V - grafites depreciativos;
- VI - expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias.

Parágrafo único. Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (*cyberbullying*), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

Art. 3º A intimidação sistemática (*bullying*) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:

- I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;
- II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;
- III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;
- IV - social: ignorar, isolar e excluir;
- V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;
- VI - físico: socar, chutar, bater;
- VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;
- VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social (BRASIL, 2015).

O programa é uma iniciativa do MEC em parceria com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, além de outros órgãos e entidades vinculados à área educacional. São objetivos do PCIS:

- I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (bullying) em toda a sociedade;
- II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;
- III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;
- IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;
- V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;
- VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;
- VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;
- VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil;
- IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (bullying), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar (BRASIL, 2015).

Assim, através dessa lei, os estabelecimentos de ensino, os clubes e agremiações recreativas deverão assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (*bullying*).

E entre as paredes das salas de aula, o que tem acontecido? Como *agempensam* os/as *praticantespensantes* da educação sobre a homofobia, *bullying* e *bullying* homofóbico? Em algumas narrativas, os acontecimentos descritos pareciam vir carregados de um pedido de desculpa, quiçá por uma falha, erro, descuido que os/as educadores/as perceberam em suas condutas.

[...] a gente sempre pensa que sente o que diz sentir. Eu sempre dizia: “eu não sou preconceituosa, eu não sou de forma alguma”. Tenho amigos gays, tenho amigas lésbicas, saio com eles sem problema algum. Defendo-os. [...] então eu falava sempre não sou preconceituosa de forma alguma. [...] um dia, estava junto com a minha família e um sobrinho meu, veio correndo, e me contou um acontecido que me fez pensar. Minha mãe ouviu. No retorno para casa ela me dizia: “a culpa é sua”. [...] não que eu tivesse deixado de amar o meu filho de forma alguma, mas eu estava preocupada. Eu ficava pensando: “Meu Deus isso é preconceito?”. “O que é que eu estou sentindo, que medo é esse, porque eu estou sentindo esse medo se eu não me importo?” (Professora BenDeLaCreme, 2016).

Um discurso recorrente e clichê é aquele que diz “é mais fácil aceitar quando não é na sua família”. Quando o sujeito homossexual é um/a aluno/a, um/a colega de trabalho, um/a vizinho/a fala-se abertamente sobre aceitar a situação, defendê-la, mostrando que não se tem nada contra, e que se fosse consigo seria tratado/a “normalmente”. É bem certo que falar sobre sexualidade causa constrangimento, mais ainda quando se fala de uma que subverte a regra do jogo. E quando ela se faz presente na própria família? Como agir? O que pensar?

Estamos impedidos/as de passar pela fase da negação? É fato que a heterossexualidade compulsória impressa pela sociedade movimenta o pensamento no sentido de buscar as causas, as falhas, onde ocorreu a mudança no caminho. O mais provável seria que se pensasse: “houve mudança no caminho”? Afinal, um caminho se faz com cada passo. Importa que não se deixem os/as desviantes desassistidos/as, rejeitados/as, principalmente no seio da família, pois a sociedade já fará isso.

Borrilo (2009) chama a atenção para as consequências da rejeição no ambiente familiar:

o homossexual sofre solitário ostracismo ligado à sua homossexualidade, sem nenhum apoio de seus próximos e frequentemente em um ambiente familiar hostil. Ele é, portanto, mais vulnerável a uma atitude de aversão a si mesmo e a uma violência interiorizada que pode levá-lo ao suicídio (BORRILLO, 2009, p. 33).

Há a influência de várias instituições – igreja, escola, família – na perpetuação das diversas formas de preconceito através da produção e reprodução de valores heteronormativos, além de religiosos e morais (BARREIRA, 2015). Percebem-se tais influências na narrativa do professor Bob the Drag Queen.

[...] tô refletindo, se você pega desde o princípio do mundo, os leprosos, a gente não podia encostar, ficavam fora, isolados e a até chegar os dias de hoje, nós vamos analisando tudo. Do rico, do pobre, do preto, do negro, do branco, tudo... Quando eu dava aula no Frei Ambrósio, vinha de bicicleta à noite e aí é aquele negócio, quando você estava caminhando pela rua e avistava um negro, falava “meu Deus, vou passar pro outro lado, esse cara aí vai me atacar”, entendeu? Então, já tem esse negócio que parece que o negro vai te atacar e agora meu sobrinho deixou o cabelo crescer e tá desse tamanho, ele é negro mesmo, então eu falei “Fulano não anda à noite” (risos). E a coisa parece que está impregnada na gente e a gente tá vendo a escola, tá vendo o processo que acontece. Domingo mesmo eu estava voltando para a casa à noite e aí a polícia parada ali perto, quando eu falei “o que foi?” [...] era um menino que estava caminhando sozinho e aí, a polícia o parou. E aí, eu já voltei pro meu sobrinho dizendo: “nossa, não pode deixar Fulano andar sozinho ou ele vai cortar o cabelo”. Então você vê como que é a coisa, então, não é fácil [...] (Professor Bob the Drag Queen, 2016).

O *bullying* e a homofobia não possuem cartas marcadas, não estão destinados a este ou aquele sujeito, ou ainda a um grupo em especial. As diversas instituições, ao promoverem sua prática fazem pensar, segundo Venturi e Bokany (2011), que

a perpetuação e a sofisticação desse sistema de opressão não podem ser compreendidas se não levarmos em conta a existência de instituições que, ao longo da história, estruturaram-se em pressupostos tributários de um conjunto dinâmico de valores, normas e crenças responsável por reduzir à figura do “outro” (considerado estranho, inferior, pecador, doente, pervertido, criminoso ou contagioso) todos aqueles/as que não sintonizassem com os arsenais cujas referências eram e ainda são centradas no adulto, masculino, branco, heterossexual, cristão, burguês, física e

mentalmente “normal”. Tais referências tornaram-se, por conseguinte, espaços em que rotineiramente produzem e reproduzem preconceitos que movimentam discriminações de classe, raça/etnia, sexo, gênero, orientação sexual, capacidade físico-mental, crença, etc (VENTURI; BOKANY, 2011, p. 52).

A homofobia não é um fenômeno que se reserva a um lugar em especial, muito menos tem como vítimas sempre um grupo específico. Ela está inserida nas instituições, família, escola, igreja, fábrica, quartel, hospital e em suas práticas sociais que, ao invisibilizar outras possibilidades de sexualidade, acaba por proclamar a heterossexualidade.

[...] existe sim ainda muito preconceito com a homossexualidade. Há um tempo eu vi duas moças juntas, moças bonitas e eu escutei um grupinho de pessoas ao lado dizerem assim: “olha essas mocinhas tão lindas né, mas que pena, olha só a situação delas” (Professora Yara Sofia, 2016).

Pensar qual é a situação “delas”? A situação de uma sexualidade que diverge da matriz vigente e que por isso merece ser apontada, ridicularizada, rechaçada. A situação “delas” é aquela que causa incômodo, estranheza, porque não se estar habituados/as a conviver com o diferente. Porque a minha verdade enquanto sexualidade única e irrefutável é abalada por outra que não há como abarcar. É nesse chão em que o reconhecer o outro como legítimo/a passa a ser algo insuportável, intolerável. É aí que surgem as manifestações homofóbicas. Segundo Oliveira e Diniz (2014),

[...] a violência física ou a injúria homofóbica e sexista são normalmente vistas como inaceitáveis e abusivas. Entretanto, sexismo e homofobia são gestados em um campo heteronormativo que resiste tanto em reconhecer a homofobia como violação de direitos humanos quanto em potencializar a escola como espaço de transformação social (OLIVEIRA; DINIZ, 2014, p. 249).

2.4 O que o chão da escola vem (re)produzindo? Disciplina, (hetero)normas, ...?

Não consigo me recordar do primeiro dia em que pus os pés no chão da escola. Meu primeiro contato com ela foi, à época, frequentando as turmas do Jardim, Pré I e Pré II em uma escola cenequista no município de Alta Floresta - MT.

O que me recordo muito bem é de meu ingresso na primeira série, em uma nova escola. Tinha sete anos, meu pai havia me levado de carro à unidade escolar, distante quatro quadras de casa. Apresentou-me para a professora de minha turma, me deu um beijo, despedindo-se e voltou para casa. Eu fiquei ali no pátio, aguardando o início da aula. Faltavam dez minutos. Foram os dez minutos de copioso choro.

Trago esse relato para mostrar que para muitas crianças e jovens (aqui eu me incluo), a escola se apresenta como um ambiente hostil. Hostil, muitas vezes porque para as crianças e

jovens o novo ambiente se mostra desconhecido e causa espanto e estranheza. Mas a hostilidade, digo, a verdadeira hostilidade pode ir apresentando suas novas e velhas (já conhecidas) facetas no decorrer dos dias letivos. Será que nós, *praticantespensantes* da educação, percebemos essa possível triste realidade?

De pronto, chega-se à sala de aula e emprega-se toda uma força no sentido de organizar, fazer “render” o *espaçotempo* escolar. Carteiras, filas, lugares, mapas de salas, horários. Disciplina. Muita disciplina. A escola, nas palavras de Foucault (2009), lança sobre os corpos suas “garras” na tentativa de capturá-los, fazendo uso do dispositivo de disciplina que visa à fabricação desses mesmos corpos, corpos minuciosamente “manipulados”, suprimidos e minados em suas forças e desejos, objetivando sua docilização. Segundo Foucault (2009), na escola,

o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz desse por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (FOUCAULT, 2009, p. 133-134).

Todo esse investimento sobre os corpos é para torná-los cada vez mais produtivos. Para que sua força não seja dispensada na produção de algo inútil, indesejável. Para que haja a captura; captura de seus desejos. Que desejos? Todos os possíveis de capturar, todos os que possam fazer com que o processo fabril da escola perca a sua essência, a sua efetividade, a sua produtividade.

Para isso, a disposição, marcação de lugares e sujeitos no espaço escolar é uma das tarefas que auxilia a mitigar as forças de seus/suas frequentadores/as. Assim, a delimitação de espaços e territórios dentro do ambiente escolar fez e faz com que o controle e a vigilância sejam exercidos sobre os corpos. Tudo minuciosamente arquitetado, segundo Foucault (2009):

a organização de um espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar. Permite ultrapassar o sistema tradicional (um aluno que trabalha alguns minutos com o professor, enquanto fica ocioso e sem vigilância o grupo confuso dos que estão esperando). Determinando lugares individuais tornou possível

o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar (FOUCAULT, 2009, p. 142).

A escola transfigura-se em uma verdadeira maquinaria de ensinar, mas ao mesmo tempo em que pretende e visa ao ensino também vigia, classifica, qualifica, rotula, premia e pune. E em critérios de punição, a escola é dotada de todo um aparato, um armamento que não pretende de forma alguma sofrer a intervenção de um armistício. Pune através das advertências verbais, dos livros pretos ou cadernos de ocorrência, das suspensões, deixando evidente a quem é punido/a a gravidade do seu ato; demarca territórios; obedientes e desobedientes, bons/boas alunos/as e maus/má alunos/as.

Foucault (2009) nomeia esse ato de a arte de punir e revela que,

em suma, arte de punir, no regime do poder disciplinar, não visa nem a expiação, nem mesmo exatamente a repressão. Põe em funcionamento cinco operações bem distintas: relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. Diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros e em função desta regra de conjunto - que se deve fazer funcionar como base mínima, como média a respeitar ou como o ótimo de que se deve chegar perto. Medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor as capacidades, o nível, a “natureza” dos indivíduos. Fazer funcionar, através dessa medida “valorizadora”, a coação de uma conformidade a realizar. Enfim traçar o limite que definirá a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal (a “classe vergonhosa” da Escola Militar). A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza (FOUCAULT, 2009, P. 175-176).

Ocorre a tentativa de uniformidade e homogeneização e, estas, são as metas a serem alcançadas. Nesse sentido, não há espaço, ou melhor, não deve haver espaço para o exercício de singularidades, para manifestação de diferenças. É claro que isso é impossível, pois as singularidades estão acontecendo a todo instante. No entanto é difícil pensar em/na escola sem pensar no espaço de captura, de criação de modelos. E nos cotidianos escolares dos/as *praticantespensantes* da educação que movimentam esta pesquisa estão sendo criados modelos? É possível perceber a tentativa de homogeneização? E a captura dos corpos?

A sala de aula estava organizada em formato de “U”, as crianças sentavam em torno da sala formando a letra “U”. Um dos lados da letra “U” era composto de meninas e o outro de meninos. Tinha uma aluna que sentava sempre do lado dos meninos e também tinha um aluno que sentava sempre do lado das meninas. [...] ela (a professora) fez uma atividade e queria separar as meninas dos meninos e, quando isso aconteceu a aluna não quis ir para o lado das meninas e nem o aluno ir para o lado dos meninos. [...] ela não percebeu, o que deixou as crianças muito constrangidas, a menina fechou os olhos, ficou paralisada, não saiu do lugar, logo depois, ela saiu correndo [...] (Professora Latrice Royale, 2016).

As práticas discursivas e não discursivas que circundam a concepção do que seja a escola apresentam limites para se pensar e trabalhar com a diferença. É preciso seguir o plano, percorrer o *script*, obedecer ao roteiro, fazer valer o planejamento. Chega-se a esquecer, às vezes, que há vida em seus espaços, que há sonhos, ideias, desejos, e, na tentativa de uniformização, força-se os indivíduos a um *assujeitamento programado*. É possível escolarizar sem castrar a criatividade e os desejos das crianças?

Para Guattari e Rolnik (1996, p. 98-99) é no contato com a escola, “nos equipamentos produtivos modelizantes, a entrada nas línguas dominantes” que a criança perde sua “capacidade extraordinária de dança, de canto, de desenho”, e então, “sua criatividade cai numa espécie de grau zero: ela começa a fazer desenhos estereotipados, ela se modeliza segundo as atitudes dominantes”.

Contudo, os autores relatam que

as pessoas que tentaram experimentar, seriamente, outros métodos educacionais, sabem muito bem que se pode desmontar essa mecânica infernal, elas sabem muito bem que, com outro tipo de abordagem, essa riqueza de sensibilidade, essa riqueza de expressão, pode ser relativamente preservada (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 98-99)

É possível permitir que os desejos das crianças não sejam, de todo, capturados. É preciso que professores/as na tarefa cotidiana não permitam a arborescência, silenciamento e mutismo, mas possibilitem o seu desenvolvimento de forma rizomática. Segundo Deleuze e Guattari (1995, p. 23),

quando um rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa; porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz. Toda vez que o desejo segue uma árvore acontecem as quedas internas que o fazem declinar e o conduzem à morte; mas o rizoma opera sobre o desejo por impulsões exteriores e produtivas.

Assim, cabe perguntar que discursos e quais práticas estão autorizados a funcionar na escola quando o assunto é o gênero e a sexualidade? O discurso dito inclusivo consegue inserir a diferença no cotidiano escolar deixando-a existir como tal, ou espera que ela ocupe um lugar que seja limitado, esquadrinhado e normatizado? É possível inserir a diferença, entenda-se, incluir, demarcando seu território? Qual/is território/s ela pode ocupar?

Louro (2016) diz que a matriz heterossexual está demarcando as fronteiras, assim,

por certo, os próprios sujeitos estão empenhados na produção do gênero e da sexualidade em seus corpos. O processo, contudo, não é feito ao acaso ou ao sabor de sua vontade. Embora participantes ativos dessa construção, os sujeitos não a exercitam livres de constrangimentos. Uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões. É em referência a ela que se fazem não apenas os corpos que se

conformam às regras de gênero e sexuais, também os corpos que subvertem (LOURO, 2016, p. 17).

Os corpos que não aceitam ser esquadrinhados e que não se adaptam às regras também fazem parte dos cotidianos escolares. Quando a escola insiste em normalizar esses corpos, curá-los e reorientá-los, ou mesmo quando ações de *bullying* e homofobia não são capazes de fazer com que os corpos transgressores desistam e se evadam das unidades escolares, cria-se um problema para a instituição. A permanência desses corpos nos *espaçotempos* escolares mostra que é possível resistir. É possível subverter regras, normas e (hetero)normas. Deleuze e Parnet (1998, p. 10) dizem que “há devires que operam no silêncio, que são quase imperceptíveis”, devires que irrompem na sedentária demarcação dos dualismos estáticos, fixos: ideia/matéria, corpo/alma, homogêneo/heterogêneo (RÍOS, 2002, p. 114).

O conceito de dobra de Deleuze (2005) é chave para se problematizar a produção de subjetividades que ocorrem através das práticas discursivas que “provocam deslizamentos em movimentos de múltiplos modos de subjetivação” (SILVA; DELBONI, 2016, p. 405). A simultaneidade do dentro e fora mostra que há, na dobra, uma internalização, interiorização do fora. Assim, diz Deleuze,

o lado de fora não é um limite fixo, mas uma matéria móvel, animada de movimentos peristálticos, de pregas e de dobras que constituem um lado de dentro: Nada além do lado de fora, mas exatamente o lado de dentro do lado de fora. (DELEUZE, 2005, p. 104)

E Deleuze (2005) cita quatro dobras:

A primeira concerne à parte material de nós mesmos que vai ser cercada, presa na dobra: para os gregos, era o corpo e seus prazeres, os aphrodisia; mas, para os cristãos, será a carne e seus desejos, o desejo, uma modalidade substancial completamente diferente. A segunda dobra é a da relação de forças, no seu sentido mais exato; pois é sempre segundo uma regra singular que a relação de forças é vergada para tornar-se relação consigo; certamente não é a mesma coisa quando a regra eficiente é natural, ou divina, ou racional, ou estética... A terceira dobra é a do saber, ou a dobra da verdade, por constituir uma ligação do que é verdadeiro com nosso ser, e de nosso ser com a verdade, que servirá de condição formal para todo saber, para todo conhecimento: subjetivação do saber que não se faz da mesma maneira entre os gregos e entre os cristãos, em Platão, Descartes ou Kant. A quarta dobra é a do próprio lado de fora, a última: É ela que constitui o que Blanchot chamava uma "interioridade de espera", é dela que o sujeito espera, de diversos modos, a imortalidade, ou a eternidade, a salvação, a liberdade, a morte, o desprendimento [...] (DELEUZE, 2005, p. 111-112).

Na relação consigo, ao ser submetido à relação de forças, resistindo às forças que vergam, o sujeito pode encontrar estratégias que, ao demarcarem os espaços imbricados nessas relações de poder produtoras de subjetividades, demonstram o seu caráter de instabilidade, possibilitando outros modos de ser sujeito. Foucault (2001, p. 91) chama a

atenção para a existência simultânea de poder e resistências “possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício”. Assim, não se pode deixar de acreditar nas práticas de resistência que movimentam a intrincada máquina de disciplinarização que funciona na escola.

Os cotidianos escolares são *espaçotempos* em que a vida pulsa em sua forma livre e, portanto, a imprevisibilidade é sua mola mestra, via de regra constituindo, assim, um *espaçotempo* propício a “linhas de fuga”, escapes. Segundo Silva e Delboni (2016),

o cotidiano escolar se constitui em um *espaçotempo* praticado por singularidades, enredando o afetivo e cooperativo das práticas, das experiências, das diferenças. No cotidiano escolar, encontramos multiplicidades segmentadas e não segmentadas. As segmentações disciplinares da escola (espaço-tempo, as regras, as normas, as leis) possuem linhas de fuga, devires... Há uma micropolítica que compõe uma individualização normalizante, mas também engendra outras maneiras singulares de funcionar. Aqui, enredamo-nos com Deleuze e Guattari para pensar sobre as linhas de fuga, as linhas “menores”, as linhas moleculares que escapam, que fogem às imagens homogêneas. Operando desterritorializações, as linhas de fuga, as linhas desejanças abrem passagens para os devires, para a “potência nômade”. Ao mesmo tempo, há as linhas molares que operam como uma máquina binária, comprometida com o estabelecimento de valores para afirmar uma imagem como verdade (SILVA; DELBONI, 2016, p. 408).

Pode-se imaginar os cotidianos escolares como um emaranhado de linhas, redes educativas, que se inter cruzam, vindas de todos os lados, e onde há possibilidades de partida para todos os lados. Pode-se imaginar a família, a escola, a igreja e outras instituições como linhas de segmentaridade, as ditas linhas duras, o que Deleuze e Guattari (1995) denominam linhas molares, as quais exigem “enquadramento”, ou melhor, um “alinhamento”, estar na ordem e em ordem. São linhas importantes no processo de subjetivação. Então, pergunto: serei sempre refém das linhas molares? É possível percorrer outras linhas? Há essa possibilidade? Linhas de fuga, talvez? Penso que a própria existência como um/a desviante da norma, da regra instituída já é, por si, uma forma de resistência. A pesquisa desenvolvida nesta dissertação, movimentada por narrativas produzidas pelos/as *praticantespensantes* da educação que participaram de sessões do cineclube (Re)Existência, apontaram para o poder das linhas molares em práticas discursivas e não discursivas que circulam nos cotidianos. Práticas que requerem comportamentos heteronormativos na escola. No entanto, é possível perceber, também, que os corpos que habitam as escolas são múltiplos, difusos, destonantes, que se abrem aos encontros, aos agenciamentos, aos fluxos e, a partir daí práticas de vidas coloridas continuam, resistem e persistem às práticas de captura do saber e do poder

instituídos. Movimentos instituintes resistem e criam possibilidades de vida colorida, mesmo sendo camuflados, invisibilizados.

Quando a professora Cynthia de La Fontaine narra:

Ela era menina só que nasceu guri, ela queria ser guri, o modo dela de ser, de vestir, de falar era como se fosse um menino. E ela era tachada como monstro e me dizia assim: “eu me sinto um monstro nessa escola porque o olhar das outras pessoas, o olhar dos professores [...]”. No intervalo lanchávamos no banheiro. Ela se sentia melhor lanchando ali do que ficar olhando para as outras pessoas e ficar com vergonha [...] (Professora Cynthia Lee Fontaine, 2016).

Pode-se pensar que a atitude da menina que se “sentia melhor lanchando no banheiro” só demonstra o lado cruel da escola, porém, a narrativa me levou a pensar que numa guerra constroem-se barricadas para se defender das investidas do inimigo. Nessa comparação chego a pensar que o banheiro, quiçá, seria a barricada construída dessa menina para “resistir” aos ataques dos olhares preconceituosos lançados sobre ela.

Assim, semelhante aos rizomas que partem em diversas direções, que não possuem começo, mas também não têm a intenção de um fim, e, sim, um “entre”, posso pensar que ao elastecer, minhas linhas eu consiga me interconectar a outras multiplicidades de linhas. A fuga está, talvez, em deixar com um bichano um novelo de lã e, ao final de sua brincadeira, perceber o emaranhado de possibilidades produzidas. Não que se tenha a intenção de encontrar a ponta da linha, pois isso seria a morte, o fim. É no emaranhado que se pode observar as várias possibilidades de fuga criadas, é ali que se considera menos incomum ocorrer a captura.

Silva e Delboni (2016) apontam que nos cotidianos escolares não funciona somente a homogeneização normalizante promovida pela escola, mas outras possibilidades; a multiplicidade acontece no coletivo, e o encontro das singularidades faz surgir devires outros.

3 O CINECLUBE (RE)EXISTÊNCIA: OS FILMES FORÇAM A PENSAR

Num filme o que importa não é a realidade, mas o que dela possa extrair a imaginação.

Charles Chaplin

O que a imaginação tem produzido da realidade através dos filmes que se assiste? Ou melhor, o que os filmes têm permitido que se pense a respeito de nossas realidades, nossas vidas, nossos cotidianos?

O cinema tem papel fundamental neste texto, pois imagens e sons fílmicos foram os intercessores do pensamento. Foram os filmes que me possibilitaram pensar. Na verdade, como diria Deleuze (1990), “forçaram nosso pensamento a pensar”. Pensar o quê? Pensar outras possibilidades, ou vivências possíveis; pensar outros modos possíveis de ser; pensar outros modos de vivenciar o cotidiano; pensar outras formas de vida. Pensar. E pensar para Deleuze (1999) é criar. Assim, quando somos interceptados/as pelos filmes, nossos intercessores, e nos colocamos a pensar, estamos, antes de mais nada, diante da possibilidade de criação. É essa a potência que busco apresentar com o desenvolvimento desta pesquisa. Parto do princípio de que, reunidos/as frente à grande tela de sons e luzes, assistindo a filmes, abrimos possibilidades ao pensamento, à criação e – por que não dizer? – à fabricação de currículos outros.

A ideia de cinema aqui apresentada, em nada se compara ao uso mecânico, rotineiro, às vezes sem propósito do que se desenvolve no interior das escolas nos dias atuais, isto é, o ato de reafirmar conceitos e conteúdos já ministrados e trabalhados, “segurar aula” por ausência de profissionais. Ou seja, o cinema, nessa dimensão, acaba sendo utilizado como instrumento, ferramenta para garantir “certa ordem” em virtude de sua boa aceitação. Dentre as mais variadas formas de usar o cinema em educação, segundo Freitas e Coutinho (2013), estão:

ensinar, memorizar, repetir, explicitar, explicar, tornar claro, enfatizar desde conceitos, saberes, períodos históricos e movimentos artísticos, culturais e sociais, indo até o uso predominantemente disciplinador e normalizador” (FREITAS; COUTINHO, 2013, p. 478).

No entanto concordo com o que diz Dinis (2005), que o uso do cinema como instrumento didático é um equívoco que deve ser evitado, pois,

[...] o cinema pode ser um interessante aliado da educação, não é porque possa ilustrá-la, traduzir didaticamente em imagens e sons os conteúdos formativos da cultura letrada. O cinema e a educação talvez possam fazer alianças pela capacidade de cada um desses campos afetar o outro, não ilustrando, o que seria a repetição do mesmo, mas porque o cinema pode conduzir a educação a novos lugares, a pensar o diferente, pode afetar produzindo um estado de ruído, de estranhamento na função comunicativa da educação de modo a levá-la a novos devires, à emergência de um novo tempo (DINIS, 2005, p. 69).

Assim, a minha proposta com o cinema é que ele violente o pensamento, pois, para Deleuze (1990), pensamento sem a ideia de “violência”, do “forçar a pensar” não é nada mais do que reconhecimento, representação do já pensado. O cinema aqui é potencializador, e ao me forçar pensar, criar ideias, me permite desconstruir e problematizar os cotidianos escolares.

Assim, diz Deleuze (1987),

o que nos força a pensar é o signo. O signo é objeto de um encontro; mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; ele é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento (DELEUZE, 1987, p. 96).

Nesse sentido, necessário se faz pontuar que além de pensar o impensável, o cinema também produz nos corpos o efeito conformador, que consolida representações de sistemas e formas de governo que tem o objetivo de colonizar culturas, saberes e práticas de vida. A exemplo disso é possível citar obras *hollywoodianas* que apresentam histórias compostas de heróis, lutas, vilões, nas quais fica explícito o binarismo bem e mal, cabendo ao espectador torcer para que o herói/mocinho consiga vencer o embate contra as forças do mal e termine ao lado de uma bela jovem, com o já conhecido “felizes para sempre”. Outro exemplo é a maneira como Adolf Hitler utilizou-se do cinema. O ditador se apropriou do meio cinematográfico alemão e o transformou na maior máquina de propaganda cinematográfica nazista. Diana Ribeiro²⁵ traz em seu artigo uma prerrogativa forte de Hitler na Alemanha. Ele concebe a arte como livre, mas deverá acostumar-se a cumprir certas normas. E o cinema comercial é isso, histórias que vendem e que prendem a atenção não por fazer (forçar) o pensamento pensar, mas por permitir a reconhecimento daquilo que, hegemonicamente fomos acostumados a crer, que o bem deve vencer o mal sempre (ALMEIDA, 2014).

Meu intuito com o cinema é pensar conforme propõe Deleuze, pensar o impensável, pois acredito nessa potência que o cinema tem, permitindo pensar um mundo no qual as significações ainda não foram dadas, pensar realidades não vividas, pensar em prol

²⁵ http://obviousmag.org/archives/2010/12/cinema_na_alemanha_de_hitler.html Acesso em 20 nov.de 2017.

daqueles/as subalternizados/as, do “povo menor”, transgredindo o que já está hegemonicamente representado/pensado, e assim transformar vidas coletivas como um todo.

3.1 Luz, câmera, ação: surge o Cineclube (Re)Existência

Luz, câmera, ação! É uma expressão recorrente no mundo do cinema e é trazida aqui para tratar da criação do projeto “Cinema, Infâncias e Diferença: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo” e todas as demais ações que a sucederam.

Luz! É criado o projeto “Cinema, Infâncias e Diferença: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo”, tendo por objetivo problematizar, junto a professoras e professores, *praticantespensantes* da educação da rede pública de ensino do município de Cáceres-MT, concepções de infâncias e diferença a partir de imagens e sons produzidos pelo cinema. As questões que motivaram a criação do projeto têm por base o que diz Maldonado:

Como se constituem, nos currículos, as concepções de infâncias e diferença que habitam o imaginário dos praticantespensantes da educação? Existe um lugar constituído nesse imaginário que seja destinado a habitá-las? É possível desconstruir esse lugar, pensando a partir de filmes que abordem lugares outros para o currículo, a diferença e as infâncias? (MALDONADO, 2015, p. 01).

Fotografia 1 – Banner com o logo do AIE utilizado para divulgação dos filmes nas redes sociais



Fonte: Ateliê de Imagem e Educação, 2016

Todavia o que se pretende não é responder as questões e sim problematizá-las. Compreende-se, a partir dos estudos cotidianos que assumi na pesquisa, que professores/as das redes públicas de ensino, trazem consigo, para a escola, seus mundos culturais.

Câmera! Para efetivação da pesquisa que o projeto “Cinema, Infâncias e Diferença: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo” desenvolveria foi preciso criar na UNEMAT, no *campus* Jani Vanini, na cidade de Cáceres/MT, o AIE. Os/as pesquisadores/as do projeto se reúnem no espaço destinado ao AIE para propor, assistir e pensar sobre os filmes para cada etapa, sessão, a ser desenvolvida no projeto. As reuniões do grupo ocorrem às quintas-feiras e constituem-se em um espaço de diálogo sobre as produções fílmicas a serem exibidas em cada sessão, além das produções acadêmicas resultantes da execução do projeto. Nesse sentido, o AIE se constitui em um espaço de criação e de produção.

Fotografia 2 – Roda de conversa iniciada após a exibição de um filme



Fonte: Ateliê de Imagem e Educação, 2016.

Ação! O Cineclube (Re)Existência nasceu de uma ação do AIE, concebido como *espaçotempo* “destinado a ver, discutir e pensar a partir dos filmes” (NEVES; SANTOS; MALDONADO, 2016, p. 199). Configura-se, assim, em uma proposta de formação continuada com os/as *praticantespensantes* da educação que ocorre em noites de terças-feiras. O intuito das sessões realizadas no Cineclube é “potencializar as conversas entre os/as *praticantespensantes*, percebendo, por meio delas, como os filmes desestabilizam concepções

de diferença, educação, currículo, cotidiano escolar, infâncias” (NEVES; SANTOS; MALDONADO, 2016, p. 200).

Ao final da exibição dos filmes abre-se o espaço para que ocorram “rodas de conversas” com/entre os/as *praticantespensantes*. Tudo é gravado, filmado e, posteriormente, transcrito. Todos/as os/as *praticantespensantes*, ao realizarem sua inscrição para participação das sessões do Cineclube e, em consequência, do processo de formação continuada, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assim, suas narrativas foram/são/serão utilizadas pela equipe do AIE em produções acadêmicas, pois são consideradas “personagens conceituais para compreendermos os mundos culturais dos/ass *praticantespensantes* dos cotidianos e pensarmos as possibilidades propiciadas a partir das novas intercessões” (MALDONADO, 2015, p. 14).

O desejo que cresce rizomaticamente é que eu consiga pensar possibilidades de colorir o currículo, utilizando as multicores presentes nos cotidianos, ou quiçá, sabendo que nos cotidianos o multicolorido se faz presente, buscar “curricular o colorido”. É mais um convite. Um convite para pensar comigo.

3.2 E de repente fez-se cor, e viu ele que o colorido era bom...

Qualquer semelhança com o texto contigo em Gênesis acerca da criação não é simples coincidência. E fez-se a luz²⁶. Que luz é essa? A luz branca. A luz das estrelas e, em consequência, a luz do sol. Luz esta que contém todos os espectros de cor quando se a decompõe, seja através de um prisma ou quando a luz do sol atravessa uma gotícula de água suspensa no ar (nuvens). Ela, a luz branca, sofre refração, assim, ocorre sua decomposição e, então, ela se divide, tornando visíveis as setes cores que a compõem.

E de repente fez-se cor por quê? A cada novo encontro proporcionado pelas sessões do Cineclube (Re)Existência fui percebendo a potência do cinema, a potência das narrativas dos/as *praticantespensantes* da educação e como seus discursos poderiam e podem fabricar determinados tipos de sujeitos. Percebi que suas narrativas tinham o poder de colorir o currículo ou mesmo tirar-lhe as cores, portanto era preciso problematizar, através das conversas, os cotidianos escolares, muitas vezes refletidos pela tela do cinema.

²⁶ Gênesis 1:3.

O processo de escolarização pelo qual passei formou em mim um sujeito duro na escrita e no pensamento. Duro na escrita, porque sempre estava procurando “a verdade” das/nas coisas, pessoas. A razão? Parte disso se deve as duas formações acadêmicas que possuo, a licenciatura em Ciências Biológicas e a licenciatura em Física. Para mim, discutir com números sempre foi mais fácil e não havia a possibilidade de contestações. Nesse sentido, agradeço a Deleuze, pois com ele aprendi a “forçar meu pensamento a pensar”. Obrigado, Deleuze!

O Grupo de Estudos e Pesquisas em Escola, Currículo, Sociedade e Cultura Contemporâneos (GEPecsc) – UNEMAT/CNPq, coordenado pela professora Maritza, foi importante no processo de “amolecimento” do meu pensamento e escrita. O contato com Foucault e Deleuze, nas reuniões de grupo, propiciou-me novas lentes, além de meus dois graus de astigmatismo em cada olho, para olhar o mundo sob outros ângulos, novas maneiras, possibilidades outras. O terreno fértil de possibilidades e ideias encontrado no grupo de pesquisa foi, aos poucos, gerando o desenho do meu projeto de pesquisa, e, pouco a pouco, uma ideia nova e uma possibilidade emergiram.

As “Narrativas coloridas: uma pi(N)tada de teoria *queer* no currículo” nasceram justamente porque fui afetado durante a exibição do filme *Tomboy*, em uma sessão do Cineclube. Nasceu porque senti a necessidade de mostrar as cores, as verdadeiras cores que cintilavam e brilhavam dentro de mim, que brilham dentro de muitos/as outros/as iguais a mim (em condição), como na música *True Colors*, interpretada por Cindy Lauper: “*So don't be afraid to let them show your true colors, true colors are beautiful like a rainbow*”²⁷.

3.3 Pintores/as de currículos, *praticantespensantes* de cotidianos

Este texto, esta pesquisa e o projeto “Cinema, Infâncias e Diferença: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo” só se materializam graças aos/às *praticantespensantes* da educação, *praticantespensantes* de cotidianos, *praticantespensantes* de currículos. Eis que chegou a hora de apresentá-los/las, saber quem são aqueles/as que, com suas narrativas, têm imprimido um colorido a esta dissertação.

O projeto “Cinema, Infâncias e Diferença: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo” caracteriza-se por ser um projeto de extensão e propõe a formação

²⁷ Em tradução livre: “Então não tenha medo de deixá-las aparecerem, suas cores verdadeiras. Cores verdadeiras são lindas como um arco-íris”.

continuada de professores/as da rede pública de ensino de Cáceres/MT através das imagens fílmicas proporcionadas pelo cinema. Assim, inicialmente, foi feita a divulgação do projeto, nas escolas, e a temática que seria abordada nas sessões. Posteriormente, abriu-se um período de inscrições, quando os/as professores/as manifestaram interesse em participar, garantindo, ao final de cada etapa, sua certificação.

Na segunda etapa do Cineclube (Re)Existência a temática abordada nas cinco primeiras sessões foi a diferença, com filmes que tratavam sobre gênero e sexualidade. Fizeram inscrição, inicialmente, para esta etapa, oitenta e nove professores/as. Destas, participaram ativamente das sessões 44 professores/as, os/as *praticantespensantes*.

Em várias sessões o número de participantes superava o inicial (44), mas aqui irei trabalhar com esse número pela assiduidade e colaboração, pois me presentearam com intensas narrativas. No início das sessões os/as *praticantespensantes* foram convidados/as a responder um questionário intitulado de perfil fílmico, a partir do qual foi possível compor um retrato dos/as meus/minhas intercessores/as.

Foram 44 os/as participantes mais assíduos/as, a maioria deles/as pedagogos/as, perfazendo 63,6%; habilitados/as em História, 4,5%; habilitados/as em Geografia, 9,1%; habilitados/as em Letras, 15,9%; habilitados/as em Matemática, Gestão Pública e Ensino Médio, com 2,3% para cada disciplina.

Em relação ao tempo em sala de aula, apenas 10 participantes não tinham lecionado, tendo como única experiência de magistério o exercício do estágio durante a graduação. A grande maioria já possuía mais de dois anos de experiência docente, e 24 exercia a docência há mais de quatro anos.

Outro dado relevante quanto aos participantes é que 68% deles/as já haviam concluído formação *lato sensu* nas mais diversas áreas do conhecimento, indo da psicopedagogia, educação infantil à educação de jovens e adultos, educação especial – libras e linguística.

Assim, as sessões estavam lotadas com aqueles/as que conhecem bem o “chão da sala”, que trazem impregnado o “giz branco” em suas mãos e que vivenciam as dores e delícias de *fazerpensar* a educação todos os dias.

Mas que filmes os/as *praticantespensantes* estavam habituados a assistir? Tinham eles/as uma cultura fílmica? Em quais veículos midiáticos assistiam, se assistiam, as obras cinematográficas? Essas foram algumas das outras indagações que compuseram o questionário do perfil fílmico.

Percebi que os/as *praticantespensantes*, em sua grande maioria, fazem uso do cinema como atividade de lazer, assistindo aos mais diversos gêneros, com ênfase nos filmes de ficção científica e policiais. Quanto aos meios e formas de entrar em contato com as obras, também são os mais variados, passando da TV aberta, locadoras, sites de *streaming* e TV por assinatura.

Durante as sessões foram várias as narrativas que mencionaram a importância dos filmes para pensar os cotidianos, as *teoriaspráticas*, a vida.

Esse filme e o filme anterior, eles têm assim... (...) são várias as relações e uma delas é que eles fazem com que a gente reporte a nossa trajetória e fazem também com que a gente reflita por coisas que já fizemos em muitos momentos e que não faremos mais. (Professora Adore Delano, 2016)

Outras narrativas como:

[...] eu me percebi muito no filme” (Professora Jerick Hoffer, 2016).

[...] achei bárbaro o filme” (Professor Darienne Lake, 2016),

mostram que os filmes escolhidos e exibidos pela equipe do AIE estão, de alguma forma, tocando os/as *praticantespensantes*, realizando a intercessão para que, ao produzirem suas narrativas, talvez produtos de um pensamento novo, também me permita pensar o novo, pensar outras possibilidades possíveis (assim mesmo, com redundância) e impossíveis (pois no pensamento o impossível tem lugar para habitar, para existir) para os currículos e para os cotidianos. Para a vida.

3.4 Os intercessores: os filmes...

Agora é preciso falar sobre os filmes. Filmes pensados pela equipe do AIE para fazer pensar. Filmes que intercederam as discussões, que dispararam narrativas, movimentaram as ideias, o imaginário, sacudiram certezas, tirando-me, às vezes, o chão. Filmes que fizeram ruir o lugar comum, arrebataram, encheram corpos presentes de sensações, emoções e vibrações outras que foram externalizadas nas conversas, através das narrativas, mas também podem ter levado ao silêncio, ao mutismo, à incapacidade de expressão frente ao impacto provocado.

3.4.1 Não consegui parar de pensar dele se olhar e não se vê²⁸

²⁸ Parte da narrativa da professora Tyra Sanchez após a exibição de *Tomboy*, citando as cenas em que Laure/Michael ficava diante do espelho em seu quarto, contemplando seu corpo.

O filme exibido na primeira sessão da segunda etapa do Cineclube (Re)Existência foi *Tomboy*²⁹, filme francês, dirigido por Céline Sciamma, lançado em 2011. *Tomboy* conta a história de Laure (Zoé Héran), uma menina de dez anos que possui comportamentos e modos de se vestir associados ao gênero masculino. A mãe está em período final de gestação e o pai, embora ausente a maior parte do tempo devido ao trabalho, durante o convívio com a família se mostra bastante atencioso. Jeanne (Malonn Lévana) é a irmã mais nova e extremamente carinhosa com Laure.

O filme inicia com a família mudando-se para um condomínio em uma cidade nova, todavia o motivo da mudança não fica evidente. A sequência de narrativas do filme conduzem a acreditar que mudanças como essa é algo recorrente. Nos primeiros dias em seu novo endereço, Laure decide sair de seu apartamento e se encontra com Lisa (Jeanne Disson) para quem se apresenta como Michael. Até então, quem assiste ao filme fica em dúvida se a protagonista se trata realmente de um menino, pois seu nome ainda não havia sido mencionado. Lisa leva Laure/Michael para conhecer as outras crianças moradoras do condomínio. A manutenção da mentira garante a trama. Laure usa várias tentativas e artifícios para garantir que os amigos acreditem que ela seja, na verdade, Michael, e para isso adota posturas e comportamentos semelhantes aos dos meninos: jogar bola, tirar a camisa, cuspir.

Nesse ponto, pode-se pensar: e quando a interpretação acontece em sala de aula, será que estamos preparados/as para agir? Quais atitudes tomar? Seremos, como na cadeira do cinema, meros espectadores? Enquanto *praticantespensantes* da Educação e inseridos/as nos cotidianos escolares percebemos muitas situações que, inclusive, se assemelham às realizadas por Laure, quer seja para não ser notado/a, passar despercebido/a e ignorado/a, quer seja para ser aceito/a por determinado grupo de alunos/as, colegas, entre outros. Esta é uma possibilidade de problematizar o filme.

Outra possibilidade, mais evidente, é em relação aos papéis desempenhados por meninos e meninas, homens e mulheres. Laure se disfarça de menino para jogar bola. Jogar bola é uma atividade atribuída ao gênero masculino? Problematizar essa questão também parece pertinente ou não existiriam atletas como a brasileira Marta, jogadora de futebol, eleita

²⁹ Termo norteamericano que remete à construção da identidade feminina a partir da própria rejeição das feminilidades, buscando uma aproximação das masculinidades, entendendo masculinidades, neste contexto, pela apropriação de um estilo de vida em que as identidades de gênero e, em alguns casos, os desejos se aproximam de características físicas do sexo masculino ou em situações onde esses sujeitos permitem borrar as fronteiras de definições estereotipadas sobre o que é ser homem e o que é ser mulher (PAULINO; NUNES, CASTANHEIRA, 2013, p. 5).

por cinco vezes consecutivas a melhor jogadora de futebol do mundo. E problematizar também a questão da comparação, afinal, no caso de Marta existe sempre a figura do masculino por detrás para dar um grau de superioridade, dando-lhe o título de Pelé de saias. Novamente, o masculino em detrimento do feminino, se não é com Pelé a comparação poderá ser com Neymar. É preciso problematizar.

Fotografia 3 – Cena do filme Tomboy



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Jb-Oys-IcWE>

Surgida a possibilidade de problematização, ou seja, os papéis e atitudes atribuídos a meninos e meninas, a homens e mulheres, para Judith Butler³⁰ a questão do “gênero” não é um problema do campo da “sexualidade”, diz Tiburi (2016). Trata-se, para a filósofa, de um problema político/ontológico que passa, necessariamente, pela linguagem. Ser a menina Laure ou o menino Michel requer uma “performatividade” no corpo daquela criança, que exala efeitos nela mesma e nos outros com os quais ela se relaciona. Laure, mesmo com a pouca idade, já tinha essa noção e causava em seu corpo comportamentos que a levassem a ser vista como Michel. O discurso estava em seu corpo, fervilhando entre isto ou aquilo.

Judith Butler advoga por uma “desmontagem de todo tipo de identidade de gênero que oprime as singularidades humanas que não se encaixam, que não são ‘adequadas’ ou

³⁰ Filósofa pós-estruturalista estadunidense, uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo e da teoria *queer*.

‘corretas’ no cenário da bipolaridade no qual acostumamo-nos a entender as relações entre pessoas concretas” (TIBURI, p. 9).

É notável na trama o papel crucial da irmã mais nova, Jeanne, para a manutenção da mentira de Laure que, através de barganhas, não conta o segredo da irmã para a mãe. Outro fato que chama a atenção é a importância dada por Jeanne ao fato de sua irmã Laure querer se passar por Michael. Jeanne não dá a mínima a essa questão, e quando a verdade vem à tona, se coloca à disposição da irmã como uma amiga sempre presente durante todo o filme.

Fotografia 4 – Cena do filme Tomboy



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Jb-Oys-IcWE>

Talvez a atitude de Jeanne para com sua irmã se justifique pelo fato de ela, Jeanne, ser uma criança, e talvez seja esse um exemplo a seguir para lidar com aqueles e aquelas que se mostram distintos de nós. Jeanne, talvez, ainda não tenha sido capturada pela rede da significação e da representação na qual os adultos, muitas vezes, já se prenderam. Essa rede, cultural e socialmente construída, acostumou o pensamento a pensar a partir de dualismos, de polarizações, de escolhas, de isto ou aquilo. Nessa rede, a identidade é sempre afirmada, e para que isso ocorra a diferença deve ser negada. Para Silva,

a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído (SILVA, 2014, p. 82).

Enquanto Laure tentava compor uma nova identidade, a de Michel, e colocava-se em um entre lugar difícil de ser apreendido pela lógica da representação e da significação, Jeanne, a partir do encontro com a irmã/ão, também vai se constituindo em um entre lugar.

Tomboy é um filme que mostra delicadeza e sensibilidade na forma de abordagem do tema, por isso foi escolhido para abrir essa segunda etapa do Cineclube, quiçá também por meus receios (e da equipe do AIE) em provocar uma debandada no número de participantes, logo no início das sessões. Talvez, também, justamente porque os vários “mundos culturais” estariam compartilhando o mesmo espaço, a sala de projeção, e não se soubesse como esses “mundos” receberiam as imagens fílmicas. Isso, na realidade, sempre será uma incógnita.

O fato é que, de uma ou outra forma, o filme provocou, tocou, comoveu os/as *praticantespensantes*, e um após o outro, nas rodas de conversas que sucederam a exibição, expôs suas narrativas.

Narrativas como a da professora Cynthia Lee Fontaine que narrou sua experiência de ter uma amiga/amigo³¹:

[...] eu conversei com pai dela, com a família dela e eles aceitavam numa boa. Desde pequenininha eles falavam que ela gostava de carrinho, ela gostava de jogar bola, ela brincava só com os guris, falava que meninas eram nojentas e queria ficar só com os guris. Aí com o passar do tempo, ela começou a namorar meninas e os pais aceitavam numa boa. Então, por que, muitas vezes, nós os professores, não aceitamos isso? (Cynthia Lee Fontaine, 2016).

A pergunta da professora Cynthia Lee Fontaine me faz pensar. Pensar e tentar problematizar. Encontrar a resposta? Não. Mas encontrar possibilidades para o porquê “nós, os professores, não aceitamos isso?”, é esse o exercício. E nessa tentativa de exercício deparome com o dito por Louro (2014) e que pode ser uma possível resposta, uma:

Professores e professoras – como qualquer outro grupo social – foram e são objetos de representação. Assim, ao longo do tempo, alinham-se determinadas características, apelam-se para alguns recursos, para falar deles e delas. Essas representações não são, contudo, meras descrições que “refletem” as práticas desses sujeitos; elas são, de fato, descrições que os “constituem”, que os “produzem” (LOURO, 2014, p.103).

Professores e professoras, sujeitos que também constituem e produzem sujeitos, sujeitos outros. Cabe a pergunta: que sujeitos, nós, os/as professores/as, estamos constituindo? Existem Laures nos cotidianos? Como disse anteriormente, possivelmente Laures ou situações semelhantes, mas importa mais o exemplo dado por Jeanne, de reconhecimento de

³¹ Amiga/amigo foi o termo utilizado pela professora em sua narrativa.

sua irmã, independente do papel social desempenhado por ele/a³², quem sabe seja o exemplo de Jeanne algo a ser problematizado.

3.4.2 Eu assustei com a criança, achei a vagina da menina muito pequenininha³³

O segundo intercessor para pensar os cotidianos escolares, o currículo, além de problematizar as relações desencadeadas pelos efeitos da heteronormatividade e da homofobia, foi XXY.

O filme argentino XXY foi dirigido por Lucía Puenzo e lançado em 2007. A trama inicia com o pai de Alex (Inés Efron), Kraken (Ricardo Darín), que é biólogo, dissecando uma tartaruga marinha, e exclama: “É fêmea!”. É essa narrativa do pai de Alex que inicia os primeiros diálogos de XXY, um filme que explora a temática do binarismo de gêneros.

Alex é um/a adolescente intersexual de quinze anos, ou seja, nasceu com uma condição biológica em que seu corpo possui os dois órgãos genitais e demais características de ambos os sexos. Os pais de Alex, criam-na em uma pequena vila de pescadores, no intuito de dar-lhe a opção de escolha, evitando que sofra julgamentos ou preconceitos. Assim, Alex não passa por intervenção cirúrgica ao nascer.

Pode-se pensar que com Alex não aconteceu o “É menino” ou “É menina”, o que, segundo Butler (1993), inaugura todo um processo de expectativas e dá início à fabricação de um corpo masculino ou feminino.

Numa primeira análise é possível imaginar que os pais de Alex fizeram essa opção, ou seja, a não intervenção cirúrgica, justamente pelo conhecimento que possuem, o pai de Alex é biólogo. Geralmente, o sexo (biológico) do/a bebê recém-nascido/a é definido/escolhido (se não houver definição, como no caso dos intersexuais) pelos pais, conforme aponta Paula e Vieira (2015, p. 71):

cabe aos pais a escolha do nome e o registro civil da criança. Eles terão de fazer uma escolha. Nesse momento, é preciso decidir se irão promover uma investigação médica com o objetivo de definir seu sexo biológico. Tal definição orienta a escolha do nome e a entrada do bebê na cultura, na vida social.

Quando Alex sentisse que estava “preparado/a”, ele/a poderia, então, optar por um dos gêneros e, assim, submeter-se à cirurgia “corretiva”. Porém, um dia, sua mãe, Suli (Valeria Bertuccelli), decide acelerar o processo, convidando um casal de amigos para passar uma

³² Em referência a Laure/Michael.

³³ Trecho da narrativa da professora Ginger Minj após a exibição do filme XXY.

temporada em sua casa, o médico cirurgião, Ramiro (Germán Palacios), sua esposa Erika (Carolina Peleritti) e seu filho, Álvaro (Martín Piroyansky). Ramiro é um prestigiado médico cirurgião e atende ao convite de Suli para avaliar Alex, na pretensão de realizar a cirurgia “corretiva”. Entretanto a aproximação entre Alex e o filho do casal, Álvaro, proporciona novas experiências e modifica a vida de todos/as os/as envolvidos/as.

Em dado momento do filme, Alex que faz uso de hormônios, decide interromper sua ingestão, o que deixa seus pais, principalmente sua mãe, desorientados. O filme é de uma astúcia imperiosa ao propor a quebra de inúmeros paradigmas.

Fotografia 5 – Cena do filme XXY



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6BDwRA2w0Hk>

Alex tem uma relação sexual com Álvaro. O pai de Alex surpreende os dois durante o ato. O que prende a atenção do espectador é a surpresa de ver Alex fazendo o “papel de ativo”³⁴ na relação, logo, se presume que Álvaro seja homossexual.

O filme mostra como Alex bate de frente com o binarismo de gênero vigente na sociedade, revelando como os preconceitos e as opressões atingem aqueles sujeitos que não seguem padrões sociais. Alex tem, em seu corpo, um lugar de tensões, que deve ser normatizado pelas pessoas ao seu redor. Os pais, mesmo optando por não realizar a cirurgia

³⁴ Causou espanto durante a exibição do filme nos *praticantespensantes* perceber que era Alex quem penetrava seu órgão genital em Álvaro.

corretiva no momento do nascimento, estimulavam o uso de hormônios para lhe garantir características mais femininas.

Para a sociedade é difícil lidar com o corpo ao qual não se pode atribuir uma definição, um sexo, ou seja, que comportamento esperar desse corpo? Como classificá-lo? Em qual gaveta, caixa, deve ficar? Para Pino,

são corpos que destoam de nossos parâmetros culturais binários, que embaralham e causam estranheza para aqueles que os vê [...] São corpos que deslizam nas representações do que se considera verdadeiramente humano, situando-se nos interstícios entre o que é normal e o que é patológico (PINO, 2007, p. 153).

Justamente por embaralhar as representações e causar estranheza é que se procura encontrar um lugar possível no imaginário para que pessoas, como Alex, possam habitar. Em qual das “caixas” devo colocar Alex? Na “caixa” do sexo feminino ou na do sexo masculino? A problematização gerada pelo intersex vai muito além do que simplesmente responder a essa pergunta e definir a tal “caixa”, pois outro problema pode despontar, ao optar por um dos dois gêneros, masculino/feminino, qual será a outra “caixa” ocupada? A da heterossexualidade ou a da homossexualidade?

Fotografia 6 – Cena do filme XXY



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6BDwRA2w0Hk>

A tentativa de encontrar um lugar possível para Alex e a curiosidade em tentar “entender” quais são as possibilidades do corpo do *outro* se mostraram presentes na narrativa da professora Phi Phi O’hara:

[...] porque teve uma cena que eles ficaram, os dois naquela cena³⁵ [...] eu falei: “ih! Agora vai ser um sexo dos dois lados”, eu falei isso pra minha colega, “já que ele tem os dois sexos, tem os dois então vai ser”. Eu falei: “Ah eu quero ver”. Eu disse isso gente, eu disse isso pra minha colega aqui (Professora Phi Phi O’hara, 2016)

O imaginário é levado a pensar as possibilidades para o corpo do/a intersex, justamente porque ele/a não “encerra um corpo único, mas um conjunto amplo de corporalidades possíveis” (CABRAL; BENZUR, 2005, p. 284).

Fazendo o mesmo exercício de pensamento que fizeram as filósofas Joan Scott em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica (1986)” e Judith Butler em seu livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade (1990)”, em que ambas defendem a construção cultural do gênero, ou seja, não se pode afirmar que, devido ao sexo X, ter-se-á gênero Y. Assim, as genitálias, seja pênis ou vagina, estão presentes no sujeito, mas as suas existências para a sociedade só terão sentido, segundo as autoras, a partir de um olhar cultural.

Voltando a Deleuze (1990), quando alguém questionou os/as *praticantespensantes* sobre qual gênero deveria ser atribuído a Alex e qual a forma como ele/a deveria praticar o ato sexual, uma "violência" deve ter acometido seus pensamentos, pois não houve respostas a não ser acenos de cabeça, assim, é possível pensar que o silêncio manifestado pelos/as *praticantespensantes*, seja a saída encontrada frente à ousadia e violência requerida em produzir e criar uma resposta a pergunta que faz com que se pense fora da caixa, diferente do que habitualmente se é levado a pensar. Os acenos de cabeça, o mutismo e, por vezes, a imobilidade e estática corporal é uma das formas encontradas para responder aquilo que o pensamento teme pensar.

3.4.3 Ele queria dançar, fazer uma apresentação vestido de mulher³⁶

O terceiro intercessor foi Billy Elliot, um filme inglês de 2000, dirigido por Stephen Daldry. A trama conta a história de Billy (Jamie Bell), um garoto que perdeu a mãe e convive

³⁵ A professora Phi Phi O’hara faz menção à cena em que ocorre a relação sexual entre Alex e Álvaro no celeiro.

³⁶ Narrativa da professora Alexis Mateo após a exibição do filme Billy Elliot.

com o pai, Jackie (Gary Lewis), o irmão mais velho, Tony (Jamie Draven) e sua velha avó inválida, Nan (Jean Heywood).

A greve dos mineiros ocorrida no governo da primeira ministra Margaret Thatcher serve de pano de fundo à história. O pai e o irmão de Billy são mineiros, sendo seu pai um dos maiores responsáveis pela greve que gerou uma grande crise social. O pai e o irmão mais velho trabalham duro para garantir o sustento da família. Além disso, o pai ainda paga a escolinha de boxe para Billy, pois o pai acredita que a autodefesa é algo muito importante para um homem e também para um grevista.

Billy vive em um ambiente masculinizado e machista e a única presença feminina é de sua avó doente que sofre perda de memória e é cuidada por Billy. Embora realize o cuidado diário da avó, muitas vezes ela esquece que Billy é seu neto.

Quanto aos papéis masculino e feminino, Gonçalves (2014), aponta:

As construções do masculino e feminino variam histórica e culturalmente nas diversas culturas, civilizações e sociedades. E isso se reflete na análise das articulações da masculinidade e variações na sexualidade e suas representações na dança. Ainda hoje, é tendencialmente hegemônica, a construção social que associa a masculinidade à práticas esportivas como o futebol ou as artes marciais/lutas, enquanto que a feminilidade se associa à dança, ao bordado, a cozinha e ao cuidado com a aparência. A modificação de alguns destes comportamentos é considerada anormal, desviante ou errada (GONÇALVES, 2014, p. 102).

Fotografia 7 – Cena do filme Billy Elliot



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=69RNNex-sig>

O ambiente no qual Billy é criado, educado, *assujeitado*, vai contribuir, no futuro, para o dilema entre escolher fazer aquilo que gosta ou o que socialmente esperam que ele faça.

Outra personagem marcante no filme é o amigo de Billy, Michael (Stuart Wells), um garoto de mesma idade que gosta de vestir as roupas da irmã, de passar maquiagem além de dançar Glam Rock em frente ao espelho. No início, as atitudes de Michael causavam espanto a Billy, mas com o tempo ele foi se acostumando e considerando “normal” as atitudes do amigo. Às vezes, até entrava na “onda”, porém não fazia questão de utilizar toda a produção.

Em seu convívio, Billy tem sua avó que, às vezes, sai de casa sem ninguém ver, parando no meio do nada, esquecida do porquê está ali, mas quando toca uma música animada no vinil, se põe a dançar como nos idos de sua adolescência. Já, o irmão, Tony, vê ruir sua adolescência com a morte da mãe, pois agora tem que ajudar no sustento de casa. A exigência e cobrança que sente acaba por descontar em Billy, pirraçando-o. O pai, Jackie, tem como suas únicas motivações seus filhos após a perda de sua esposa. E, no decorrer da trama, deixa evidente que devota a eles um amor incondicional.

Envolvidos por essa série de eventos, Billy continua fazendo as aulas de boxe, embora perca todas as suas lutas. Certo dia, o professor anuncia que o espaço será compartilhado com as bailarinas e é aí que tudo começa para Billy.

Billy fica responsável por entregar as chaves para a professora de balé, Sandra Wilkinson (Julie Walters). Quando se aproxima de uma garota, Billy é desafiado a fazer os passos e então, entra mais uma vez na onda. Billy se encanta pelo balé. A professora Sandra, o incentiva, mas Billy entra em conflito, pois o balé é associado a homossexuais.

Segundo Gonçalves (2014),

a sociedade impõe comportamentos sociais diferentes para os dois sexos, o masculino, a dominação e a força (simbolizando a agressividade), já o feminino a submissão e a fragilidade, exprimindo os estereótipos aceitos pela sociedade. Nesta perspectiva tradicional e hegemônica, masculino e feminino seriam opostos um ao outro. Logo praticar a dança, mas especialmente, a sensibilidade e expressividade do bale clássico e contemporâneo, se torna algo inadequado para os homens, pois foge a masculinidade tradicionalmente marcada pela rigidez, dureza e instrumentalidade racional (GONÇALVES, 2014, p. 104).

A imposição estabelecida pela sociedade é percebida na narrativa da professora Jerick Hoffer que vem seguida de necessidade. Disse a professora:

(...) essa divisão de coisas de meninos, coisas de meninas e, assim, o que nós professores estamos fazendo para desconstruir isso? “Ah! Jogar bola é de menino, balé é de menina” (...) não ficou explícito a sexualidade dele, mas ele disse para o amiguinho que não era só porque ele dançava balé que ele era... bixa – ele usou esse termo. (...) novamente o que nós professores estamos

fazendo para desconstruir essa coisa de rosa é de menina e azul é de menino. Menino não pode pegar coisa que é rosa, menino não pode brincar de boneca, menina não pode jogar bola... e assim, a gente fala “ah! não tenho preconceito com menino brincar”, mas fica aquela coisinha lá dentro “ah não pode”, porque o medo de sei lá, o menino só porque tá brincando vai virar menina... Precisamos desconstruir isso (Professora Jerick Hoffer, 2016).

Quando se dá conta, Billy está completamente arrebatado pelo balé e sonha entrar na Royal Ballet School. Claro que isso não ocorreu de forma tão sintética. O pai de Billy o proibiu de frequentar as aulas de balé, mas ao vê-lo dançando, um dia, no ginásio, percebeu que o filho realmente tinha talento e passou a perseguir, juntamente com Billy, os caminhos rumo à concretização de seu sonho.

Fotografia 8 – Cena do filme *Billy Elliot*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=69RNNex-sig>

E no imaginário do pai de Billy, o que se passava? O que vão pensar de meu filho? O que vão pensar de mim, enquanto pai? Talvez se defrontasse com essas questões em virtude de sua criação machista. Mas não seria também essa a criação de nossos/as *praticantespensantes*? Logo, é possível, através do filme, problematizar a construção social do machismo e suas consequências também nos cotidianos escolares.

O convívio de lutas, resistências e greves faziam parte do cotidiano do pai de Billy, constituíam nele um tipo de sujeito, um sujeito que via o balé como a representação do “menos” justamente por estar atrelado ao gênero feminino.

Segundo Meyer,

os modos pelos quais características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas, as formas pelas quais se reconhece e se distingue feminino de masculino, aquilo que se torna possível pensar e dizer sobre mulheres e homens que vai constituir, efetivamente, o que passa a ser definido e vivido como masculinidade e feminilidade, em uma dada cultura, em um determinado momento histórico. (MEYER, 2003, p. 14).

Esses modos de ver, de enxergar a representação do que é ser masculino e do que é ser feminino é fator limitante e condicionante de papéis, geram situação de oposição, criam binarismos, restringem o que se pode esperar de alguém pelo gênero (essencialmente biológico) que este alguém “carrega”. E quando o sexo biológico não reflete o gênero que se constitui em um sujeito?

Nós somos muito limitados em levar adiante os sonhos desses alunos que não se restringe a ir para uma faculdade, estudar Direito, Pedagogia, seja lá o que for. Qualquer coisa que foge disso, de querer ser um jogador de futebol, que é uma coisa que os meninos têm bastante sonho, querer ser bailarino, alguma coisa assim, querer ser cantor. A gente fica limitado a essas representações na escola... a gente não tem o que fazer (Professora Alexis Mateo, 2016).

A afirmação da professora Alexis Mateo, “a gente não tem o que fazer”, me faz pensar, pensar possibilidades. É possível *pensarfazer* algo? Talvez se comece ao problematizar situações como essas, as representações de sonhos, de futuros, de carreiras promissoras. Que ideias são carregadas com elas? Problematizá-las e desconstruí-las. Assim, prefiro sempre pensar que é possível *pensarfazer*, “seja lá o que for”.

As cenas finais mostram Billy, após conquistar uma vaga na Royal Ballet School, se despedindo da vizinhança, de seu amigo Michael. Chama a atenção a despedida de Billy e Michael, pois agora já se sabe que Michael é homossexual, ao que Billy cumprimenta seu amigo com um beijo em seu rosto. O filme encerra com Billy já adulto, subindo ao palco para realizar uma apresentação de “O lago dos Cisnes”.

3.4.4 Aquele medo de escutar da boca dele e o ouvir falar que era... Gay!³⁷

Orações para Bobby, filme estado-unidense de 2009, dirigido por Russell Mulcahy, foi o quarto filme exibido pelo Cineclube (Re)Existência. A trama é baseada na história real de Bobby Griffith, e mistura religião, aceitação, homossexualidade, suicídio, amor, o que reflete a realidade de muitos/as jovens, outros “Bobbys” que sofrem os mesmos dilemas.

³⁷ Narrativa da professora BenDeLaCreme após a exibição do filme Orações para Bobby.

Bobby (Ryan Kelley) é criado em um ambiente extremamente religioso. As primeiras cenas plantam a ideia de uma família tradicional que, aparentemente, é unida e feliz, mas como em toda “boa” família há discussões e divergências.

A trama se desenrola quando Bobby conta sobre sua homossexualidade para o irmão, Ed Griffith (Austin Nichols), lhe pedindo segredo. Ocorre que Ed acaba por revelar o segredo de Bobby a sua mãe, Mary (Sigourney Weaver). Mary Griffith é uma mãe extremamente religiosa que segue à risca toda doutrina bíblica, e quando o segredo de Bobby é desvelado, ela imediatamente o leva para se tratar através de terapias e cultos religiosos na intenção de “curá-lo”.

A cura homossexual é, segundo Natividade (2006),

[...] defendida por diferentes denominações, apesar das variadas ênfases cosmológicas e doutrinárias destas igrejas. Assegurando a possibilidade da “transformação” dos indivíduos em ex-homossexuais – enunciada na esfera pastoral como uma “esperança àqueles que sofrem” [...] (NATIVIDADE, 2006, p. 116).

Fotografia 9 – Cena do filme Orações para Bobby



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6KYaI3ER8Xg>

Mary acreditava que gays eram pessoas depravadas, que faziam sexo em banheiro público, promíscuos, que se deixavam levar pelos desejos “carnais” e escolheram ser dessa maneira. Bobby se muda para Portland, consegue um trabalho, um *affair*, mas em uma sequência de cenas, Bobby ouve de sua mãe “Eu não tenho um filho gay” e vê seu *affair* saindo de uma boate gay. Bobby decide, então, dar cabo a sua vida. Bobby pula de uma ponte

sobre uma autoestrada e é atropelado e morto por um caminhão. A cena triste mareja os olhos, pois traduz a realidade de muitos outros suicídios que ocorrem.

Se nós pararmos para pensar um pouco, desde aquele tempo já vem vindo essa luta na relação da família, nas relações da sociedade e, assim, até hoje nos deparamos com muitos jovens que, como o Bobby, deixaram de escolher a vida, procuraram uma solução mais de alívio pra eles. Porque eu conheço muitos que pensam da mesma forma, que o suicídio vai aliviar essa dor deles, tem pessoas que se cortam pra se aliviar... Infelizmente o preconceito ainda é muito grande na sociedade, na família. Alguns dos meus amigos que falam comigo sobre isso, o que dói mais é o modo como as pessoas olham pra eles. Então, nós temos que [...] deixar o nosso humano falar, abraçar eles. Muitos dos jovens que eu conheço necessitam que alguém chegue lá e converse, que não tenha nojo de pegar na mão, porque infelizmente tem sim, pessoas que olham pra eles e tem nojo. Gente isso não existe! Eles são pessoas igual a nós, não é porque eles “optaram” por ser de um modo diferente como as pessoas falam diferentes, gays, lésbicas, que eles vão ser diferentes de nós. Todo mundo é de carne, todo mundo tem osso e, então, voltar mais assim pro nosso humano, lembrar que Deus nos fez a imagem e semelhança dele. Não importa o que outras pessoas pensam deles, eles só querem amar, é o modo de vida deles (Professora Manila Luzon, 2016).

A narrativa da professora Manila Luzon me leva a um questionamento. Quando ela cita que “Deus nos fez a imagem e semelhança dEle”, sou levado a pensar sobre o porquê da condenação pelas diversas religiões a respeito da homossexualidade. Mas também sou levado a pensar por que ao me referir a Deus, devo fazê-lo no masculino. O discurso de amor ao próximo não é superior ao discurso da condenação aos/às homossexuais? Só poderão obter as benesses do “ser a imagem e semelhança de Deus” os/as heterossexuais? Os/as homossexuais, então, são a imagem e semelhança do outro?

É possível perceber essas questões implícitas em períodos bem marcados no filme. Em um primeiro momento, quando Bobby busca aceitação – viver com sua família preconceituosa – as cenas narram trechos do diário que Bobby escrevia sobre suas angústias, seus medos, sentindo-se culpado por sua condição e não enxergando possibilidade de mudança. O diário foi encontrado após a sua morte e serviram para compor o roteiro e algumas cenas do filme.

Em um segundo momento, o arrependimento da mãe, a busca por questionar as verdades que sua religião solidificou em seu imaginário como indiscutíveis, inquestionáveis. E percebendo a sensibilidade e o amor que seu filho tinha, abre espaço para enxergar os/as homossexuais como o são – seres humanos dotados de sentimentos.

As cenas finais contam com o depoimento emocionado, arrependido e militante de Mary na Câmara Municipal de Walnut Creek, onde se deliberava pela implantação ou não do que hoje ficou conhecido como o Dia do Orgulho LGBT.

Fotografia 10 – Cena do filme Orações para Bobby



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6KYaI3ER8Xg>

Homossexualidade é um pecado. Homossexuais estão condenados a passar a eternidade no inferno. Se quisessem mudar, poderiam ser curados de seus hábitos malignos. Se desviassem da tentação, poderiam ser normais de novo. Se eles ao menos tentassem e tentassem de novo em caso de falha. Isso foi o que eu disse ao meu filho, Bobby, quando descobri que ele era gay. Quando ele me disse que era homossexual, meu mundo caiu. Eu fiz tudo que pude para curá-lo de sua doença. Há oito meses, meu filho pulou de uma ponte e se matou. Eu me arrependo amargamente de minha falta de conhecimento sobre gays e lésbicas. Percebo que tudo o que me ensinaram e disseram era odioso e desumano. Se eu tivesse investigado além do que me disseram, se eu tivesse simplesmente ouvido meu filho quando ele abriu o coração para mim... eu não estaria aqui hoje, com vocês, plenamente arrependida. Eu acredito que Deus foi presenteado com o espírito gentil e amável do Bobby. Perante deus, gentileza e amor é tudo. Eu não sabia que, cada vez que eu repetia condenação eterna aos gays... cada vez que eu me referia ao Bobby como doente e pervertido e perigoso às nossas crianças... sua auto-estima e seu valor próprio estavam sendo destruídos. E finalmente seu espírito se quebrou além de qualquer conserto. Não era desejo de Deus que o Bobby debruçasse sobre o corrimão de um viaduto e pulasse diretamente no caminho de um caminhão de dezoito rodas que o matou instantaneamente. A morte do Bobby foi resultado direto da ignorância e do medo de seus pais quanto à palavra “gay”. Ele queria ser escritor. Suas esperanças e seus sonhos não deveriam ser tomados dele, mas se foram. Há crianças como Bobby presentes nas suas reuniões. Sem que vocês saibam, elas estarão ouvindo enquanto vocês ecoam ‘amém’. E isso logo silenciará as preces delas. Suas preces para Deus por entendimento e aceitação e pelo amor de vocês. Mas o seu ódio e medo e ignorância da palavra ‘gay’ silenciarão essas preces. Então... Antes de ecoar ‘Amém’ na sua casa e no lugar de adoração, pensem. Pensem e lembrem-se. Uma criança está ouvindo. (Mary Griffith)

A narrativa, a seguir, da professora Adorno Delano evidencia o pensamento hegemônico funcionando através da engrenagem heteronormativa, mas a professora narra a necessária mudança de comportamentos:

Você não consegue olhar com naturalidade, faz parte, tá dentro, não dá pra deixar de ser assim da noite para o dia. Então, eu penso que isso sirva para gente como um exercício, por mais que a gente diga que não tem preconceito, claro que não vou lá violentar essa pessoa, bater nela. Mas o meu olhar, o meu jeito, a minha expressão fala muito e isso condena e, o outro se sente o pior dos piores. Não precisa nem eu falar, às vezes, até o meu ato de não enxergar o outro se torna pior, aliás nem sei o que é pior, ainda estou a descobrir (Professora Adorno Delano, 2016).

Durante sua narrativa a professora Adorno Delano também se reportou aos filmes, evidenciando que eles ajudam a problematizar, inclusive, as condutas dos/as próprios/as *praticantespensantes*, fazendo surgir a possibilidade de outros caminhos.

[...] é que faz com que a gente reporte a nossa trajetória e que faz também com que a gente reflita em muitos momentos o que já fizemos, em especial, o que não faremos mais (Professora Adorno Delano, 2016).

3.4.5 A vizinhança percebeu que tinha alguma “coisa” de errado com o menino³⁸

Minha vida em cor-de-rosa é uma coprodução da Bélgica, França e Inglaterra, lançado em 1997, dirigido por Alain Berliner. Conta a história da família Fabre, que habita uma vizinhança tranquila e pacata onde todo mundo se conhece.

Fotografia 11 – Cena do filme Minha vida em cor-de-rosa



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=8J_bYqQE9Qc

³⁸ Narrativa da professora Naomi Smalls após a exibição do filme Minha vida em cor-de-rosa.

O choque inicial da trama ocorre quando Ludovic (George DuFresne) faz sua primeira aparição vestindo as roupas de sua irmã, brincos da mãe e maquiagem. A família surpreende-se com a situação. Seu pai, Pierre (Jean-Philippe Ecoffey), tenta disfarçar o constrangimento, dizendo que Ludovic, Ludo, como costumam chamá-lo, é brincalhão e piadista.

Em outra cena, quando sua avó Élisabeth (Hélène Vicent) vai buscá-lo na escola, percebe que ele cumprimenta Jérôme (Julien Riviere), filho do vizinho e patrão de seu pai, e Ludo diz que irá se casar com ele. Sua mãe Hanna (Michele Laroque) percebe que o relato de sua mãe Élisabeth sobre Ludo casar-se com Jérôme é real, e, então, repreende Ludo dizendo-lhe que meninos não se casam com meninos. Ludovic, ciente dessa realidade, acredita que com o tempo se tornará uma menina e conta com a ajuda da fada Pam, uma versão publicitária da boneca Barbie.

Fotografia 12 – Cena do filme Minha vida em cor-de-rosa



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=8J_bYqQE9Qc

Sobre a esperança de Ludovic tornar-se menina, Judith Butler (2003), mencionando Simone de Beauvoir, questiona: “É o gênero tão variável e volitivo quanto parece sugerir a explicação de Beauvoir? Pode, nesse caso, a noção de ‘construção’ reduzir-se a uma forma de escolha?” (BUTLER, 2003, p. 27). Posso pensar, então, que o gênero é algo fluido, flutuante, que tenho a possibilidade de escolher em qual gênero posso me “encaixar”? E Butler (2003, p. 27) continua, dizendo que “Beauvoir diz claramente que a gente ‘se torna’ mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. E tal compulsão claramente não vem do ‘sexo’.

Não há nada em sua explicação que garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea”.

A insistência de Ludovic em expressar feminilidades fez com que sua família buscasse tratamento para “corrigir” possíveis desvios, buscando a construção forçada de traços e características comuns ao gênero masculino. O sofrimento do garoto Ludovic se mostra evidente, pois ele insiste em “querer se tornar uma menina”, única maneira possível para se casar com Jérôme, e, nessa busca, sofre toda uma gama de preconceitos e homofobia.

O filme trabalha com as masculinidades/feminilidades, e, no caso de Ludovic, sugere-se que a sua orientação sexual seja efeito da ausência do pai em sua criação, ou seja, falta o referencial masculino, remetendo, assim, à noção da psicanálise. Para os pais de Ludovic, o amor que sentem pelo seu filho entra em choque, pois se colocam na situação de aceitar ou recusar sua transgeneridade. Outra questão que os cerca é a humilhação e a perda da honra frente à sociedade.

Já nas cenas finais do filme, Ludo, na ansiedade por tornar-se uma menina, espera as cólicas da primeira menstruação, o que o tornaria uma menina de verdade, e sua esperança era tão demasiada que diante da primeira dor de barriga corre feliz pela casa.

Parece que nos incomoda a figura do Ludovic, a figura do menino, o que ele representava, parecia que estava desmanchando as famílias, era algo que fugia da realidade deles, né! Parecia que a família deles iria desaparecer [...] mexeu tanto com eles, que eles queriam que todos desaparecessem dali (Professora Naomi Smalls, 2016).

Ludovic incomodou sua família, foi incomodado por ela, incomodou a vizinhança e recebeu dela o recíproco incômodo também. Ludovic também incomodou a professora Naomi Smalls que narrou como os “Ludovics” nos afetam, nos incomodam, nos tiram o sossego, a paz, nos tiram certezas. Ludovic abala nossas verdades, verdades sobre sexo, sobre gênero, verdades sobre sexualidades. Verdades prontas, postas, rígidas. Verdades que, quando tremidas, podem “desmanchar” famílias. O meu desejo, assim como o desejo da equipe do AIE, aqui é que Ludovic “patrolhe” mesmo, desmanchando não só famílias. Famílias de argumentos heteronormativos e homofóbico. Famílias de preconceitos que não são capazes de se enxergarem no outro. Espero que Ludovic seja capaz de “desmanchar-nos, tornando-nos outros”, construindo novos saberes e práticas para movimentar vidas, cotidianos e currículos. Que, com essa fricção do pensamento oportunizada por Ludovic, sejamos capazes de pensar outros currículos, currículos com mais cor, quiçá um currículo cor-de-rosa.

4 O COLORIDO DAS/NAS NARRATIVAS

*I want to break free
I want to break free
I want to break free from your lies
You're so self satisfied I don't need you
I've got to break free
God knows, God knows I want to break free
(Queen – I want to break free)*

Desde o início minha proposta para este texto é que ele pudesse, de alguma forma, dar pistas de como colorir o currículo. Receita? Manual? De forma alguma. Não pretendo prescrever nada, nem roteiro, nem planos de aula, nada. Então, você pode achar que perdeu seu tempo lendo até aqui. Acredito também que não, pois muita coisa do que você leu até aqui pode ter movimentado algo em você. E se não movimentou, almejo que este dia chegue logo para que possamos tecer mais uma longa conversa. Conversas como as tecidas nas sessões do cineclube. Conversas que trouxeram à tona os cotidianos, experiências, deram vida, isso mesmo, deram vida a esta pesquisa e a este texto.

Conversas sobre infâncias, sobre gênero, sobre sexualidade possibilitaram-me pensar sobre concepções de currículo que movimentam o cotidiano das escolas. Conversas sobre o que permeia a vida dos praticantes/pensantes, conversas ricas em narrativas. Narrativas que sucederam aos filmes, meus intercessores, e, ao mesmo tempo em que vinham à baila, tornavam-se intercessoras de novas narrativas, compondo um grande rizoma de gramínea que cresce rastejando em todas as direções, em todos os sentidos, fazendo conexões, interconexões, com a escola, com a família, com os filmes, com o currículo, com as políticas públicas para educação.

O *espaçotempo* de criação proporcionado pelo cineclube foi muito produtivo, muito criativo. Fez e ainda me faz pensar, a cada instante que leio uma narrativa transcrita das sessões, a possibilidade de criação se materializando. Vejo a possibilidade de um novo pensamento surgir, a enorme capacidade intercessora dos filmes e percebo o quão prazeroso foi (com)partilhar as sessões, regadas à pipoca, muita pipoca. Pipoca com sal e muito bacon para dar aquele gostinho especial, e pipoca doce, doce como a vida deve(ria) ser.

E ao pensar sobre as narrativas produzidas no cineclube, concebidas como personagens conceituais desta dissertação, arrisco-me a compará-las a uma obra de arte, pois ficaram, permaneceram, resistiram. Hoje, essas narrativas movimentam meu pensamento e este texto, mas outros, ao tomarem ciência delas, podem enxergar ali, naquele colorido que foi

narrado, outras cores que eu não enxerguei e, então, poderão produzir novos encontros, outros textos. As narrativas foram esculpidas por aqueles que conhecem o “chão da escola”; foram esculpidas pelos/as *praticantespensantes* da educação com as ferramentas que nada mais são do que as marcas de seus cotidianos.

Reportando-me à epígrafe *I want break free*, grande sucesso do Queen na voz de Freddie Mercury, espero que este texto, estas narrativas, nosso *pensamentopensado* a partir de então, possa nos libertar, nos libertar das amarras dos currículos, digo dos prontos, acabados, dados como certos, dos *currículosmanuais*.

4.1 É possível potencializar as cores do currículo?

Na condição de professor efetivo, uma das minhas atribuições é participar de formações continuadas, e uma questão que sempre apareceu nesses encontros e que me incomodava bastante era: o que é currículo para você? Várias possibilidades de respostas me passavam pela mente, mas sempre ficava a dúvida se a resposta que eu havia dado representava, efetivamente, uma possibilidade “verdadeira” de conceber o currículo.

Durante todo o tempo em que atuo na educação nunca tive a preocupação de buscar uma definição conceitual apropriada para a palavra currículo. O que eu via eram muitas respostas dadas, conceituando-o, mas, para mim, em nada havia similaridade. Os encontros que tive no cineclube e no GEPECCSC fizeram-me perceber que todas as respostas dadas em dado momento tinham força de verdade, ou seja, elas representavam uma possibilidade, um modo de conceber o currículo em determinada época, ou a partir de determinada perspectiva. Mas, mais do que isso, passei a perceber que todas as práticas, discursivas ou não discursivas, que rondam o cotidiano da escola, são, em realidade, currículo. Na sessão do cineclube em que foi apresentado o filme *Tomboy*, a professora Jerick Hoffer narrou:

[...] essa divisão de coisas de meninos e coisas de meninas e, assim, o que nós professores estamos fazendo para desconstruir isso? (Professora Jerick Hoffer, 2016).

A indagação da professora Jerick Hoffer inspirou-me nesta sessão em que me proponho a pensar sobre currículo. Nesse sentido, parto do princípio de que se vive em um mundo diverso, multicultural. Os mundos culturais das crianças, os mundos culturais dos/as *praticantespensantes* da educação invadem a escola e coexistem em seu cotidiano, nem sempre de forma harmoniosa. Mas as relações de saber e poder que circulam nesse ambiente

educativo obrigam as “diferentes culturas raciais, étnicas e nacionais a viverem no mesmo espaço” (SILVA, 2005, p. 85).

Problematizando essa questão, Silva oferece pistas para que não se igualem os diferentes grupos culturais por sua humanidade (SILVA, 2005), pois isso implicaria o desenvolvimento de práticas de respeito, tolerância e convivência pacífica com os diferentes. Ocorre que a ideia de tolerância, por mais carregada de boas intenções que possa parecer, alude à ideia de “certa superioridade de quem mostra “tolerância” e no que tange ao respeito parte de uma ideia de que as diferenças culturais são fixas [...] restando apenas respeitá-las” (SILVA, 2005, p. 88).

Logo, nossa aposta em colorir o currículo não pretende *saberensinar* o respeito e tolerância às diferenças. O currículo colorido que aqui pretendemos *pintar* busca colocar a diferença sempre como alvo de questionamento e problematizá-la.

Assim chego à questão: “é possível potencializar as cores do currículo?” O que motivaria esse questionamento? O currículo que está posto e que é executado/exercido/praticado nas salas de aula de Mato Grosso e do país não é, por acaso, um currículo plural? Um currículo que trata todos/as com a mais “pura” igualdade? Trazendo as inspirações de Silva para esta pesquisa, compreendo que é preciso questionar essa ideia de igualdade quando ela nos descaracteriza. Assim, nesta pesquisa tenho o propósito de incitar os/as *praticantespensantes* da educação a jogarem tinta, mesclarem cores, pincelarem afetos e a esculpirem corpos e almas alegres a partir de um currículo multicolorido.

A tarefa não é simples. Não é apenas entregar pincéis e tinta aos/as *praticantespensantes* e pedir-lhes para pintar. É preciso problematizar qual o tipo de pintura estão acostumados a realizar. Nesse sentido, as concepções de currículo que têm habitado o imaginário dos/as *praticantespensantes* fornecem pistas para pensar sobre as pinturas, os quadros, as gravuras que têm sido produzidos por suas mãos.

A narrativa da professora Detox é um exemplo dessas pinturas que precisam ser problematizadas:

Olha, eu não sei se está certo ou se está errado o que eu fiz na minha sala, mas eu já trabalhei com muitas crianças e já vivenciei muitos casos, tanto com as meninas quanto com os garotos. Teve um que eu achei que foi demais, foi uma coisa assim apareceu demais, sabe? O pai e a mãe certamente sabem, porém não falam e nem comentam. Como professora, eu vi como ele se procedia dentro da sala de aula e eu também tomei algumas decisões. O que eu podia fazer para evitar que ele se manifestasse totalmente como uma menina eu fiz, eu tomava o que era de menina da mão dele dava para uma menina e pegava outro brinquedo de menino e dava para ele. Eu fui lá, nos camelôs, e comprei uns 30 carrinhos daqueles pros meninos né, porque na minha sala tinham 17

garotos, eu pegava aqueles carrinhos e dava na mão dele – “Tome, pegue! Vá brincar com ele, mas cuide bem, na hora de ir embora quero tudo na minha mão, pra guardar na caixinha.” – Aí, ele brincava, brincava... Eu dava para ele o mais bonito, ele brincava, brincava, mas quando a gente descuidava ele ia lá e pegava o da menina, aí eu brigava... (Professora Detox, 2016).

É possível definir a sexualidade de uma criança pelo brinquedo que ela utiliza? Um menino que brinca com bonecas está fadado a tornar-se um adulto homossexual? E a menina que brinca de carrinhos e joga bola será uma lésbica? Que comportamento é permitido ao menino manifestar? E qual comportamento é esperado que as meninas manifestem? A construção de masculinidades e feminilidades é evidenciada na narrativa da professora Detox e mostram que situações como esta não são tão raras, e também não são raras a tomada de atitudes como a narrada pela professora. Ficam evidentes estereótipos ligados ao gênero e, assim, quando a criança brinca com aquilo que tem vontade surge a necessidade de “corrigir o desvio” de conduta que se espera para aquele gênero.

A expectativa de que o sexo biológico irá traduzir o gênero é algo que funciona como natural, automático, porém, o Caderno Temático da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD, que versa sobre gênero e diversidade sexual na escola, aponta que o termo contempla vários fatores, entre os quais o social e o cultural, pois o gênero

remete a construções sociais, históricas, culturais e políticas que dizem respeito a disputas materiais e simbólicas que envolvem processos de configuração de identidades, definição de papéis e funções sociais, construções e desconstruções de representações e imagens, diferentes distribuições de recurso (BRASIL, 2007, p. 16).

A professora Detox deixa evidente, em sua fala, que manifestações e comportamentos que são atribuídos social e culturalmente ao gênero feminino não podem ser exercidos por meninos, mesmo que estes ainda sejam crianças. Tomaz Tadeu da Silva (2005, p. 92) menciona que, quanto às questões de gênero, “o currículo educacional refletia e reproduzia os estereótipos da sociedade mais ampla”, e é possível perceber que ainda reproduz.

Segundo o autor,

os estereótipos e os preconceitos de gênero eram internalizados pelos próprios professores e professoras que inconscientemente esperavam coisas diferentes de meninos e de meninas. Essas expectativas, por sua vez, determinavam a carreira educacional desses meninos e dessas meninas, reproduzindo, assim, as desigualdades de gênero (SILVA, 2005, p. 92-93).

Assim, é preciso “consertar” o comportamento da criança que insiste em assumir um gênero que vai na direção contrária de seu sexo biológico. Barreira (2015) aponta situações análogas à narrativa da professora Detox e problematiza:

uma criança que brinca com uma boneca, por exemplo, pode revelar-se um excelente pai ou cuidador, assim como uma menina que brinca de carrinhos pode revelar-se uma excelente motorista ou mesmo uma mecânica. E, para isso, sua sexualidade não precisa ser discutida, visto que identidade de gênero e sexualidade são temas que caminham juntos, mas que não são a mesma coisa (BARREIRA, 2015, p. 110).

Mesmo quando a escola e o corpo de professores/as se dizem abertos/as ao diálogo, ainda assim é possível perceber as marcas da heteronormatividade ditando regras, impondo critérios e normas sobre as condutas dos/as jovens, como o evidencia a narrativa da professora Alexis Mateo, a seguir.

[...] semana passada nós fizemos um evento lá na escola, aqueles eventos de país, de primavera na escola. E aí, tem um menino lá, do segundo ano, que assumiu a homossexualidade dele na escola e, assim, ele é muito bem aceito, é muito popular no meio de todo mundo. Ele queria dançar, fazer uma apresentação vestido de mulher, ele se empolgou tanto que depois foi lá pedir se podia também desfilhar de mulher. Vestir-se de mulher e não sei mais o quê. Num primeiro momento como a gente não tinha muitas regras e não era um concurso de Miss Cáceres, Miss Brasil, Miss Mato Grosso com suas regras que não pode ter filho, não pode ser de outro gênero, só pode ser mulher e não sei mais o quê. Então fomos pegos de surpresa e, decidimos lá na coordenação e falamos: “Tudo bem, mas você vai ter que encontrar um menino para dançar com você”. Não tínhamos muitos critérios, mas um dos critérios era um casal para desfilhar e tinha que ser um casal: o Mister e a Miss Primavera da escola. Fomos pegos de surpresa porque não é comum a gente lidar com essas situações, aceitamos é claro, a proposta dele, mas a gente não sabe lidar com esses sonhos, com esses anseios, com essas vontades que essas pessoas, que os alunos têm e apresentam para a gente nessas situações, assim, somos bastante preconceituosos e eu queria falar sobre isso, sobre essa questão do sonho mesmo (Professora Alexis Mateo, 2016).

A professora Alexis Mateo narra a surpresa, o deslocamento sentido, juntamente com o corpo docente da unidade escolar, ao receber o pedido de um aluno para desfilhar vestido de mulher no evento daquela escola. O aluno, homossexual assumido, desejando participar do desfile e realizar uma apresentação performática vestido de mulher, acabou por abalar as estruturas daquilo a que os/as professores/as estão acostumados/as, ou seja: em uma unidade de ensino, o ato de extrapolar as barreiras do gênero e do que está destinado a ser exercido por homens e por mulheres ainda é um tabu a ser vencido.

Prova disso é que a aceitação para que o aluno desfilasse vestido de mulher era encontrar um parceiro do sexo masculino, afinal o critério estabelecido (mesmo que a professora Alexis Mateo tenha dito que não havia muitos critérios) era ser um casal. Nesse

ponto pondero: O que é considerado um casal? Qual a definição de casal aceita pela professora Alexis? E pelo corpo docente da escola? Percebo que, ao mesmo tempo em que a escola permite ao aluno a realização do seu desejo, ou nas palavras da professora Alexis, “seu sonho”, acaba também por impedir sua realização, condicionando-a à aceitação de outro colega da escola para desfilar com o aluno vestido de mulher.

O medo ou a falta de conhecimento se constitui em um grande empecilho para que profissionais da área da educação possam abordar a homossexualidade a partir de uma perspectiva de possibilidade. Visto que a negação para com essa expressão do desejo é aprendida desde a mais tenra idade, torna-se difícil modificar as representações que creditam à heterossexualidade a forma “normal de comportamento” (PRADO; RIBEIRO, 2015, p. 141).

Na sequência de sua narrativa, a professora Alexis Mateo deixa evidente que a “imposição” do critério “casal”, problematizada acima, fez com que o aluno não concretizasse o desejo de participar do Mister e Miss Primavera da escola, trajando roupas atribuídas ao vestuário feminino.

Ele não conseguiu um parceiro, então, assim, por mais que ele tem boa relação na escola, todo mundo o conhece, ele é engraçadinho, ele conta piada, ele fala com todo mundo, ele não conseguiu um menino que quisesse desfilar com ele para que ele pudesse desfilar de menina/mulher, ele não conseguiu um parceiro. Então, ele desfilou vestido de homem mesmo, né?! Mas fez apresentação que abriu o desfile, uma performance (vestido) de mulher (Professora Alexis Mateo, 2016).

Na narrativa de Alexis Mateo percebo que o bom relacionamento que o aluno tem dentro da unidade escolar não foi suficiente para encontrar um parceiro e, assim, atender a (única) regra imposta. Abro um parêntese aqui para refletir sobre o que teria levado aquele aluno a não encontrar um parceiro. O provável parceiro não teria ficado com medo ou receio de ser ridicularizado ao desfilar ao lado de um garoto vestido de garota? Ser apontado? Ter confundida sua orientação sexual? Virar alvo de piadas e chacotas? São perguntas que não precisam ser respondidas aqui, neste momento, mas que me levam a pensar que é preciso falar mais sobre gênero e sexualidades “dentro” dos muros escolares, em sala de aula. Com todos os desafios postos o jovem ainda resistiu, subvertendo a norma, e a escola presenciou um menino vestido de mulher abrindo a apresentação de um desfile.

É inegável que se admita que os/as jovens discutem abertamente questões de gênero e sexualidades, porém o assunto parece virar tabu no interior da sala de aula; falar ou discutir a esse respeito passa ser algo proibido, como se existisse um local mais apropriado para se falar sobre gênero e sexualidade, e a sala de aula não seria esse lugar mais adequado.

Mais recentemente, nas análises que consideram também as dimensões do gênero, da sexualidade ou da raça, aprende-se, no currículo oculto, como ser homem ou mulher, como ser heterossexual ou homossexual, bem como a identificação com uma determinada raça ou etnia (SILVA, 2005, p. 79)

O currículo oculto apresenta regras e normas que não estão explícitas no currículo oficial, mas que influenciam os cotidianos escolares. No currículo oculto aprende-se a exercer os papéis de gênero homem/mulher, aprendem-se os comportamentos desejáveis para cada um/a deles/as, aprende-se a ser heterossexual e aprende-se a ser (ou não ser) homossexual. Poder-se-ia questionar o porquê de nomeá-lo “oculto”, pois não se veem todas as artimanhas que ele provoca em todos/as – alunos/as e professores/as? Talvez a ideia de ocultá-lo seja para não ter que repensar as práticas pedagógicas já exercidas e utilizar a frase “sempre foi assim”. Retornando ao desfile Mister e Miss Primavera, e à noção de casal estabelecida nas regras, não precisou ser dito – “casal é constituído de homem e mulher”. Essa é uma ideia implícita, ou seja, passa a compor o currículo oculto da escola, a qual estabelece como verdade a ideia de casal: duas pessoas com sexualidade definida e oposta, ou seja, o casal aceito só pode ser hétero.

É, esse quadro precisa ser pintado novamente. É preciso colorir o currículo. Colorir o currículo oficial, borrar suas cores, se nele houver, e se não houver, colori-lo com as cores de cada um.

4.2 Como colorir o currículo oficial?

A implementação de um currículo “oficial”, criado para ser a “cara”, o “retrato” da educação nacional, não acontece de forma harmônica e tranquila. Não se trata apenas de tirar este ou aquele conteúdo, ou ensinar isto ou aquilo. Trata-se de uma disputa de poder. O currículo é alvo de disputas, é um campo minado e um território de embates e debates (SILVA, 2005). É através do currículo que a escola vai exercer sua força e controle sobre os sujeitos, alunos/as e professores/as, regulando o que pode e o que não pode ser dito, ensinado, aprendido, manifesto. Assim, o que dele fizer parte assumirá força de enunciação de verdades.

Mas quais verdades são permitidas, enunciadas, no currículo oficial? Que discursos podem ser proferidos e repetidos sem sofrer sanções? Questões de gênero e sexualidades têm “vez” no currículo oficial? Fazendo uma análise a partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/96 – LDBEN, e, após sua criação, a instituição dos

Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, constata-se que questões que envolvem gênero e sexualidades passaram a fazer parte do currículo através dos temas transversais.

Interessante! Gênero e sexualidade agora podem ser trabalhados na escola sem problema algum. Ledo engano. Professores/as, no início, sentiam-se despreparados/as para trabalhar com o tema, creditavam maior capacidade e tato aos/às professores/as de biologia e ciências. Ok, tudo bem! Então, professores/as de biologia e ciências estão aptos a abordar o tema em sala de aula, mas na maioria das vezes não adentravam em assuntos polêmicos por receio da família.

Esses professores tendiam a se limitar a seus conteúdos e a abafar o tema da orientação sexual, seja porque consideravam não ter formação que os habilitassem a trabalhar com o tema, seja apresentando como justificativa o formato estrutural que pouco tempo lhes dá para preparar suas aulas, fazendo com que se limitem aos conteúdos previamente definidos e exigidos para a disciplina que lecionam. Tais condições produziram uma tendência de enfraquecimento do tema da orientação sexual no cotidiano escolar, apesar de alguns professores espontânea e informalmente transmitirem informações sobre sexualidade, prática que, na maioria das vezes, ficaria restrita ao espaço das aulas de ciências (NASCIMENTO; CHIARADIA, 2017, p. 106).

É válido notar que o tema orientação sexual aparece formalmente no currículo nacional com o objetivo de dar respostas às questões referentes à sexualidade que perturbavam o cenário das escolas, à época, por exemplo, gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis, reflexo da iniciação sexual cada vez mais precoce dos/as jovens.

O fato é que o tema, por mais polêmico e alvo de controle e regulação, sempre esteve presente nos cotidianos escolares, até porque esses cotidianos são habitados por meninos e meninas que trazem consigo suas sexualidades para a escola. Louro (2000, p. 47) afirma que “apesar dos esforços ou da pretensão de alguns, a sexualidade de meninos e de meninas, de jovens e de adultos não consegue ser mantida fora da escola, destinada apenas ao uso externo”.

O poder público, reconhecendo a importância e a relevância do tema e a necessidade de ser abordado em sala de aula, passou a investir em materiais e capacitação para os/as professores/as, sendo a falta desta a justificativa para que os/as profissionais da educação não abordassem temas considerados polêmicos (NASCIMENTO, CHIARADIA, 2017). Ainda segundo as autoras,

[...] nas últimas duas décadas, vários materiais didáticos e paradidáticos foram produzidos para auxiliar os professores, tentando contemplar a educação básica. Principalmente, eles foram estimulados a se educarem sobre o tema da sexualidade por meio de cursos fornecidos pelas escolas e pelas diferentes instâncias do poder público. Tanto nos espaços da educação formal como nos espaços em serviço, a

sexualidade gradativamente foi fazendo parte dos assuntos do perfil profissional de quem escolheu atuar na educação básica e não foi mais possível a estes profissionais se negarem a participar do processo orientação sexual nas escolas (NASCIMENTO, CHIARADIA, 2017, p. 111).

Com um vasto material à disposição e inúmeros cursos de capacitação sobre gênero e sexualidades oferecidos pelas mais variadas instâncias ligadas à educação, desde institutos a universidades, realmente não haveria justificativas que motivassem professores/as a se esquivarem do tema e não trabalhá-lo em sala. Professores/as passaram cada vez mais a realizar uma abordagem do tema nas salas de aula, manifestando suas opiniões e posições. Mas essas atitudes não poderiam gerar sanções aos/às professores/as? Correriam o risco de ser censurados/as no exercício do magistério pelo simples (porém não tão simples) fato de abordarem gênero e sexualidades em suas aulas? Censura ao exercício docente. Não! Será? Em nome da tradicional família brasileira, movimentos foram iniciados em prol da “não ideologia de Gênero nas escolas”. Nota-se que esse movimento, que se transformou em um discurso forte difundido por igrejas e instituições educativas, trouxe em seu bojo a concepção de família tradicional como a verdadeira forma familiar, constituída por um homem e mulher.

O MESP, fundado em 2004, pelo advogado Miguel Nagib, passou a ser presença constante nos debates educacionais. O movimento nasceu com a agenda de evitar “o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior³⁹”. Aos poucos, agregou, como uma de suas bandeiras, o combate à “ideologia de gênero⁴⁰” e, assim, passou a contar com apoio de grande parte do parlamento nacional composta de religiosos conservadores e fundamentalistas (MIGUEL, 2016).

O Plano Nacional de Educação – PNE, aprovado em 2014, após longas discussões e conferências, teve retirado do texto aprovado quaisquer assuntos em que a temática tivesse relação com a palavra gênero. No ano seguinte foi a vez das Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais votarem e aprovarem seus respectivos planos. E o que se viu? Assembleias e câmaras lotadas de pessoas claramente conservadoras que exigiam a retirada de questões de gênero de seus respectivos Planos. E isso produziu o efeito cascata. Dizer que o MESP é o principal responsável por esse retrocesso é dar-lhe um título e importância que talvez não mereça. As articulações do MESP com os vários setores conservadores da

³⁹ Disponível no site do MESP < <https://www.programaescolasempartido.org/movimento> > Acesso em: 19 de set de 2017.

⁴⁰ O MESP parte do pressuposto que a intenção de professores/as é doutrinar as pessoas a terem determinado comportamento de gênero e/ou sexual. Em sua defesa, professores/as, militantes feministas e homossexuais argumentam que o desejo é que haja um debate saudável sobre gênero e sexualidades nas escolas.

sociedade, aliadas à massa de deputados defensores da família tradicional e fundamentalistas foi o fator decisivo para esse retrocesso.

Os reflexos das ações conservadoras puderam ser sentidos no texto final da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017). Após apresentar a versão final para a imprensa, o MEC entregou a versão definitiva para homologação do Conselho Nacional de Educação – CNE – (que ocorreu em 20 de dezembro de 2017) com a retirada dos termos gênero e orientação sexual do texto. A palavra gênero não foi retirada de todo o texto. Segundo o MEC, a retirada evita redundâncias, mas o que se observa é que da forma com que foi mantida no texto, a palavra gênero não dá conta de responder a todos os questionamentos referentes à identidade de gênero e à orientação sexual⁴¹.

Miguel (2016) aponta para um efeito ainda mais um grave dessa ação:

ao vetar do vocabulário escolar os termos “gênero” e “orientação sexual”, o projeto impede que vastos setores do conhecimento produzido na sociologia e na psicologia cheguem ao ensino. A meta é evitar qualquer questionamento da percepção naturalizada dos papéis sexuais. Com isso, fica impedido o combate a formas recorrentes de violência ocasionada por gênero, dentro e fora da instituição escolar, culminando no feminicídio e no assassinato de gays, lésbicas e travestis. A defesa da instituição familiar, “base da sociedade”, é um objetivo que parece compensar tais problemas – que ficam completamente invisibilizados (MIGUEL, 2016, p. 607).

E com tantos desmandos, desmanches e retrocessos é ainda possível colorir o currículo? Como se pode borrar suas fronteiras? O currículo é um passo que se dá a cada dia. É o movimento que se faz ao percorrer distâncias, passo a passo, um após o outro, caminhar. Ao comparar o caminho que faço de casa ao trabalho todos os dias, de uma coisa posso ter certeza: ainda que o trajeto seja o mesmo, o movimento que o caminho faz em mim é outro, as pessoas são outras, a brisa é outra, a sensação é outra. Nesse sentido, não há como ensinar a colorir, a borrar o currículo. É preciso fazer movimento. Movimentar, mexer. Questionar, espantar, estranhar, admirar e problematizar. Problematizar e desconstruir os caminhos tidos como verdadeiros e infalíveis, reais e aceitos. E por que não gênero? E por que não sexualidade? Questionar por que incomoda tanto a permanência delas no currículo, questionar a quem agrada sua retirada.

As narrativas dos/as *praticantespensantes* da educação mostram que questões de gênero e sexualidades são algo pungente nos cotidianos escolares. Mostram que não é a supressão dos termos gênero e orientação sexual que vai fazer calar a voz, os gritos daqueles/as que clamam ser ouvidos/as.

⁴¹ Reportagem Revista Nova Escola “Gênero” e “orientação sexual” tem saído dos documentos sobre Educação no Brasil. Por que isso é ruim? Publicada em 11 de abr de 2017.

Ei, professores/as! Fiquem alertas. Olhos e ouvidos bem abertos para as investidas que o setor mais conservador da sociedade e do Congresso Nacional está fazendo no currículo. Inicialmente atacaram o Plano Nacional de Educação em todas as suas instâncias. Posteriormente, foi a vez da BNCC. E as investidas não param, inclusive, no sentido de limitar o papel dos/as professores/as, fazendo deles/as, meros transmissores de saberes, através do Programa Escola Sem Partido⁴². Assim, realmente ficará difícil colorir o currículo.

Mas a vida pulsa, *o pulso ainda pulsa*. E enquanto houver vida pulsando nos cotidianos escolares haverá possibilidades. Haverá subversões. Haverá gritos a serem ouvidos. Haverá histórias para serem contadas. Histórias problematizadas. Haverá vida. Vida que nem sempre segue as regras de um currículo, por mais “oficial” que ele seja. Vida que subverte a própria maneira de viver. É sobre essa vida pulsante que vou falar agora.

4.3 Os cotidianos que pintam e borram o currículo

O currículo oficial é criado e pensado de modo a atender a realidade nacional, mas diante das dimensões continentais do Brasil, sabe-se que essa tarefa é, no mínimo, impossível. Agregar o máximo de conhecimento de forma obrigatória - Opa! Desculpe-me a expressão, não é obrigatória e sim base comum - não é empecilho para que discrepâncias educacionais ainda ocorram. E isso não tem nada a ver com a matéria que está posta no quadro, com a forma com que é ensinada. A problematização a ser feita vai muito além do que esses temas, também importantes, e para além deles existem outras questões nessa história.

A notícia do garoto de oito anos que desmaiou de fome⁴³ em sua escola no Distrito Federal é a prova de que o que acontece fora da escola também tem seus reflexos dentro dela. A notícia é usada aqui como um dos muitos exemplos existentes, só para fazer lembrar que outros fatores externos aos muros escolares reverberam cotidianamente nas salas de aula.

Esses reflexos, e é isso que influencia as vidas nos/dos cotidianos escolares, não podem e não conseguem ser previstos em nenhum currículo “oficial”, por mais abrangente que ele queira ser. É impossível! E digo com a certeza da afirmação. Com Ferrazo e Carvalho (2012, p. 7) entendo que

⁴² O Programa Escola Sem Partido integra uma das ações do MESP que é aprovar projetos de leis nas Câmaras, Assembleias e no Congresso Nacional que limitem a atuação de professores/as, impedindo também que, estes/as promovam suas crenças particulares dentro de sala de aula.

⁴³ Reportagem do G1. Disponível em < <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/sem-almoco-aluno-desmaia-de-fome-em-colegio-a-30-km-de-casa-no-df.ghtml> > Acesso em: 19 de nov de 2017.

o currículo não pode ser pensado unicamente como texto prescrito e/ou rol de objetivos, conteúdos, metodologias e avaliação. O currículo se expressa como *práticas políticas* de expressividade (conversações e narratividade), pois, por meio das experiências que povoam a paisagem da escola, podem-se constituir círculos ampliados e diálogos em torno de temáticas que nos passam em suas múltiplas dimensões (grifos dos autores).

É a vida que se move dentro e fora dos muros escolares, partindo do imprevisível, do novo e do sempre novo. Os cotidianos são criação constante. Nesse sentido, os cotidianos escolares são arte. Os cotidianos escolares podem ser entendidos, segundo Oliveira (2003), como

espaço privilegiado de produção curricular, para além do previsto nas propostas oficiais. Especificamente no que diz respeito aos processos de ensino-aprendizagem, as formas criativas e particulares através das quais professoras e professores buscam o aprendizado de seus alunos avançam muito além daquilo que poderíamos captar ou compreender pela via dos textos que definem e explicam as propostas em curso. Cada forma nova de ensinar, cada conteúdo trabalhando, cada experiência particular só pode ser entendida junto ao conjunto de circunstâncias que a torna possível, o que envolve a história de vida dos sujeitos em interação, sua formação e a realidade local específica, com as experiências e saberes anteriores de todos, entre outros elementos da vida cotidiana. Pensar em alternativas curriculares a partir dessa forma de percepção nos encaminha para um diálogo sem preconceitos com os educadores que, estando nessas escolas, produzem saberes e criam currículo, cotidianamente (OLIVEIRA, 2003, p. 68-69).

Logo, quando penso que as narrativas dos/as *praticantes pensantes* da educação subsidiam-me a pensar o currículo de outro modo, de outra forma, com outras cores, com múltiplas cores, anco-ro-me naquilo que é concebido por Oliveira (2003) e partilhado também por Ferrazzo (2012): as narrativas, tanto as ocorridas nas sessões do Cineclube (Re) Existência quanto aquelas que ocorrem nos *espaços tempos* escolares, acabam por produzir currículos e, assim, “pode-se dizer que existem muitos currículos em ação nas escolas” (FERRAZO; CARVALHO, 2012, p. 10).

As narrativas produzidas nas sessões do cineclube, em um momento de formação de professores/as, demonstram, em certa medida, como o quadro curricular está sendo pintado; mostram que os “mundos culturais”, crenças, valores e posições religiosas estão presentes nos cotidianos escolares, imprimindo marcas, às vezes seguindo o pensamento hegemônico e, em outras, se distanciando dele. Mas, além disso, percebo que essas marcas são reflexos de um currículo que surge dos agenciamentos entre os sujeitos.

Ao adotarmos a perspectiva de que tudo o que ocorre dentro ou fora da escola faz parte do currículo, abre-se-nos a possibilidade de problematizar situações como a narrada pela professora Latrice Royale:

Um lado era de meninas e o outro era de meninos, no centro também eram só meninos. Tinha uma menina que sentava sempre do lado dos meninos e também tinha um menino que sentava só do lado das meninas (Professora Latrice Royale, 2016).

E aqui questiono: quem definiu que meninos e meninas devem ficar em lados opostos? O que fazer quando existem meninos e meninas que se opõem a fazer o que lhes é estabelecido, como no exemplo, ficar no “seu lado” da sala? Situações como esta são rotineiras e cotidianas e *fazemproduzem* currículo. Um currículo não oficial. Um currículo não prescrito. Um currículo *tecidoproduzido* em conjunto, na relação dos sujeitos, um currículo em redes. Um currículo, é válido notar, constituído e constituidor de subjetividades.

Os cotidianos escolares são como uma bucha esfregando a parede recém-pintada do currículo oficial. Acabam por borrar toda a pintura, acabam por ignorar as restrições, as censuras. Restrições e censuras como as questões de gênero e sexualidades. Questões estas que estão presentes nos *espaçostempos* escolares e se fizeram presentes na narrativa da professora Sasha Belle:

Eu estou com um aluno do primeiro ano, ele tá muito apático e a gente percebe que é orientação sexual dele e quem não percebe é porque não quer perceber. Teve a entrega de notas esses dias e eu chamei a mãe dele em particular para conversar e falei, contei a situação para ela, o que estava acontecendo, falei para ela assim: “você já pensou bem sobre a orientação sexual dele?” - e ela me respondeu: “professora eu já estou desconfiada só que o pai dele vai matar ele”. Então eu disse que o aluno, filho dela, já havia me contado e estava procurando uma maneira de falar para ela. Eu disse a ele para falar para senhora todos os dias “eu te amo”, pois eu tenho a certeza que a senhora vai aceitar e ela ficou tão contente, meio desconcertada e falou que iria conversar com o menino. Eu não sei se eu afastei o menino da escola, mas já está com uma semana que ele não vai à escola (Professora Sasha Belle, 2016).

A professora Sasha Belle descreve, em sua narrativa, um comportamento que acredita estar influenciando negativamente a aprendizagem de seu aluno. Recorre à mãe, relata a situação e, por fim, fica com a dúvida se tomou a atitude correta. Você poderia pensar que a professora não deveria contar para a mãe, que ela deveria apenas encorajar o aluno a contar, ou que ela deveria ter ido por outro caminho. Porém o que quero enfatizar aqui é que, independente do caminho, do trajeto a ser percorrido pela professora Sasha, o currículo oficial não é capaz de prever situações como esta, e não é capaz de identificar o que realmente motivou o abandono do aluno. A professora Sasha Belle, em sua narrativa, diz que o aluno estava apático apenas, mas a apatia é preciso ser problematizada. Era uma apatia somente no contexto escolar? O aluno era vítima de bullying? Alvo de piadas? Preconceitos? Ou então a situação que o incomodava acontecia no contexto familiar? É preciso levantar todas as

possíveis causas e problematizá-las, pois algo estava incomodando o aluno e, possivelmente, estava refletindo em seu aprendizado. Desse modo, compartilho da ideia de Ferraço (2008):

Se pensarmos cada sujeito como inserido em diferentes contextos de vida, não há como desconsiderar que suas possibilidades de conhecimento estão relacionadas às relações entre esses contextos. A história de vida de cada aluno ou aluna não é uma história apenas pessoal, descolada dos contextos sociais, econômicos, políticos e culturais que existem. Há, então, diferentes possibilidades de conhecimento para os alunos que precisam ser consideradas e ampliadas quando nos dedicamos a pensar ou a realizar o currículo nas escolas (FERRAÇO, 2008, p. 19-20).

Assim, para além dos textos e escritos oficiais que determinam o que deve ser ensinado e como deve ser ensinado, entendo que os cotidianos escolares *criam* currículos e, por esta razão, “pensar os currículos de uma escola, implica, então, viver seu cotidiano, o que inclui, além do que é formal e tradicionalmente estudado, toda a dinâmica das relações estabelecidas” (FERRAÇO, 2007, p. 75).

Em um currículo produzido cotidianamente é bem possível haver espaço para uma pedagogia *queer*, e é isto que proponho a seguir.

4.4 *Queer*: a pi(n)tada que falta no currículo

É possível colocar uma pi(n)tada de teoria *Queer* no currículo? Não seriam as cores do *Queer* que fazem falta ao currículo e, por isso, é preciso dar-lhe uma pi(n)tada? Tentar colorir o currículo utilizando-se a teoria *Queer* exigirá dos *praticantespensantes* da educação um esforço, um exercício de pensamento, pois, nas palavras de Louro (2016, p. 48), “como uma teoria não propositiva pode “falar” a um campo que vive de projetos e de programas, de intenções, objetivos e planos de ação?”. A normalização e o ajustamento fazem parte dos objetivos da Educação (LOURO, 2016) e são alvos de problematização da teoria *Queer*. Realizar o casamento teoria *queer* e educação chega a ser tão complicado quanto misturar água e óleo⁴⁴. Mas não seria o caso de agitar bem para que não fosse possível diferenciar o que seria a água e o que seria o óleo? Agitar. Agitada ficaria a educação com uma pi(n)tada de *queer*. Agitada, perturbada, excitada.

⁴⁴ Uso a analogia da mistura de água e óleo para remeter ao questionamento de Louro (2016, p. 48) “Como um movimento que remete ao estranho e ao excêntrico pode articular-se com a Educação, tradicionalmente o espaço da normalização e do ajustamento?”, é sabido que água e óleo formam uma mistura heterogênea com duas fases: uma fase composta pela água, substância molecularmente polar; e uma fase composta pelo óleo, substância molecularmente apolar. Quando agitada a mistura de água e óleo formam-se minúsculas partículas de água e de óleo, tornando a mistura pastosa e esbranquiçada dando a impressão que água e óleo fundiram-se.

Nascida na segunda metade da década de 1980, a teoria *queer* questiona e critica o binário hétero-homo e a fixidez dos modelos identitários. O termo foi cunhado por Teresa de Lauretis, em 1991, como forma de agregar um conjunto disperso e também diverso de pesquisas (MISKOLCI, 2015, p. 32). O termo *queer*, que na língua inglesa é uma forma pejorativa para se referir a homossexuais, algo como bicha, anormal, esquisito, é alçado, então, à bandeira de resistência. O movimento *queer* se contrapõe ao movimento homossexual no que tange ao espírito político de luta. O movimento homossexual busca a aceitação, adequando-se aos valores hegemônicos; já os *queer* questionam tais valores que são sustentáculos da heteronormatividade. Assim, as pessoas que rejeitam as normas impostas pela sociedade são insultados/as, apontados/as, são *queer*, bichinhas, abjetos, anormais. Todavia mesmo aqueles/as que seguem o padrão heteronormativo, ou seja, o homem gay tipicamente masculino e a mulher lésbica tipicamente feminina também sentem a carga violenta e injusta dos modelos heterorreprodutivos (MISKOLCI, 2015, p. 25).

Nas palavras de Louro (2001),

queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler, a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homófobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. Este termo, com toda a sua carga de estranheza e de deboche, assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se com a normalização - venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante (p. 546).

Dessa maneira, torna-se impossível qualquer forma de definição, pois a teoria *queer* não pretende ser prescritiva e normativa. Ela “privilegia estratégias desconstrutivas” (LOURO, 2012, p. 366), questionando a heteronormatividade compulsória da sociedade ao promover o rompimento com a lógica de binarismos.

Se a proposta é dar pi(n)tadas de *queer* no currículo, como fazê-lo considerando-se que a teoria *queer* é subversiva, não normativa, provocadora e o campo da educação é justamente o seu oposto, regulador, normativo, prescritivo, normalizador e outros “es”? Seria possível realizar essas pi(n)tadas no currículo? Louro (2012, p. 366) chama a atenção para o risco de “institucionalizar o *queer*”, pois, ao tentar inserí-lo no currículo (como sendo mais um componente da matriz curricular ou mesmo mais um teoria das muitas existentes na área

educacional), corre-se o risco de comprometer seu caráter subversivo, promovendo-se, assim, sua domesticação e ajustamento a “uma organização anterior e sólida”.

A pedagogia *queer* é capaz de efetuar

uma verdadeira reviravolta epistemológica. A teoria *queer* quer nos fazer pensar *queer* (homossexual, mas também "diferente") e não *straight* (heterossexual, mas também "quadrado"): Ela nos obriga a considerar o impensável, o que é proibido pensar, em vez de simplesmente considerar o pensável, o que é permitido pensar. [...] O *queer* se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade de modo geral. Pensar *queer* significa questionar, problematizar, como testar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia *queer* é, neste sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa (SILVA, 2013, p. 107).

Pensar o que ainda não foi pensado, ou mesmo o impensável, e questionar os modelos hegemônicos pautados no heterossexismo⁴⁵ e na heteronormatividade. Para isso, Louro (2016) sugere “estranhar” o currículo, questionando o conhecimento dado, desconfiando, desconcertando e até mesmo transtornando o currículo. A autora se apoia na frase de Britzmann (1996, p. 91) que “qualquer conhecimento já contém suas próprias ignorâncias”.

A narrativa da professora Nicole Paige Brooks durante a sessão cineclube em que estava sendo exibido o filme *Minha Vida em cor-de-rosa*, leva-me a pensar sobre essa questão:

[...] eu tive um aluninho que era exatamente igual ao Ludo, mas era pele escura né, só que era todo “boyzinho”, bonitinho, cabelo encaracolado, mas na sala de aula a gente já tinha dividido as coisas dos garotos e das garotas e quando tinha uma coisa, assim, cor-de-rosa, ele pulava em cima e tomava mesmo, era dele e olhe lá hein... [...] aí eu falava assim: “não esse aqui é da coleguinha, o teu é esse aqui ó, pega esse aqui, vai nos garotos”. Ele olhava, ficava triste, aí quando a menina descuidava ele ia lá e catava os brinquedos, às vezes quando os garotos iam brincar lá do outro lado ele ficava sozinho no meio das cadeiras e se escondia e ninguém mexia com ele. De repente, ele sumia, aí eu olhava e estava lá ele com uma boneca na mão e as roupinhas da boneca e ele continua exatamente igual. Ontem mesmo estávamos no parquinho todos juntos e... [...] levaram lá um brinquedo cor-de-rosa, uma casinha cor-de-rosa, pois ele catou aquela casinha e continuou com a casinha, por mais que tentássemos... [...] é o jeito dele, ninguém fala que ele tinha isso ou aquilo, aceitam ele do jeito que ele é (Professora Nicole Paige Brooks, 2016).

Percebe-se que Nicolé parte de uma lógica binária hétero/homo, homem/mulher. Qualquer situação que fuja ao padrão instituído discursivamente e tornado hegemônico é alvo de correção, regulação. Nessa mesma lógica, tem-se que homem relaciona-se com mulher, formando um casal, uma família e, por conseguinte, pode gerar filhos. Contudo essa lógica

⁴⁵ Para Miskolci (2015, p. 46) o heterossexismo é a presunção de que todos são, ou deveriam ser, heterossexuais. Um exemplo de heterossexismo está nos materiais didáticos que mostram apenas casais formados por um homem e uma mulher.

opera no binário que entende que homem só pode se relacionar com mulher e vice-versa (só pode no sentido de ser o “normal”, o padrão, o aceitável), mas sabe-se que não é bem assim. Estranhar o currículo não seria admitir que existem homossexuais, bissexuais e outros; estranhar o currículo, segundo Louro (2016), seria pensar que existem múltiplas sexualidades, tantas ou mais que as letras do alfabeto LGBT conseguem enumerar.

Pensar a possibilidade de múltiplas sexualidades foge ao que se está acostumado, e, por isso, Silva (2013, p. 107) sugeriu “considerar o impensável”. Estranhar ainda o porquê que meninos não podem usar rosa, brincar de boneca, serem delicados e as meninas vestir azul, jogar bola e se sentarem com as pernas abertas. Ao sugerir tais questionamentos, faço-o no sentido de iniciar uma problematização que chegará aos assuntos meninos beijando meninos e meninas beijando meninas. Sexualidades múltiplas, assuntos impensáveis que são necessários para se realizar um exercício de pensamento.

Como havia dito anteriormente, a teoria *queer* não lida com prescrições, receituários de como fazer, como proceder. A ferramenta *queer* de trabalho é a desconstrução, o questionamento, a dúvida. Nesse sentido, Miskolci (2015, p. 47) diz que é necessário, na educação, lançar um olhar a partir das diferenças, percebendo, inclusive nos materiais didáticos, o modo com que as normas, modelos e padrões são impostos. Na educação, é preciso um “olhar *queer*” que, segundo o autor,

[...] é um olhar um insubordinado. É uma perspectiva menos afeita ao poder, ao dominante, ao hegemônico, e mais comprometida com os sem poder, dominados, ou melhor, subalternizados. Na esfera da sexualidade do desejo, a maior o que é reconhecido socialmente como discurso autorizado a falar é produzido dentro de uma epistemologia dominante, criada sobre essa suposta “cientificidade”, que pouco difere de um compromisso com a ordem e o poder (MISKOLCI, 2015, p. 47).

Um olhar que enxergue nas situações corriqueiras do cotidiano escolar formas de problematizar as normas vigentes, a ordem e o poder. Essa atitude em nada se compara ao enxergar uma situação destoante da norma ou do padrão e fazer com que ela seja corrigida ou reorientada para que o sujeito destoante não seja um alvo do modelo heteronormativo. É aí a oportunidade para exercer uma pedagogia *queer*, quando, o que é interessante, segundo Furlani (2011, p.37),

é discutir como cada identidade é construída, (des)valorizada, assumida ou não, e desconstruir o processo que estabelece a normalidade. Assim, uma postura pedagógica, baseada numa atitude *queer*, poderia ser, rigorosamente, contra qualquer forma de normatização da sexualidade. Desconstruir aqui significa desestabilizar, questionar, fragilizar, por em xeque. Os procedimentos didático-metodológicos buscariam intervenções críticas (reflexivas) ou subversivas das relações opressivas no âmbito do espaço escolar, entre a sexualidade

heteronormativa e os regimes dos gêneros, na tentativa de demonstrar como a produção da normalidade é intencional, histórica, política e, sendo assim, instável, contingencial, questionável e mutável.

Novamente, o questionamento surge como prática a ser adotada. Estratégias descentradoras e desconstitutivas. Colocar o sistema de binarismos em xeque. Tentar dar pi(n)tadas de *queer* vai exigir que se repensem, inclusive, “os nossos modelos de recusa, mas também os de aceitação” (MISKOLCI, 2015, p. 61), perturbando a “familiaridade do pensamento” e pensando “fora da lógica segura” (LOURO, 2016, p. 74).

E agora? Como fazer na sala de aula? Qual modelo/plano seguir? Receita? Não. Não existem receitas, e modelos e planos são justamente o que se deve questionar. O *queer* não opera sob a lógica das ditas prescrições. E justamente sobre as prescrições Judith Butler disse numa entrevista:

[...] acredito que quando a teoria começa a se tornar programática, no estilo “aqui estão minhas cinco prescrições”, e estabeleço minha tipologia, e meu capítulo final é chamado “O que deve ser feito?”, isso liquida por antecipação todo problema do contexto e da contingência, e eu realmente acho que as decisões políticas são tomadas naquele momento vivido e não podem ser previstas desde o nível da teoria (BUTLER *apud* SALIH, 2012, p. 206).

O desafio proposto para a execução de um currículo *queer* está aí, no fato de ele não oferecer respostas, não dar dicas e finalizações (e manuais), e isso me impõe, me obriga, me impele a dar sempre outro passo. Esse desafio remete à definição de *queer* dada por Eve Sedgwick quando disse: “*queer* é um momento, é um movimento, um motivo contínuo - recorrente, vertiginoso, perturbador” (*apud* SALIH, 2012, p. 19). Assim, pensar um currículo *queer* obriga-me a sair do lugar comum, abandonar o comodismo e as zonas de conforto, a deixar de realizar sempre o “mais do mesmo”, a reconhecer a diferença onde já existe diferença. Pensar que a alegria e o colorido de um currículo *queer* possam estar justamente nas incertezas, no improvisado e no imprevisível, naquele passo dado em direção ao desconhecido em busca da aventura e da surpresa.

5 E PARA NÃO CONCLUIR...

Escrever as últimas palavras desta dissertação foi para mim algo muito difícil, pois no início me propus a uma conversa com você leitor e leitora. Então, escrever as palavras finais indicariam um fim, um ponto final, mas me muni de esperança ao crer que nossa conversa terá reverberações e um dia poderemos nos encontrar novamente em outro texto, outro diálogo, outra conversa. Confesso que essa esperança me animou. Animou-me por crer que estas não são e nem serão as minhas palavras finais.

O texto desta dissertação foi escrito pensando nesse diálogo, nessa conversa com você, assim, o objetivo dessa conversa da mesma forma que uma lição é o que nos diz Larrosa (2015, p. 142):

(...) não é nos deixar terminados pela assimilação do dito, nem nos deixar determinados pela aprendizagem dogmática do que deve ser dito, mas in-determinar aquilo que dá o que dizer, aquilo que fica por dizer. In-de-terminar é não terminar e não de-terminar.

Dessa forma, muitas outras conversas poderão ser tecidas a partir desta, justamente porque o objetivo posto não é terminar aqui. Uma conversa que se serviu de outras conversas propiciadas pelo Cineclube (RE)Existência. Conversas valiosas que me tocaram, incomodaram e me puseram em movimento.

Ali, sentados e bem acomodados com seus pacotes de pipocas em mãos os *praticantespensantes* da educação se dispuseram a entrar em uma conversa mediada pelas lentes do cinema. Um encontro extremamente potente. Cinema e educação. E, então, uma rede de conhecimento foi tecida; vários cotidianos reais e/ou ideais foram externalizados. O cinema nos propôs pensar outros mundos, outras realidades, outros cotidianos, outros “outros”. É o que diz Fresquet (2013, p. 123) sobre o cinema:

o cinema, também como um outro, alarga nosso conhecimento do mundo, do tempo e nós mesmos. A possibilidade de identificar essa relação entre mim e o outro, mediada pela câmera, constitui uma mola para ativar a tensão entre dois estados cuja potência pedagógica o cinema movimentava com especial competência: crer e duvidar. Transitar entre esses dois polos que paralelamente nos aproximam de certa materialidade do real para o infinito do imaginário exercita a inventividade de ensinantes e aprendentes em dois gestos fundadores da educação: descobrir e inventar o mundo.

E, nessa conversa de mundos possíveis, mundos reais, mundos imaginários é que foram problematizadas as relações de gênero e sexualidades e a heteronormatividade nos ambientes escolares, nos cotidianos, nos lares, no dia-a-dia dos/as *praticantespensantes* da

educação. Problematizada porque foi percebida nos discursos dos/as *praticantespensantes* a reprodução do modelo hegemônico de representação e significação que positiviza a identidade e negativiza a diferença.

Por um momento, um ilusório momento, pensei que a escrita desta dissertação me levaria a águas tranquilas e calmas, mas antes que ousasse desistir de dar as braçadas necessárias ao bom nado, fui informado que as águas por onde resolvi nadar em nada se assemelham à tranquilidade. Em meio a tempestades e turbulências resta-me agarrar e descansar em algumas pedras e ilhotas que vão surgindo entremeio ao rio.

Tempestades e turbulências presentes na vida de cada um dos sujeitos que se fizeram presentes nas narrativas coloridas dos/as *praticantespensantes*. Sujeitos para os quais a escola se mostrou como uma instituição que, ao mesmo tempo em que os/as constitui, os/as subjetiva, os/as transforma e também os/as pune, marcando-os/as como estranhos/as, abjetos/as, anormais.

Problematizar, desconstruir, questionar a heteronormatividade, a homofobia, gênero e sexualidades foram os objetivos desta dissertação, na tentativa de enfraquecer o tão difundido discurso de tolerância às diferenças. O tolerante se coloca na posição de superior, pois tolera o diferente. Assim, nos diz Sartre (1999, p. 507-508),

não se deve supor, porém, que uma moral da “permissividade” e da tolerância iria respeitar mais a liberdade do outro: uma vez que existo, estabeleço um limite de fato à liberdade do outro, sou este limite, e cada um dos meus projetos delinea este limite à volta do outro: a caridade, a permissividade, a tolerância – ou toda atitude abstencionista – são projetos meus que me comprometem e comprometem o outro na sua aquiescência. Realizar a tolerância à volta do outro é fazer com que este seja arremessado à força em um mundo tolerante. É privá-lo por princípio dessas livres possibilidades de resistência corajosa, de perseverança, de afirmação de si, que ele teria oportunidade desenvolver em um mundo de intolerância (SARTRE, 1999, p. 507-508).

Reconhecer a diferença é o caminho. Você e eu somos diferença e o reconhecimento dessa diferença que existe em nós é chave para construirmos um mundo em que a composição de cores diversas e distintas sejam visibilizadas. Assim, reconhecendo-nos e não buscando algo fora de nós, de nossa real existência, teremos um currículo arco-íris. O cotidiano da escola já é isso, cheio de brilhos e multicores. Que essas cintilações sejam visualizadas, reconhecidas, para que nas práticas de vida e existência outras sejam possíveis. Assim, a proposta desta dissertação é que vejamos os corpos que habitam as escolas como obras de arte. Que esses corpos tenham o direito de ser pintados com estéticas de existências próprias, garantindo-lhes práticas de liberdade.

Desejo que a pedagogia *queer* faça parte do cotidiano dos/as *praticantespensantes* que nesta dissertação assumiram nomes de *drag-queens* e, assim, possam também assumir a performatividade das *drags* que subvertem a cultura ao fabricarem seus corpos, realizando, dessa forma, uma paródia do corpo que se “copia”. Sobre a figura da *drag-queen*, diz Louro (2016, p. 89),

a figura da *drag-queen* permite pensar sobre os gêneros e a sexualidade: ela permite questionar a questão a essência ou autenticidade dessas dimensões e refletir sobre seu caráter construído.(...) Sua figura estranha e insólita ajuda a lembrar que as formas como nos apresentamos como sujeitos de gênero e sexualidade são, sempre, formas inventadas e sancionadas pelas circunstâncias culturais em que vivemos.

Que a performatividade das *drags*, que ao fabricarem seu corpo subvertem a lógica dos gêneros, possa ser tomada como exemplo para que possamos “fabricar currículos” multicoloridos e alegres. Multicoloridos e alegres assim como aqueles/as que foram trazidos/as para essa conversa; que sustentaram meus argumentos, que me motivaram a ir adiante, movendo-me, tornando-me outro.

Espero que a ressonância deste texto me permita o deleite da continuação desta conversa, na qual possamos “expor os signos no heterogêneo, multiplicar suas ressonâncias, pluralizar seus sentidos. Frente à homogeneidade do saber que restringe a diferença, a heterogeneidade do aprender que produz a diferença” (LARROSA, 2015, p. 143).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério de. Possibilidades formativas do cinema. **REBECA - Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, ano 3, ed. 6, julho/dezembro, 2014. Disponível em: < <https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/118>> Acesso em: 4 jul. 2017.

ALTMANN, HELENA. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200014&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 13 mai. 2017.

ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 31, p. 1195-1212. Out/dez, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/08.pdf>> Acesso em: 19 jul. 2017.

_____. **Projeto de Pesquisa: Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente – o caso do cinema suas imagens e sons**. Financiamentos CNPq, FAPERJ e UERJ. 2012.

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia Social**, Porto Alegre, vol.20, n.1, pp.33-41, 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822008000100004&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 6 mai. 2017.

BARREIRA, Marília Maia Lincoln. **Heteronormatividade e homofobia na educação básica pública**. 160 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2015.

BORRILLO, Daniel. A homofobia. In. LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. (Orgs). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres, 2009.

BRASIL. Lei n. 13.185 de 6 de novembro de 2015. **Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13185.htm> Acesso em 10 jun. 2017.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos. **Cadernos Temáticos da SECAD**, n. 4, Brasília: SECAD/MEC, 2007. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escola_protege/caderno5.pdf> Acesso em: 2 ago. 2017.

BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, Faculdade de Educação/UFRGS, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996. Disponível em: <

<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoe realidade/article/view/71644>> Acesso em: 19 jan. 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Mauro; BENZUR, Gabriel. Cuando digo intersex: un diálogo introductorio a la intersexualidad. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 24, p. 283-304, Junho, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 fev. 2017.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. O ato de criação. **Folha de São Paulo**, 27 jun. 1999. Disponível em: <<http://server2.docfoc.com/uploads/Z2015/12/21/ehMJC3obn7/eabed93b9c29c98ebcb0c5f0fa9ee2b9.pdf>> Acesso em: 05 mar. 2017.

_____. **Proust e os signos**. 8. ed. Atualizada. Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

_____. **Espinosa e o problema da expressão**. 1. ed. Tradução: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. **Foucault**. Tradução Cláudia Sant'Anna Martins. 5. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1**. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. **O que é filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. de Eloísa Araújo Ribeiro São Paulo: Escuta, 1998.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, cinema e alteridade. **Educar**. n. 26, p. 67-79 Curitiba: Editora UFPR, 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1550/155016204006.pdf>> Acesso em 09 abr.2017.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2002.

FARINA, Juliane Tagliari; FONSECA, Tania Mara Galli. O cine-pensamento de Deleuze: contribuições a uma concepção estético-política da subjetividade. **Psicologia USP**. v 26. n. 1. p. 118-124, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org.10.1590/0103-6564A20135213>> Acesso em: 01 de jan. de 2018.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Currículo, formação continuada de professores e cotidiano escolar: fragmentos de complexidade das redes vividas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo.

(Org.) **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FERRACO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 98, p. 73-95, Abril, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 out 2017.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães. Currículo, cotidiano e conversações. **Revista e-curriculum**. São Paulo, v. 8. n. 2. Agosto, 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>> Acesso em: 01 out. 2017.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A história da Sexualidade: vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução: Raquel Ramallete, 36 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FLEURI, Reinaldo Matias. Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. **Educação & Sociedade**, vol. 27, n. 95, p. 495-520, mai/ago, 2006. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v27n95/a092795.pdf> Acesso em: 11 mar. 2017.

FREIRE, Lucas; CARDINALI, Daniel. O ódio atrás das grades: da construção social da discriminação por orientação sexual à criminalização da homofobia. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**, (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 12, p. 37-63, Dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872012000600003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 abr. 2017.

FREITAS, Alexandre de; COUTINHO, Karine Dias. Cinema e educação: o que pode o cinema? **Educação e Filosofia**. Uberlândia. v. 27. n. 54. p. 477-502, jul/dez, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/14174>> Acesso em: 23 set. 2016.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes da educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GALEANO, Eduardo. **Las palabras andantes**. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 1993.

GALLO, S. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: **Congresso Internacional Cotidiano: diálogos sobre diálogos**, 2., 2008, Niterói. Anais. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2008. Disponível em: <<http://gajop.org.br/justicacitada/wp-content/uploads/Eu-o-outro-e-tantos-outros-S%C3%ADlvio-Gallo.pdf>> Acesso em: 09 ago. 2016.

GONÇALVES, Adriane Oliveira Garcia. Sexualidade, masculinidades e dança: o preconceito e o (des)respeito ao bailarino numa incursão aos filmes Billy Elliot e Dzi Croquettes. In. FREITAS, Eliane Martins de; MARTINEZ, Fabiana Jordão; Mendes, Lilian Marta Grisolio. (Orgs). **Gênero, sexualidade e corpo**. Goiânia: UFG/CIAR; GráficaUFG; 2014.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HEREK, Gregory M. Stigma, prejudice, and violence against lesbians and gay men. In J. Gonsiorek & J. Weinrich (Eds.), **Homosexuality: Research implications for public policy** (pp. 60-80). Newbury Park, CA: Sage, 1991. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.507.7060&rep=rep1&type=pdf>> Acesso em: 03 mai. 2017..

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar. In. MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa (Orgs.). **Discurso fora da ordem: sexualidades, saberes e direitos**. São Paulo: Annablume, 2012.

JUNQUEIRA, R. D. O Reconhecimento da Diversidade Sexual e a Problematização da Homofobia no Contexto Escolar. In: RIBEIRO, P. R. C., SILVA, M. R. S., SOUZA, N. G. S., GOELLNER, S. V., SOUZA, J. F. (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas**. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade**. Trad. Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 5 ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. Heteronormatividade e homofobia. In. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. 1. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

_____. Pedagogias da sexualidade. In. LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Teoria *queer*: uma política pós-identitária para educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 jul. 2017.

_____. Os estudos *queer* e a educação no Brasil: articulações, tensões, resistências. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 2, n. 2, p. 363-369, jul/dez, 2012. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/87>> Acesso em: 11 set. 2017.

_____. **Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2.ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MACEDO, Elizabeth. As demandas conservadoras do movimento escola sem partido e a base nacional curricular comum. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 139, p. 507-524, junho, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302017000200507&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de maio de 2017.

MALDONADO, Maritza Maciel Castrillon. **Projeto: Ateliê de Educação e Imagem: CINEMA, INFÂNCIAS E DIFERENÇA: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo**. Universidade do Estado de Mato Grosso, Faculdade de Educação, 2015. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjU2Kv_4tHVAhUDFJAKHX7CCs0QFggsMAE&url=http%3A%2F%2Fportal.unemat.br%2Fmedia%2Ffiles%2FFPPEdu%2FProjetos_docentes%2FPROJETO_MARITZA.pdf&usq=AFQjCNHjQVrA7Xy5GSWeORlr15HwHwPkJw> Acesso em: 16 ago.de 2016.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe e GOELLNER, Silvana (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” – Escola Sem Partido e as leis da mordada no parlamento brasileiro. **Revista Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, v. 07, n. 15, p. 590-621, 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25163>> Acesso em: 5 out. 2017.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2 ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

NASCIMENTO, Maria Lívia; CHIARADIA, Cristiana de França. A Retirada da orientação sexual do currículo escolar: regulações da vida. **Sisyphus - Journal of Education**, v. 5, n. 1, pp. 101-116, 2017. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/sisyphus/article/view/10453/8891>> Acesso em 3 ago. 2017.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista brasileira de ciências sociais**. Vol. 21. N. 61. Junho, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbcso/v21n61/a06v2161.pdf>> Acesso em: 13 out 2017.

NEVES, Dimas Santana; SANTOS, João de Deus dos; MALDONADO, Maritza Maciel Castrillon. Pensando Infâncias: diferença e currículo a partir do filme Filhos do Paraíso. In. AMARO, Ivan; SOARES, Maria da Conceição Silva. (Orgs.) **Tecnologias digitais nas escolas: outras possibilidades para o conhecimento**. 1. ed. Rio de Janeiro: De Petrus et. Alii; Brasília, DF: CAPES, 2016.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OLIVEIRA, Rosana Medeiros de; DINIZ, Débora. Materiais didáticos escolares e injustiça epistêmica: sobre o marco heteronormativo. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 39. n. 1. p. 241-256. jan/mar, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v39n1/v39n1a14.pdf>> Acesso em: 4 abr. 2017.

PAULA, Ana Amélia Oliveira Reis de; VIEIRA, Márcia Maria Rosa. Intersexualidade: uma clínica da singularidade. **Revista Bioética**. Brasília, v. 23, n. 1, p. 70-79, Abril, 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422015000100070&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 17 ago. 2016.

PAULINO, Alessandro Garcia; NUNES, Alex Ribeiro; CASTANHEIRA, Marina Aparecida Marques. Cinema e gênero nas lentes de tomboy. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**. 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381935985_ARQUIVO_AlessandroGarciaPaulino.pdf> Acesso em: 8 ago.2016.

PETTA, Eduardo. Uma saga amazônica. **Revista Marie Claire**. 122 ed. Maio, 2001. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML519359-1740-6,00.html>> Acesso em: 8 abr. 2017.

PINO, Nadia Perez. A teoria *queer* e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 149-174, jan/jun, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100008> Acesso em: 8 jun. 2017.

PRADO, Vagner Matias do; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Homofobia e educação sexual na escola: percepções de homossexuais no ensino médio. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 137-152, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/download/489/602>> Acesso em: 2 mai. 2017.

PRETES, Érika Aparecida; VIANNA, Túlio. História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo (p. 313-392). In: **Iniciação Científica: Destaques**, 2007, v. 1. Wolney Lobato, Cláudia de Vilhena Schayer Sabino, João Francisco de Abreu (org.). Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2008.

REIS, Toni. **Homofobia no ambiente educacional: o silêncio está gritando**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2015.

RIBEIRO, Leonídio. **Criminologia**. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1957.

RÍOS, Guillermo. A captura da diferença nos espaços escolares: um olhar deleuziano. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, pp. 111-112, jul/dez, 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25921>> Acesso em: 4 jul. 2016.

ROSSI, Alexandre José. **Avanços e limites da política de combate à homofobia: uma análise do processo de implementação das ações para a educação do Programa Brasil Sem Homofobia**. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2010.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o Nada**. 7ª ed., Petrópolis: Vozes, 1999.

SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n1/v39n1a10>> Acesso em: 15 abr. 2017.

SEIDMAN, Steven. "Deconstructing Queer Theory or the Under-Theorization of the Social and the Ethical". In: NICHOLSON, Linda; SEIDMAN, Steven. (Orgs.). **Social Postmodernism. Beyond identity politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 116-141.

SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tania Mara Zanotti Guerra Frizzera. Cotidiano escolar como laboratório de existência: lugar de criação, experimentação e invenção. **Espaço do Currículo**, v.9, n.3, p. 404-411, Set/Dez, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>> Acesso em: 5 de mai. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da.(org.), HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Diferença e identidade: o currículo multiculturalista. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo**. 2 ed. pp. 85-90. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O fim das metanarrativas: o pós-modernismo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo**. 3 ed. pp. 111-116. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma história**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

TIBURI, Márcia. Judith Butler: Feminismo como provocação. In: Edição especial da **Revista CULT: QUEER: Cultura e subversões das Identidades**. n. 6, ano, 2016.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

UNAIDS – Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o HIV/Aids. Grupo de Cooperação Técnica Horizontal para América Latina e Caribe (GCTH) e Centro Internacional de Cooperação Técnica em HIV/Aids (CICT). **Direitos humanos, saúde e HIV**: Guia de ações estratégicas para prevenir e combater a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. Brasília, 2007.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma (Org.). **Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO FILME TOMBOY

Transcrição do 1º encontro (25/10/2016) Filme: Tomboy

Professora Tyra Sanchez: Boa noite! Eu não consegui deixar de ficar com essa imagem na cabeça, o olhar que ele fazia quando se via no espelho, foi algo assim do começo ao fim. Eu vi e não consegui parar de pensar dele se olhar e não se ver. Então isso me chamou muito a atenção porque deve ser muito difícil, não deve ser nada fácil, com certeza! E outra coisa que me veio à mente... no momento em que eu estava assistindo, eu fui passeando pela escola onde eu trabalho e o passeio que eu fiz não foi nada agradável, infelizmente. Os nossos olhares, o nosso olhar causa diferença em relação a esses seres humanos como nós. Então muito estranho! Foi uma reação muito estranha realmente. É o que eu tenho a dizer. Um estranhamento total!

RuPaul: Você tem alguma experiência para falar da escola sobre isso? Sobre esse tema?

Professora Tyra Sanchez: Não exatamente eu enquanto professora, mas os olhares que a gente simplesmente lança durante o recreio entre um e outro que você passa, você olha com um olhar diferente. Por mais que você pense “são escolhas”, mas o seu olhar é um olhar preconceituoso. Quando eu digo “seu”, eu tô dizendo o “meu”. Foi assim que eu fiz mesmo sem querer. Não é, assim, eu olhar e ficar parada ali, estagnada, você está entendendo? Mas, assim, através do filme eu fui fazendo esse percurso dentro da escola como a gente faz normalmente. Encontra pelos corredores, passa um, passa outro, você... porque eu tenho certeza que a pessoa leu o meu olhar e isso é certo e agora eu tenho essa certeza.

Professora Madame LaQueer: Boa noite! Então, quando você perguntou a ela se tinha alguma vivência, eu também voltei lá um pouquinho atrás e normalmente é uma coisa até grotesca, mas normalmente a gente olha, como ela diz que a gente faz aquele olhar, e logo em seguida a gente fala: “ah, não tem jeito, este quando crescer... coitado!”. Como se... olha a tortura que essa criança passava a todo o momento. Era muito doloroso, era... eu não senti a dor dele. Uma hora era Laura, uma hora era Michel... Não gente... Ai eu lembrei desse detalhe há um tempinho atrás. Assim, chegávamos, muitas vezes, com o colega: “você viu?”, “Hummm... já sei!”. E agora esse filme me fez voltar e tomar muito cuidado, a pensar de outra forma... não que isso ainda aconteça, né? Também a gente já amadureceu e tudo, mas ainda fica preso naquele olhar estranho e que não é estranho. Era isso!

Professora Bianca Del Rio: Boa noite! É a primeira participação minha no cineclube. Pelo filme eu já gostei! Eu concordo com o que as professoras dizem por que a tristeza desse menino é o que eu venho lendo, porque a gente vai passando por essas fases na escola. Ele nasceu com um sexo, mas ele não se vê com esse sexo que ele nasceu. Ele se vê como outro e é isso que nós temos que aprender a respeitar. Através desse filme eu fiquei imaginando também, muitas vezes, a violência, até o suicídio vai acontecendo por essa indiferença que nós transmitimos, às vezes, aos nossos alunos. Como a professora bem disse o próprio... nós... eu já ouvi professor dizer... talvez também é uma falha nossa, ele deu e já fala o que a professora diz: “iih esse aí não jeito mais não mesmo”. Então, era pelo lado da chacota que parece que não, mas entristece. Eu estou lendo algumas coisas sobre teorias de gêneros e a minha percepção, a minha mente hoje já é diferente, porque esse filme me transmitiu muita coisa. Aquele filme também, não sei se alguém já assistiu, Transamérica também traz alguma

coisa maravilhosa pra gente. Mas eu estou gostando, mesmo sendo a primeira vez eu tô gostando, mas o filme transmitiu... é esse olhar que a professora disse... eu já fiz esse olhar, hoje não faço mais, hoje eu já estou tendo uma outra visão principalmente com o filme. Eu vou assistir de novo!

Professora Latrice Royale: Então, esse filme me fez voltar lá atrás no meu estágio. Eu quando cheguei na sala de aula, me deparei com dois alunos que era, assim, diferente né? A sala ela era formada pela letra U, as crianças sentavam em formato de uma letra U. Ai tinha o lado de lá e o lado de cá. Um lado era meninas e o outro meninos, no centro também era só meninos. Tinha uma aluna que sentava sempre do lado dos meninos e também tinha um menino que sentava só do lado das meninas; E no estágio de observação eu trabalhei com uma outra colega, ai um dia a professora deixou a gente sozinha porque ela tinha compromisso e tal. Ai ela fez uma atividade e queria separar as meninas dos meninos e quando aconteceu isso a aluna não quis ir para o lado das meninas e nem o menino queria sair do lado das meninas e ir pro outro lado. Ai ficou aquela coisa e, assim, eu percebi desde o início essa diferença só que ela não percebeu, deixou a criança muito constrangida porque a menina fechou os olhos, ficou paralisada e ela não saiu do lugar, depois ela saiu correndo e foi tomar água. Eu achei muito errado o que aconteceu na sala esse dia. Então, eu presenciei, eu vivenciei com essas duas crianças e ai eu comentei com a professora sobre isso e ela me disse que a mãe da menina, ela disse que a menina agia dessa forma porque ela tinha perdido um irmão e esse irmão... ai ela brincava com os brinquedos do irmão e, assim, a mãe não percebe o que estava acontecendo com a criança.

Professor Nina Flowers: Um dos lados bons que eu pude observar, mesmo ele tendo nascido com aquele problema, foi o lado da família ter aceitado. Porque um dos maiores problemas da família ou do jovem ou da criança que nasce dessa forma, os primeiros a rejeitarem são os pais porque dificilmente o pai iria aceitar... nasceu com feição de homem com instinto feminino ou feminino e a mãe teve que ir indo aceitando e o pai brincou com ele na hora que o abraçou: “segura ai macaquinho. e depois a mãe disse pra ele numa conversa: “olha, botou o vestido, vai lá e pede desculpa depois da briga porque você é Michel para os meninos”. E infelizmente ou felizmente teve o lado bom que a família aceitou e que vai diminuir o problema dele na maioridade. Agora que é difícil é. Agora pra nós profissionais da educação hoje, principalmente, é que temos que nos policiar bem para tratar, olhar essas pessoas da forma que eles são. Porque como a própria Maritza disse e mais a frente aqui ... outros vídeos sobre xenofobia e etc. Mas a forma de ver e até como podemos estar repreendendo os coleguinhas que vão usar a brincadeira de mau gosto na questão homofóbica e, o principal, nós chegarmos e ver porque de repente não deixa, quebrou, lascou. Então, o lado bom que eu vi foi a aceitação da família e a própria família se dispor a explicar para os colegas e a sociedade, porque infelizmente a sociedade é que arreventa. Os informados nem tanto, mas também pisa fora e os desinformados ai foi de vez. Isso também não quer dizer que porque o jovem, a criança seja homossexual, ele não tenha futuro ou não tenha perspectiva de vida. Eu me influenciei pelo que meu pai sempre falava: o dia que aparecer um gay, na linguagem bruta mesmo, na minha família eu mato. Portanto, os treze filhos que teve um é, e portanto é um bom advogado.

Professora Sasha Belle: Uma dessas escolas... eu particularmente, nós estamos atravessando, eu falo eu porque eu estou com um aluno do primeiro ano. Ele tá muito apático e a gente percebe que é a orientação sexual dele; e quem não percebe é porque não quer perceber. Teve entrega de notas esse dia e eu chamei a mãe dele em particular para conversar e falei, contei a

situação pra ela, o que estava acontecendo. Falei pra ela assim: “você já pensou bem sobre a orientação sexual dele?”, ela falou: “ah professora eu já estou desconfiada, só que o pai dele vai matar ele”, ai eu falei assim: “mas, ele já chegou e falou para a senhora?”, “não”. Eu falei: “mas, ele já falou pra mim. E ele tá achando um meio de falar para a senhora e sabe o que eu falei pra ele? Falar para a senhora todos os dias, eu te amo, eu te amo, eu te amo, eu tenho certeza que a senhora vai aceitar”. Ela ficou tão contente, assim, desconcertada e falou que iria conversar com o menino. Eu não sei se eu afastei o menino da escola, mas está com uma semana que o menino não vai na escola. Então, ai eu me pergunto: eu fiz o bem ou fiz o mal? Até que ponto nós professores também podemos estar ajudando numa situação dessas? Porque eu sabia porque eu tive uma conversa com ele; e ai no dia da reunião dos pais eu conversei com ela e senti, assim, muito medo, mesmo mesmo e o menino é de uma forma bem carente, então eu fico imaginando e por sinal ela. Até ai, até agora eu me pergunto se fiz bem ou se fiz mal.

RuPaul: Eu acho que nós vamos ter que acompanhar essa história no decorrer do cineclube, né?

Professora Coco Montrese: Boa noite! No ano de 2006 eu trabalhei na escola Erenice Simão Alvarenga. Quando eu cheguei lá, eles tinham no município aquele projeto de correção de fluxo, eram alunos em defasagem. Ai tinha que entregar a relação, fomos para a sala, mas ninguém... a coordenadora, a diretora que já conhecia a história de me relatar que existia ali um hermafrodita, ai tá... Fomos conversando, fomos nos apresentar. Eu sou tal e tal, cada um vai pegar, vai chegar sua vez, vai esperar chegar e vai falar. Ai eu vi que o rapazinho não queria falar, só que todos do bairro já conheciam o gurizinho desde a creche. Até essa colega conheceu a história dele. Ai não tá com vontade de falar... Então, seu colega vai falar porque ele tava como um menino de jeans, bermudona, camiseta, boné. Ai começou a falar: “é que ele não é ele, é ela”. Ai na... os nomes todos, ai o nome que a senhora diz é ele. Gente olha... que situação difícil pra mim, eu tinha poucos anos de experiência em sala. Olha... fiquei assim, sabe? Meu Deus do céu que situação é essa... Mas tudo bem vamos continuar. Nós já sabemos porque nós estamos aqui é a escola, o objetivo desse projeto, vocês não são biólogos, nós vamos conseguir acompanhar todos, porque era assim, defasagem. Ele sempre calado, muito sisudo, muito sério. Tento me aproximar, só que muito difícil... e, às vezes, as manifestações que eles tinham era de colega, de agressão, ninguém podia falar nada e ai... uma turma muito difícil. Eram poucos, eram 16, mas nessa idade com esse problema. Todos, a maioria, já conheciam porque ele era do bairro, até então queriam me contar... tia quando ele chegou aqui... ele tem até vestido, nós entramos na creche juntos, dessa maneira... “gente não é a hora, amanhã a gente conversa” e saia do assunto. Ai foi... Conversamos com a diretora, coordenadora para nos aproximar, foram buscar tratamento só que o pai e a mãe não aceitavam. Uma das vezes até a coordenadora foi na casa, foi conversar pra ajudar. O pai tava muito irritado foi na maior grosseria, não aceitava de maneira nenhuma e, assim... tá bom, as atividades dele...era alfabetizado, ele tinha dificuldade, mas era uma pessoa capaz, então vamos enfatizar nisso nele só que... e a gente pedia pra todos, ai a coordenadora conversou... e ai tá. Só que foi um ano, assim, só que muito difícil pra mim e eu só soube... conversei, nós conversamos... como sou contratada na escola só fiquei sabendo que já tinha desistido, tinha ido pra fazenda, já tinha virado peão. Então, a última notícia que tive dele. Como a vida da gente é atarefada também né... continuei meu trabalho. Ai quando eu vi fiquei pensando. Interessante que o professor colocou: a gente, a família. Porque eu comentei com a colega aqui, porque que possibilitar tantas chances pra ele como menino e depois mandar vestir de menina o que é que não passa na cabeça de um ser humano assim? Então, eu penso... gente

será que a família ... eu não sei se é bom, porque então possibilitaram ele se via menino, ele não se via menina a fazer dessa maneira. Ah é muito difícil! Ai lembrei dessa história. Outra situação foi no ano retrasado na escola Ana Maria... tinha todo um jeito diferente mesmo também no quinto ano. Ai eu comecei também a explicar... a respeito o que é que vou fazer? Gente... mãe, mas é assim cada um do seu jeito, tentei... mas “aah, eu sou evangélica, eu leio a palavra de Deus... uma bíblia, às vezes, ele pedia pra mim ler textos eu lia. Gente, então, uma situação muito difícil! Eu tentei ajudar, não sei até que ponto eu ajudei porque... a gente não pode cobrar. Então ela pediu, a senhora pode, por favor, falar pra eles parar de chamar ele de gayzinho? Não mãe, calma, é assim, eu explico a necessidade de respeito, cada um é cada um... essa idade. Então percebia que ele era diferente...ah é muito difícil e como eu vou passando pelas escolas, eu não acompanho as histórias, porque cada..histórias diferentes, alunos diferentes, mas é muito difícil. Não sei se isso vai contribuir para alguma coisa, mas... obrigada.

Professora Pandora Boxx: Boa noite a todos! Através das falas dos colegas eu fui fazendo os meus apontamentos. Eu já tenho onze anos de educação em sala de aula, como professora de História e como pedagoga também, que quinta-feira peguei meu diploma. Então, eu fico observando umas palavras que nós ouvimos e eu chego à conclusão que nós precisamos nos despir de preconceitos. Nós profissionais da educação não estamos preparados para lidar com essas diferenças, mas afinal, o que é ser diferente? O que é ser problema? O que é ser uma criança triste? Nós precisamos parar de colocar estereótipos nas crianças, por exemplo, hoje na minha sala, no nono ano, um menino do outro nono ano foi na porta e ai ele falou: “professora eu quero falar com a senhora”. Eu falei “um momento, por favor” e ai os meninos começaram: “oiiii fulano”. Eu bati na mesa e falei: “respeito! Por favor, eu quero respeito na minha sala de aula”. Terminei de fazer o que eu estava fazendo e pedi para o aluno entrar, todos os alunos ficaram quietos. Eu falei assim: “você sabem o significado de homofobia? Isso é crime, isso dá cadeia e outra, o mundo dá muitas voltas, vocês não sabem o dia de amanhã”. Dizem que sou muito rígida, muito radical e tudo e ai tem essas coisas de... esses conceitos de religião, de sociedade, de fazer tratamento, todas essas palavras que a gente ouve e esse curso, espero que essa segunda etapa, consiga, que nós consigamos despir desses preconceitos ou pré-conceitos que nós estamos inebriados disso tudo. Eu tive um problema muito grande com o meu orientador Adison de Arruda, quando eu fiz História, terminei o curso de História na UNEMAT em 2005, porque a minha monografia foi sobre história da sexualidade e ai eu fiz uma pesquisa... em Cáceres. Ai até então o meu propósito era fazer uma pesquisa com uma vizinha que ela é lésbica e ai o irmão dela teve uma filha que pegaram pra criar, a mãe abandonou, e ai eu queria descobrir qual seria essa dita orientação sexual que seria passado pra ela, né? Porque a gente tem dita orientação sexual. Na minha concepção eu penso que já nasce. Ai eu tive um embate muito grande com o BELTRANO, porque ele mandou eu pegar a bíblia, ele queria ir pro contexto religioso... alguma coisa assim, nesse sentido, multiplicai-vos, e ai a minha autora foi Karina Barros Suin e eu falei: “não BELTRANO, vamos entrar em um consenso. Eu penso que nasce”. Então, nós entramos em um acordo e ai na minha concepção, porque na minha pesquisa, hoje a colega é formada em Geografia, respeito muito ela. Até hoje eu tenho a fita que eu gravei da entrevista e ai ela disse que ela foi criada com dez irmãos e essa coisa que foi criada com o irmão... peço desculpa pela minha fala, não quero contradizer ninguém. Não quero causar embate com ninguém, mas esse é o meu pensamento. “Ah foi criada com o guri e ficou como um guri.... não!”. E ai ela disse que aos 13 anos ela beijou um menino que ela teve nojo e chegou a cuspir e ai quando ela beijou uma menina com 14 anos ela amou o beijo da menina. Então, nós temos que nos olhar no espelho primeiro pra depois ver o outro e nós não temos que olhar o

nosso aluno como coitado, nós temos que respeitar todos; e outra, nós temos que trabalhar com a família para que a família aceite. Não é ir para um manicômio, não é ir pra psicólogo, não é nada. Hoje a nossa realidade, o nosso século XXI é outro e eu torno a repetir: nós profissionais da educação não estamos preparados para lidar com as nossas crianças no cotidiano. É isso!

Professora Cynthia Lee Fontaine: Boa noite! Quando eu estudava eu tive a experiência de conhecer uma amiga minha que era menino e a família aceita, mas quando chegou na escola, muitos alunos não gostaram, professores não gostavam dela. Desde o começo os pais dela falavam que era pra chamar do modo que ela queria porque ela tinha, ela era menina só que ela era guri, ela queria ser guri, o modo dela, o vestir dela, o falar dela era como se fosse um menino. E ela era tão, assim, tachada como monstro e quando eu falava com ela, ela falava assim: “eu me sinto um monstro nessa escola porque o olhar das outras pessoas, o olhar dos professores...”. Tanto é que quando nós iríamos lanchar, era no banheiro. Ela se sentia melhor lanchando ali do que ficar olhando para outras pessoas e ficar com vergonha e o que eu mais achei incrível é que quando eu conversei com o pai dela, com a família dela, eles aceitavam numa boa e desde pequenininha eles falavam que ela gostava de carrinho, ela gostava de jogar bola, ela brincava só com os guri, falava que meninas eram nojentas e queria só ficar com os guri. Ai com o passar do tempo ela começou a namorar meninas e os pais aceitavam numa boa. Então, porque, muitas vezes, nós os professores não aceitamos isso? ... por isso a gente tem que buscar aprender mais pra quando chegar na sala de aula saber conversar com as pessoas assim, porque na maioria das vezes, não é tanto a família, mas sim as pessoas que estão ao redor, os próprios professores que estão ali. Então é bom esses filmes que a gente assiste, porque a gente vai aprendendo, vai aperfeiçoando o modo de falar pra que quando acontecer isso numa sala de aula, sabermos trabalhar e é isso. Gostei muito do filme!

Professora Jade Jolie: Boa noite, meu nome é Renata. Assim como ela disse ali que os pais aceitam. Eu tenho parente que é homossexual e pelo menos a vivência que tenho com eles, eu digo a vocês os pais não aceitam. Eles amam os filhos, independente do que se torna, se são meninas virou meninos, se são meninos virou meninas ou se vem um acidente vem a ficar com uma sequela, independente do que for, os pais amam os filhos. Mas é difícil aceitar, tanto os pais, como os professores e a sociedade. Temos amigos homossexuais, trabalhamos com homossexuais. Eu trabalho com homossexuais, a gente aceita, a gente brinca, a gente se diverte junto, mas se a gente no fundo se perguntar eu tenho quase a certeza que todos aqui dirão a mesma coisa: “eu aceito”, mas lá no canto; e o pai e a mãe ama, mas não aceita.

Professora Latrice Royale: Só que eu também trabalho com uma lésbica, ela é feminina, mas o namorado dela é bem masculino. Desde criança ela falou que sempre gostou de meninas. É isso!

Roxxy Andrews: [...] Eu quero colocar só um desafio que eu tenho colocado pra eu, pra todos nós eu acho... é óbvio... é a coisa mais difícil de compreender que tem, porque a gente não percebe o que é óbvio. Quando a gente diz: “ela era uma menina”, a diferença... nós já usamos a diferença em um monte de operações antes de chegar a essas conclusões. Então, talvez por isso as pessoas não percebiam. Quando eu digo: “isto é uma árvore grande”, eu já usei a diferença pra chegar ai, um monte de operações da diferença antes de chegar a essa conclusão. Então, a diferença está tão no modo ou na operação que nós fazemos pra dizer o que que é o mundo. A diferença é aquilo que torna cada um de nós singular e ao mesmo tempo aquilo que faz com que nós percebamos e separemos tudo que está no mundo. Então, a diferença está em um pecado em nós, inclusive, em nós percebermos o mundo. Então, talvez por isso seja tão complicado as pessoas entender a diferença e, às vezes, vai já logo para as

conclusões de uma série de operações que nós usamos para pensar, para falar que é uma menina, ou que é um menino ou que é um velho ou que é um jovem ou o que é um normal ou anormal, o que é deficiente visual ou auditivo. Então, quando eu digo é um cego é porque eu já usei a diferença no meu pensamento, na minha linguagem um monte de vezes pra chegar aí e quando nós... nós não percebemos isso, não percebemos isso porque nós pensamos com a linguagem. Eu escrevi na minha dissertação de mestrado “em algum lugar em nós, linguagem e pensamento se fazem operações” e aí acho que Vygotsky, talvez, explique isso melhor do que eu e nós não percebemos que isso ocorre em nós. Uma outra coisa é que quando chegamos no mundo, todos nós eu acho, desde os mais novos até os mais velhos que estão aqui, o mundo já estava assim todo repartido, nomeado e classificado. E nós aprendemos essas classificações como as corretas e isso tá assim há muito tempo. Nós chegamos em um mundo assim, aprendemos assim, nós não... A diferença pra nós não é um problema porque nós já resolvemos essa diferença. A humanidade resolveu pra nós a diferença, já tornou as classes aí todas visíveis e nós usamos, entramos, aprendemos, usamos, olhamos pro mundo e vemos o normal e o anormal e o que é estranho que tá dentro das classificações torna-se normal...com as coisas é assim que nós lidamos com o mundo e aí o desafio pra nós enquanto educador é pra gente perceber uma pessoa pra ver se ela é diferente e tal. A gente não quer dizer... na verdade, quando nós dizemos “diferente” não quer dizer que eu sou anormal, porque nós não vivemos como anormais, todos nós vivemos como normais. Eu sou normal, vocês são anormais. Assim, que nós operamos, embora, nós usamos um pouquinho a linguagem pra dizer: “ah é diferente, é porque não é igual aos outros. Nós tornamos mais doce no jeito de falar pra supostamente não ferir... deficiência...nós não queremos dizer “deficiente” porque parece que agride, mas tudo isso é manobra que nós usamos com a linguagem pra poder tornar as coisas, tudo mais harmônico, mais bonito, mais fácil. Então, o nosso desafio talvez seja esse. Toda vez que a gente disser: “era um menino”, lembra de quantas operações você já fez com a diferença pra poder chegar a essa frase: “ele é um menino”. Eu acho que aí a gente, nós enquanto educadores, nós conseguimos também nos perceber, como é que nós vemos o outro e as suas relações, de como é que nós vemos a nossa turma, como é que nós chegamos a conclusão de que é menino? É só porque ele tem um pênis? E aí talvez uma boquinha harmônica “eu não sei se é quando a gente nasce”, porque quando nós nascemos o mundo já era classificado assim, a linguagem pra dizer o que são as coisas e tal. Aliás, a gramática é uma classificação. Lá na República de Platão, se eu não me engano na República, em que passa dez, quinze, vinte páginas pra poder definir que a vida é uma ovelha. É uma ovelha porque tem pelo, é uma ovelha porque anda de quatro patas, é uma ovelha porque não é uma árvore que tem folha e aí vai, isso lá em trezentos, oitenta anos antes de Cristo pra depois entrar na gramática... Gramática é uma invenção, a gramática é uma classificação da linguagem que nós usamos para dizer o que que é o mundo. A diferença está em todo canto, está em nós mesmos, está em nós, no modo como nós vivemos, como vemos o outro, no modo como nós pensamos, no modo como nós ensinamos, no modo como nós nos comportamos, enfim, está aí. O problema é que parece que todo óbvio é que nós não percebemos e aí... e os outros porque nós não enxergamos o que é tão óbvio que é a diferença. O problema não é a diferença, o problema é o que é que nós fazemos com a diferença, quando nós começamos a pensar na diferença, quando nós começamos a nomear o diferente aí começa o problema. A diferença é uma coisa que agride, que me agrediu muito numa campanha que teve acho que da APAE... tentando defender a APAE e colocaram uma série de crianças com Síndrome de Down pra dizer a seguinte frase: “eu sou igual a você”. Gente não existe, isso é um absurdo! Diferentes todos nós somos, não tem como... e diferença está num patamar diferente que é igual ao desigual. Todos nós somos diferentes no modo de viver. Cada um de nós tem um singular... nós criamos classes, negros, aí nós imaginamos que todos

os negros são idênticos uns aos outros. É? (suspiro de negação). Todos os professores são fofoqueiros, é verdade? Não. Essas coisas é que estão organizando nossa pensamento, nosso modo de olhar pro mundo, para as coisas e para as pessoas, enfim... desafio pra nós tentar perceber como é que nós operamos com a diferença pra concluir que ele é um menino ou que é uma menina, ou que é um velho, que é um novo ou que isto ou que aquilo porque a diferença nós já operamos... tão óbvio que nós não percebemos talvez, é um desafio pra mim também poder tentar fazer...

RuPaul: Obrigado Roxxy! Gente, é uma aula de filosofia ter Roxxy aqui com a gente, é um presente Roxxy no nosso grupo. Acho que alguém, não me lembro se foi alguém de vocês ai tocou na questão de gênero. Quando a gente pensa no outro como não sendo aquilo que garante o que eu sou, né Roxxy? Professora, branca, mulher, entre outras coisas que dizem o que eu sou e que garantem a minha identidade e que garante a negação de tudo aquilo que eu não sou. Então, quando isso tudo tá garantido pra mim eu consigo olhar no espelho e enxergar quem eu acredito que sou. Então, tudo que nós somos... e ai nós vamos problematizar essa ideia durante todo o cineclube trabalhando esse tema. Tudo que nós somos é questão de fé. Olha que coisa interessante! Tudo que nós somos fizeram com que acreditássemos que nós fossemos. Nesse sentido, a crença e a fé faz parte da nossa vida desde que nós nascemos. Nesse sentido, negar o que se é significa fazer com que o diferente de mim não seja, nesse contexto, o que que eu faço quando eu sou. Pearl sabe melhor as palavras que eu: eu respeito, eu tolero, eu aceito, mas quem sou eu nessa lógica pra respeitar, tolerar e aceitar? Então, a questão que nós vamos tentar problematizar aqui é que esse “eu acredito que sou” precisa ser desmontado, precisa ser desconstruído, precisa ser pensado enquanto algo que fizeram crer que eu seja e a essa desconstrução do outro também precisa ser desconstruído. Então, quando nós fazemos esse jogo de desconstrução do si e do outro. Nós vamos nos dar conta que no encontro de si com o outro há possibilidades que não foram pensadas. Por isso que Roxxy falou que é a representação que diz o que seja as coisas, né? Nesse jogo de diferença e repetição, nesse jogo de legitimação de identidade e negação da diferença, nós nos constituímos o sujeito que nós somos, sujeitos preconceituosos, racistas, xenófobos, por quê? Porque nós acreditamos na nossa identidade e ai é questão de fé. Então, essas questão nós vamos problematizar, não só hoje. Hoje nós tínhamos escolhido um outro filme até na última reunião nossa, era um filme mais doido, mais impactante, mais nevrálgico e nós vamos passar esse filme ainda aqui, acho que vai ser o próximo e ai a gente... vamos falar assim: “a gente vai bater e abanar”, né? Porque a ideia é fazer o nosso pensamento a pensar nisso tudo que foi nos constituindo como esse eu que tem identidade, que acha que é melhor do que o outro. Isso tudo que foi constituído como esse sujeito que acredita que pode aceitar, que pode tolerar porque o outro não é nada, o outro é só alguém que tá abaixo de mim porque o meu eu tá garantido. Então, nessa composição de filmes a gente vai tentar se desestruturar colocando cenas chocantes, impactantes que, muitas vezes, vão nos calar pra fazer com que nós pensemos essa desconstrução desse eu que tá estruturado de uma forma muito forte em nós mesmos e ai nós vamos pensar: quem somos nós nessa ordem discursiva que tá colocada e que nos interpela pra dizer que o outro precisa ser negado pra eu garantir a minha constituição. Ok?

Courtney Act: Que beleza de filme! Suave, bem gostoso, bem interessantíssimo pra gente pensar a partir do sujeito porque aparentemente pra nós as gozações, as brincadeiras, as malvadezas, as safadezas, os discursos que nós apontamos pra uma criança na escola ou na sociedade ela aparece tão natural. “Ah aquela coca é fanta”, “a fanta é uva”. Quantas brincadeiras nós produzimos no ambiente escolar e que afeta diretamente a vida das pessoas.

Nós precisamos problematizar algumas coisas pra nós pensarmos. Não vamos dar respostas agora, mas vamos pensar em algumas questões significativas. Os discursos a RuPaul já falou... RuPaul e Roxxy, acho que nos ajudaram numa reflexão muito importante do processo histórico. Como é que lá atrás homens e mulheres se engalfinhavam, às vezes, por orientação sexual diferenciada e que os pais obrigava a casar como macho e uma fêmea e que depois um matava o outro. Quantos casos disso? Quantos casos perversos de imposição da sociedade sobre o casal para que fosse macho e para que fosse fêmea, para que se comportasse como macho e se comportasse como fêmea na relação, na escola, na sociedade e que depois complicava a vida das pessoas no relacionamento conjugal e a igreja sustentando todos os discursos. Todo discurso do macho e da fêmea, da multiplicação: “ah Deus nos criou para que multiplicássemos”. O Papa atual, Francisco, já está começando a reconhecer: “epa, tem alguns problemas aqui, nós precisamos respeitar as diferenças”. Já ouviram a frase dele? “Nós precisamos respeitar as diferenças!” Quem somos nós para julgar os outros? Olha a frase vinda da igreja. A própria igreja glorificando, transformando seu pensamento e nós professores? Vou relatar dois casos aqui pra gente tentar problematizar isso. Minha filha tava brincando com um carrinho e corre na rua na chuva, mais de oito moleques atrás da minha filha e vai pra lá e vai pra cá. A chuva para e ai vem uma senhora e fala assim: “Courtney, cuidado com a sua filha!”. Mas eu falei: “o que que tem o cuidado com minha filha?”. Minha filha tava com um caminhão... ela pediu pra eu comprar um caminhão daqueles de madeira e tá ela lá. “O que que tem minha filha?”. “Ela vai virar machinho”. Fantástico! Mas, eu falei, ela não pode ser caminhoneira, ela não pode ser uma boiadeira, ela não pode gostar de fazenda, ela não pode querer ser uma fazendeira? Porque ela necessariamente vai ser um machinho? E talvez uma cultura da masculinidade, da feminilidade está em nossa cabeça. Eu nunca discuti isso, mas temos duas pessoas que estão discutindo isso. Raja e Pearl estão discutindo a questão da sexualidade a partir do sujeito e isso é muito interessante, mas eu quero discutir do ponto de vista das políticas. Como é que nós atribuímos relações extremamente fortes, como é que nós constituímos pessoas para que sejam do jeito que a gente quer. Ai vem o discurso da biologia, biologia que defende sexo, a composição biológica, a composição química do sujeito que define quem ele é se é macho ou é fêmea. Será que nós acreditamos simplesmente nesse conhecimento? Ou na determinação da igreja que diz que um casal é formado por um homem e uma mulher, ai na escola acontece a chegada do hermafrodita, pronto! Nós professores compreendemos como um problema, não é uma situação, não é uma circunstância, é um problema. O hermafrodita não é problema, o gay não é problema, a lésbica não é problema, o problema somos nós, somos nós e as nossas relações, nós e nossas circunstâncias de aprovação e reprovação. Somos nós professores que são os problemas quando nós não compreendemos, quando evitamos compreender as situações, compreender as circunstâncias, compreender as situações. Eu quero compreender de outra forma. Veja! Será que a criança não procura a escola, não procura o professor como um espaço de segurança pra ela? Será? Vamos tentar entender... Será que o professor não é uma fortaleza para as crianças que são discriminadas por negritude, por condição social, por condição de sexualidade, por situação, circunstância, por causa da audição ou da referência da sexualidade dela? Será que ela não nos procura como professores e como instituição escolar um aparato de segurança para que elas possam trabalhar, para que elas possam viver? Conheço um caso. Esse é o segundo que vou contar. O menino era gay, fez toda sua atuação, construiu todo um conjunto de relações a partir da sua homossexualidade e a família..... “some se não vamos matar você” e esse jovem sumiu. Alguns anos mais tarde a família descobre que ele tinha comprado carro, casa, sítio. A família aceita ele de volta. Como ele é produtivo, como ele começou a ficar rico, como ele começou a ganhar dinheiro com o próprio esforço, com o próprio trabalho. Ai a família covardemente aceita, não

aceita por causa das condições educativas, não aceita por causa das condições de compreensão e a professora foi muito feliz, há uma economia do sujeito mas não aceita. Então nós precisamos refletir sobre as questões da escola, as questões dos sujeitos, as questões de nós professores, nós professores somos muito importantes na escola, vocês são muito importantes na escola para unificar o pensamento, para transformar a realidade, para modificar as relações, vocês são importantíssimos! Vocês são fortalezas desses jovens escolhidos, dessas meninas escolhidas, vocês são fortalezas, a instituição é fortaleza porque que eles migram muito para a universidade? Por causa disso, porque é um espaço de segurança para eles, é um espaço de respeito, é um espaço de convivência que eles se sentem respeitados... Será? Nós precisamos refletir sobre isso, nós precisamos pensar sobre isso e deixar os nossos preconceitos que, às vezes, são: a condição sexual, situação sexual, de condição econômica, de condição social, cultural, biológica e, às vezes, religiosa. Nós usamos a nossa religiosidade para impor determinadas circunstâncias e será que isto é necessário? Ou precisamos pensar por outros modos? As questões estão colocadas para nós professores. O mundo está em transformação, um processo de transformação intensa, o conjunto de composições da sexualidade está sendo discutida. Nós antes... você só tinha duas condições: Gay... ou era gay ou era lésbica, qual era a multiplicidade de possibilidades que tem de orientação sexual, percebam isto... Vamos tentar refletir sobre isso nessa pequena temporada nossa para que nós possamos ajudar, contribuir um com o outro, nós contribuimos com vocês e vocês contribuem conosco nesse processo de aprendizagem, nesses relatos de experiências da escola são importantíssimos para todos nós, para essa troca de experiências entre nós professores. Nós não temos soluções, nós não temos... “ah, nós estamos tirando uma carta da manga para dar a vocês, para ensinar a vocês”, nós não temos isso. Nós temos a capacidade de questionar, interrogar e indagar sobre isso e problematizar isso para que nós encontremos soluções juntas, soluções mais permanentes, soluções mais verdadeiras, mais carinhosas, mais fraternas, mais solidárias. Penso que isto que nós precisamos fazer ao longo desse período até o final de janeiro, pensarmos um pouco carinhosamente, vejam o filme! Só para terminar: o sujeito, o ser humano que sofre, que batalha todos os dias com a sua sexualidade, com a não aceitação, que sofre, que quer, que deseja ser o outro, mas que todos impedem que seja e quando ele se encontra e se reencontra com a vida, os obstáculos aparecem. Como é que é isto em um ser humano? Como é que nós podemos pensar? Será que nós podemos pensar na sexualidade a partir do sofrimento, da dor do cidadão e das alegrias deste ser humano, será que nós não podemos fazer um mundo mais feliz, construir um mundo mais feliz... não é ensinando a ser gay, não é ensinando a ser lésbica, não estamos dizendo isto, mas aceitando, compreendendo, analisando, ajudando. Que tal a gente discutir isto ao longo deste período? Porque vai também vir depois a questão das deficiências uma outra questão nas escolas muito importante.

RuPaul: Ok... Alguém mais? Meninos? Todo mundo quietinho, 22 horas cravado, então vamos manter nosso combinado. Gente, a ideia era termos o horário de início para não ter o horário de final, hoje deu uma atrasadinha, problemas de primeiro dia, mas no próximo vamos procurar chegar as sete, se não perdendo o filme a gente perde o fio da meada. Muito obrigada a todos, espero que vocês tenham gostado! Ah, só um pouquinho, só um pouquinho, desculpem! A Kássinha acabou de me ligar, é que eu estou velhinha, cabeça branca já, sem pintar... Gente, no final a nossa ideia... nós estivemos pensando que nós fizemos o cineclubes passado e nossa ideia era a gente pegar quatro horas a mais neste cineclubes para que vocês produzam relatos, podem ser relatos de experiência. Nós vamos apresentar em forma de paper. Nós vamos criar um evento pra nós mesmos, é isso né Raja? Então, assim, vocês já pensem na ideia de como trabalhar isso, nós vamos disponibilizar textos para ajudar a pensar

as questões que a gente problematiza aqui para que vocês escrevam os relatos e façam uma avaliação e inclusive de como modificar os posicionamentos e posturas ao longo dos cineclubes, né. Como eu pensava hoje e como eu vou pensar no final do cineclube até pra nós termos um retorno que o cineclube tem feito com a vida de cada um, né? Porque não vai valer de nada se não nos modificar, se não nos constituir outros. Ok? Ah ta... Com certificação viu! Eles avisam que eles são jovens. Nós vamos ter uma certificação extra pra esse dia de relatos de experiência. É isso? Fala gente...

Raja: No caso, então quem participar com relatos de experiências ganha certificado extra de apresentação, além do que você esta participando, a carga horaria, tá? Então nós faríamos um evento separadamente para as apresentações dos relatos de experiências, a entrega dos certificados e tudo mais.

RuPaul: Falou gente, obrigada!

FIM DA GRAVAÇÃO.

Transcrição em: 01/03/2017

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO FILME XXY

Transcrição do 2º encontro (08/11/2016) Filme XXY

Roxxy Andrews: Bom. Um filme argentino, né? Maravilhoso. Filme argentino tem essa coisa de ser meio escuro, meio, aquela penumbra. Bom, tá bom. Eu acho que a história do filme talvez para muitos de nós é algo impensável, né? Impossível ou que não está no nosso dia-a-dia, que não está na nossa mente, na nossa consciência. Alguns de nós é de é talvez uma história em livro, uma história ou outra, um livro ou outro, mas tá muito distante de nós, do nosso cotidiano. Então, acho que esse é um primeiro ganho que o filme traz pra nós é uma realidade que pra muitos de nós sequer existia, não é verdade? Pra muitos de nós é uma realidade que passa muito longe da nossa consciência, das nossas ações cotidianas, da nossa vida familiar, nossa vida na comunidade, nossa vida profissional, na nossa relação com o cotidiano, enfim, né? Então, acho que esse é um primeiro ganho, é um primeiro, é uma mexida já que eu ganho. Alguém pode dizer “ah é ficção”, pode dizer que é ficção, só que tem relatos históricos e concretos desde o século XVII XVIII, XV né? XVII XVIII, XIV, XX, talvez não assim que a gente vê em uma película, uma história completa, com vários lados, dimensões que isso possa ter, mas então, e aí? Mexeu com vocês? Mexeu ou não mexeu? Até que ponto que nós podemos pensar? Lembra quem não tinha isso como um horizonte possível, agora pode ter né? Passar a ter porque o filme mexe com a gente e provoca, né? E aí, então, nós podemos conversar sobre o que é que esse filme provocou em nós, o que ele leva a pensar, o que ele faz lembrar, enfim, e aí cada um pode ficar a vontade pra pegar o microfone e falar. Quem começa?

Courtney Act: Nós queremos ouvir vocês...

Professor Darienne Lake: Boa noite! Meu nome é Hélio, eu estou aqui a convite da Naine e nem sei quem são ... que eu tô em Cáceres aqui, tem duas semanas só e vim nesse projeto. Achei bárbaro o filme e, sou professor (sou professor de língua portuguesa) e esse filme eu já conhecia sobre o tema e tinha assistido um documentário da CNN, eu acho, que falava um pouquinho dos hermafroditas e da situação que eles passam. Enfim, na história da humanidade sempre existiu e sempre foi esse tabu, ainda continua sendo em pleno século XXI, continua sendo. Me parece que aqui, a maioria são professores, é isso? E a gente se depara o tempo todo em sala de aula com situações afins como essas, às vezes, até muito mais graves e a gente não consegue lidar por falta de experiência, de vivência ou por preconceito interno mesmo, às vezes, até religioso. Obviamente que a sala de aula não é um consultório psicológico, mas como a gente sempre diz o professor acaba fazendo papel de pai, mãe, psicólogo, psiquiatra e tudo mais, e chegar e reconhecer alunos que estão em condições, vou dizer até de vulnerabilidade social por conta de sua opção sexual, porque a gente acaba se tornando aí vulnerável ao preconceito da sociedade e apoiar adolescentes e crianças que estejam nessa situação. Não só as crianças, mas também até as famílias dessas crianças pra poder encontrar um caminho pacífico porque no documentário que eu assisti o que mais ficou marcante assim, foram os suicídios porque as crianças foram criadas, porque elas faziam as cirurgias logo após o nascimento e na adolescência elas acabavam se descobrindo de um outro gênero, que não era aquele no qual ele foi criado e obviamente acaba entrando numa crise psicológica, de identidade e acaba cometendo suicídios. Aqui no filme a gente encontra uma família que apoia e que reconhece e que dá a opção para o adolescente decidir, no entanto, a gente tem uma outra família meio que opressora ali em relação ao filho homossexual. Muito

bárbaro o filme! Eu acho que a gente enquanto educador, enquanto sociedade civil organizada, deve sim procurar os direitos e recorrer. A gente tá aí com o ministério público, também sou servidor do ministério público estadual, então, sou artista também... Enfim, a gente tem sempre que lutar por causas como essas. Há um, dois meses atrás também assisti um filme bacana sobre a comunidade indígena terra vermelha, quem puder assistir é bem bacana, que fala um pouquinho do suicídio, dos indígenas, né? E são temas que, às vezes, a gente não lida em sala de aula, mas a gente sempre tem um indígena, a gente sempre tem um homossexual dentro da sala de aula e a gente tem que saber lidar com isso e estudar um pouquinho a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, (LDB - lei 9394/96) que é bacana que tem todas essas prerrogativas e que nos dão a liberdade, enquanto educador, de exercer essa cidadania fundamental para a docência.

Professora Ginger Minj: Boa noite! Meu nome é Ginger... Na hora que eu estava assistindo comecei a me lembrar assim: primeiro trabalho meu na creche, na hora de dar banho eu assustei com uma criança e achei a vagina da menina muito pequenininha, demais de pequena, aí perguntei para a minha monitora porque que é tão pequeno assim, diferente demais e ela me disse que ela tinha nascido com dois sexos, mas a mãe esperou ela crescer. Hoje se eu não me engano ela deve ter uns 15 anos, a idade dela, e assim eu não sei, eu não vi mais ela, mas quando eu vi ela pequena eu me lembro que o jeito dela todo era masculino, tudo, e hoje, assim, eu não sei o que virou né. Aí quando eu comento, que muitas vezes, se casa com alguém, eles falam assim que tinha que esperar ela crescer, pra tomar uma decisão, né? Era isso que eu queria falar.

Courtney Act: Tocar na sexualidade é complicado! Nós temos vergonha, nós temos problemas diversos desde religião até as nossas questões familiares. Tocar na questão da sexualidade é muito complicado... Nós professores devemos tratar isso em um nível de capacidade técnica, de compromisso científico, de condições de colocar as pessoas para conversar em um diálogo sério e profundo. Veja que o filme é mais que uma criança, é mais que uma pessoa, é mais que um sujeito, mais que um indivíduo, é um ser humano, vamos pensar nas pessoas como seres humanos, nas dores, no sofrimento. Nós olhamos para as pessoas simplesmente com uma definição de gênero (homem/mulher), nós olhamos as pessoas simplesmente do ponto de vista de sexo, vamos olhar as pessoas como seres humanos, vamos pensar no filme, vamos tentar discutir o filme do ponto de vista de uma reflexão que nos ajude a pensar como ser humano. Veja lá a palavra que ele diz ao menino que o agride, que ele briga, que ele bate nele “você leva para todo mundo que eu sou um monstro”... O que significa isso? Como é que são os nossos olhares na escola? Como que é o olhar da nossa sociedade na escola?

Professor Bob the Drag Queen: Antes de eu falar, realmente é muito difícil! Nós que viemos de grupos de jovens, de igreja, quando fala “mas, Bob você apoia isso?” a gente fica assim, né? E aí? E aí tô refletindo mais tempos remotos, se você pega desde o princípio do mundo, os leprosos gente não podia encostar, ficava fora e a até chegar hoje, você analisa tudo, do rico, do pobre, do preto, do negro, do branco, tudo... Eu dava aula no Frei Ambrósio, vinha de bicicleta a noite e aí aquele negócio: quando você vinha e via um negro, falava “meu deus, vou passar pro outro lado, esse cara aí vai me atacar”, entendeu? Então já tem esse negócio que parece que o negro vai te atacar e agora meu sobrinho deixou o cabelo e tá desse tamanho, ele é negro mesmo, eu falei “Jorge não anda a noite” (risos) e a coisa parece que está impregnada na gente e a gente tá vendo a escola, tá vendo o processo que acontece. Domingo mesmo eu estava voltando para a casa à noite e aí a polícia parado ali perto do

camelo, eu falei “o que que foi?”, não tinha ninguém, um menino que estava caminhando sozinho e aí a polícia parou... E aí eu já voltei pro meu sobrinho “nossa, não pode deixar Jorge andar sozinho ou ele vai cortar o cabelo dele”. Então você vê como que é a coisa, então, não é fácil, não é fácil e aí eu tô ainda reportando a portaria que saiu agora pra atribuição de aula, aí você pode fazer a inscrição em duas escolas, uma escola regular e outra escola diferenciada, e aí eu tava me perguntando o que é escola diferenciada?

Professora Naomi Smalls: Eu desde cedo sempre tive amizade, sempre gostei de ficar junto e sempre me senti bem com essa comunidade gay. Eu tive amigos que desde cedo chegavam e contavam pra mim coisas íntimas, brincavam, mas eu sempre percebi que eles também sofriam muito, eles eram alegres, que o gay tem esse estereótipo de ser engraçado, de ser divertido. Parece que ele tem a obrigação de ser divertido, eles se escondem atrás do humor, eles estão sempre fazendo graça, eles estão sempre procurando fazer com que a gente fique a vontade porque, na maioria das vezes, eu acho que eles mesmos não se sentem a vontade. O homossexualismo ele foi tirado, ele era tido como doença até os anos 80, ele fazia parte do quadro de doenças, então a partir dos anos 80, eu não sei precisar a data certa mas eu pesquisei, que eu fiz meu TCC ali por cima, a língua gay falada aqui na região de Cáceres, e fazia essa pesquisa, eu vi que foi tirado do quadro doença a partir dos anos 80 e em 95 essa palavra “homossexual” foi tida como pejorativa, então, agora é recomendado que a gente se refira a eles como homoafetivo, né? Então, eu falo, por exemplo, nas novelas, pode ver que sempre o gay é reservado a eles o papel cômico, sempre eles aparecem na novela para divertir o público, parece que tem essa obrigação de ser engraçado quando na verdade não tem nada de graça nisso, porque eles são seres humanos como a gente, eles sentem dor e mais do que a gente, porque já vem na família esse preconceito, porque todo mundo acha bonito e engraçado, mas ninguém quer ter um filho gay, todo mundo acha um máximo ter amizade, mas que ninguém quer ter um filho gay. Eu mesma tenho um filho e não vou dizer “ah será que vai ser gay? Sou amiga de gay e tal, mas será? A gente é humano, eu me envergonho de falar isso, mas já passou pela minha cabeça isso de chegar e perguntar “você é gay, você é gay?”, “para mãe, não me enche o saco”, mas eu queria que falasse logo, tirar aquela coisa da minha cabeça... Eu falava “tudo bem eu aceito”, ele olhava pra mim como se eu fosse louca, mas agora tô tranquila, mas a gente é assim (risos) Porque quando acontece na família da gente aí que a gente se toca né? Eu tenho na família vários e vários homossexuais e eu me lembro de um amigo meu que é gay e falou pra mim “nossa na sua família tem gay né?”, você vê o preconceito vem deles também, quer dizer, todo mundo é ser humano ninguém é perfeito, a gente pensa besteira, fiz besteira e a gente não sabe lidar com isso em casa. Quando acontece na família da gente, a gente não sabe como lidar. Então, eu tive pouca experiência em sala de aula e numa sala de aula eu percebi que uma menina ela estava se descobrindo e eu tentava fazer com que ela se sentisse a vontade, que eu percebia que ela não conseguia lidar bem com os colegas, ela era muito agressiva, foi em uma escola particular. Primeiro dia que eu entrei na sala ela estava esmurrando o menino porque o menino brincou com ela. Ela tava batendo com olho fechado, eu fiquei muito assustada, aí eu conversei com ela, aí ela começou a faltar, ela fez só uma prova minha de português e aí a irmã me chamou e falou pra mim que ela estava com problemas de casa, mas eu percebi que ela estava... ela não estava sabendo lidar com a sexualidade dela. Então, a gente tem que ter paciência mesmo e tem que ter muita sensibilidade porque não é fácil pra eles aceitar, não é fácil pra gente. É só isso que eu queria dizer.

Roxxy Andrews: Tem outras palavrinhas que aparecem, aparece “monstro” e ali monstro humano e ele tem toda uma história que a gente tava discutindo ontem? Foi ontem, né? Um

texto por coincidência, um texto que tinha Foucault, que fala também de como é que surgiu, como apareceu na história essa nomenclatura “monstro humano”. No caso, ao mesmo tempo em que ela não cabe na lei da natureza, porque na nossa cabeça teria que ser ou um ou outro, não pode ser os dois e também causa constrangimentos e problemas para a lei, nossas leis, fossem as leis humanas, que também tem previsão dessa existência, de como é que se lida com esse ser que não tem uma classificação letal definida e aí abre todo um processo de luta, definição de como é que se lida com as pessoas que tem esse tipo, esse modo de ser. No caso dela é pior ainda, mais difícil, mais complicado, porque não tem uma, nem outra e nem outra, aquela mistura de que ali é biológico mesmo, é genético, é o corpo que é constituído daquela forma. Então você imagina a dificuldade maior ainda para lidar com a sexualidade, com os outros, no caso dela, que o sofrimento deve ser muito maior talvez do que se ela tivesse uma constituição biológica conforme as leis da natureza, que eles chamam de lei da natureza, a ideia de monstro humano não atinge nem a lei da natureza e nem a lei humana social, que aí vem toda complicação, mas tem outra palavrinha que é a palavrinha “anormal” que também apareceu no filme, “diferente” apareceu no filme e são coisas que estão ligadas ao nosso tema, ao tema da diferença, diferença e, no caso, das questões de gênero e sexualidade. Mas está aberto para outras pessoas que queira...

Professora Jade Jolie: Boa noite! Meu nome é Renata... Assim, ao que a professora estava falando ali, existe sim ainda muito preconceito com o homossexualismo. Esses tempos que eu vi duas moças juntas, moças bonitas e eu escutei um grupinho de pessoas no lado dizerem assim: “olha essas mocinhas tão lindas né, mas que pena, olha só a situação delas”. Então assim, existe muito preconceito com o homossexualismo, mas no caso o filme transmitiu, não sei se todos vocês interpretaram da mesma maneira, mas no caso da Alex tem a curiosidade e mesmo que a gente, por quê? O homossexual é normal, existe muitos, sexo feminino e sexo masculino, muito, então assim, já estamos mais habituados. No caso do hermafrodita não... Eu acho que aqui é muito difícil. Igual uma professora teve um caso de ter próximo a alguém, no caso um aluno, mas tirando ali acho que é muito difícil alguém passar por isso. Então não surge o preconceito, mas sim a curiosidade. Como é, né? Como é que eles fazem sexo e no caso no filme ali que eu observei, parece que o rapaz, que o pai da Alex foi na casa, parece que ele fez a cirurgia e então, quer dizer, ele virou homem depois e no caso da Alex, né? Ela provavelmente ela vai ser homem, o instinto masculino dela vai florir mais. Por mais que esteja tomando aquelas medicações para que não, imagina se os pais tivessem operado de início, né? Retirado à sexualidade dela, e aí? Ela se tornaria um homem! Então, fica aquela pergunta que a professora fez “o certo é escolher ou deixar que ele escolha?”.

Roxxy Andrews: Bom, falando do filme o pai da menina ele tem uma formação específica (biólogo), tem todo o conhecimento científico de como é que a vida se dá, se desenvolve e deu pra ela todo um aparato, os livros dele, ele deu pra ela compreender, pra ela aprender e a mãe ali do lado também. Aí você imagina o pai com uma formação dessas, claro que tinha todas as condições, podia não ter dado o apoio por outras questões, mas não por falta de conhecimento. Agora você imagina outras famílias que não tem um pai biólogo e uma mãe do lado compreendendo...

Professor Darienne Lake: Senhor Roxxy, só pra fazer uma contribuição sobre a... relacionado a educação, não sou um expert em educação, sou professor, minha experiência é em sala de aula e trabalho com professores também, na formação de professores. O que a gente percebe ainda é que a educação no Brasil ainda está muito atrasada em relação a alguns temas. A gente tem os temas transversais que estão aí pra gente trabalhar em sala de aula,

através dos Parâmetros Curriculares Nacional, mas a gente ainda não abrange temas como esses e eu geralmente falo para os meus alunos professores assim: as vezes chega um aluno com o cabelo diferente, com brinco, com uma sobrancelha pintada e a outra não, e ai a gente falava “o que que é esse... vote!” só o fato da gente fazer um comentário mesmo que seja, de modo na brincadeira, mas aquele momento pra aquele aluno pode ser pejorativo, pode ser discriminatório. Então, a gente tem que tomar, enquanto docente, a gente tem que tomar cuidado em como lidar com o aluno, porque como a professora disse nós somos seres humanos e a gente tem internalizado a cultura do Brasil. O brasileiro infelizmente ele é preconceituoso, a gente é preconceituoso com quem é gordo, com quem é branco, magro, com quem é negro, com quem é índio, o idoso, baixinho, gordinho, altinho, enfim, a gente tem na cabeça o padrão de beleza e a gente é formado por um contexto social, contexto religioso, familiar. Eu venho de uma família estritamente cuiabana e tradicional, então assim, tem isso mais alto. Eu tenho 30 anos, eu falei para a minha família que eu sou gay, a minha mãe tá aqui do meu lado ela vai me matar depois... A gente vem discutindo isso por carro, eu tô aqui há duas semanas em Cáceres, eu falei “mãe pode deixar, eu não falei pra ninguém que eu sou gay”, ela “ah tá”. Agora eu já falei para uma plateia, então, assim, e a família... A resposta da minha mãe há duas horas dentro do carro vindo pra cá, ela nem sabia do que se tratava o filme, eu falei “mãe eu nasci para quebrar paradigmas, não é atoa que eu sou professor e não é atoa que eu estou em um órgão, por exemplo, que luta pela justiça nesse país”. Então, assim, é importante que a gente enquanto professor... e a cada dia que eu vivo, eu tento mais a função de ser artista, a função de ser professor no mundo e, principalmente, no Brasil de que a causa está nas nossas mãos, principalmente, as políticas públicas a gente tá ai no embate gigantesco com as bancadas evangélicas, principalmente, com as bancadas de oposição em relação a esses temas e é uma luta politica, mas a gente está em sala de aula, a gente tem que estar livre desses preconceitos. Nesse final de semana a gente teve uma prova do Enem, eu sempre digo, é uma prova elitista? É, mas ainda é uma prova que abrange diversos temas, ano passado caiu o ponto de macumba dentro do ENEM e isso é maravilhoso, entendeu? E aquele professor que não falou isso na sala de aula, me desculpe, está fadado a aposentadoria mais cedo e vai continuar reclamando na sala dos professores que merda é ser professor, que merda que a educação ter um professor é assim, infelizmente, me desculpe... Boa noite!

Professora Penny Tration: Eu só queria falar, assim, que indiferente de ser professor e da formação que a gente tem ou daquilo que a gente procura quebrar de preconceitos que a gente tem a partir das formações e das experiências que a gente vai vivendo dentro das escolas, acho que a gente não conseguiu ainda mesmo conviver ou se libertar desses preconceitos, porque eles estão de diversas formas e eles são distintos. Então a medida em que você vai tendo experiências dentro da sala de aula, dentro da escola, você percebe, assim, você tem essas situações como já foram colocadas aqui, por exemplo, aquele homossexual que ele é o alegre, ele é o alegre porque ele precisa ser assim, então, ele mesmo não é preconceituoso com ele, ele não lide bem com a sua situação, mas isso, o que que a gente percebe? Quando nós vamos para o conselho de classe, por exemplo, dentro da escola, a gente observa e vê ali na fala de alguns professores que essa atitude, esse modo dele, incomoda alguns, né? E da mesma forma que nós temos também aqueles que ficam lá caladinhos, com aquele sentimento guardado, com aquele preconceito de que ele não tem coragem de se expor com os outros na condição que ele está vivendo, ele não tem com quem dialogar, não tem com quem conversar. Não é em casa, não é na escola que o professor tem que estar preparado, coordenação também não está e ai vai crescendo essa situação dentro da escola, que eu acredito que a gente ainda não conseguiu resolver, porque assim, apesar de que eu já tenho 18 anos com a educação, mas eu já vivi muitas situações dentro da escola. Nós já tivemos uma aluna na escola, por exemplo,

que ela foi minha aluna no 7º ano e quando ela chegou lá no ensino médio ela mudou totalmente a aparência dela, o cabelo, aí ela começou a pintar o cabelo de azul, de roxo, não sei o que mais e ela era uma aluna comunicativa, tinha um grupo de amigos, de colegas e ela gostou de ter esse grupo de amigos, aí ela começou a aparecer com o punho cortado. Então, a gente começou assim a observar um comportamento muito estranho da menina e aí os colegas começaram a comentar “ah professora porque ela está afim de fulano, ela é homossexual, ela é não sei o que” e aqueles monte de conceitos lá, de preconceitos que a gente vai formulando tem alguns adjetivos pejorativos e começaram aqueles comentários dentro da escola. Inclusive ela acabou completando 18 anos dentro da escola e aí ela mudou esse comportamento assim e começaram a dizer que porque ela era homossexual, a partir de aí, né? E aí nós encaminhamos ela pra FAPAN, pedimos lá, encaminhamos ela porque fez 18 anos e ela aceitou, ela precisava dessa ajuda, ela já estava bem sozinha internalizando tudo aquelas coisas dela e depois a gente foi fazer um acompanhamento dessa aluna com 18 anos já no 3º ano e nós fomos descobrir que a família dela, o pai agredia muito a mãe e quando ela foi se tornando uma mocinha que ela começou, eu acho, que na fase de querer namorar... ela não queria namorar um homem porque ela achava que o pai, que o namorado, o homem, ele espancava, da mesma forma que o pai fazia em casa com a mãe. Então, assim, não é uma coisa genética, não sei não entendo bem, ela não nasceu dessa forma e nem nada, mas foi uma coisa que... experiência da vida dela, ela resolveu mudar, optou por “não, eu vou namorar menina, eu vou gostar de menina, não vou querer casar com homem” e até então antes de ela fazer 16 anos, 17 anos, ela não tinha esse comportamento e acompanhando a gente foi descobrir que ela teve toda essa mudança na vida dela, de ficar sozinha, de se isolar e tal por causa das agressividades do pai em casa. Então, são situações assim, que a gente, não sei, a gente não entende, nunca sabe realmente o que está por trás de tudo isso, se é esse sofrimento, esse aluno que ele demonstra essa alegria, se expressa... aquele que fica lá quietinho no canto, de onde que vem isso ou ele escolheu um grupo de amigos ou de meninos principalmente ou ficava no cantinho abraçado com menino, se isso realmente é uma homossexualidade. É muito difícil, é então difícil e eu ainda continuo buscando respostas para lidar com essas situações. Elas existem na escola, são muitas, são distintas, são diferentes e a gente... não consigo acompanhar. Eu não assisti o filme (cheguei atrasada), mas eu vejo que o tema é muito difícil dentro da escola. Obrigada!

Courtney Act: Nós estamos tratando... Até dezembro nós vamos tratar das questões da sexualidade, em janeiro nós vamos tratar mais das questões das diferenças na educação com as deficiências. Então, nós vamos tratar agora discutir essas diferenças e nas diferenças, as questões da sexualidade. Isso é muito importante pra nós como a professora está afirmando aqui, isso acontece das diversas formas na escola. Nós queremos ouvir vocês, pelo amor de Deus, sobre isso, sobre essas diferenças, não só essas questões do intersexo, não é só essa questão, é a questão da homossexualidade feminina, da homossexualidade masculina. Como é que nós convivemos com ela na escola? Como é que nós estamos discutindo isso? como é que nós estamos dialogando com isso nas escolas? O que que os professores podem fazer? Já tem ações muito fortes dos grupos por aí, exemplo, alguns travestis eles querem que sejam chamados pelo nome que eles dizem, nome de guerra, mas o nome da vida social, o nome social deles, como é que nós cuidamos disso? Como é que nós estamos pensando, nós professores da educação básica, como é que nós estamos pensando na conversa, no diálogo? Por que isso impacta na vida da escola, impacta... É a criança comentando, é a criança dizendo, pai falando, é mãe discutindo e professor... “Eu não quero isso, eu não quero minha filha perto de fulano de tal”. Isso gera um conflito na escola intenso e somos nós que precisamos resolver na escola, não adianta ficar tentando levar o padre, o pastor, somos nós no cotidiano que vamos cuidar disso. Então, nos queremos ouvir vocês até pra gente ir

discutindo, fazendo avanços dessas questões pra todos nós, vocês na escola, nós na universidade ou vocês acham que na universidade também não tem preconceito? Que não tem agressão à questão da sexualidade? Também tem! E nós daqui a pouco vamos expor aqui! Vamos lá queremos ouvir vocês...

Professora Raven: Boa noite! Até estava comentando com a minha nora aqui, que é um tema muito difícil, como já falaram, da gente debater, da gente falar. Porque a gente tem pessoas na família à gente convive, a gente respeita, mas a gente... fomos educados, criados de uma forma e não é fácil a gente falar sobre algo que, assim, difícil da gente lidar. Mas eu já ouvi casos desses, de conhecidos ai depois eu não soube mais, mas que aconteceu, que a criança nasceu assim e depois eu não tive mais conhecimento e é, assim, difícil o professor ali e as crianças... Eu já convivi assim com crianças, não desse caso aqui, mas que com cinco anos a gente já via a diferença e foi difícil porque a gente conviveu ali e as crianças elas tinham aqueles preconceitos e discriminava. Não foi fácil! Quando a criança tava adolescente a gente até tentou reunir o grupo e falar que não podia, mas não foi fácil, assim, pra gente e muito mais difícil pra pessoa que sofreu esse tipo de discriminação, de preconceito. Mas estamos ai pra estar debatendo e nós, enquanto educadores, na escola devemos estar bem atento a essas questões e aliviar o sofrimento daqueles que... Porque querendo ou não temos sim preconceito ainda, muita discriminação, na educação infantil então... Porque eu trabalho na educação infantil, as crianças lá de cinco anos: “professora ele parece uma menina ó... só quer brincar com menina e ele não é menina”. E nessa hora, nessa situação, como que o professor deve lidar? Não é fácil, assim, é difícil mesmo, mas vamos ai procurar, como eu já disse assim, fazer o melhor pra essas pessoas.

Serena Chacha: Boa noite gente! Eu só vou lembrar uma questão que a gente falou no grupo. Como o Dimas falou até dezembro a gente vai estar à questão de gênero, então, as crianças que vem para as sessões, os filmes geralmente apresentam algumas cenas e cabe, então, a vocês analisar se vão trazer as crianças ou não, a gente só quer que vocês fiquem atentos à presença delas nas sessões. Eu queria falar uma coisa com relação ao filme ainda, eu não sei muito bem o que eu gostaria de falar, mas eu vou tentar articular essa fala. Acredito que todo mundo hoje sai com essa questão a ser digerida com mais tempo, talvez eu acho que no começo a gente tenha tido mais dificuldade de falar por causa disso porque até então na semana passada o filme falava da questão dos homoafetivos, mas a menina que não tinha um traço biológico, que é a questão do filme de hoje, então, traz um outro impacto quando a gente fala em gênero porque ai a gente tá falando não somente com o que falam da opção sexual mas de outras questões e esse filme traz isso, o fator biológico. Então, acho que a gente precisa digerir um pouco mais até por que dá um choque, nos tira da zona de conforto do que a professora fala, quando ela diz que a gente tem uma concepção, um estereótipo do que é o homossexual e na semana passada falava com Pearl, que está escrevendo sobre isso, acho que a professora RuPaul já falou da temática dele, que a gente tem aqui um momento muito importante, que é sair dessa zona que a gente tem de conforto, de conhecimento das temáticas. Porque primeiro a gente tem um encontro com o outro através do filme, a gente sabe que estamos todos aqui nas diferenças e nas diversidades, mas assim causa um impacto quando ele é direto como os filmes tem trazido pra gente, esse é um primeiro ponto. Então esse momento é fundamental, quando o outro tá muito próximo da gente. O segundo é que a gente se coloca na pele, quem que não pensa né? Como é que seria comigo, com meu filho, com alguém muito próximo. Acho que essa reflexão ela acontece, é impossível a gente não se colocar no lugar e ai a gente tem um terceiro momento que está acontecendo hoje, estou muito recente nos cineclubes estou aqui desde agosto, mas é quando o outro se manifesta e eu convidei ele

pra vir aqui sem falar do que a gente tava tratando e ele veio, veio com a mãe dele, apresentou o universo dele e eu acho que esse é o ápice que a gente pode estar fazendo aqui hoje. É ouvir quem é até agora o outro e que a gente só tem uma concepção das experiências que a gente tem e, às vezes, a gente não tem uma proximidade com isso. Tem um autor indígena chamado Daniel Munduruku que fala assim: “o dia de hoje é o dia mais importante na nossa vida e por quê? Por que ele não vai se repetir, nós estamos aqui e pode ser que nós todos vamos nos reunir na semana que vem, mas tá faltando muita gente porque choveu, então temos outras pessoas, tudo que foi falado aqui não vai ser falado na semana que vem, não vai ser falado amanhã. Então, o dia de hoje é o dia mais importante da nossa vida”, eu só queria falar pra vocês, assim, que cada dia que se segue é o dia mais importante, porque a gente tem a oportunidade de conhecer o outro e se a gente faz isso com esse tom especial que a gente tá fazendo nos cineclubes sem o julgamento ou pré-julgamento, acho que a gente começa então a traçar outro caminho e fazer valer as nossas sessões de terça-feira e isso é especial. Então, agradecer a presença de vocês que estão aqui que se manifestam com as falas ou com os olhares porque mesmo que a gente não fale a gente percebe que existe uma manifestação do corpo e o corpo fala e a gente reconhece que o corpo fala e dizer que hoje também não teve pipoca por causa da chuva, na próxima sessão vai ter tá? Só isso gente...

Roxxy Andrews: Eu acho que sim, acho que coloca uma questão muito importante. Primeiro porque eu acho que a questão do hermafrodita ele... e mexe com as nossas classificações porque pra nós é tranquilo ou é homem ou é mulher, é o masculino ou feminino, o homossexual masculino ou feminino ou é bissexual ou é isso ou aquilo. Bom! Isso já é uma tranquilização pra nós porque já está definido quais são os quadrados e cada um fica no seu quadrado. Maravilha! No caso do filme não! Não tem isso, nos tira é justamente essa tranquilidade de pensar a partir de uma gramática já constituída que diz... aplicou a diferença e já plastificou e colocou cada um no seu lugar. Tirando isso nós ficamos assim “e agora?”, e aí outra coisa que eu vou dizer só pra nos provocar um pouco, talvez a gente vá pra casa pensando nisso, é porque é que tem de classificar? Por que é que não podemos ser os dois... e porque não pode ser dois? Por que tem que ser um ou outro, o outro, o outro, talvez essa interrogação é que está trazendo toda aquela carga de humanidade que o filme traz, nas relações que ela estabelece com a família, com o outro e com o outro. Há uma carga de humanidade que nos faz nos colocar nesse lugar de humano, no lugar dela, no lugar do pai, no lugar da mãe, no lugar do amigo, no lugar do homossexual que teve um caso, que apaixonou. Enfim, porque é que tem de classificar? Por que é que tem de definir? Porque não pode ser os dois? E irremediavelmente porque isso é genético ou é biológico, essa é a base material outras questões. Mas eu acho que essa questão é importante pra gente porque nos balança, nos tira a estabilidade.

Pearl: Boa noite pessoal! Eu vou justamente trabalhar com isso, com essas questões de gênero e sexualidade na dissertação e, assim, as contribuições do cineclube, as falas de vocês tem me feito pensar em inúmeras coisas, né? Inúmeras coisas a respeito de como a gente vai trabalhar esse tema, principalmente, porque são professores, estão na escola e justamente esse universo que a gente tá tratando no filme também tá lá dentro da escola. Aí no filme passado algumas falas foram... eu fui anotando e assim, fui me angustiando com algumas situações porque eu sou isso, eu também vivo essa realidade. O gay, filho de pais evangélicos, então, minha família aceita numa boa, tranquilo e é por isso justamente que eu vou trabalhar esse tema. Então esses comentários de “ah o jeito diferente, jeito estranho, ele tem aquele jeito”, parece normal a gente tratar essas formas só que de certa forma isso soa com um tom de preconceito da nossa parte, porque a gente não fala da boca pra fora “o jeito diferente, ele é

meio estranho, é assim assado”. Então, a gente precisa pensar e repensar as nossas formas de falar, de se comunicar e falar do outro por que esse outro também sou eu, esse outro é nós no contato, no convívio, né? Então, assim, uma das perguntas pra fazer no outro encontro, no primeiro filme, é o que que a sexualidade do outro, desse outro que a gente tá vendo, me incomoda, me afeta em que? Por que que a gente fica tão afetado com a sexualidade do outro? Porque a nossa a gente tem e a gente não exhibe e não expõe ela pra ninguém, mas a do outro afeta a gente e ai eu gostaria de... se alguém tivesse como se manifestar e pudesse falar a respeito porque isso é algo que realmente a gente vê. A sexualidade do outro, das outras pessoas, do homossexual, do intersex (porque ai a gente usar o termo intersex porque o hermafrodita está em desuso), então o intersex, por quê? Por que que essas sexualidades nos afetam, nos incomodam, nos tiram do eixo?

Professora Phi Phi O'hara: Boa noite! Então, quando você falou de aquilo que nos afeta, o que? Eu também passei por uma situação (varias) e eu também me perguntava: “mas meu deus porque esse preconceito? Eu não tenho claro”... Até no filme quando foi o João que disse assim “porque que eu tenho que ser assim e não o outro, o outro, ai eu até dei um sorriso aqui”, porque teve uma cena que ele ficou os dois naquela cena do... eu falei “ih... agora vai ser um sexo dos dois lados”, eu falei pra minha colega, já que ele tem os dois sexos, tem os dois então vai ser. Eu falei “ah eu quero ver”. Eu disse isso gente, eu disse pra minha colega aqui... Então olha só o preconceito eu falava “ah meu deus, ai acho que eu não quero ver, vai acontecer”. E respondendo a pergunta, quando você falou eu falei olha lá o preconceito e que eu tenho feito depois dessa situação que não foi assim com o vizinho, não foi... foi mesmo familiar, eu recorri as literaturas, eu abri assim e todo esse preconceito que eu ainda tenho, mas eu consigo lidar melhor com as situações também... vários amigas e amigos, até um dia uma menina chegou pra mim e falou assim: “ai eu não te vejo com namorado, você gosta da coisa”, eu olhei pra ela assim e falei “mas, eu não gosto não” e eu falei de boa assim, até contei para as meninas, minhas amigas, mas eu falei assim: “será que é o meu jeito de vestir?”, mas também passou, eu falei “se namora demais, tá usando demais, se namora de menos gosta da outra coisa”. Mas respondendo a sua pergunta eu acredito que as literaturas te ajudam muito bem a resolver as questões internas nossas mesmo e tudo mais. Tá bom gente? Era isso...

Professora Alyssa Edwards: Boa noite! Só a questão da pergunta “porque o outro me incomoda”. Eu penso porque que a gente se sente tão incomodado? Porque é diferente... [...] O que incomoda é a questão do ser diferente, a questão que não é igual ao meu juízo de valor, não é igual ao que eu penso, é diferente, não é normal e acaba me mudando. O que eu estou gostando, até da primeira, agora da segunda edição do cineclube é a questão de ampliar os seus pensamentos. Então, a gente começa a analisar de várias formas, de várias maneiras, e você vai deixando de ficar um pouco focado, vai conseguindo olhar de diversas formas. É só isso...

Professor Darienne Lake: Só queria deixar, assim, pra gente refletir um pouquinho é que, às vezes, não é só a questão sexual porque quando a gente olha para o homossexual a gente vê essa questão “ah porque é sexo, é rock in roll”, não! não é isso, é o modo como a gente se sente, é o modo como você vivência, é muito mais do que sexo, aliás, sexo é um detalhe pequeno dentro da vida de quem é homossexual. Pearl, eu não conhecia o termo de intersex... Não é a questão sexual, a questão sexual é igual na vida de cada um, na vida do homem é, na vida de mulher, do hetero, do gay, é igual. É um detalhe você pensa em sexo em determinado momento da sua vida, do dia, da semana. Enfim, aliás, tem gente que nem gosta de sexo, não

é a questão de sexo, é a questão do seu comportamento enquanto pessoa, entendeu? É a forma como você enxerga o mundo, como você se relaciona com o outro. Então, essa questão de sexo gente é justamente gente, é o maior estereótipo que tem na sociedade hoje e a pessoa olha para o gay, olha para as lésbicas, olha para o trans, para toda a comunidade LGBT e só vê o sexo, só vê a putaria, ou drogas, entendeu? E não é isso, é a forma como você vivência o seu sentimento, a forma como você age, todo mundo “ah, mas o gay tem uma relação muito legal com a mãe”, mas não é que é por ele ser gay, é por ele ter um sentimento diferente de um homem, por exemplo, hetero que é criado todo bruto, macho “eae mãe, beleza”, não é assim e é só pra gente entender mesmo que é mais sensível e não é sexo, sexo é mero detalhe.

Pearl: É a última provocação só. Assim, essa não precisa de resposta... Quem garante que a Alex vai trocar o corpo dela por um corpo masculino? Vocês já pensaram nisso? Já pararam para pensar que ela pode permanecer com o corpo dela feminino, utilizando o membro para as relações sexuais? Então, isso é algo pra gente pensar porque isso pra gente não é o padrão, então, a gente tem que (des)padronizar.

Courtney Act: Eu penso que nós precisamos ir embora, mas como é gostoso... Nós estamos tentando selecionar filmes, para vocês, para todos nós que garantam um mínimo de responsabilidade em discutir esses temas dada a natureza do nosso trabalho e dada às circunstâncias de nossas vidas. Gil já disse ali, eu sou católico, o Gil, o João, somos católicos, vivemos, nascemos, criamos embaixo da saia do padre, não é? Como tem centenas de evangélicos que trabalham com isso, nós fomos criados em com formato, com uma condição, com uma circunstância de vida ligada bastante a religiosidade. Nós vivemos e vivenciamos isso, mas a nossa realidade, a realidade social hoje exige de todos nós um certo compromisso social, um certo olhar caridoso, fraterno, solidário. O papa Francisco dizendo sobre os homossexuais: “quem somos nós para condená-los? Quem somos nós para condená-los?”. Então Hélio, parabéns pelo carinho que você tem pela sua mãe, parabéns a senhora estar aqui conosco, por estar aqui discutindo conosco, ouvindo essas questões todas, é um prazer. Conversar com o Pearl a gente adora em nosso grupo de estudo! Pearl você é super bem recebido, super acarinhado por nós. Nós trouxemos ele para o nosso convívio e para a nossa relação extremamente fraterna com este menino. Então isso é muito importante, essa relação solidária, essa relação fraterna é muito mais importante do que todos os nossos sentimentos de desprezo, de todos os nossos preconceitos porque eles estão aqui. De vez em quando o preconceito sai daqui e vem aqui e machuca todos nós, machuca porque nós sofremos. Depois que temos uma atitude de preconceito contra alguém, nós vamos pra casa, as lágrimas descem no travesseiro, a gente sai, coordenador pedagógico sai e vai lá pra sala da coordenação pedagógica e vai esfregar os olhos porque teve uma atitude de preconceito e nós precisamos tirar isso um pouco, sentir isso, retirar isso, acabar com isso, começar destruindo esses preconceitos da mesma forma que a luta desses grupos, do pai, da mãe, do Tomboy e desse filme XXY, os pais tem uma vida, tem uma circunstância de vida muito complexa pra nós. Eles têm sentimentos, eles têm vida, eles têm compaixão, eles têm amor, fraternidade, têm solidariedade e acima de tudo tem compromisso paterno e compromisso materno na relação, coisas que às vezes nós não temos. Então, é preciso que nós intensifiquemos a nossa compreensão sobre isso até para nos educarmos e auxiliarmos na educação das crianças que estão vindo, que vão conviver a cada dia a mais intensamente com a forte ação dos grupos sociais, eles estão se organizando maravilhosamente bem, estão exigindo os seus direitos.

porque eles estão entrando na escola, estão chegando na escola com qualidade, estão chegando na universidade muito fortemente nas graduações chegando, colocando, exigindo e

trabalhando os seus direitos. E nós professores universitários o que que nós fazemos? Nós estamos aprendendo muito com vocês, nós ouvimos vocês aqui, mas aprendemos significativamente como é que isso está acontecendo na educação básica. Na universidade também temos preconceito, ainda que em menor nível, ainda que em menor intensidade, porém, o preconceito existe, existe as piadinhas, existe as gozações, existem as zueiras. E aí eu não quero encontrar respostas para aquilo que provocou Wallace, eu não sei, francamente eu não sei o que que incomoda, mas eu tenho mais ou menos uma certa compreensão de que incomoda porque eu gosto ou incomoda porque eu estou curioso por isso, ou me incomoda porque eu detesto isso, ou me incomoda porque a minha igreja não permite isso. São variações possíveis daquilo que existe na nossa relação preconceituosa, são variações possíveis que nós precisamos pensar. Será que eu gosto mesmo? Será que eu não gosto? Será que contraria a minha religiosidade ou será que estas circunstâncias contrariam toda a possibilidade da família e da minha vontade? São circunstâncias que nós precisamos pensar, não é preciso dar resposta, não é preciso ter resposta, é preciso que a gente questione isso no cotidiano. Esse questionamento de Pearl é preciso que nós questionemos com as nossas crianças, com os nossos jovens. Nós não podemos impedi-los de não gostar do homossexual, nós podemos perguntar por que que não gosta. São circunstâncias de vida que nós precisamos manter, conversando, dialogando, potencializando todo nosso referencial de conhecimento da literatura possível para que nós possamos ir aos poucos intensificando essa relação de aproximação, de compreensão, de convivência, de partido, de compartilhamento das relações sem preconceito, sem demasiada ação sobre a sexualidade do outro.

Roxxy Andrews: Para encerrar agora com duas ou três palavras só e aí reforçando um pouco aquilo que foi colocado em relação à sexualidade do olhar prende no sexo ou no corpo fica reduzido a sexualidade, o modo como nós experimentamos, usamos o nosso corpo. Os prazeres é um dos elementos entre muitos outros que nos torna seres de relações humanas, tem muitos outros. Então um desafio pra nós é desapegar dessa ideia de que quando fala em homossexual a gente só pensa no sexo, até por causa do nome né? A gente já fica ali barrando, fechando, nós precisamos ampliar muito mais, ampliar nosso olhar, além desse focozinho que esse nome parece que nos prende a pensar só assim. Então acho que esse filme deu um tom pra gente ampliar esse olhar e pensar também nas relações humanas, como todos os humanos que estão por aí e com todos os humanos com todas as suas diferenças que estão no mundo e que nós convivemos com isso. De um modo ou outro seria uma coisa, todos de A até Z, da classificação todos têm o direito de ser feliz, por quê não? Se nós queremos porque os outros não podem? Nós precisamos constituir relações cada vez mais que torne possível que todos possam ser felizes, cada um se for o caso no seu modo, mas que seja por isso, pra gente eliminar um pouco a dor. Nós temos dores terríveis nessas relações quando nós não aprendemos a olhar com elas, nós não podemos com as nossas relações nós podemos melhorar cada vez mais, com certeza! Eu penso que esse cineclube servindo pra isso. Obrigado, boa noite!

FIM DA GRAVAÇÃO.

Transcrição em: 20/12/2016

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO FILME BILLY ELLIOT

Transcrição do 3º encontro (22/11/2016) Filme: Billy Elliot

RuPaul: Engolindo os choros agora... Aliás, pode até chorar se quiser... Quem se habilita a começar? Oi?... O filme deixou todo mundo mudo? Moniquinha? Vai Mônica... Então gente... Qual que é... é... o que que a gente pode pensar? O que que o filme nos leva a pensar? É essa a nossa pergunta básica, né? Em educação, na escola nós temos algum Billy Elliot? Nós temos comportamentos que produzem Billys? Nós temos comportamentos que dizem que a infância é aquela do começo do filme, que diz que Billy, a ele seria negado ser criança, caso ele não vivesse a infância que lhe foi pensada, projetada, planejada, requerida... Voltando a questão que vocês discutiram na semana passada... qual o comportamento que o corpo do Billy nos levaria a representar enquanto identidade de gênero? Fazendo pergunta difícil?

Serena Chacha: Oi gente, boa noite! Ao contrário dos outros filmes, Billy ele não traz a sexualidade como ponto chave e sim o sonho do Billy, então, talvez esse seja nosso gancho. O desejo dele e a família ao mesmo tempo, né? Quem de nós não foi Billy ou não é Billy e deixou um desejo de lado pra seguir um caminho, que talvez fosse o caminho que nos garantisse algo, digamos assim, porque ali a gente viu o contexto familiar do Billy, ele não tem mãe, tem uma avó que aparentemente tem Alzheimer cuidador dela, o pai e o irmão eram operários, tinham uma vida muito sofrida, de operários em um contexto de greves, de militância, então, talvez não coubesse naquele momento o sonho de Billy, né? Eu acho que é isso que nos dá aquele apertozinho quando a gente pensa nos nossos e nos que estão ao nosso redor porque, as vezes, as crianças tem alguns sonhos que a gente não consegue alcançar, ou nos doar o suficiente para realizar esses desejos e esse filme, ele traz um pouco disso. O quanto o pai e o irmão rompeu com alguns paradigmas que eles tinham da posição até mesmo de um homem que eles eram operários e eles se mostram o tempo todo lá numa posição rígida e ele masculino, enquanto o Billy queria dançar balé. E ai vem toda a história, né? Quais são os nossos sonhos e como é que Billy conseguiu amolecer o coração deles e o nosso né? Porque a gente também sente essa dor e essa angústia de talvez pensar como é que será o futuro de uma criança que tem sonhos que são fora do padrão, né? E ai a pergunta da professora: será que a gente consegue driblar o que está posto, né? Será que fugir um pouco dessa onda ou desse caminho que é um caminho que todo mundo pensa que a gente vai ter um futuro... é tão difícil... Alguém gostaria de falar um pouquinho? Talvez não pensando na sexualidade do Billy porque o Billy... isso não é deixado claro, o tempo todo ele fala que ele quer dançar, ele almeja dançar, é algo que ele será, é algo que é da alma dele, então, a gente tá lidando com uma infância que tem perspectivas, que tem sonhos que não é o padrão. Mais ou menos isso que eu queria colocar e lançar pra gente pensar... contexto familiar de pensamento e o quanto a criança deseja algo e o quanto a gente rompe com esse desejo da criança porque é algo que não está colocado pra se realizar ou descobrir dentro da sociedade.

Raja: Boa noite a todos e todas, né? Eu acho que casa um pouco com que a Serena está falando e pensando em... talvez não provocar, porque a gente poderia pensar isso aqui como uma roda de conversa, imaginemos que estamos entre amigos e alguém puxa um assunto e alguém lembra de alguma coisa, comenta, e assim vai somando com os demais. Então não é uma provocação, longe de mim, mas se a gente for considerar, por mais que a Serena comentou que nesse filme talvez não discuta a sexualidade como a gente viu em outros filmes, discute sim. Talvez não tão enfatizado, mas nós percebemos que o tempo todo o Billy

é questionado sobre a sexualidade dele, por mais que ele deixe... não diz expressamente como ele se vê em termos de identidade como a professora RuPaul comentou, mas ele é questionado e alguns aqui me conhecem, sabem que eu trabalho com dança há muito tempo, já vivenciei diversas atitudes de crianças, de professores em sala que me lembram muito esse questionamento, esse questionamento que fazem pro Billy, né? E vocês aqui? Já trabalharam com dança dentro da escola? Alguém teve alguma experiência com alunos que de alguma maneira representaram de alguma forma com o corpo em algum momento a gente teve essa impressão pela forma como ele estava se expressando, dos pais. Então, talvez, se a gente fizesse uma relação com isso pra além da família, em termos de gênero e sexualidade, a questão do preconceito que as próprias crianças, as vezes, reproduzem o que os adultos colocam, será que ninguém aqui teve uma experiência dessa de ver alguém na tv dançando de tal jeito e questionar a sexualidade, né? Então, talvez uma das coisas que me tocam muito nesse filme é sobre esse questionamento em relação ao querer da criança fazer algo que, muitas vezes, tem uma representação diferente pra sociedade. Então, juntando com as falas das colegas, mais um pouquinho pra gente pensar e tentar conversar sobre o assunto. Quando a gente fala em trabalhar com dança pessoal, não é expert em dança, mas você preparou uma apresentação na escola, uma apresentação para o dia das mães, para seja lá o que for, você está trabalhando com dança, então, nesse sentido.

RuPaul: Quem sabe a gente pode começar a puxar a conversa a partir de outro ponto que o filme também aborda. No filme nós vemos claramente dois movimentos, dois movimentos fortes, intensos. O movimento que move a vida do Billy e o movimento social dos quais o pai, o irmão do Billy estão envolvidos, né? São dois movimentos que chegam ao fim. Eu não sei talvez propositalmente um leva pra baixo e outro leva pra cima, nós vimos isso, mas o que leva pra baixo impulsionou, deu condições que possibilitaram para que o outro fosse pra cima. Nesse sentido, nós podemos fazer alguma reflexão com a educação? Pro momento atual a nossa forma de constituir sujeitos nas escolas que nós trabalhamos. Um sujeito militante, um sujeito que sabe do seu papel social na sociedade porque o pai sabe, o irmão sabe e nesse movimento eles estavam buscando conquistas, buscando melhorias, buscando um outro mundo quiza. Billy também tava no movimento de buscar uma conquista, uma melhoria e um outro mundo. Um tinha... Deleuze vai falar assim pra nós...tem um livro dele... não é Deleuze é Guattari. Tem um livro dele com a Suely Rolnik que se chama “Cartografias do Desejo” e ele vai problematizando ao longo do livro todo e é um livro bem espesso. É uma entrevista que ele fala e a Suely fala, eles vão problematizando como que o mundo capitalístico, como que a sociedade capitalística vai produzindo desejos em nós e vai fazendo com que nós fiquemos cada vez mais longe dos nossos desejos mesmo. então, fazer uma relação desse filme com o desejo de Billy e com o desejo do irmão e do pai, como é que nós podemos compreender essa dinâmica dentro das nossas escolas. O que que nós estamos produzindo? Desejos mesmos ou... assim... o que que nós estamos fazendo despertar nos nossos alunos, nossos Billys? Nos Billys nossos de cada dia? Seus desejos mesmos ou os desejos que nós adultos, experientes, responsáveis, sérios, profissionais. O que nós desejamos pra eles? O que a sociedade deseja pra eles?

Roxxy Andrews: Mais uma direção ou outra dimensão possível da gente pensar também, tomando o Billy e o desejo dele de se tornar um bailarino, dançarino de Balé, uma coisa que não é muito comum aqui em Cáceres, a gente não vê por ai, um bailarino que dança balé naquele local naquele local que ele viveu na Alemanha, na Inglaterra, na cidadezinha que ele vivia esse desejo dele, soa como coloca ele como o diferente diante do contexto de possibilidades de vida ai. Como o diferente também uma relação dele, de todos no filme, com

o valor muito importante que se chama tolerância, que é um valor muito questionado, ressaltado hoje, questionado por conta da série de fatos de intolerância que está acontecendo, o clima no nosso país, no Brasil, está sendo um clima fascista, um clima que permite que se passe por cima, do nosso respeito as diferença, o outro, as atitudes dos outros são tomadas de maneira a passar por cima representado, que ela possa ser. Então, o filme parece que mostra de várias formas como é que a gente de como a tolerância pode ser concretizada, inclusive, no dia-a-dia nosso, com o diferente diferente no caso do Billy querer se tornar um bailarino, mas pode ser com outras diferenças possíveis, outros desejos possíveis, outras formas de pensar possíveis, se depara no dia-a-dia a gente se encontra, se relaciona com o outro que é sempre diferente afinal de contas e nós temos de ... das mais variadas possíveis diante do outro, do diferente e da diferença que vai desde tolerância a mais falsa possível não me incomoda, deixa pra lá, que é uma tolerância meio cínica, né? Tolero desde que fique longe de mim até no muito extremo, uma tolerância quase que inexistente ou existente que leva pelo simples fato de encontrar com o outro, com o diferente é uma dimensão também que o filme permeia e permite a gente conversar sobre da diferença específica, o filme trouxe diferença, outros diferentes, outras encontra por aí que não com aquilo que a sociedade pensa como o normal ou como aquilo que nós mesmos achamos como normal ou não. É outra direção que é possível pensar a sociedade que nós temos aqui em Cáceres, no Brasil, enfim, e também na escola obviamente, porque a escola faz parte da sociedade. Ninguém está livre de encontrar com o outro, com o diferente com coisas que não são do nosso olhar da aceitação acho que esse é uma reflexão que pode também ser feita a partir do filme. Ai queria chamar a atenção pra outra coisa do filme que ele é um filme, que foi destacado como um filme da Inglaterra, o inglês tem na sua identidade um traço que meio de frieza na relação, aquela força dura e talvez por isso o filme traz um pouco também, mas tem também umas pitadas de humor pelo meio do filme e aquele momento em que a gente ri, é muito importante a gente pensar tudo que a gente ri, em alguns momentos, em algumas cenas que não me parece, quer dizer, para além da pessoa dar risada tem muito mais coisas além de dar risada, uma resposta irônica num fato que parece, pra nós tem graça, mas para além da graça, que muitas vezes, são muito fortes do ponto de vista emocional acho que nós não é porque a gente quer não é porque a gente é envolvido pela trama e a gente ri, mas isso é de uma certa maneira são reações nossas diante do inesperado ou a gente só conseguiu, ou pra nós só rir daquela cena porque tem várias cenas que a gente ri e a gente não pensa porque a gente tá rindo. Talvez pensar porque que ri, como é que isso me tocou pra eu rir de uma cena que se não tivesse a pitadinha de humor seria, as vezes, fatal, do grau de sensibilidade de sentimentos em algumas cenas é intenso, mas porque o tom de humor a gente acaba rindo porque mexe com a gente também pra gente poder pensar e tentar ir além aquela cena, será que era uma cena pra gente rir? Uma delas é a do Billy com o melhor amigo dele que é um homossexual e a gente ri da relação dele em algum momento porque esse riso nosso. Isso me provocou porque eu ouvi as risadas e vendo o filme e tem algumas cenas que eu não senti a menor vontade de rir, mas você que ria mesmo sem querer, por dentro, né? São formas que o filme nos toca e também por conta mas tem alguns momentos, algumas cenas que são pra fazer rir, mas muitas vezes, o riso ele pode além do riso, além do sentimento da vontade de rir tem mais coisa para além disso, as vezes a gente foge delas e fica no riso.

Professora Alexis Mateo: Bom, na verdade, eu queria falar do quanto que eu me sinto ou talvez, vejo a escola pública limitada nessa questão de lidar com o sonho das crianças, dos alunos. Como Kássia já havia citado, inclusive ela trabalhou na escola onde eu trabalho quando tínhamos lá o programa mais educação, né? Nós tínhamos professores contratados pra dança, esporte e que foge dessa rotina de currículo dentro da sala de aula e esse foi um

trabalho feito nas escolas, acredito que não só na nossa escola, mas na maioria das escolas e que acabou dentro da escola e aquilo lá é crítico pra gente, ele gera nas crianças, sonhos, desejos e tal e foi uma coisa que acabou e a escola fica limitada nisso, a contratar um profissional habilitado naquela área, especificamente naquela área e que eu vi esses sonhos fracassar dentro das escolas e a gente não pode fazer nada, né? Muitos alunos já estavam dançando e a gente fica limitado na escola, quando vai fazer uma apresentação para o dia das mães, como vocês já citaram aqui e ai você vai lá e ensaia bonitinho com as crianças, eles dançam e tal, não sei o que, mas a gente sabe que muitas daquelas crianças, elas se destacam nessas pequenas danças até mesmo em eventos esportivos dentro da escola e que a gente fica limitado. Acabou o programa mais educação dentro da escola, não tem um tostão pra contratar profissional capacitado nessa área, acabou o sonho da criança, interrompeu ali... aquelas crianças que estavam dançando dança de rua essas coisas assim, acabou ali e o que que a escola fez? O que que eu enquanto profissional da escola fiz para que esse sonho de alguns daqueles alunos ali fossem levado adiante? Nada... então eu acho muito limitado, nós que estamos dentro das escolas, de lidar com esses sonhos, principalmente, a dança que ela... de masculino mesmo, essa semana passada nós fizemos um evento lá na escola, aqueles desfiles que a gente faz, de primavera na escola e ai tem um menino lá na escola do 2º ano que ele assumiu a homossexualidade dele na escola e, assim, ele é muito bem aceito, é muito popular no meio de todo mundo, a gente já discutiu isso na aula passada aqui e, assim ele chegou na coordenação e propôs pra gente que ele queria dançar, fazer uma apresentação vestido de mulher e tal ai ele se empolgou tanto e tal que depois ele foi lá pedir se ele podia também desfilar de mulher “ah eu vou vestir de mulher e não sei o que”. Ai assim, num primeiro momento como a gente não tinha muita regra, não era concurso de miss Cáceres, miss Brasil, miss Mato Grosso não pode ter filho, não pode não sei o que, não pode ser de outro gênero, só pode ser mulher e não sei o que. Ai nós fomos pegos meio que de surpresa assim, lá na coordenação, ai nós falamos “tudo bem, mas você vai ter que encontrar um menino pra dançar com você” porque a gente não tem... não tínhamos muitos critérios, mas um dos critérios era um casal pra desfilar, tinha que ser um casal, o mister e a miss primavera da escola. Ai nós fomos pegos, assim, bastante de surpresa com isso porque não é comum a gente lidar com essas situações. Aceitamos é claro, a proposta dele, mas a gente não sabe como lidar com esses sonhos, com esses anseios, com essas vontades que essas pessoas, que os alunos têm e apresentam pra gente nessas situações assim. Nós somos bastante preconceituosos, nós já falamos disso na aula anterior e eu queria falar sobre isso, essa questão do sonho mesmo. Nós somos muito limitados em levar adiante os sonhos desses alunos que não se restringe a ir pra uma faculdade estudar direito, pedagogia, seja lá o que for. Qualquer coisa que foge disso de querer ser um jogador de futebol, que é uma coisa que os meninos tem bastante sonho ou querer ser bailarino, alguma coisa assim, ou querer ser cantor. A gente fica limitado a essas apresentações na escola, saiu dali acabou o sonho, a gente não tem o que fazer.

RuPaul: Eu fiquei curiosa. Eu queria saber o que que aconteceu com ele. Ele conseguiu parceiro, ele dançou, como é que foi?

Professora Alexis Mateo: Não, ele não conseguiu parceiro, então assim, por mais que ele tem boa relação na escola, todo mundo conhece ele, ele é engraçadinho, ele conta piada, ele fala com todo mundo, ele não conseguiu menino que quisesse desfilar com ele pra ele desfilar de menina/mulher, ele não conseguiu um parceiro. Então, ele desfilou, né? Vestido de homem mesmo com uma menina, mas fez a apresentação dele antes, abriu o desfile com a apresentação dele, uma performance de mulher.

Professora Jerick Hoffer: Eu queria falar assim... eu me pareci muito no filme, que assim, essa divisão de coisas de meninos e coisas de meninas e, assim, o que que nós professores estamos fazendo para desconstruir isso? “ah jogar bola é de menino, balé é de menina”. Ai assim, que nem o Elliot, o pai dele fala assim que não é pra ele fazer balé porque é coisa de menina e o boxe era coisa de menino, mas uma menina não pode fazer boxe também? A escolha tipo assim, que nem... não ficou explícito a sexualidade dele, mas ele diz pro amiguinho assim que não é só porque que ele dançava balé que ele seria uma... que ele usou o termo de bixa, então... ai não é só porque uma menina joga bola que ela gosta de menina. Então, assim, o que nós professores estamos fazendo para desconstruir essa coisa de rosa é de menina e azul é de menino. Menino não pode pegar coisa que é rosa, menino não pode brincar de boneca, menina não pode jogar bola... e assim, a gente fala “ah não tenho preconceito com menino brincar”, mas fica aquela coisinha lá dentro “ah não pode”, porque o medo de sei lá, o menino só porque tá brincando de boneca vai virar menina. Mas, assim, fica aquela coisinha lá dentro mesmo “menino não pode escolher o rosa”, pode, é uma cor como outra qualquer. Então, assim, o que nós estamos fazendo para desconstruir isso.

RuPaul: O que que você está fazendo pra desconstruir?

Professora Jerick Hoffer: Então... assim, não tratar de um jeito preconceituoso. Menino pega uma boneca, “não, não faz isso, isso é coisa de menina”. Tipo, não chegar se complicando, deixa brincar... não é só porque está brincando..... jogar bola, menina quer jogar bola, o que tem? É normal, é uma brincadeira, é um esporte. Assim, eu achei interessante no filme, o incentivo do pai, ele aceitar o sonho do filho e acabo, assim, pensando também, o que eu estou fazendo para mudar isso também.

Professora Latrice Royale: É só um exemplo que eu tive perto da minha casa. Minha filha ela faz balé, ai eu tenho um vizinho, ele é menino, né, ai ele falou que o sonho dele é fazer balé, ai a mãe dele falou que ia bater nele. Ai o Maicon vai lá em casa e dança, brinca com minha filha, e ela pegou um dia ele lá e saiu batendo nele, falou que isso era de menina. Nossa, ela fica toda envergonhada quando ele fala que quer ser bailarino, que é o sonho dele ser bailarino igual a Amanda.

Professora Pandora Boxx: Boa noite, só complementando o que a minha colega disse aqui, a Amanda, ela dizendo na questão de cor, mas isso ai é cultural, já vem desde... isso pra mim é cultural. Por quê? Desde o ventre quando já sabe que é uma menina ou menino, já é uma coisinha azul ou é uma coisinha rosa e ai esse dia teve um chá de bebê na minha escola, no 2º ano de uma aluna, ai descobriram o sexo do neném “ah é guri”, ai eu peguei e dei pra ela um conjuntinho de roupa, não rosa, mas salmão, os meninos: “nossa, professora”, eu falei: “uai porque não?”. Então, muitas vezes, nós construímos isso, a própria sociedade, nós construímos. “Ai é menino já faz um quartinho tudo azul, a menina faz tudo rosa”. Já não sabe se é... quando vai fazer ultrassom, é menina até decidir a orientação sexual dele, eles já são bem claros nisso. Então, eu vejo assim, esse dia lá também teve outro chá de bebê, o professor de propósito, era uma menina, ele levou uma bola de presente. Causou assim... todo mundo falou “uma bola de presente no chá de bebê? Mas, ela é menina, uai, e ai?”, não pode ser jogadora de voleibol, não pode ser jogadora de basquete? Vai acontecer alguma coisa com a bola? Então, como ela disse, isso já é cultural, bem que ela disse: “o que que nós estamos fazendo para mudar isso?”.

Professora Delta Work: Boa noite! Levando pra esse lado das cores, aconteceu um fato de ter meu menininho tem 6 meses e eu postei uma foto dele num cavalinho rosa e coloquei na legenda “quem disse que menino não pode brincar com brinquedo rosa?” e me surpreendeu que o preconceito veio da própria família, um comentário da tia dele que disse “não tem preconceito, mas não vamos acostumar com o rosa”, ou seja, tem ou não tem o preconceito? Pra mim ela demonstrou claramente o preconceito porque é aquilo que a Amanda disse “quem disse que tem que ser rosa, que tem de ser azul?”. E o que eu achei importante no filme, é que o Elliot, ele mesmo tendo amigo homossexual, ele não se afastou desse amigo, que a gente vê que o preconceito somos nós que colocamos neles. Ele não se afastou, quando o amigo foi despedir dele, com vergonha porque o pai dele e o irmão dele estava lá, o que que ele fez? Ele foi e deu um beijo no amigo dele antes de ir embora. Então, nós devemos muito olhar o... o que que nós estamos fazendo com as nossas crianças futuras, que estão se tornando cada vez mais adultos preconceituosos por conta das nossas atitudes, como os pais, como os professores, porque... ainda não estou na sala de aula, como professora, mas no estágio eu vivenciei muito isso. Então, o preconceito... porque a criança quer pegar um rosa o coleguinha “ah você é mocinha, rosa é pra mocinha”. Então, por mais que nós professores tentamos demonstrar a diferença que não, que não tem nada a ver, esse é um círculo muito grande porque não é só nós, vem de casa, vem dos amigos e até muitas vezes de professores, que às vezes, não por maldade, mas acaba querendo ver... eu já vi muito isso, menino jogando bola, a menina quer ir brincar “não, não vai, você vai machucar, é esporte de menino você vai machucar”, mas você deu a chance dessa menina mostrar se ela sabe ou não jogar bola? Porque estão muito acostumados a ver mulher como um sexo frágil, nós não somos sexo frágil, nós fazemos aquilo que nós somos e sabemos porque somos capazes de fazer.

Professora Akashia: Sobre um ponto que eu achei interessante no filme, a professora num contexto assim de uma comunidade que meninas iam para o balé e os meninos iam para o boxe. Eu vi assim, que a própria professora, mesmo no seu jeito assim, meio rude, meio fechadona, com muita seriedade no trabalho com as meninas, ela desconstruiu isso porque quando ele disse que queria entrar, que queria dançar, ela não disse não e ela não viu aquilo como algo anormal tanto que as meninas que estavam dançando com ele, deram uns risinhos num primeiro momento e depois, mesmo daquele jeito desajeitado dele de dançar as meninas, assim, levaram com naturalidade. Então, um ponto interessante no filme foi essa desconstrução que ela fez até no enfrentamento com a família para que ele fosse, continuasse dançando e correndo atrás do sonho, então, eu notei assim, que ela mostrou de certa forma essa desconstrução dentro daquela comunidade, numa cidade pequena e ela conseguiu. Então, assim, é até um exemplo também para nós no que a gente tem no cotidiano, de observar melhor, de ver se o aluno tem exatamente o dom para aquilo, para que ele quer ser, enfim...

Professora Carmen Carrera: Olha no início quando o menino ele não se interessou pelo balé no início, foram as circunstâncias que levou ele ao balé, porque o pai queria que ele fosse lutador, brigava com ele, ele dizia que não gostava de ficar socando. Então nessa história de ficar socando ele chegou, ouviu a música e levou certamente a avó era uma bailarina. Então, eu falo, assim, que não foi exatamente o que ele queria as circunstância que levou ele a isso, aflorou e conseguiu, né? Na escola a gente nossos alunos também, né?

Professora DiDa Ritz: [...] que ela falou, e ele descontava a raiva dele, muitas vezes, na dança que foi o que levou ele... raiva, começava a sapatear e foi um... que ele gostou.... nervosismo que ele tava no momento, o nervosismo dele fez... na hora do teste dele...

RuPaul: Então, eu queria só pegar duas falas aqui pra gente não deixar tão soltas. A primeira da Amanda e dizer que essa questão é o que deve nos mover, né Amanda? O que nós estamos fazendo para nos modificar, modificar nossas práticas? Como que nós estamos constituindo sujeitos meninos e meninas a partir do padrão do delicado e do forte? Então, como nós constituímos mulheres para serem mães, donas de casa a partir das brincadeiras, a partir da criança menina que brinca com boneca e do menino que brinca com carrinho. Menino tem carrinho que é da rua, que é de fora, menino tem avião que quer voar, menina tem fogãozinho, tem criança. Então, parece que a ideia de masculino e feminino tá longe de nós, mas quando você vai para o cotidiano da Educação Infantil, o que você vê é isso: menina brincando com bebê e menino brincando de carrinho. Então não tá muito fora e Amanda, quando traz essa problematização, ela nos diz: “o que nós estamos fazendo para mudar essa realidade?”. Nós estamos atentando pra isso? E aí a gente estuda um pouco Foucault e ele vai falar da prática. Então, nós só vamos conseguir dizer que nós somos menos preconceituosos, menos racistas, menos dualistas, quando a gente conseguir fazer um exercício que é de prática, que nos constitua outros a cada dia. Então, nós temos que fazer essa reflexão Amanda, todos os dias, e aí... desculpa, eu não me lembro seu nome... e aí Liriam, a ideia da disciplina é fundamental. Todo mundo acha que: “ah professor da universidade odeia disciplina tudo tem que ser muito livre para o conhecimento acontecer”, não é assim! Eu costumo dizer para os meus meninos lá na graduação, mestrado, o conhecimento dói, machuca, o corpo do bailarino é uma cor marcado pela disciplina, pela dor, pelo sofrimento, o conhecimento não passa longe daí. Então, nós temos que fazer com que essa disciplina apresentada pela professora que moveu, que encontrou uma motivação no corpo do Billy e encontra uma motivação no corpo dos nossos alunos, entendeu? Pra gente tentar motivar, pra gente tentar seduzir, pra que essa dor seja menos dolorida, porque o conhecimento passa pela disciplina, passa por esse curvar do corpo, por esse aprisionamento do corpo. Nós temos que nos dar conta de que, assim, nós estamos proporcionando para as nossas crianças, possibilidade de outros voos, se não pela dança, mas pela educação. Aquilo que... assim, é difícil eu falar isso, quem conhece Mari sabe, mas aquilo que Paulo Freire fala pra nós muito bem, que nós só vamos alcançar autonomia e liberdade pelo conhecimento, nós temos que saber, nós temos que entrar no signo e no signo tem que sair de nós em forma de liberdade. Então, nesse sentido, cabe a nós professores oportunizarmos isso para os nossos alunos que passa pela disciplina, né? Não foge da disciplina. Então, nós temos que começar a olhar a disciplina com esse olho também que é libertador, para além do olho só aprisionador que nós acostumamos ver.

Courtney Act: Só pensarmos algumas questões, vamos refletir. Vocês conheceram o Elton? O quanto Elton era discriminado o quanto que aquele rapaz foi discriminado foi arrebatado socialmente.

RuPaul: Quem era Elton?

Courtney Act: Era um funcionário de nossas escolas aqui em Cáceres. Um exímio funcionário no início, exímio funcionário, extremamente qualificado e que depois vai afrouxando a disciplina, o trabalho dele por certas circunstâncias que a vida lhe impôs, dentro da escola pior de tudo, dentro da escola. Vamos pegar aqui Luza Amorim, vocês conheceram? Um ser humano maravilhoso, um sujeito bacana, uma pessoa com um esplendor da vida fascinante, um corpo que insistia, apesar de muita gente ter preconceito violento contra Luza Amorim, dentro da universidade, onde ela estudava, conosco, porque Luza gostava de apresentar o Nei Mato Grosso, meu Deus do céu... e aí Amanda, um beijo pra você Amanda. Acorda, vamos acordar... o que que nós vamos fazer? O que é que nós estamos fazendo

nossas crianças será que optam por participar de grupo musicais, e a Raja está trabalhando com essa ideia da dança. Será que nossas crianças tem livre escolha, do poder das artes, dos grupos da escola, será que quando tem apresentação, vamos ser honestos conosco mesmo, será que as nossas crianças conseguem dançar, usar o corpo, desenvolver o corpo, potencializar o corpo na escola que nós temos aí, com o modelo que nós temos aí? Ou será que o Billy Elliot, está dentro da sala de aula, está dentro da escola nossa? Será que aquele pai que dá uma porrada no filho não está dentro da nossa comunidade? Será que as circunstâncias de vida deste não está na relação familiar, insiste em criar outro currículo para a escola. A escola quer de uma forma, o pai quer de outra, a professora quer de outra, ele quer de outra forma, que autonomia nós estamos trabalhando com as nossas crianças? Que tipo de autonomia nós estamos construindo com as nossas crianças para que eles sejam autônomos, que eles pensem no corpo, que eles pensem na vida, que eles pensem sobre as condições de vida de cada um, do cotidiano das relações educativas. O que é que nós estamos fazendo com isto? Amanda me aparece com esta pergunta, incoerente pra todos nós, o esforço em tentar pensar isso, eu acho que isso que precisa ser discutido por nós. Esses encontros nossos aqui precisam modificar nossa cabeça, precisa modificar nossas atitudes, precisa modificar as nossas relações, precisa ajudar dentro da escola, precisa porque a questão da dança, é, talvez seja pior, pior que nossos conselhos, pior que as nossas atitudes culturais, e eu penso que é cultural mesmo. Não adianta brigar com o marido, brigar com o pai, brigar com os homens porque eles são machistas, precisamos ajudá-lo a compreender que é problema de cultura o problema educativo. Não adianta brigar com nossos avós, com os nossos velhos, não adianta brigar com eles. Nós vamos machuca-los, vamos feri-los, vamos nos ferir e não vamos mudar nada, não vamos desnaturalizar nada, não vamos causar impacto nenhum. Nós precisamos mostrar aos nossos grupos sociais os diferentes grupos sociais, sejam aqueles que usam mais a força física no dia-a-dia para se impor como homem e como autoridade, e como pessoa, e como negro no serviço público, seja aqueles que usa outras utilidades, nós precisamos fazer nossa sociedade a pensar, isso é o que Foucault chama de criação dos anormais. A criança não quer lutar boxe, quer ser dançarino e ele é anormal, esse moleque vai ser bixa, tá na cabeça do sujeito, tá na cabeça do pai e pior do que isso, coitado do... do pai, se desdobra em tentar compreende-lo, ele tenta compreender ele mesmo porque não é só questão dele, é questão que os peões, os amigos dele vai dizer “olha, seu filho é bixa” e já aparece logo em seguida um amigo para dizer: “olha seu filho onde ele tá, ele tá lá no balé”. Veja o cara tem que conviver com a sua cultura, conviver com a cultura do outro e conviver com uma série de procedimentos que afetam o sujeito. Então, nós precisamos pensar isso, nós precisamos pensar nas nossas crianças quando eles escolhem música para dançar, quando eles escolhem, eles decidem participar dos grupos musicais, ainda tem o grupo dos gaúchos, ainda tem vários grupos dançando, tocando, cantando por aí, pela nossa cidade. Será que nossas crianças são efetivamente livres para fazer isso? Será que quando nós compomos os nossos grupos musicais, nossos grupos de nossos grupos de danças, nossos grupos de bailarinos na escola, será que efetivamente as crianças participam com o corpo, a alma, com a vontade e com o desejo? Então, nós precisamos fazer um levante, viu Amandinha, fazer um levante cultural, começar a revelar mesmo futuramente, montar grupos sociais que se interliguem, que permita a conexão dos sexos, dos gêneros, das conexões sociais precisamos começar a discutir isso e a modificar as nossas relações na escola se não mudar o mundo, a gente não vai mudar o mundo se a gente não mudar o nosso pequeno mundinho que cerca nossas escolas.

RuPaul: [...] Gente muito obrigada, valeu. Até a próxima terça!

FIM DA GRAVAÇÃO.

Transcrição em: 08/03/2017

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO FILME ORAÇÕES PARA BOBBY

Transcrição do 4º encontro (06/12/2016) Filme: Orações para Bobby

RuPaul: Existem Bobbys em nossos cotidianos precisando de oração? Quem vai abrir a conversa? Gente só pra dizer assim: “gostei, não gostei, porque gostei”... Existe algum Bobby perto de mim? Existe algum Bobby na minha escola? Existe algum Bobby na minha família? Existe algum Bobby na minha rua? Tem algum Bobby que nós estamos fazendo dizer amém?

Professora Adore Delano: Boa noite! Esse filme e o filme anterior (da outra semana que nós assistimos) ele tem assim... são várias relações e uma delas é que faz com que a gente reporte a nossa trajetória e que faz também com que a gente reflita em muitos momentos o que já fizemos, em especial, o que não faremos mais. E, assim, eu me pego sempre observando e é tão importante a gente passar a assistir, a gente ter esses momentos de reflexão e que, às vezes, você não chega a falar, mas que você vê, ouve e a partir do que você vê e ouve você passa a refletir mais sobre os seus olhares, sobre os seus comentários e, às vezes, comentários que você pensa assim “ah bobeira”, mas que não são bobeadas, não são bobagens, não são tolices. Simplesmente são preconceitos que a gente acaba, assim, diferenciando as pessoas e o que eu tenho sempre assim, conversado comigo mesmo, pode ser um processo de loucura, mas eu faço muito isso, é uma prática, é ver e pensar e repensar e não dizer e me policiar com os olhares porque eu não tenho preconceito, eu nunca pensei que tivesse, mas quando você passa a ver, a ouvir, e você passa a se policiar, você percebe que você tem sim preconceito. Você não consegue olhar com naturalidade, faz parte, tá dentro, não dá pra você deixar de uma noite pro dia. Então eu penso que isso sirva pra gente como um exercício por mais que a gente diga que não tem o preconceito, claro eu não vou lá violentar essa pessoa, vou bater, não! Mas o meu olhar, o meu jeito, a minha expressão ela fala muito e isso me condena e o outro se sente o pior dos piores. Não precisa de eu falar, às vezes, até mesmo o meu ato de não enxergar às vezes se torna até pior, aliás, nem sei o que é pior ainda estou a descobrir.

Professora Trixie Mattel: Boa noite! Acho que não é só eu que tem tanta experiência aqui... Todos nós, profissionais da educação, temos uma experiência, temos esse olhar diferente pelos nossos alunos. Parece que não, mas nós detectamos várias... Vendo o aprendizado dos nossos alunos creio que cada um tem uma experiência pra falar, que já conviveu. Gostei da fala da professora quando ela fala que nós não temos preconceito, mas realmente às vezes quando acontece com os outros nós não temos preconceito. “Nossa... essa mãe ali não aceita, a família não aceita”, mas quando é do nosso lado, quando já vem pro lado da família aí você já vê que realmente você não está tão aberto assim ao diálogo e ao conhecimento. Vendo esse filme aí eu fiquei assim... Às vezes, as pessoas pensam por... A maioria aqui sabe que eu sou evangélica imagina assim... Falei será que estão pensando que eu..... o momento dos alunos? Por que eu já tive experiências com meus alunos. Eles falam assim: “professora, por a senhora ser evangélica a senhora é bem aberta com a gente até no dialogo”, eu falei “eu tenho que ser, tem que ser pelo seguinte: porque todos nós somos filhos de um Deus só”. Aí eu brinco sempre com eles que cada um cuida da sua vida, é melhor a gente brincar de vida, né? Cada um cuida da sua e vê o que é melhor pra si, vê o que te faz feliz, o que te faz seguir em frente e o que te faz crescer. O filme foi muito interessante, eu gostei! Foi um relato bonito, mas infelizmente a mãe, queira ou não queira (na minha cabeça, opinião minha) ela tem sim um pouquinho de culpa do que aconteceu com o Bobby, né? Eu tô dando a minha opinião. Se

perguntassem pra mim eu diria ela tem sim um pouco de participação por ela não entender o lado do filho dela, querer que ele se cure por uma coisa que ele já nasceu desse jeito de ser dele.

Professora Manila Luzon: Boa noite a todos! Se nós pararmos para pensar um pouco, desde aquele tempo já vem vindo essa luta na relação da família, nas relações da sociedade e sim até hoje nos deparamos com muitos jovens que, como o Bobby, deixaram de escolher a vida, procuraram uma solução mais de alívio pra eles. Por que eu conheço muitos que pensam assim que se morrer no suicídio vai aliviar essa dor deles, têm pessoas que se cortam pra se aliviar... Infelizmente o preconceito ainda é muito grande na sociedade, na família. Alguns dos meus amigos, que falam comigo sobre isso, o que dói mais é o modo como as pessoas olham pra eles. Então, nós temos que voltar mais assim, deixar o nosso humano falar, abraçar eles. Muitos dos jovens que eu conheço eles necessitam que alguém chegue lá e converse, que não tenha nojo de pegar na mão porque infelizmente tem sim pessoas que olham pra eles e tem nojo. Gente isso não existe! Eles são pessoas igual a nós, não é porque eles optaram por ser de um modo diferente como as pessoas falam diferentes, gays, lésbicas, que eles vão ser diferentes de nós. Todo mundo é de carne, todo mundo tem osso e, então, voltar mais assim pro nosso humano, lembrar que Deus fez nós a imagem e semelhança dele. Não importa o que outras pessoas pensam deles, eles só querem amar, é o modo de vida deles.

Professora Acid Betty: Boa noite! Pra mim o que o Bobby fez foi mais assim, “eu não tenho mais filho meu, eu não tenho filho meu”. Então, pra ele o que doeu mais foi isso, que se ele tivesse o apoio da família iria ser mais fácil ele enfrentar na sociedade, porque a sociedade é preconceituosa, ai a família dele já começou pela mãe ai pra ele ficou mais difícil.

RuPaul: Como é na escola?

Professora Acid Betty: Na escola eu não tive experiência.

RuPaul: Tem alguém que possa falar pra nós sobre a escola?

Professora Pandora Boxx: Boa noite! Meu nome é Pandora. No momento em que começou o filme eu pensei e me lembrei de vários amigos gay que eu tenho o prazer de tê-los como amigos. Inclusive um vai fazer aniversário sábado dia 10, o Naldo, que saiu de Jauru e está lá arrasando na Inglaterra, fizemos o curso de história juntos. E eu tenho muitos alunos Bobbys que eu amo muito e defendo eles com unhas e dentes e ai esses dias aconteceu um episódio numa sala, no 6º ano, e ai eles estavam apelidando, ao mesmo tempo que eles estavam com preconceito, estavam praticando bullying com o aluno e estavam colocando apelido nesse aluno. Ai eu falei: “por que que vocês estão chamando ele desse nome?”, “ah professora não sei o que, não sei o que”. Eu com toda minha franqueza, a minha humildade, eu defendi ele e defendo qualquer um em qualquer momento, em qualquer ambiente e todos ficaram calados e eu me lembro que eu falei assim: “olhe pra você”, pro menino em si, “olhe pra você, quem é você pra estar fazendo isso com o fulano de tal?”. Outra coisa que eu também acho um absurdo que na nossa cidade é um motivo de chacota é aquele... o nosso coleguinha que sumiu uma bicicleta: “ai é o fogueiro!”. Igual nas eleições o que colocavam de fotos “para vereador fogueiro”. Eu particularmente não gosto disso! Ou Lilica... Eu acho que acima de tudo nós temos que respeitar o próximo, respeitar o outro indivíduo porque o mundo dá muitas voltas nós não sabemos o dia de amanhã. Como eu falei na sala de aula “amanhã você pode ter um filho gay, uma filha sapatão!”. Só sei que eu falei um monte de coisa e todos ficaram calados

e depois eu fui repensar a minha atitude, eu fui muito rígida e acho que na realidade eu sou rígida em certos assuntos ou na maioria dos assuntos. E esse filme que a equipe está nos trazendo serve para nos fortalecer em prol a essas pessoas que dizem problemas, que é o modo de vida deles, e blá blá blá, que a gente tá cansado de ouvir por que todo mundo tem o seu direito como indivíduo, como cidadão, independente de religiosidade, de credo, de tudo, nós temos que respeitar. Obrigada!

Professora BenDeLaCreme: Boa noite! Vou contar uma coisa que aconteceu comigo! A gente sempre pensa que sentimos o que dizemos, eu dizia “eu não sou preconceituosa, eu não sou de forma alguma”. Tenho amigos gays, tenho amigas lésbicas, saio com eles sem problema nenhum, defendo, nunca tive problemas, então, eu falava sempre: “não sou preconceituosa de forma nenhuma!”. Um belo dia, junto com a minha família, um sobrinho meu veio correndo e me contou um acontecido que me fez pensar e minha mãe ouviu. Viemos desse passeio e ela comigo: “a culpa é sua! a culpa se for verdade a culpa é sua!”. E eu vim na minha cabeça, assim, não que eu tivesse deixado de amar meu filho, alguma coisa, mas preocupada. Eu ficava pensando na minha cabeça: “meu Deus isso é preconceito? O que que é isso? O que que eu estou sentindo? Que medo que é esse? Por que que eu tô sentindo medo se eu não me importo? Porque gente?”... Olha, eu vim dessa viagem até chegar em casa, hora que eu consegui chegar em casa com minha mãe: “a culpa é sua!”. Mas culpa do que gente? Se ele é, se for verdade a culpa não é de ninguém, nem minha, nem dele. A gente tem que respeitar, mas mesmo assim, lá no fundo aquele medo, aquele medo de escutar da boca dele e falar que era assim. Como que ele é? Gay! Sabe? Eu acho que pra mãe é tão difícil, é tão complicado... Eu cheguei em casa e falei: “vou tentar ser aberta com ele”. Conversei com meu filho ele falou “não mãe, não tem nada a ver”, eu falei “mas porque aconteceu assim, assim, assado?”, ele me explicou, mas depois desse dia eu comecei a pensar: será mesmo que quando a gente diz que não tem preconceito, realmente a gente não tem preconceito nenhum? Era esse fato que eu queria contar.

RuPaul: BenDeLaCreme colocou uma questão boa... Alguém quer falar sobre ela?

Courtney Act: Vamos tocar no fundo, vamos meter o dedo na ferida! O problema era de igreja... O filme toca na questão da religiosidade e nós não podemos mais camuflar isso, esconder isso. E aqui não é questão de religião católica, religião protestante. Não se trata disso! Se trata de uma questão que envolve o nosso eu, envolve a condição da mãe, a condição do pai, envolve todo um conjunto de saberes religiosos que impacta sobre a nossa vida que nós precisamos conversar com diálogos fraternos, solidários, precisamos! Precisamos porque impacta a vida das crianças. Outros Bobbys existem nas nossas escolas, tantos outros Bobbys existem nas nossas escolas. Vamos dialogar um pouquinho sobre eles?

RuPaul: Eu também vou completar, mas é dois segundos, sobre isso mesmo que Dimas tá falando, mas do que as igrejas e os Bolsonaro da vida que nós estamos constituindo e estamos apoiando. Eu digo estamos porque nós vimos uma câmara de deputados, nós temos uma casa aqui ó! A câmara municipal repleta de Bolsonarinhos, né? Então eu queria que a gente conversasse um pouco sobre isso que Dimas falou e pensasse um pouco sobre como nossas escolas se transformam em instituições que produzem esse tipo de sujeito.

Roxxy Andrews: Eu queria completar por outro lado, o lado da religião. Eu tenho dito pros meus alunos já faz alguns anos na UNEMAT, tenho dito e repetido: “nós temos que colocar a igreja e as igrejas todas na história, pensá-las como instituições históricas”. O simples fato de

haver mais de uma igreja já diz, já prova que é histórico, assim como é histórica a bíblia e tudo que tá lá escrito. Foi escrita por seres humanos, por nós humanos, embora, tenha a passagem que diz que Moises foi lá e desceu etc, etc, etc, mas isso tá escrito na bíblia e depois escrito por nós homens e mulheres e traduzida tantas e tantas e tantas vezes e cada vez que se traduz alguma coisa muda. Até hoje estou descobrindo que não são conhecidos que fariam parte da bíblia. Então eu tenho sempre dito isso e repetido: “olha a religião é histórica de possibilidades de conceber vamos religar. Religioso indica religação supostamente ele vivia em algum lugar, que era o Paraíso, perdeu-se isso e ele precisa voltar pra lá. Essa lógica e todas elas, quase todas, tem algumas que não tem essa lógica, mas ela é multiplicidade e a gente de alguma forma a gente tem que ver, olhar a religião com esse olhar historicizado, colocado como que faz parte da vida de todos nós. Mesmo os que dizem “ah eu não tenho fé nenhuma” na verdade quando diz já está fazendo parte de uma discussão de ter ou não ter fé, então já tá dentro! Porque nós todos vivemos em sociedade, somos todos atravessados por relações sociais que tem características religiosas sim. Então não é proibido discutir “futebol e religião não se discutem”. Quem que disse isso? Por que não? A gente pode discutir, pode conversar, porquê não? Como no filme traz uma cena depois que o Bobby se suicida e a mãe entra naquele desespero e procura por várias explicações, inclusive, questionando a própria religião dela mesmo e o modo como ela concebia e vivia a fé que obviamente interferia no modo como ela relaciona com o marido, com as crianças e com os filhos. Então, nós somos sim atravessados por essa dimensão religiosa e é perfeitamente possível conversar sobre ela como ela conversou, questionou a si própria, a sua religião, foi buscar outras explicações pra poder ir. Eu mesmo fui convidado pra ir em terreiro Umbanda, pra ir a igreja presbiteriana, já fui convidado pela ali do batista, essa comunidade, convite de todos os lugares, porque não conhecer? A própria ideia de fé já traz pra nós uma atitude fixa, firme e pura de que a nossa posição é todo mundo é que tá correta e esse que é o problema talvez que possa ser superado tranquilamente e precisa dialogar sobre isso e colocar a religião lá na história e compreender que ela tem importantes reflexos naquilo que nós estamos... no nosso modo de viver e de relacionar com os outros, com os diferentes. Essa parte que eu queria deixar um pouco ampliada pra gente poder conversar...

RuPaul: Acho que Joãoalaria melhor disso do que eu, mas vou provocar ele. Talvez o João pudesse nos falar um pouco também sobre como que a ciência é também uma questão de fé, como que nós acreditamos que nós somos homens, mulheres, hetero, homo, como que essas classificações entram em nós a partir de uma ordem discursiva, a partir de um discurso que foi produzido pela ciência e que nos tornam as pessoas que somos, os sujeitos que somos. A colega que tava aqui, filha da Marinalva, ela já foi? Eu ia assim trazer a fala dela pra pensar um pouco sobre uma palavrinha que vem dizendo e que o filme abordou em todos os momentos: Foi a opção do Bobby ser gay? Foi opção? Quem que vai optar não ficar bem com a família, ser rechaçado pela sociedade, quem que vai fazer essa opção em sã consciência gente? Me fala! Eu não entendo... Uma vez eu tava numa conversa com os alunos lá da UERJ e eles estavam discutindo justamente a questão do preconceito, mas do preconceito racial e ai ela pegou e falou pra uma outra pessoa, falou: “ah, mas eu também fui discriminada e tudo mais” e a pessoa falou “pois é, mas você é branca e hoje você não sofre, eu continuo com a minha pele negra, eu não tenho como mudar de pele”. O Bobby teve como mudar? Foi questão de escolha? Então nesse processo a ciência nos faz crer que determinados regimes de verdade que foram construídos historicamente, como João colocou, sejam efetivamente verdades. Nos fazem acreditar que nossas identidades, que nossas representações sejam verdadeiras e ai tudo que é diferente do que eu sou nesse processo de objetivação e subjetivação que é um conceito mais difícil, mas que é o que a sociedade esquadrinha e elege

como sendo verdadeiro, via a questão de fé, eu passo a acreditar que eu sou mulher, eu passo a acreditar que pra ser mulher eu tenho que ter determinados comportamentos, posturas, eu passo a acreditar que pra ser mulher eu tenho que arrumar um namorado quando adolescente, eu passo a acreditar que depois eu tenho que casar, que depois eu tenho que ter filho, depois um monte de outras coisas que a mulher tem que fazer, porquê? Porque isso foi convencionalizado socialmente, porque isso virou discurso de produção de verdade que é esse processo que Foucault vai chamar de processo de objetivação e que me constituiu como sendo mulher, que é a subjetivação, eu me tornei esse sujeito que sou. E o Bobby se tornou o sujeito que é, diferente de mim. Logo, o que é diferente de mim tem que ser negado pra garantir essa minha subjetividade, essa minha identidade, porque o eu passa verdadeiro e o outro não. Então, nesse processo a discussão que a gente procura trazer aqui, trazer lá no grupo de pesquisa e voltar a discutir é desconstruir o eu. Esse processo de desconstrução do eu é isso que a gente tem procurado trazer aqui no cineclube, tentando desmoronar nós mesmos, a esses ideais, a essas fés, eu ia falar fezes, mas não posso, né? A essas fés e eu não tô fazendo crítica nenhuma aqui a nenhuma forma de religiosidade, mas crítica a ciência porque foi a ciência que nos constituiu assim acreditando que tem verdadeiros e falsos e o verdadeiro é sempre positivo e o falso é sempre negativo, a identidade é sempre positiva e a diferença é sempre negativa. Gil você ia falar?

Professor Bob the Drag Queen: Vou provocar um pouco! Então esse papel da mulher que você fala tá errado?

RuPaul: Você quer que eu responda? (risos)... Então, acho que a gente pode voltar ao filme, né? Acho que a pergunta que a mãe do Bobby fez para o padre responde, assim, muito melhor a essa questão do que eu, né? Então tá errado o papel constituído socialmente pra todas as pessoas que são constituídas nesse processo de objetivação e subjetivação? O que que é certo e o que que é errado se não aquilo que o discurso elegeram como certo e como errado? Só pra gente pensar, aquilo que João falou, tudo que a gente sabe de bíblia a gente sabe... bom não sei se alguém ainda acredita que desceu Moises e escreveu os mandamentos. Isso não me convence mais, isso não me convence, acho que não convence mais o Papa Francisco que já fez uma revolução na religião católica, que é a minha religião, não convence mais. Então nós sabemos que a bíblia foi escrita por homens. Desde a bíblia, que foi escrita pelos homens, essas convenções sociais existem pra dizer o que é certo e o que é errado, então, nós somos capturados por essas redes todos os dias, tudo é discurso, isso não sou eu que tô falando e a gente não inventou agora. A filosofia teve uma virada linguística e uma virada cultural quando os linguistas se deram conta de que as coisas não dizem nada por elas mesmas. Somos nós humanos que inventamos, que produzimos, que dizemos o que são as coisas, logo, somos nós humanos que dizemos o que que é mulher. Nesse sentido, ser mulher com esse comportamento que eu descrevi é o que foi convencionalizado para que nós acreditemos, por isso a questão de fé que pra ser mulher tem que ter esse comportamento e não aquele outro. Respondi? Alguém quer problematizar essa questão? Acha que é isso mesmo? Como que nos fazem ser meninos e meninas desde quando a gente nasce? Isso é uma questão que alguém aqui, acho que foi a Anahi. A Ana pegou e falou pra nós, lá no primeiro cineclube, quando ela foi convidada para o chá de bebê e pediram pra ela levar um presente e ela levou uma roupa azul pra uma menina ou vice e versa (não me lembro), não foi assim? Então como que nós vamos nos constituindo homens e mulheres desde quando a gente nasce?

Courtney Act: Vou tentar discutir um pouquinho mais a questão da religiosidade mesmo, a espiritualidade. Como eu sou católico e bem católico e daqueles católicos sou praticante. Nós

temos erros gravíssimos na nossa religião, como em todas as outras religiões também tem erros. Vou só dar um exemplo na questão da escravidão. A igreja católica no Brasil apoiou a escravidão. Eu, por mim, sou extremamente contra perceberem historicamente como que isso acontece na questão da religiosidade é bom. Eu vou começar por uma frase do Papa Francisco que é interessante: “Quem somos nós pra condenar os homossexuais? Quem somos nós? Ele, Papa Francisco, dizendo isso: “quem sou eu para condenar os homossexuais”. Nós precisamos abraça-los, nós precisamos acolhe-los, nós precisamos conviver com eles e não é experimentar a vida com eles, conviver é viver junto. Olha a beleza da frase de Francisco! Essa beleza da frase diz muito pra todos nós do que é esse filme. Este filme que é discutido exatamente como a religião entra na nossa cabeça, mexe na nossa cabeça. A gente acha que é a mulher que é a culpada, a mãe do Bobby que é a culpada. Qual é a mãe que deseja a morte de um filho? Qual? Me explique qual mãe que deseja a morte do filho? Eu particularmente nunca conheci, não conheço! Há uma interpretação da bíblia que leva, que colocada nas ideias dela, que é colocada na cabeça dela, que colocado na vida dela, é uma interpretação, um dizer, uma afirmação, um dizer bíblico enfiado na cabeça dela e que torna aquela mulher duríssima, porque ela acredita piamente naquilo que afirmaram pra ela. Ela acredita duramente naquilo, tudo aquilo que está falando está certo e estava certo? Poxa vida! Se esse Deus que castiga o homossexual, que castiga a lésbica, eu francamente não quero louvar esse Deus não, é melhor eu ir para o inferno, com esse Deus não quero não! Deus é amor! Outra coisa e o ensinamento é perfeito: “Deus é amor, Jesus Cristo é amor, Espírito Santo é amor”. É outra relação. Se Deus, se Jesus, se o Espírito Santo tem outra potencialidade em vida, tem outra possibilidade da vida, porque é que ele vai castigar? Como a mulher descobre a hora... Vamos pensar um pouquinho: Se Deus não curou ele é porque ele não estava errado, é porque ele era assim. E vamos lá em Comenius... Todos nós quando as nossas crianças começam a crescer nós já vamos olhando o perfil, a condição, a situação, a circunstância, a vida e já vamos dizendo qual que é a potência dessa criança. No mínimo nós vamos encucando com ela, ou não é assim? Ou o Dimas está errado? Ou a mulher ao final do filme não estava se lembrando do que era seu filho. Então essa história de opção: “ah você tem que optar! ou a credita em Deus ou vai ser viado, ou você está aqui na nossa fé ou está fora”. Isso não existe! Nós precisamos trabalhar a questão disto com as nossas crianças, vítimas desses absurdos do Bolsonaro, de setores da igreja católica, de setores da igreja evangélica, de setores de diversas igrejas, de diversas matrizes que tentam colocar na cabeça das pessoas que tudo está errado só o pastor que está certo. Pelo amor de Deus! E eu preciso descrever as não existe... Então é preciso que a gente discuta e rediscuta a Deus, é preciso que a gente discuta e rediscuta as igrejas, é preciso que a gente discuta e rediscuta as questões que estão colocadas. Quantas crianças dessas sofrem? Olha a mãe! Olha sofrimento da mãe... A mãe quase vai para o suicídio, também, se não fosse e reencontrasse aquele pastor. Muito provavelmente aquela mãe ia para o suicídio. Quantas mães passam por isso? Quantos jovens passam por essa situação do Bobby? Quantos já se suicidaram nessa cidade? Ou estamos achando que não? Ou nós estamos muito tranquilos porque nunca houve suicídio por homossexualidade nessa cidade? Já! E precisamos discutir...

RuPaul: Eu queria só pegar um gancho na fala do Dimas que, assim, as pessoas vão falando e a gente vai pensando, né? Agora eu esqueci o que era pera ai... Eu vou passar lá e ai eu vou lembrar o que que era...

Professora Joslyn Fox: Olha eu vou tentar falar, não sei se vou conseguir... Eu quero falar voltando assim sobre a questão do evangelismo. Eu vou falar por mim, pela minha experiência. Eu sou evangélica, mas eu não gosto de falar assim: “eu sou evangélica, eu sou

assim, eu sou assado”. Eu não! Eu gosto que as pessoas tem que ver a diferença na minha postura e também não posso julgar o outro por causa daquilo ou daquilo outro. Eu quando vou pra uma sala de aula, eu sou rígida igual a minha amiga Mônica. Eu tento impor o respeito. Independente da religião da pessoa tem que ter o respeito. Eu não posso, que nem a professora falou, eu não posso julgar alguém porque ele é dito como diferente, que ele é errado, quem disse isso? É uma opção de cada um, cada um tem uma escolha. Então assim... E quem é nascido de Deus realmente, quem crê sabe, assim, a diferença de como tratar uma pessoa. Eu não sei qual é esse diferente, mas tenha no mínimo o respeito. Eu acho que é o mínimo que a gente tem que ter com o próximo, comigo, com o outro, que ele fala que somos diferentes porque na vida fala que é errado, mas, assim, todo mundo tem uma consciência, cada um tem um coração, todo mundo sabe. Então assim, é necessário, mas tem que ter um mínimo de respeito com o meu próximo. Então, assim, só voltando pra falar... porque se não fica dito só o evangélico ou só o católico ou só outra pessoa que julgam as pessoas de forma errada. Eu sei também que tem pessoas evangélicas que pensam, assim, de um jeito preconceituoso mesmo. Infelizmente ainda estão, assim, dormindo. Vamos dizer “não acordaram”. Mas assim, só deixar bem claro desse respeito, que quem é realmente nascido de Deus ele tem o respeito com o próximo. Independente de ser hetero, de ser homossexual, de ser gordo, de ser magro, a pessoa tem que saber tratar o outro com diferença e com respeito.

Professora Laganja Estranja: Gente é que a minha carona chegou, mas eu ia dizer não a mesma fala dela, mas tipo assim... porque, às vezes, pensam... Nós que somos evangélicos, religiosos, acham que nós também condenamos e não vou dizer que não tem igreja que faz isso, que a minha é certa, que a minha vai pro céu e a sua vai pro inferno, se você não seguir a minha igreja você vai pro inferno. Então, eu vejo assim, eu falando como cristã, gostei muito da fala do Dimas, muito mesmo, por quê? Eu vejo, assim, que Deus é amor. Isso fechou pra mim porque eu acho, assim, que se Deus é amor. Porque que nós vamos... temos que amar o próximo. Então da mesma forma... Gostei muito da fala dele! Se Deus é amor, pronto fechou! Nós temos que amar o próximo! Eu sou evangélica e as pessoas já me observam pelo vestuário. O que a coleguinha disse que é muito interessante... Eu não chego e vou falar: “eu sou evangélico, eu vou na igreja, eu canto, eu faço isso, eu faço aquilo”. Não! Eu vou provar pelas minhas atitudes, pelo o meu jeito de ser, como vou tratar as pessoas no local que eu trabalho. Então são o que? São os meus bons exemplos ou talvez também os meus maus exemplos porque também ninguém é perfeito nessa face da terra. O único homem perfeito que eu acredito que passou pela face da terra, foi Jesus. Então, eu vejo assim não somos perfeitos, temos nossos erros. Então eu tô falando aqui também evangélico condena. Não! Não é bem assim não, inclusive, eu fiz um curso... Comentar aqui uma passagem que aconteceu comigo, que eu tava conversando com uma colega no fundo e a professora falou assim: por favor, as madames ai estão atrapalhando começa a conversar, ai ela falou bem alto, não é essa aqui, diz que é evangélica, mas está falando besteira aqui pra nós. Ai fiquei sem reação, a reação que eu tive na hora eu só falei assim: “uai porque eu sou crente eu não gosto?” Foi isso... Na hora respondi isso, mas só foi risada... Ué, porque você é evangélica você não pode falar um A porque você é condenada na hora. “Óh fulano diz que é crente, óh lá oh”. Primeira vez que eu uso uma saia mais longuinha um pouquinho já fala que é pra apagar o fogo, né? E ai a gente vai levando essas famas junto com a gente... Gente com licença porque a minha carona já está me esperando...

RuPaul: Alguém mais? Eu me lembrei só do que eu ia colocar, é rapidinho... Já tá na hora, né meninos? Em relação ao pecado, ao pecador e em relação ao outro. Quem é esse outro? Quem é o pecador? Ser homossexual é estar e estado de pecado? Primeira coisa, primeira questão.

Segunda questão... E ai não é só homossexual, não! É o delinquente e a gente constitui como sendo, é o pivete, é o guri que está na sala encapetado que não da trégua pra nós, aquele monstrinho que dá vontade de pegar e botar ali sentado, né? Então, quem que é? Ele é pecador? Quem que é pecador nessa ordem discursiva que está colocada? Como que nós constituímos pecadores? Assim, só pra gente ficar pensando sobre isso durante a semana. A ideia é a gente se conceber como outro também, como outro que se constitui, que se torna outro na relação com o outro. O que que acontece? Eu me relacionando com você, hoje aprendi um monte de coisa, aprendi inclusive que, muitas vezes, nós somos preconceituosos em relação a religião. Ok? Então, o que que me faz ser constituída dessa forma, é não ser você, o que que me faz mudar meu comportamento, minha atitude se não o meu crescimento pessoal em relação ao outro. Nessa relação eu tenho muito a ensinar a esse outro que é meu aluno, mas eu tenho muito a aprender com ele também. Nesse sentido, os dois são outros. A ideia de outridade, então, não tá em mim e nele. Nesse sentido, eu quero ainda encontrar uma palavra que eu não consegui encontrar na literatura. Acho que a gente vai pensar isso no grupo, como que a gente vai tratar do respeito a diferença. Porque quem sou eu? Eu sou melhor pra eu ter que respeitar aquele que é diferente de mim? Nessa ordem, nessa relação de mim com o outro eu me coloco num padrão de superioridade pra eu poder aceitar, respeitar, tolerar esse outro que é diferente de mim. Logo, esse outro é inferior, esse outro é tudo aquilo que eu não sou, por isso eu tenho que ter complacência, condescendência, tenho que perdoar, tenho que ter tolerância, tenho que ter respeito. Então, nesse contexto eu penso que... Semana que vem gente, tem um convite! É na próxima terça... Nós vamos trazer uma pessoa que é especialista em gênero e sexualidade na UNEMAT, coisa que nenhum de nós aqui é, nem e, nem João, nem Dimas. A gente só gosta de fazer coisa, de cochar como diz a colega. Mas, nós não somos especialistas nisso, mas tem pessoas que se dedicam a estudar essa questão e nós convidamos a professora Viviane. O filme vai ser lindo da próxima semana também! Mas a Viviane vem aqui relativizar um pouco esse processo de construção histórica de nós mesmos, enquanto o verdadeiro e do outro enquanto negação daquilo que eu sou. Obrigada meus amores! Valeu estar com vocês...

FIM DA GRAVAÇÃO.

Transcrição em: 05/01/2017

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO FILME MINHA VIDA EM COR-DE-ROSA

Transcrição do 5º encontro (13/12/2016) Filme: Minha vida em cor de rosa

RuPaul: Ludovics existem? Sim? Alguém conhece algum ludoviqui? (SILÊNCIO) Cadê Moniquinha? Nadna você está quieta também né!

RuPaul: Eu não ouvi você falar nesse cineclube. Impressões sobre o filme? Fernanda você cortou o cabelo, tá linda, adorei! Quer começar a falar? Só porque está de cabelo novo! Moniquinha, Moniquinha, quebrar o gelo? Gente, eu estou parecendo animadora de plateia, né? kkk, Wallace? Cris?

Professora Naomi Smalls: Assim, deu pra perceber que quando a vizinhança percebeu que tinha alguma “coisa” de errado com o menino, porque será que ficaram tão incomodados, né? Quando aparece assim, uma coisa que esperada, parece que nos incomoda, a figura do Ludoviqui, a figura do menino que ele representava, parecia que estava é, desmanchando as famílias né, via algo que fugia da realidade deles né! Parecia que a família deles iria desaparecer, que é, a crise de identidade do menino mexeu tanto com eles que eles queriam que eles desaparecessem dali! Eles não queriam ver o que estava acontecendo, que o menino estava tendo uma crise de identidade, que ele era homossexual e isso tudo parece que incomodava, feria o conceito de família certinha que tinham, né? Família como uma fotografia, um porta retrato que todo mundo é perfeito, não existe problema, igual as fotos que a gente tira nos natais né! Família sempre tem problema, muito problema! Mas a fotografia é um porta retrato que está todo mundo ali bonitinho, sorrindo, tudo muito bem, tudo muito bom mas realmente, ninguém é perfeito! E a gente tem muito ainda a aprender com essas crianças que estão vindo, cada vez mais diferentes. Uma vez eu estava estudando Fernando Pessoa, e quanto tempo e ele dizia que o quinto império seria...é, não teria sexo, as pessoas seriam, eu falo de andrógenas, eu brinco com meus amigos, e falo: Aah, você é andrógeno, e a pessoa fala: Eu sou andrógeno! Então, Fernando Pessoa já dizia isso, que o quinto império não existiria o sexo masculino, nem o feminino, as pessoas seriam andrógenas, e a cada vez mais eu me dou conta, que esse mundo que está vindo aí não vai ser mais feminino ou masculino, as pessoas elas se apaixonam por pessoas, não por sexo! Que a gente cada vez mais vê que essa garotada, eles são total flex mesmo, e eles são assumidos, são coloridos, são inteligentes, são capazes de conquistar o que eles quiserem, basta que a gente como professor, se atente pra isso, seja sensível a isso, não castre essas crianças que estão vindo, né! Respeite a individualidade delas, e não é fácil né, não é fácil mesmo, a gente tem uma família, mas a gente tem que tentar e como essa mãe que se deu conta, ainda bem que ela se deu conta né! Porque poderia ter acontecido alguma coisa bem grave com o menino. Quando ela viu que estava sendo muito cruel com ele, culpando ele por tudo que estava acontecendo de ruim com a família e é isso aí.

RuPaul: Obrigada Cris..!

Professora Shannel: Boa noite, eu queria dizer que eu percebi em todos os filmes que eles se calam né, eles se fecham no mundo deles e o silêncio deles diz muito também ao mesmo tempo que eles se calam, que eles silenciam, pelo olhar, pelos gestos eles dizem muito né! Principalmente o que eles estão sentindo, o sofrimento, a rejeição do povo, e como eu disse, no primeiro filme essa mãe demonstrou exatamente o que eu tinha dito, que os pais não

aceitam, né! Pode ver ai no filme que ela não aceitava, essa diferença dele, né. Mas no final do filme mostrou, que o amor que ela sente pelo filho faz ela aceitar, vamos se dizer “o que ele é” né no filme anterior foi diferente né, a mãe só conseguiu isso depois da perda do filho e que bom né que essa mãe pode descobrir antes, e poder amá-lo e aceita-lo da forma que ele era.

RuPaul: Alguém mais?

Professora India Ferrah: Boa noite, só vou colocar uma coisinha, o que eu sinto e o que penso é que acima de tudo o apoio da família é o mais importante.

RuPaul: O apoio da família é o mais importante, e da escola. Alguém quer falar um pouco sobre a escola? Quem que está na escola aqui? Quase todo mundo, né? Tem ludoviquis lá?

Professora Adore Delano: Boa noite, eu estava aqui comentando com elas que eu já trabalhei em uma escola de Educação Infantil, onde tinha um menininho, que ele era ..., gostava de brincar de boneca, fazia todos aqueles gestinhos assim, mas em nenhum momento as crianças faravam que ele era “bixinha” né, ninguém falava, né e assim, e ele adorava né, quando as meninas chegavam com aqueles vestidinhos bonitinhos ali, ele amava ficar perto, ficava se sentindo ali perto das meninas né, não sei se ele vai crescer e virar alguma coisa né, mas assim, eu vi ele, dançando, rebolando, aquelas coisas assim, tudo igual uma menina. Só isso.

RuPaul: Meninas?

Professora Nicole Paige Brooks: Boa noite, o ano passado eu tive um aluninho que era exatamente ele né, só que era pele escura né, só que era todo boyzinho bonitinho, cabelo encaracolado mas na sala de aula a gente já tinha dividido as coisas né, dos garotos e das garotas né, quando tinha uma coisa assim cor de rosa, ele pulava em cima e tomava mesmo, era dele e olhe lá hein, na educação infantil, ai eu falava assim: não esse aqui é da coleguinha, teu é esse aqui ó, pega esse aqui, vai nos garotos, ai ele olhava, ficava triste, ai quando a menina descuidava ele ia lá e catava os brinquedos, as vezes quando os garotos iam brincar lá do outro lado ele ficava sozinho assim no meio das cadeiras e escondia e ninguém mexia com ele, durante isso ele sumia, ai eu olhava e estava lá ele com boneca na mão e as roupinhas da boneca, e ele continua exatamente igual, ontem mesmo estávamos no parquinho todos juntos e ele estudava na sala da colega, né, levaram la um brinquedo cor de rosa, uma casinha cor de rosa, pois ele catou aquela casinha e continuou com a casinha, por mais que tentássemos né, é o jeito dele, ninguém fala que ele tinha isso ou aquilo, aceitam ele do jeito que ele é. Beleza mesmo.

Professora Alisa Summers: Boa noite, quando a colega diz que na escola ela deixa o pequenininho, o menininho gostando da cor de rosa, o brinquedo de meninas, ela relatou o fato que ela vivenciou, ai eu lhe pergunto, e a escola? Quando vivência essa diferença faz o que? Eu na escola, eu vejo, sou profissional, trabalho em escolas, e a gente vivência essa diferença, esses gostos né, a diversidade mas nós fazemos muito pouco, porque eu não consigo entender, a gente finge que não vê, na maioria dos casos, nas coisas que acontecem, porque? Esses dias mesmo na escola chegou um menininho pequeno, chorando em prantos, foi lá pra secretaria, o que que foi? O que que foi? Olha, tem uns meninos que querem que eu vá ao banheiro e tire minha calça, eu vi, ele relatou chorando, nervoso, e até agora não vi muita coisa ser feita. Assim, pra um diálogo, não é assim por mim, não estou dizendo de

punição mas pra observar mais o aluno, né, porque eles estão lá conosco, e nós precisamos deles também, porque ele vai, ele está na sociedade, ele convive com a sociedade, aí ele entra na escola e a gente quer que ele seja do jeito que a gente quer, somente. Não sei se eu estou assim tão distante, sei lá, meu posicionamento.

Professora Detox: Olha, eu não sei se está certo ou se está errado o que eu fiz na minha sala, mas eu já trabalhei com muitas crianças e já vivenciei muitos casos, tanto com as meninas quanto com os garotos, só que esse daí eu achei que foi mais, foi uma coisa assim, apareceu demais sabe, o pai e a mãe certamente sabe, só que não fala, e nem comentou, como professor, eu vi como ele se procedia dentro da sala de aula e eu também tomei algumas decisões, o que eu podia fazer pra evitar que ele se manifestasse totalmente com uma menina, eu faria, eu tomava o que era da menina da mão dele, dava pra menina e eu pegava o brinquedo de menino e dava pra ele, eu fui lá nos camelos e comprei uns 30 carrinhos daqueles pros meninos né, porque na minha sala tinha 17 garotos, eu pegava aqueles carrinhos e dava na mão dele, tó pega vai brincar com ele mas cuida hein, na hora de ir embora quero tudo na minha mão, vou guardar tudo na caixinha. Aí ele brincava, brincava ...eu dava pra ele o mais bonito...ele brincava, brincava, quando a gente descuidava ele ia lá e pegava o da menina, aí eu brigava, e outra coisa quanto ao banheiro que ele fala, sabe? Não, eu não tive problema com esse garoto quanto a isso, mas eu já tive problema com menina, menina, aí nós começamos a investigar, investigar nós eramos em duas professoras, começamos a investigar, investigar, aí a outra não tomava uma decisão, como que fazia? então vinha pro meu lado uma idiota né, eu fui tomar as decisões, aí foi o “guri” aí essa mãe não vinha, não vinha, mandava recado, aí a menina parecia assim, sabe quando o mel? Abelha? Era isso daí, primeiro começou com os meninos, aí Ok, eles mijavam pra caramba, aí nesse período dormindo, eu separava, eles falavam que não podia separar, eu separava e eu deixava eles separados. Quando eu vi estava do lado das meninas, do lado dos meninos passou pro lado das meninas, aí eu fui e chamei a mãe, a mãe não vinha, não vinha, fiquei uns 3 meses e a outra só falava ... não tomava nenhuma decisão, aí a mãe veio, quando a mãe chegou, a mãe não chegou conversando comigo, a mãe já chegou me chamando de tudo, sabe? Me chamando de tudo, aí eu falei, olha a senhora fica aqui, aí eu fui, os pais foram chegando com os filhos e aquela mãe falando barbaridade, nem sabia o que estava acontecendo, dizendo que iria tomar providência, aí quando ela, quando eu vi que ela estava me ofendendo demais perante os pais eu fui e cheguei perto dela e falei assim, você sabia que na sua casa a tua filha está sendo abusada? É melhor você abaixar a sua bola, vamos na secretaria conversar! Eu tô aqui e você fazendo esse escândalo para os pais ouvir, mas você não está fazendo o que deve ser feito na sua casa com sua filha! Vamos lá pra secretaria porque eu sei que o seu filho vem trazer e a maneira como ele se procede com essa garota está errado, vamos lá para a secretaria nós duas e para de falar, ela foi. Quando chegou lá abaixou a cabeça, ninguém fez nada para ajudar, agora vamos conversar nós duas, sem escândalo, pra saber o que está acontecendo! Aí que ela foi me contar que a filha era adotiva, que a mãe era isso, que a mãe era aquilo..., aí eu falei, você não podia ter vindo antes? Nós não podíamos ter evitado um monte de coisas que ta acontecendo e você ficar fazendo esse escândalo que está fazendo aqui! Só sei que no final quer dizer a gente cuidava mais ainda. A menina depois sumiu, eu não sei o que aconteceu mas durante o restante do ano a gente resolveu fazer uma parceria com ela, comigo, com as que estavam junto comigo e as crianças.

Professora Sonique: Boa noite, eu tô aqui analisando, primeiro ano que eu to na coordenação da escola e aí surgiu um fato não...mas identifica ao filme né, não com menino mas sim com menina, aí o fato foi que ela estava no oitavo ano e aí ela apaixonou por uma menina do sexto

ano, a menina entrou agora e ai ela não saia lá da porta mas também a gente sabia que ela tinha essa “queda” e esses dias atrás até eu acho que contei no cineclube passado, ela...como é que foi? Ah, a menina estava no pátio lá eai o menino foi lá tirou a caneta, ela estava com o cabelo amarrado, ele foi e tirou a caneta do cabelo dela e essa menina viu, a outra que gosta dela, ai foi lá e tomou as dores e tal quando eu cheguei no pátio ela estava dando no guri, bateu no guri mas deu no guri, ai chamamos e tal, conversamos só que ela não falou que era isso, depois a menina que o menino foi e tirou a caneta contou que realmente ela estava namorando ela mas só que tinham terminado o namoro e ela não aceitava o fim do namoro, ai conversamos com ela, ela é terrível na sala. Ela bate mesmo, ela briga, ela xinga, ela apronta! Ai entrou essa...uma menininha nova, e bonitinha a menina...que entrou agora, (...) ai essa menininha entrou eai ela apaixonou por essa menininha, e todo dia ela estava na porta dessa menina, ai a professora começou a perceber e numa dessas ela mandou uma carta pra menina e a professora pegou e entregou pra mim, ai eu pensei, e agora? O que que eu faço? Ai nós chamamos a mãe da menina, contamos pra ela, e ela falou que ela já estava sabendo que ela estava assediando a menina, que tava na casa dela, que ia lá na casa dela e que ela não sabia mais o que ia fazer, que ia tirar a menina da escola, ai nós chamamos a mãe da outra menina, dessa que é homossexual, ai chamamos ela e conversamos também, a mãe já sabe, eai nós pedimos né e a mãe falou que não queria e que se continuasse iria tirar ela da escola, e é como eu estava falando pra vocês e é situações que a gente passa e nessas situações eu fiquei...não sabia o que fazer, e aqui com vocês...espero que a gente tenha alguma saída pra isso, né, como realmente, eu to vendo aqui que sempre né a gente tem que desconstruir isso, nós temos que...mas como nós fazemos isso? Quando a gente chega nesse momento, então nesse grupo eu espero que a gente possa, sei lá, realmente chegar a um consenso e eu não sei se tem uma formula pra isso mas que a gente resolva o problema se agredir, sem denegrir ninguém dentro da escola esses meninos e meninas, então lá na escola a questão é mais as meninas mesmo!

RuPaul: Então tá, eu vou passar pra ela, pra Mônica e ai nós vamos encerrar porque ai nós vamos passar pra Vivi pra conversar um pouco conosco, né Vivi?

Professora Jasmine Masters: Bom, Boa Noite! Eu estava, conforme as colegas colocaram, uma disse a questão de compreender, eu penso da seguinte maneira, que nós não precisamos compreender, e até nisso então eu construí uma ótica, eu trabalhei do quarto ao quinto ano, então eu não tenho que compreender o outro eu tenho que respeitar, então eu busco dessa maneira, eu estava conversando com a colega aqui as questões que elas colocaram na educação infantil, que não colocam né a questão de colocar apelidos de bichinhas, essas coisas porque nós não podemos observar o que nós estamos fazendo, eu concordo um monte, minha serie já o quarto e o quinto ano porque eles já colocam isso, já colocam apelidos...então o que eu tenho que buscar com eles e conscientizar a questão do respeito, não tem que entender, não tem que aceitar, não tem que opinar, porque ele aparenta ser assim porque ele é ser humano e precisa ser respeitado, é essa a minha ótica!

Professora Pandora Boxx: Boa noite, minha contribuição dessa noite não é propriamente sobre o filme! No momento em que a colega da frente disse: o que a escola faz? Em algumas situações que ocorrem no cotidiano, no ano passado eu ainda morava em Porto Esperidião, e vida de contratado é terrível! E ai eu peguei uma substituição, quase no final do ano, de três meses que a colega entrou de licença Premium e tal e eu entrei nessa sala, e nessa sala em torno de oito a nove anos e nessa sala eu percebi uma menina que pra mim ela já estava com os desejos dela aflorados, porque ela sentava na beirada da cadeira e ficava se friccionando, como se ela já estivesse sentindo desejo e eu conversei com a colega que estava a anterior e

ela falou: Pandora, eu nunca percebi isso! E ai, um mês eu observando essa aluninha e diga se de passagem que é uma situação muito perturbante porque ela não mora com a mãe, segundo o que sabemos a mãe dela tinha problemas mentais, e morava com o pai. O pai aparentava ser um homem rude, tem um irmão que eu dei aula pra ele no nono ano e ele não conversava, na hora do recreio ele ficava lá no cantinho dele, a gente tinha o horário pra sair, pra beber água, ir ao banheiro...vai fulano e ele ficava quieto, das uma as cinco da tarde ele não conversava com ninguém! Ele ia quando pedia, fazia as atividades, e ai eu não aguentei e fui falar com a gestão, falei com a coordenadora primeiro, falei: olha amiga, tá acontecendo isso, isso e isso na sala. Ai ela levou pra diretora, conversaram e eu fiquei infelizmente sem saber o que acontece com essa menina, até mesmo porque eu vim embora, vim pra minha terra natal, que é aqui, e a minha preocupação é muito grande, o que aconteceu com essa menina? Porque que a libido dela estava a florada? E ai nós teríamos que fazer um estudo também, familiar né...mas e ai nós as vezes observamos nossos alunos, nós não temos a liberdade de tomar alguma atitude, nós acabamos ficando de mãos atadas e ai quando a gente resolve ajudar a gente é “toalido”, ah porque você só está de passagem e não sei o que, e ai eu fico pensando o que que está acontecendo com essa menina hoje, obrigada!

RuPaul: Então, como a gente tinha combinado no encontro passado, hoje nós recebemos uma visita, uma visita muito especial a quem nós do grupo do ateliê de imagem e educação queremos agradecer muito a disponibilidade de vir aqui e conversar conosco, como nós dissemos aqui nós não temos nenhum especialista que estude especificamente a questão de gênero e sexualidade, penso que essas questões que você traz são questões que afligem a todos, e ai desconstruir é fácil mas construir é necessário! E a partir dessa desconstrução o que que nós vamos fazer? Eu tenho certeza que Viviane não tem uma receita de bolo pra nós né mas ela é especialista no assunto então eu quero agradecer e que Vivi é professora da unemat, do curso de educação física, é uma pessoa que estuda essa questão de gênero e sexualidade a muito tempo, no mestrado e no doutorado, no pós doutorado...né, tem uma vasta experiência e acho que vai poder contribuir conosco, se hoje não der tempo a gente pode marcar um outro encontro, quando a gente voltar né Vivi, já fica o convite, então obrigada Vivi, ta com você!

Violet Chackki: Boa noite, eu agradeço muito a Maritza e o grupo, pelo convite pra poder dialogar com vocês e...bom, eu não preparei nenhuma fala em específico, ei vim mais pra ouvir o que vocês sentem, o que vocês pensam na escola em relação as questões de gênero e sexualidade, são questões que há muito tempo como a Maritza falou eu venho estudando e tentando problematizar dentro da escola né, e pensando formar de trabalho docente para que essas crianças não sejam...não saiam da escola, ou pela escola ou pelo público escolar ou mesmo porque a família não dá conta de lidar com essa criança, então a partir da fala de vocês vamos tentar conversar um pouquinho, vocês fiquem a vontade pra me interromperem e fazer algumas perguntas se vocês quiserem tá, porque não me atrapalha, vamos começar pensando a questão da sexualidade, alguém disse aqui, alguns...uns dois ou três de vocês disseram que ah vocês não sabem porque que a criança não fala, não assume, não diz o que ela é e o que está sentindo e a família também não, mas vocês já se perguntaram quando alguém ou o lugar que vocês frequentam, se alguma pessoa pergunta pra vocês se vocês são heterossexuais? Não né? Quem for heterossexual aqui sabe disso! Nós estamos dentro da norma, nós não somos questionados, então porque que quando se trata de uma pessoa homossexual ela precisa se apresentar e precisa assumir uma identidade homossexual? Precisa? Não precisa, né! Então é isso, a gente precisa desconstruir um pouco essa ideia de que as pessoas que vivem uma sexualidade diferente da sexualidade padrão, que é a homossexualidade, elas precisam dizer isso, publicisar, bom a quem queira né, como a gente fala inclusive no mundo gay, sair do

armário, vocês já devem ter escutado! Quem quer sair do armário que saia, mas mesmo quem quis sair do armário não tem a obrigação de chegar e falar pra vocês e pra mim, olha eu sou homossexual, porque a gente não chega nas pessoas se apresentando e dizendo olha eu sou heterossexual, então esse é o primeiro exercício, não vamos colocar o ser que vive uma sexualidade diferente do padrão, que é a heterossexual, num papel de que a identidade sexual dele é mais importante do que quem ele é. Vocês sabem que nós somos diferentes, cada um tem diversas identidades, vocês são mães, mulheres, são esposas algumas já são avos, outras não são mães, são mães de cachorro, então todo mundo aqui é diferente, todo mundo aqui é composto por diversas identidades. Por que que quando se trata da identidade homossexual a identidade é mais importante que a pessoa? Então vamos prestar atenção se o nosso olhar não é um olhar preconceituoso, esse é um exercício importante! O prof disse, não sei qual professor é, o professor de amarelo...

RuPaul: Bob.

Violet Chachki: O professor Bob, como que a gente começa, como que a gente lida com isso na escola? Primeiro, precisamos conhecer, estudar, porque que certas vezes não temos ferramentas pra determinado momento tomar uma atitude? Porque desconhece a teoria, desconhece os conceitos corretos, fica com medo de falar olha esse menino é gay...,será que se eu falar isso eu estou sendo preconceituoso ? Então, o conhecimento, o estudo, é o primeiro passo; o segundo passo é a disposição para assumir um compromisso que é um compromisso de formação que é falar sobre a diferença, né só que a gente só vai falar se nós soubermos como intervir em determinadas situações, então esse conhecimento é muito importante, agora como que a gente não deve agir? a gente não deve agir e nem marcar essas diferenças por exemplo; quem disse que os carrinhos são brinquedos de meninos e bonecas o brinquedo de meninas? a sociedade, desde sempre, mas isso está correto? Não porque que não está correto? cozinha mulher; a mulher lava; e essas que fazer estamos falando de gênero não sei se você já chegaram a falar sobre isso aqui mas quando é sobre a diferença construída nos homens e nas mulheres e essas diferenças são sociais, elas são construídas cultural e socialmente quem disse que rosa é cor de menina? ninguém nunca disse mas desde sempre nós aprendemos que se nós tivermos uma filha menina o quarto tem que ser rosa as roupas têm que ser rosa e se nós tivermos um filho menino o guarda tem que ser azul o menino tem que ganhar bola, só que isso pessoal é construído cultural e socialmente, não existe uma forma correta de brincar! Então as crianças brincam com tudo não é porque é um carrinho que não pode dar para uma menina e que se essa menina brincar de carrinho ela vai virar lésbica, ou a bola vai virar jogador de futebol que é quase dizer que ela é lésbica Nós precisamos tirar essa ideia de quê se o menino quiser dançar ballet ele vai virar homossexual Assim como nós precisamos romper a ideia de quê menina que joga bola vai virar sapatão de grosso modo como as pessoas se referem a mulheres homossexuais; então prestarmos atenção essas desconstruções de gênero, ai tô falando exatamente disso como que o quarto rosa da boneca da boneca para menina; da vassoura para menina, como que isso constrói uma forma de ser mulher completa e ao contrário para os meninos do quarto azul; a bola de futebol; os carrinhos, também é uma construção de uma forma de ser menino nós não podemos manter essa ideia nas escolas de que só pode brincar de carrinho menino; de que menino não pode usar roupa rosa..né Rodrigo? E mulher não pode dirigir carro, talvez se vocês pensarem e eu não vou falar tipo de todos os homens; se nós pensarmos na paternidade de hoje em dia nós vamos entender que não se constrói pais, se constrói somente formas de ser mãe! Então tudo isso é explicado cultural historicamente e socialmente; então porque que a diferença incomoda ela tem relação com a sexualidade? Porque nós não sabemos como lidar; primeiro

exercício: então nós vamos estudar; vamos atrás, tem muitas pessoas que escreveram dando receitas de bolo, que nos ajudam e segundo a gente pode não ter medo de enfrentá-los a invisibilidade faz com que essas crianças não permaneçam na escola a invisibilidade faz com que o sofrimento seja muito maior vocês assistiram vocês assistiram o desespero de uma mãe que invisibilizou sexualidade do filho que colocou um padrão acima do amor de mãe acima da relação que ela tinha com ele; as crianças que são diferentes faz com que essas crianças não suportam mais da escola fingir que não estamos vendo determinadas situações, a gente não pode ficar quieta xingamentos de viado; de boiola; de sapatão; de Maria João... as meninas que jogam futebol, não, tem que parar tudo independente da aula, da disciplina que você ministra no momento da aula e problematizar a situação fulano de viadinho. Tu sabe o que é viadinho porque viadinho? Desconstruir as escolas desses xingamentos é pensar sobre isso, e no mínimo 80% por cento de vocês que estão em sala de aula já ouviram esses xingamentos então não dá para ficar quieto não dá para fingir que a gente não ouviu; esse é um exercício para fazer esforço. Não sei, tô sozinho e aconteceu agora; então chega em casa e vai descobrir o que tu vai fazer para chegar na próxima aula retomar o assunto e resolver. Só uma dica eu entendo que vocês não saibam é muito comum porque não se falava sobre gênero e sexualidade ótica da biologia como é o XX e o XY fala sobre a ética da reprodução como é que fica grávida, não se fala sobre o ato sexual em si, fala do espermatozoide, fala biologicamente do processo mas isso não é falar sobre sexualidade, por que que a educação sexual é importante para as escolas porque que vocês acham? Porque que vocês acham? Já pensaram sobre isso a importância da educação sexual na escola? Seria o momento de se discutir essas questões gênero, mostrar que não existe uma forma de se vestir que seja uma forma de se vestir de menino e de menina; a saia é um ótimo exemplo, no filme, não é pela nossa cultura mas as outras culturas os homens usam saias; não percebem que isso é uma construção de determinada cultura? e como foi uma desconstrução a gente pode desconstruir, pode desconstruir para fazer melhor; entendeu? então pensar sobre pequenos aspectos o ambiente da escola; do processo educativo que podem nos levar a refletir sobre essas questões e atuar mais pontualmente em determinados casos.... vão ter coragem para intervir que bom porque vocês percebem e eu percebi na fala de algum de vocês que ha um incômodo com a diferença não pela existência da diferença, mas exatamente porque vocês não sabem o que fazer com ela, quando ela é de punho sexual, quando é a diferença de o menino é mais agitado; a menina é mais agitada você até tem coragem de fazer alguma coisa de tomar alguma atitude mas quando a diferença é relativa a sexualidade aí já dá medo, bom e aí vocês perceberam o filme o tanto que é importante o apoio da família, se não tiver o mesmo apoio essa criança não fica, ela vai embora; eu tô falando não só como professora mas como profissional, como alguém que tem uma família; se alguém não tiver na família um homossexual é errado, é a família exceção, nós temos outros modos de família hoje, outros modos o apoio vem só da escola e aí quando a criança chega na escola e essa escola não está preparada para ela, ela não fica, não é à toa que transexuais e travestis não conseguem terminar o ensino médio, poucas terminam o ensino fundamental o número do ensino médio é muito menor ainda Porque que vocês acham que isso acontece Porque que vocês acham que a maioria das travestis são prostitutas vocês acham que elas tem muito mais possibilidades no mercado de trabalho do que prostituição não né mas elas não têm respeito elas não conseguem construir em determinados espaços, elas são escorraçadas da família, elas são escorraçadas da escola bom o que que lhes sobram vocês conhecem alguma travesti ou transexual que trabalha no comércio ou em algum lugar aqui que não seja prostituição é muito raro, é muito raro mas aí é que tá né; se vocês pensarem nas constituições dos nossos corpos nós somos muito diferentes muitas mulheres têm um pouco mais de testosterona por exemplo e são mais peludas demais mais que outras tenho queixo maior e fique com essa pessoa pode ser

transexual por causa disso mas como que o corpo apresenta diferença nos causa que acabaste de falar essa curiosidade que tem a ver com isso o que que tem no meio das pernas essa curiosidade é uma curiosidade que se nós deixamos ela vai tomar conta da gente e pode ser que isso seja muito preconceituoso e não percebemos da tá falando isso Mas se a gente olhar para o lado e prestar atenção pouquinho na nossas atitudes todas nós vamos perceber que em algum momento nós no mínimo pensamos com preconceito às vezes a gente até consegue segurar e não botar isso para fora mas o pensamento vem Então vamos exercitar isso é difícil é muito difícil ...mas quantos homens héteros também estão afeminados muitos homens héteros Então isso é um exercício importante da gente fazer vamos controlar um pouquinho dos nossos pensamentos, vamos pensar assim ó se fosse meu filho se fosse meu irmão eu ia gostar desse tipo de comentário, vamos aproximar esse ser humano vamos humanizar essa pessoa tem faltado muita humanidade para nós em muitos aspectos, e aí pondo no geral vamos fazer um exercício importante de ser feito, às vezes as pessoas são tão religiosas e cristãs e aí cadê o humanidade nisso onde coloca uma humanidade ta faltando, então vamos pensar um pouco nisso... a Mônica, é Mônica né? já te conheço de outros carnavais por isso que eu sei teu nome a Mônica falou alguma coisa sobre a Sexualidade na educação isso é uma coisa que mexe muito com os professores com a nossa forma de agir O que que a gente faz com os pais também né o João tava conversando comigo e bom vamos estudar para isso também né por quê Porque existe uma etapa do Desenvolvimento Infantil que é o descobrimento do próprio corpo e esse descobrimento do próprio corpo envolve descobrir a própria sexualidade não ainda da forma que nós enxergamos a sexualidade porque nós já temos outras experiências diferentes das crianças mas faz parte do conhecimento do corpo da criança a masturbação por exemplo então não vamos manter a masturbação como um tabu como era para a geração dos nossos pais e avós a masturbação faz parte da educação sexual do nosso conhecimento sobre o nosso corpo Então o que nós podemos fazer é conversar com criança para que ela não fique se masturbando tempo todo na sala se for o caso mas a criança precisa para esse processo por que faz parte do desenvolvimento da sexualidade dela assim como nós adultos e adultas também precisamos disso né medida maior outros um pouco menos mas no processo de descobrir o corpo todo mundo precisa e deveria se masturbar; esse é um outro elemento porquê a experiência vivência da sexualidade também é construída diferentemente para os homens e para as mulheres hoje não se fala mais tanto que tinha que casar virgem a mulher hinos assim que começava a ficar jovenzinho para os puteiros, ter o maior número de relação sexual possível antes de casar não é verdade para virar macho para aprender mas ai tinha que casar com uma virgem porque se não fosse virgem era puta né que isso também é uma construção diferente em mente sobre o corpo das mulheres e dos homens a vivência da sexualidade é permitida Diferentemente Então os meninos podem se masturbar à vontade, podem se masturbar na frente e outros meninos podem falar sobre isso podem brincar com a quantidade de esperma que eles ejaculam ou não mas nós mulheres não podemos nem falar sobre masturbação que horror se masturba ah é tarada.. é aquele ditado "prendam as suas cabras que meu bode está solto" Isso é uma expressão muito machista né e quando a menina tem a liberdade de ser como ela é ter muitas experiências antes do casamento essa menina é uma tarada é uma perversa é uma assanhada é o que eu escuto dos professores nas escolas Ah ela é assanhadinha da em cima se enrosca como que ele não vai agarrar? Então isso é construído diferente Vocês precisam pensar um pouquinho quem foram os avós de vocês os pais de vocês criam os filhos de vocês e depois olhem para os alunos na escola a mulher não pode tomar a primeira atitude né ela tem que ficar pra cima esperando o homem vir a tela aí vocês têm pensar nos nossos livros de história para menina quem é a bela adormecida quem é a Rapunzel são todos personagens que ficam esperando o príncipe encantado nem se fala nisso né e são esses livros de história que nós lemos para os nossos

alunos e para nossos filhos Ainda bem que hoje tem autos clássicos tem uma coleção que chama que eu adoro chama ante princesa que são história de mulheres que vivem Diferentemente Frida Kahlo Violetta enfim mulheres que viveram que escreveram a própria história desde jovem e são livros infantis por exemplo Então hoje a gente encontra mas o que significa vocês criarem a filha de vocês no quarto de Bela Adormecida ou de Cinderela é construir na cabeça dessa menina que ela tem que esperar o príncipe encantado que ela tem que casar virgem que ela tem que gostar de rosa então são questões cultural e historicamente construídas Diferentemente para os homens e as mulheres Então vamos desconstruir isso existe cor de menina é cor de menino não existe ao menino brincar de boneca vai virar gay não gente ele pode ser um ótimo pai ele pode ser um chefe de cozinha Se ele gostar de cozinhar e nós podemos sonhar em ser astronautas engenheiras e coisas que nunca não estão permitidas Por que a gente não brinca disso quando era criança pensem nas experiências de vocês né pense nessa forma de que vocês foram construídas e que vocês construíram na maternidade de vocês pra quem é mãe e essas crianças estão na escola não é manter na sala de aula mas vamos pensar dentro de casa trabalho que tem sido feito com os nossos filhos para que eles nasçam e possam fazer as escolhas com liberdade e sem sofrimento como aborda o Ludovic além disso a gente precisa romper um pouquinho e aí eu vou entrar um pouquinho no que a Monica colocava a relação que existe entre a sua sexualidade infantil e o abuso sexual abuso sexual infantil é uma coisa muito séria só que ele normalmente E aí se aprofundar em um pouquinho sobre assunto Vão descobrir em que crianças que são abusadas geralmente são crianças que têm medo de qualquer coisa relativa ao sexo elas não vão ficar em geral se masturbando ou se insinuando muito pelo contrário são crianças que passam a se reprimir e não se relacionar socialmente com ninguém tem medo de tudo né tem uma pesquisa muito legal os desenhos que crianças abusadas sexualmente fazem se a gente desconfia é uma alternativa de descobrir mas isso nem sempre tem relação com a Sexualidade com esse descobrimento da sexualidade das crianças as crianças vão se descobrindo vão se tocar e isso faz parte do processo do desenvolvimento saudável infantil e de adolescentes também Então vamos tentar não misturar os assuntos se não a gente vai para o nível de desenvolvimento da sexualidade com o argumento do abuso sexual e uma coisa não tem relação Direta com a outra, que mais? então ter a escola do nosso lado é importantíssimo adianta trabalhar professor individualmente na sala porque se acontece alguma coisa alguma situação de pai vai reclamar Que professor está ensinando filha transar incentivando a filha ser gay a escola precisa dar por esse professor Então tem que colocar na porta da escola como parte das discussões interdisciplinares escola tem que estar apoiando mas é complicado porque vai de cada estado inclusive aqui no estado de Mato Grosso eu sei e acho que algumas de vocês sabem que está tramitando um projeto de lei vai proibir a gente de falar sobre gênero está tramitando e olha do que as coisas vão brevemente sera aprovado E aí bom a gente corre o risco de ter que brigar e agir escondido.. é diferente incômodo não é falar sobre o gênero incômodo é falar sobre sexualidade Por que ao falar sobre gênero tu tá explicando que os meninos são construídos de uma forma as meninas de outra Então até aí tudo bem agora quando entra a questão da sexualidade é que o bicho pega não pode falar sobre sexo na escola pode imagina vai falar para o meu filho Tá incentivando ele a transar Tá incentivando a minha filha isso então eu sei que muitos pais sabem o que acontece na escola e muitas vezes vão reclamar pois eles precisam da escola no ato preciso de um apoio da escola para falar sobre essas coisas a gente sozinho não faz milagre além de tudo corre o risco de tomar um processo administrativo qualquer coisa tipo Se escola não está apoiando agora Como o estado produz mochilas rosas e mochilas azuis aí a gente precisa pensar em toda a política educacional todos os livros escolares completamente brancos história do racismo e da escravidão do negro não se fala importância dos negros na construção do país enfim temos muitos problemas de

material didático pedagógico que o estado não dá conta, não quer dar conta. Você deve ter entrado na polemica, ou devem lembrar do kit homofobia Como era chamado kit gay enfim eu nem lembro Como era chamado oficialmente porque saiu tantas coisas pejorativas Mas uma coisa eu não tive acesso mas quem teve nada demais Era exatamente uma educação sexual não passou foi abolido foi queimado sei lá o que que fizeram com aquilo então tem gente que quer pensar na educação a partir da diferença falar de inclusão eu falar de deficiência é Politicamente correto é Politicamente correto falar que a gente precisa ter espaço para o cadeirante não debochar do anão, de quem tem síndrome de Down em fim isso é Politicamente correto agora sexualidade não está no âmbito da inclusão é uma outra Ótica é uma diferença que ai por incomodar torna-se desigualdade..

Violet Chackki: O que é mais que vocês querem ouvir mais?

Professora Trixie Mattel: Boa noite momento assistindo filme e vendo que assim ele tocou mais nas séries iniciais ir até o ensino fundamental do nono ano como eu trabalho numa Escola do ensino médio eu não vejo assim sabe discriminação por assim dizer e também como quando você está na universidade você não vê isso na universidade é um outro momento com ou eu estou enganada?

Violet Chackki: Eu acredito que em algumas escolas ocorra muito pouco acredito mesmo entretanto em alguns lugares ocorre muito na universidade o machismo tá um pecado né nós que somos mulheres tanto professores como alunas percebemos posições machistas dos nossos colegas eu percebo isso é uma coisa segundo a gente dá aula na graduação eu dou aula para alguns alunos que tem a minha idade e vício falar sobre a forma que os homens são construídos e as mulheres são construídas sempre acham que é discurso de feminista rançoso que vai falar mal deles e eles acham eles acham que as mulheres são todas loucas e sentem perseguidas e bom falam sim da sala de aula Sim eu já parei várias aulas não pode parar que que tu falou ao teu colega? Cássia deu aula de dança deve ter várias várias vários exemplos a kassia é professora de aula de dança lá no curso Deve ter milhares de exemplos de momentos que meninos homens vão ter que dançar com homens mulheres com mulheres isso às vezes até não sai mais das atitudes sai Eu por exemplo Eu tenho um olhar que já treino que já treina até mesmo é porque faz muito tempo que eu estudo isso entrei aqui a primeira coisa que eu fiz foi bom nós temos uma galeria tinha presidente da Câmara vocês estão vendo alguma mulher aí não temos nenhuma mulher nunca presidente da Câmara temos sei lá quantos aqui sei lá 30 fotos isso não indica alguma coisa errada para vocês Então vamos treinar nosso olhar com essas pequenas coisas assim que nos dizem muito né não é à toa que precisou exigir uma cota que as mulheres no mínimo pudessem concorrer a cargos públicos não é à toa que o impeachment da Dilma foi tão violento foi tão invasivo sexualmente que a Dilma era chamada de vaca vendo Dilma eu tô falando porque Ela é mulher ela sofreu Diferentemente homem sofreria adesivos lá no carro dá para enviar a mangueira da gasolina no meio das pernas da Dilma xingamentos se fosse homem não teria sido da mesma forma color eu estava na rua e xingamentos eram de outra ordem e a Dilma é uma mulher que não tem uma família tradicional de mulheres muito marcada fortemente a mãe a filha e a neta isso é sempre muito visível então tem n elementos que rompem determinados padrões a mulher do temer lá como exemplo que dá família é uma mulher enfim Então essas coisas parecem pequenas mas todas elas têm uma explicação porque se nós procurarmos as respostas para essas questões que foram construídas culturalmente nós ire as respostas para essas questões que foram construídas culturalmente nós veremos que elas não fazem sentido E aí é muito mais fácil de se construir desconstruir para construir! eu não sei se eu posso falar mais já tem gente ir

embora eu agradeço me coloco à disposição Minas escolas qualquer coisa me procurem na medida do trabalho a gente vai agregando mais alguns para para tornar o mundo um lugar melhor e ver essas diferenças obrigada gente.

RuPaul: bom né gente ouvir quem sabe muito bom Obrigada Vivi, foi ótimo a sua participação você continua convidadíssima pra estar aqui conosco nas terças-feiras quando eu tiver tempo então corrida então gente nós encerramos hoje este ano um homem que foi assim cheio de coisas ruins hoje foi um dia triste para todos nós congelaram nossas vidas vocês se deram conta disso né Esse ano foi um ano de isolados mas assim o cineclube é um lugar que fala, eu tô com tanta coisa para fazer Ontem eu falei eu preciso de férias não tem jeito mas assim colocou aqui para nós pensar que nós temos possibilidade de construir um mundo diferente desse mundo que nós estamos vivendo Acho que tudo isso vai fazer já surge isso tudo e esse espaço que nós construímos Aqui passa a ser esse lugar de ar fresco esse lugar que a gente pensa que é possível pensar algo diferente então gente acho que esse espaço como espaço de ar fresco fez para nós para o nosso grupo foi muito potente foi muito forte eu espero que no ano que vem a gente venha com mais força e mais encontros felizes do que Espinosa do que triste esse ano nós tivemos muitos encontros tristes mas esse foi um encontro feliz. Obrigada pela participação de todos os meninos vocês querem falar alguma coisa? Feliz Natal boa no novo pra todo mundo e a gente vai se falando pelo Zap.

Raja: Pessoal só para lembrar mais uma vez da nossa ideia de no final da nossa tapa no cineclube a gente fazer um evento onde vocês possam apresentar em relatórios casos de experiências a partir da prática pedagógica de vocês como que a gente tem discutido aqui no cineclube Eu acho tudo que a gente tem pensando tem discutido provavelmente têm mudado o nosso pensamento as nossas práticas na escola e aí Trazer isso em forma de relato né Para a gente pensar em publicar textos para publicar em outros eventos também então Lembrando que vocês podem contar com a gente com a nossa equipe para escrever textos para a gente pensar junto participar do nosso grupo de estudo não é professora que acontece às segundas-feiras então Se alguém quiser se envolver nisso para a gente puder pensar em produzir tá todo mundo convidado! casos de experiências a partir da prática pedagógica de vocês como que a gente tem discutido aqui no cineclube Eu acho tudo que a gente tem pensando tem discutido provavelmente têm mudado o nosso pensamento as nossas práticas na escola e aí Trazer isso em forma de relato né Para a gente pensar em publicar textos para publicar em outros eventos também então Lembrando que vocês podem contar com a gente com a nossa equipe para escrever textos para a gente pensar junto participar do nosso grupo de estudo né professora que acontece às segundas-feiras então Se alguém quiser se envolver nisso para a gente puder pensar em produzir tá todo mundo convidado! querido Dimas nós ficamos de ver a data do retorno Mas provavelmente a gente vai mandar mensagem no grupo avisando todos antecipadamente mas você tem ele aí dia 10...

FIM DA GRAVAÇÃO.

Transcrição em: 01/08/2017